REVISTA DA EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA BRAZILEIRA

BUREAU OF ETHNOLOGY,
4056
1894
LIBRARY.

RIO DE JANEIRO
Typographia de PINHEIRO & C., rua Sete de Setembro n. 157.

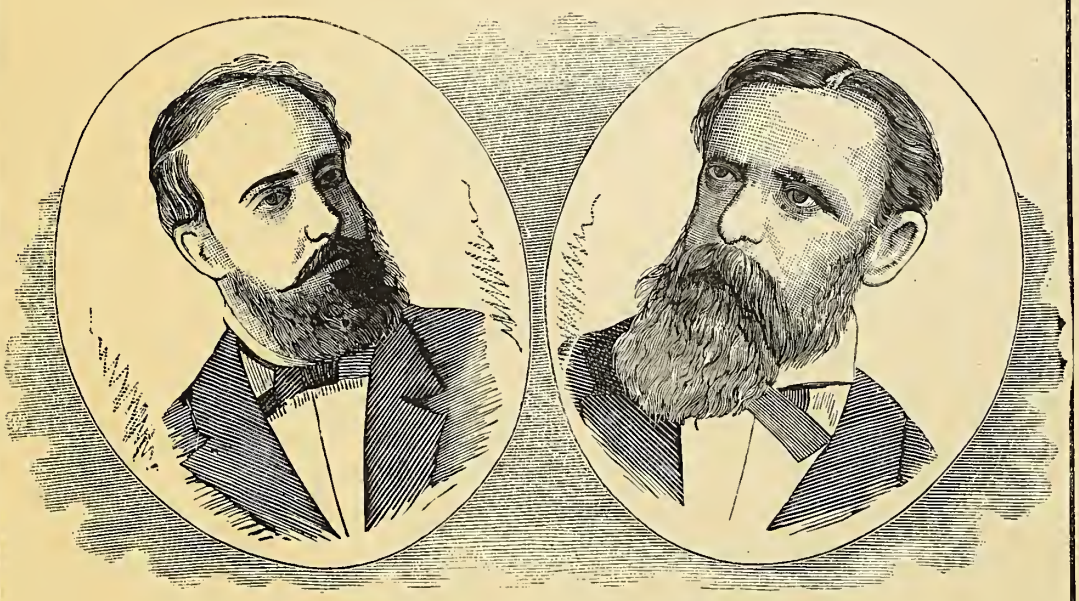
1882

F2520
.R4

Sci.

U. S. GEOLOGICAL SURVEY
Case No. ..... Shelf No. .....
LIBRARY

Dr. Ladislão Netto.



Dr. Lacerda. O professor Hartt.

REVISTA

DA

EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA BRAZILEIRA

DIRIGIDA E COLLABORADA

POR

MELLO MORAES FILHO

DESENHOS

DE

HUASCAR DE VERGARA

GRAVURAS

DE

ALFREDO PINHEIRO & VILLAS-BÔAS

BUREAU OF ETHNOLOGY,
4056
1894
LIBRARY.

TRANSFERRED.
17438

RIO DE JANEIRO
Typcgraphia de PINHEIRO & C. Rua Sete de Setembro n. 157

1882

F2520
.R4

Ao Leitor

O estudo do homem primitivo do antigo continente, do qual ninguem cuidou até o começo do presente seculo, desenvolveu-se subitamente por ultimo, e de tal fórma, que mister se fez tornal-o extensivo ás raças que senhoreavam o vasto continente americano quando o genio de Colombo logrou desvendar o acanhado mundo conhecido de seus coevos, os largos horizontes do immenso hemispherio do occidente. O Novo Mundo, exornado de tamanhas e tão ignotas louçanias, offerecia no seu largo seio de millenarias matarias— primogenitas da terra—, de rios-oceanos, de cordilheiras inaccessiveis e de planicies incommensuraveis, todas as phases gradualmente percorridas pela humanidade do antigo hemispherio na sua ascensional intellectualidade. Creaturas ahi havia que do homem só possuiam a feição e a natureza physica; individuos que tinham na quasi privação da linguagem modulativa e expressora do pensamento, nos gestos toscos e nos costumes simios, boa parte do caracter dos brutos com os quaes conviviam e privavam em promiscua ferocidade.

Seriam taes entidades a primeira fórma plastica—o blastoderma psychologico da individualidade humana—, ou representariam pelo contrario o embrutecimento atavico de ascendentes mais perfeitos?

Seja como fôr, é certo que, se semelhantes seres viviam em determinadas zonas, do lado oriental e do extremo austral do continente, ninguem hoje ignora que, nas orlas alcantiladas das bandas do poente deste mesmo solo, imperios se erguiam tão poderosos como os que mais o foram primitivamente nas terras asiaticas ; prosperavam nações constructoras e arrojadas como as do Egypto e da Assyria, classes letradas e entendidas na sciencia das leis e dos astros, como as dos magos da vetusta Persia, seitas religiosas de asceticos e severos ritos, como as do Indostão, e artifices tecelões e oleiros, como os operarios chins e japonezes.

E mais ainda, entre estes dous extremos, notavam-se todas as gradações de uma cadêa de pro-

gressão crescente, desde o bravio troglodyta até o culto Quichua, o industrioso Azteca e o vidente Maya.

Desta diversidade de niveis anthropologicos, desse indizivel e infinito concurso de tão varias feições da grande raça americana; é facil concluir quão difficil ha sido aprofundar escavações, que mais de prompto nos conduzam, através de tantos seculos decorridos e de tantas camadas de gerações extinctas, aos arcanos do passado e ás origens da desconhecida raça.

Assumpto de subido alcance como é este, mister será para elucidal-o que indaguemos se a craneologia e a linguistica—estes dous fôcos de luz das sciencias anthropologicas—poderão, de per si, dissipar de ante os nossos ainda agora vacillantes passos as densissimas trévas que envolvem o enorme e profundo problema das fontes da humanidade. A ceramica, em que os rudimentos da arte esculptural e da pintura ficaram archivados como documentos preciosos a taes confrontos, póde ser chamada em apoio daquellas duas sciencias constituindo as tres reunidas uma collectividade de grande valor para os empenhados esforços que debaixo desta relação trabalham o mundo scientifico.

Haverá, porém, firmeza no terreno em que pousamos, ou antes, como se afigura mais provavel, nos foge elle de sob os pés a cada passo que ousamos aventurar?

Até agora mui notaveis similitudes hão sido achadas entre a conformação de alguns craneos semi-brachicephalos americanos e a dos craneos mongólicos, bem como innumeras analogias ou correlações da lingua aymara-quichua, a mais velha e mais nobre da America, com a lingua sanscripta, a mais antiga e mais philosophica da India.

As construcções pyramidaes do Mexico e do Perú, as muralhas cyclopicas destas regiões, as figuras symbolicas dos templos, os adornos dos vasos anthropomorphos e zoomorphos, de par com innumeros monumentos de elevada concepção ou de expressivo destino, relembram na America mais culta o que se conhece com igual significação na China, no Indostão e no valle do Nilo; e todas estas analogias são eloquentes argumentos de que se soccorrem muitos americanistas para prova da origem indiatica ou egypcia da cultura intellectual a que se elevavam os povos Quichuas, Aztecas e Muycas.

Entretanto pensam outros escriptores, na maior parte americanos, que não havemos mister dessa intervenção de factores estrangeiros para explicar o desenvolvimento que lograram alcançar taes nações.

E na verdade, posto me pareça demasiado arriscado negar que uma ou diversas invasões houvesse recebido em seu seio o Novo Mundo, principalmente pela costa fronteira ás ilhas Aleutas, ou, mais ao norte, pelo estreito de Berhing, muito natural, e mais que provavel, é, a meu ver, houvesse a America produzido uma especie humana sua, assim como suas produzio milhares de especies animaes congeneres dos do antigo continente.

E aceita que seja esta doutrina americana, nada mais natural do que admittir, para os nossos autochtones mais cultos, a lenta mas ascensional e ininterrupta evolução, que seguiram os seus semelhantes da Europa e da Asia. Nada mais natural, digo, porque se a abelha americana, que nunca vio trabalhar a abelha do antigo continente, produz mel e cera, exactamente com os mesmos orgãos, utilisando as mesmas substancias, e fazendo a sua colmêa com os mesmos elementos e com os mesmos alvéolos perfeitamente exagonaes, em tudo conforme ao que executa o outro hymenoptero d'além do Atlantico; e se da mesma sorte a formiga, o passaro, e todos os animaes de cada familia, o mesmo fazem n'um continente como no outro, a cujo solo entretanto não se prende ramo algum da sua ascendencia, claro é que neste phenomeno influem unicamente a homologia dos orgãos e a co-relação das faculdades dos individuos semelhantes, e destas affinidades provém a natural tendencia de cada animal para satisfazer, por certos e determinados meios, todas as funcções indispensaveis á subsistencia.

O homem troglodyta, que primeiro tomou de uma pedra para arremessal-a como projectil ao animal que lhe fugia ou para segural-a á guiza de clava, como instrumento defensivo, nas lutas com as féras ; esse homem, fosse americano, europeu, africano ou asiatico, tendo o orgão apprehensor identico em qualquer das referidas raças, escolheu provavelmente d'entre muitos fragmentos de rochas que se lhe depararam, roladas pelas torrentes ou á beira mar, aquelle que mais ageitado lhe pareceu á fórma da mão, e certo estou de que igual escolha fizeram para o mesmo fim todos os troglodytas dos outros pontos do globo em condições identicas.

Dahi a affeiçoar cada um destes barbaros esta arma primitiva, desbastando-a neste ou naquelle ponto, contra penhasco mais duro, e dando-lhe assim mais adequada conformação ao destino que devia ter, tão natural é a intuição que não preciso demonstral-a para fazer ver como e de que modo appareceu sobre a terra, e nas mãos dos primogenitos da especie humana, o primeiro artefacto de pedra.

Sendo de semelhante natureza e de aptidões identicas, em todos os homens primitivos, o orgão da intelligencia, a attenção de cada um destes individuos foi primeiro attrahida pelos mesmos phenomenos ; e as suas idéas, comparações e raciocinios foram successivamente desenvolvendo-se na apreciação, a mais e mais justa, da fórma dos animaes, do aspecto da vegetação,da figura do Sol e da Lua, ou do contorno das nuvens e das montanhas. Na memoria vivamente impressionada pelos mais bellos ou curiosos destes objectos grava-se-lhes facilmente a imagem, cujo perfil é reproduzido, a singelos e grosseiros traços, nas arêas das praias do mar e das margens dos rios.

O fructo capsular e a casca do ovo das aves trazem a idéa dos primeiros vasos de argilla.As esquilulas dos ossos dos animaes devorados, e as lascas de pedra mais ou menos ponteagudas, são os primeiros instrumentos perfurantes para coser as pelles das féras, e fazem-se mais tarde pontas de setta.

Estes mesmos toscos utensilios e a unha do proprio oleiro vão servir depois para ornar a superficie aspera dos potes de barro, a qual tomará desta arte um crespo semelhante ao acolchoado dos cirrus no firmamento e a graciosa rugosidade das praias de arêas beijadas de leve pelas ondas das enseadas.

São os primeiros tentamens da esculptura nascente applicada aos productos da ceramica embryonaria.

A face humana e o perfil dos grandes mammiferos, dos reptis e das aves, apparecem gravados a largos traços com iguaes instrumentos, já nos troncos das arvores, já nas superficie das rochas talcosas e schistosas.

O quartzo e o silex pela sua dureza vêm por sua vez prestar-se nas mãos dos noveis artistas a esculpir n'um pedaço de esteatite o grosseiro vulto dos animaes, que mais uteis ou mais terriveis se mostram aos olhos da tribu nomada. A pedra lascada é substituida pela pedra polida, que toma a fórma, aqui de machado, alli de esboço de almofariz. N'alguns paizes estas duas phases archeolithicas revelam-se promiscuamente ; talvez se ache neste caso o Brazil, aonde domina quasi de modo exclusivo a pedra polida, sendo empregada em geral a pedra lascada no fabrico das pontas de flecha.

O homem, assim armado de seus primeiros instrumentos de pedra, maneja com igual agilidade longo e pesado bastão.

Estas são as suas armas unicas de caça e destas armas usa nos tremendos combates em que vive com os animaes ; porque, nos primeiros recontros do homem das selvas com os brutos seus conterraneos, occorreu primeiro a necessidade de defender a vida que a de saciar o estomago faminto. Infelizmente, porém, o precursor de Nemrode, nas lutas com as féras, tambem o é de Caim, na

sangrenta e eterna sanha da guerra com seus irmãos. Infelizmente, sim ; o selvagem que satisfaz nas carnes da féra o appetite da fome e a um tempo o sentimento de vingança, tanto mais avidez manifesta no gozo deste duplo repasto quanto maior resistencia e perigo achou na luta com o adversario, e nenhum mais terrivel para elle que o seu semelhante. Dahi a justa causa, natural e consequente origem da anthropophagia entre os povos primitivos de todas as regiões do globo.

A evolução linguistica segue a par e passo as primeiras manifestações da intelligencia, e a voz humana começa fazer-se interprete das primeiras reflexões do inculto cerebro.

A acquisição do fogo, que protege contra o frio, prepara as viandas das caçadas e afugenta as féras durante a noite, é ao mesmo tempo a panacéa de todas as molestias que affligem os selvagens. Aos artistas observadores e copiadores da fórma succedem ou reunem-se agora os artistas mais habeis na imitação do grito das féras, do canto das aves e do estridulo zumbido dos insectos. A perfectibilidade da audição torna-os dilectos e festejados da tribu, pois se pelo seu raro talento conseguem attrahir, escondidos na folhagem, as aves mais esquivas, imitando-lhes os cantos maviosos, menestreis inspirados, modulam na rude flauta, formada do meritallo de uma gramminea ou do tibia de uma presa, de que se fez, dias antes, abundante refeição, melopéas monotonas e suaves, a cuja doce toada prestam ao cahir da tarde ouvidos attentos, na attitude da meditação e do repouso, os velhos chefes e os jovens caçadores, nas selvas ou nas cavernas onde pernoitam. As aptidões destes artistas, despertando a admiração dos seus conterraneos, attrahem-lhes cada dia o tributo dos labores destes barbaros, libertando-se aquelles outros, a pouco e pouco, das longas e arriscadas fadigas da pesca e da caça. Mais tarde a arvore, a caverna ou a cabana que lhes serve de abrigo, é o encontradouro da cabilda inteira em certos e determinados dias.

Inspirados pelo viver contemplativo dos bosques, aonde passam as horas mais quentes do dia, na convivencia intima da natureza, já não podem ver indifferentes o alentado crescer das plantas, o desabrochar das flôres e o amadurecer dos fructos.

Desvendam-se então a seus olhos, de instante a instante, os innumeros beneficios que lhes é possivel arrancar destes ingentes organismos, e o methodo experimental é pela vez primeira iniciado no seio da floresta virgem. Os fructos nutritivos e os elementos medicamentosos das plantas são, dest'arte, conhecidos e desde logo ministrados á nação ainda no berço : aos que têm fome, os primeiros, e aos que soffrem, os segundos.

Homens a quem se devem tamanhos beneficios já não são, nem podem ser os simples menestreis de outros tempos. São agora os novos magos da tribu ; são os sabios *pagés*, para os quaes não guardam mais seus mysterios nem astros no céo, nem plantas na terra.

O caracter divino, attribuido desde então a esses barbaros sacerdotes, torna-os guias da tribu, arbitros dos destinos da nova população. A vida nomada é então abandonada, porque cada tribu deve ter no seu *pagé* o seu supremo juiz, e esse *pagé* fixou a sua residencia solitaria na caverna mais recondita da montanha proxima ou na ilha fronteira á margem onde se deve estabelecer a nova aldêa. Este triplice attributo de medico, de musico e de sacerdote, é ainda hoje o caracter dos nossos *pagés*, e o foi tambem dos antigos feiticeiros nas épocas mais remotas da historia da Europa e da Asia.

Desta phase ao estado mais culto que attingiram, assim no continente americano como no antigo hemispherio, os povos autochtones dessas regiões, decorreram longos seculos, é certo, mas a evolução progressiva seguio seu curso; e as leis que regem o desenvolvimento intellectual do homem, tomando alento sempre crescente, se madrasta se mostrou em relação a muitas noções primitivas, não o foi felizmente para outras, que ao seu ingente influxo prosperaram e conseguiram alcançar esse sorprendente gráo de

desenvolvida mentalidade, observado no Mexico e no Perú : — mentalidade muito inferior, entretanto, á que lograram conseguir velhas civilisações das margens do Ganges, do Indos, das costas da China e do Japão, das alti-planuras da Asia, e das margens do Nilo e do Mar Vermelho.

Cumpre agora aos investigadores da craneologia indagar se lhes é isso possivel, de que modo, quando e porque á evolução da intelligencia dos povos, assim, aos poucos aperfeiçoados e gradualmente impellidos na larga estrada da civilisação,corresponde a formação das linguas, o desenvolvimento do cerebro, as modificações da face, mais ou menos inclinada, e a amplitude maior ou menor do craneo, a principio dolichocephalo, mais tarde brachicephalo.

Tal se me afigura, em resumo, a genese da humanidade na sua realização provavel e quasi provada em mais de um ponto do globo; tal podia e devia ter sido a historia da raça americana sem a intervenção de qualquer outra raça estranha para sua desenvolução social.

Onde buscar, porém, provas deste absoluto autochtonismo, e quaes nos podem convencer da presença de uma fusão de concurso estrangeiro na intrincada e millenaria phase desse despertar da historia do homem americano ?

Nenhum testemunho até hoje se nos offereceu ainda, convincente, efficaz e decisivo, que negue ou confirme qualquer destas duas presumpções anthropologicas.

Limitemo-nos, pois, nas duvidas do presente, ao envez de conturbar, sem provas firmes, a historia do passado, a preparar, sobre bases positivas os alicerces do futuro. Sim, limitemo-nos a colher por emquanto documentos novos, e a reunir mais avultado e mais seguro cabedal, na esperança de, com subsidios ainda hoje ignorados, abrir alguma fresta por onde uma restea de luz nos venha guiar e soccorrer nas trévas que nos envolvem.

Foi neste intento que assentei em organisar a Exposição Anthropologica Brazileira no edificio do Museu Nacional a 29 de Julho do anno proximo passado.

Derivou de tão elevado pensamento aquella, de todos e por toda a parte, applaudida festa scientifica, e foi este o fito que tive em mente levando a effeito o primeiro certamen de que em proficuidade de tão importante assumpto ainda foi realizado tão completo e em tão curto prazo — fito este que ainda hoje, e mais do que então, me conduz animado de esperança e de enthusiasmo a um novo commettimento, mil vezes mais complexo e mais vasto que o primeiro. O novo certamen, para cuja realisação conto com o civismo dos homens mais cultos do Imperio do Brazil e de todas as nações do Novo Mundo, deve comprehender a America inteira, e ter por indispensavel complemento um congresso de americanistas em trabalhos simultaneos com a exhibição dos thesouros anthropologicos do nosso immenso continente.

Este congresso, para o qual serão convidados os especialistas e todos os orgãos scientificos dos dous hemispherios, terá por presidente o proprio soberano brazileiro, que, de tempos a esta parte, se ha consagrado em horas de lazer ao estudo acurado da extensa lingua *guarano-tupi* ou lingua geral da America austral cisandina.

São, porém, factos estes que entram no dominio do futuro, e é cedo ainda para que me possa delles occupar.

Por emquanto devo referir-me unicamente á Exposição Anthropologica Brazileira, e mais em particular á presente *Revista*, a qual para commemorar aquelle certamen crearam alguns homens de talento, —um delles poeta dos mais festejados e dos mais populares do Brasil — e artistas distinctos todos, laboriosos e animados do desejo de serem uteis áquelles que fóra desta capital não podessem gosar da bella e curiosa exposição. O publico, assim do Rio de Janeiro como das provincias, recebeu com tão espontaneo regozijo esta publicação, como de nenhuma de caracter analogo ha lembrança nesta

côrte de haver sido nem mais buscada, nem mais applaudida. Estavam, porém, sem prefacio os fasciculos, agora reunidos em volume, da laureada *Revista*, e como em geral um prefacio equivale, por via de regra, á antiga apresentação das etiquetas, a qual era de rigor se fizesse em trage de côrte e conforme ás pragmaticas de gala, deliberaram escolher-me aquelles senhores para mestre de ceremonias do acto. A escolha não podia ser peior, e, d'isto convencido, recusei-a. Sobreveio a insistencia e a esta forçoso me foi ceder. E' que infelizmente não tenho nem sinto que nunca jámais venha a ter predisposições para o cargo. Enganaram-se completamente os meus constituintes. Eu, porém, não me illudi a mim nem tão pouco ao leitor, e disto lhe dou cabal testemunho e sobeja prova no que deixo escripto.

LADISLAU NETTO.

NOTAS BIOGRAPHICAS

O DR. LADISLAU NETTO

O Dr. Ladislau Netto, director geral do Museu Nacional e da secção de botanica do mesmo Museu, foi o creador da Exposição Anthropologica Brazileira, inaugurada a 29 de Julho do anno passado naquelle estabelecimento. Suas primeiras publicações foram algumas poesias populares, fragmentos descriptivos de viagens, e trechos de criticas artisticas e litterarias. Uns eram escriptos a que faltava talvez ainda a madureza do estudo, os outros eram productos da imaginação a desabrocharem na primeira quadra da juventude — productos após os quaes appareceram os primeiros fructos das suas lucubrações sobre a histologia e anatomia de alguns vegetaes brazileiros.

Estes primeiros trabalhos teve o Dr. Ladislau Netto a satisfação de vêl-os publicados nos *Comptes Rendus* da Academia das Sciencias de Paris e nos *Annales des Sciences Naturelles* daquella mesma cidade. Tinha então vinte e quatro annos de idade, e tal era já o cunho destes tentamens scientificos, que por essa occasião foi convidado pelo presidente da referida academia, o celebre botanico Decaisne, a tomar parte no concurso ao premio de botanica, proposto nessa época pelo Instituto de França.

No anno seguinte, 1864, estava o Dr. Netto na Europa no proposito de alli concluir seus estudos e de publicar os trabalhos que tinha iniciado no Brazil. A grande e tenaz energia do seu caracter, da qual tantas provas nos tem dado ultimamente, foi ahi que primeiramente se manifestou. Era como elle mesmo então o dizia em carta a um amigo: *era um trabalhar sem treguas*; mas tambem, sem tomar cautelas nem cuidar nas consequencias de taes excessos. Estas consequencias sobrevieram, e com a saude profundamente alterada, mas satisfeito de haver realizado os seus mais dourados sonhos, e, acompanhado dos maiores incentivos dos seus mestres e amigos, volveu ao Brazil o joven naturalista, e ahi o vimos tomar conta, em começo de 1867, da direcção da secção de botanica do Museu Nacional, para a qual tinha sido nomeado em 1865. Não sabemos hoje ao certo se para mais ou se para menos gloria sua entrou o Dr. Netto as portas do nosso Museu. Sabemos, sim, que ao transportar-se bruscamente do Museu de Paris, aonde vivia como intimo daquelle fóco de luz, de animação e de trabalho, para o então tristonho e esquecido Museu brazileiro, cahio-lhe a alma aos pés, e chegou mesmo a ponto de maldizer da sorte que ahi lhe vinha acorrentar todas as energias. Um caracter egoista, um, indifferente, como os ha aos centos, deixando o Museu viver como durante mais de meio seculo havia existido, teria continuado a trabalhar para si, teria proseguido nos seus trabalhos tão auspiciosamente começados e se teria assim coberto mui commodamente de gloria. Elle, porém, nem sequer se deu ao trabalho destas reflexões; comprehendeu desde logo que a pobre instituição carecia de alguem que olhasse pelo seu descurado estado, e, quasi esquecido já de todos os planos de novos trabalhos botanicos e de todos os compromissos que tinha tomado na Europa neste sentido, entrou a lutar sósinho, mas tenazmente, no fito de reformar a repartição, a cuja sorte se achava ligada a sua mesma sorte. O seu livro *Investigações historicas e scientificas sobre o Museu Nacional* foi o libello que elle, tres annos depois de inexcedivel trabalho, arrojou ao tribunal da opinião publica para mostrar o miserrimo estado a que chegára aquelle estabelecimento.

Alli ha paginas de eloquente indignação, encontram-se apostrophes tremendas de verdade, que umas vezes dirigem-se ao governo, outras vezes ao proprio publico brazileiro. O melhoramento do Museu preoccupava-lhe então completamente o espirito; de nada mais se lhe podia fallar, nem queria que se lhe fallasse.

« Aos olhos dos nossos mestres e dos nossos amigos de além-mar, diz elle no prefacio desse livro, aos olhos, emfim, de quantos nos hão ultimamente convidado a proseguir em nossas pesquizas botanicas, sejam estas obscuras, mas não pouco ingratas e afanosas investigações uma prova de que bem activo nos tem andado por cá o labor.

« Mais adiantado em annos, que o mesmo fôra dizer mais experiente e menos utopista, talvez houveramos de preferencia attendido aos gostos proprios e ás vontades que após si nos conduzem os incentivos da sciencia.

« Impressionou-nos, porém, sobremodo ao aqui chegarmos a desalentada existencia do unico Museu que possuimos, e desde logo para elle se nos foram as attenções todas como de quem outro fim nunca tivesse nem quizesse ter. »

O que ha conseguido o Dr. Ladislau Netto com taes idéas e a lutar com tamanho denodo, sabe-o todo o paiz. O Museu, para direcção do qual foi effectivamente nomeado o Dr. Netto em 1874, transfigurou-se, augmentando-se-lhe os commodos primitivos com muitos novos salões, creando-se-lhe uma revista scientifica, de altos creditos hoje dentro, e fóra do paiz, varios cursos populares, frequentados e applaudidos por todas as classes da sociedade, diversos laboratorios, uma classe de naturalistas viajantes, auxiliares desenhadores e de gravadores, e muitos outros beneficios e desenvolvimentos, para os quaes reconhece-se ser hoje mais que insufficiente o antigo edificio. A Exposição Anthropologica foi o ultimo, e, accrescentaremos, o mais energico esforço até hoje praticado pelo director geral do Museu.

Apreciar os seus actos de energia e os seus sacrificios de saude, de repouso e até da propria vida, ao organisar aquelle certamen scientifico, seria repetir o que ninguem mais ignora no Brazil.

Não prolongaremos mais esta noticia. Basta o que ahi expuzemos para representar o perfil scientifico de fundador da Exposição Anthropologica Brazileira.

O DR. JOAO BAPTISTA DE LACERDA

O Dr. João Baptista de Lacerda é natural da antiga cidade de Campos, provincia do Rio de Janeiro, donde tão grande numero de distinctos talentos tem vindo prestar ás sciencias e ás lettras patrias um opulento subsidio. Seu pai, de quem elle representa hoje o nome, o caracter, a intelligencia e até a propria profissão de medico, pois que tambem o era, empenhou a maior energia para que desde a infancia fosse o herdeiro de seu nome, o modelo dos rapazes na vida particular e no seu caracter intimo, como tambem o estudante exemplar nos bancos escolares. Os desejos do pai foram com sobejidão satisfeitos nos actos do filho.

Depois de haver exercido a clinica, durante alguns annos na terra natal, o Dr. Lacerda foi chamado a preencher o lugar de sub-director da primeira secção do Museu Nacional, quando este estabelecimento sob a influencia do seu novo director passou pela reforma que o fez digno dos esforços até então (1876) empregados por aquelle illustre cidadão.

Os primeiros trabalhos do novo funccionario, logo depois da sua investidura no cargo em que fôra provido pelo go-

verno imperial, mostraram immediatamente que era elle um dos melhores e mais activos collaboradores que o Museu Nacional devia ter nos seus archivos, nos seus cursos e nos seus laboratorios. Estes trabalhos, que versão sobre a anthropologia brazileira, foram, publicados no primeiro volume dos *Archivos do Museu.*

Em 1880 iniciou o Dr. Lacerda, como sub-director do laboratorio de physiologia experimental do Museu, uma serie de estudos originaes experimentaes, quer sobre diversas plantas toxicas e medicamentosas, quer sobre o veneno dos ophidios. Dessas pesquizas resultou a conquista de um facto de grande importancia scientifica e humanitaria – o conhecimento da acção neutralisante do permanganato de potassa para o referido veneno.

O Dr. Lacerda é, por este descobrimento, universalmente apontado hoje como benemerito da humanidade.

Seus trabalhos de anthropologia, que já mereceram na exposição de Paris de 1878 uma medalha de bronze, não se limitaram a este primeiro tentamen O distincto brazileiro prosegue nestas investigações com o seu amadurecido e illustrado discernimento, e é de crêr que um alto papel lhe esteja reservado na futura Exposição Anthropologica Americana.

O PROFESSOR CARLOS FREDERICO HARTT

O finado professor Carlos Frederico Hartt, que exerceu os cargos de chefe da commissão geologica do Brazil, director da terceira secção do Museu Nacional e professor de geologia na universidade de Cornell, era filho daquella heroica Nova Brumswick, de que se orgulha o extremo septentrional da União Norte-Americana. Seus primeiros trabalhos geologicos fêl-os elle na mais tenra adolescencia e sob a direcção do illustre Dr. Dawson.

Associado mais tarde a seu pai, na direcção de um collegio de instrucção superior, aproveitava algumas horas vagas, de que dispunha, no estudo geologico da terra natal, aonde veio assim a descobrir vegetaes e restos de insectos fosseis da formação devoniana. Este descobrimento bastou por si para recommendal-o ao professor Agassiz, que desde logo o chamou para o Museu de zoologia comparada em Cambridge, na qualidade de alumno especial.

Foi este o acto precursor das suas correlações com o Brazil, pois que, vindo em 1865 o illustre Agassiz a este paiz, era natural que o acompanhasse um dos seus primeiros auxiliares, e póde-se quasi dizer o mais arrojado de seus discipulos predilectos. E o professor Hartt quiz confirmar este conceito em que era tido, atirando-se, mal chegou ao Brazil, ao estudo de toda a costa do Imperio, desde o Rio de Janeiro até a Bahia, examinando detidamente os numerosos bancos de coral desse littoral, e bem assim o Espirito Santo, o Mucury e Minas Novas, o Jequitinhonha e Porto Seguro.

Era a iniciação da sua ardente dedicação ao exame da natureza brazileira: pertencia, portanto, de então em diante á nova patria do seu grande espirito investigador e profundo.

Era natural, pois, que aqui voltasse em breve; e de facto, depois de rapida estada em seu paiz, regressou em 1867 ao Brazil, a expensas suas, na intenção de estudar a structura dos Abrolhos, aonde só se demorou quanto lhe foi preciso para esse trabalho.

Os seus commettimentos repetiram-se em 1870 e em 1871, organisando elle por ultimo o plano da commissão geologica, só definitivamente creada em 1874 pelo governo imperial e confiada á sua direcção.

Nas suas viagens ao Amazonas o professor Carlos Hartt, com a sua admiravel e prompta percepção, colheu abundante e rico material dos diversos dialectos que alli se fallam e que elle em grande parte já entendia Deste immenso cabedal, inedito quasi todo, existe grande porção na bibliotheca nacional desta côrte, a qual se dispõe a publical-a, talvez sob as vistas do illustrado Dr. Henning.

O mais vasto trabalho, porém, do professor Hartt sobre indigenas brazileiros é o que se acha no sexto volume dos *Archivos do Museu Nacional,* cujas paginas são completamente consagradas á commemoração da Exposição Antropologica Brazileira.

O malogrado e illustre naturalista falleceu no Rio de Janeiro a 18 de Março de 1878, tendo apenas trinta e oito annos de idade.

INDICE

PAGS.

Introducção III
Notas biographicas IX

A. C. Soido (chefe de esquadra).

Caçada de viados, costumes Guaycurús 83
Indios Guaycurús, suas lendas 92
» » chefe Lapagato 108
Indios Guaycurús 117

Antonio Pires de Campos (capitão).

Reino dos Parecis . . . . . 102 e 109

C. Hartt (professor).

A origem da arte ou evolução da ornamentação . 42
Tanga de barro cosido, Marajó 51
Mythologia dos indios do Brazil. 73
Fragmentos do mytho do jabuti. 158

Dr. Couto de Magalhães.

Theogonia dos indios. 2
Lenda de Mani 63

E Deleau.

Le sentiment musical chez les sauvages. . . . 137

Eunapio Deiró.

Artigo de fundo 1
A luta pela existencia e os costumes guerreiros. . . . . 18 e 34
A união sexual sob o ponto de vista sociologico . 26

Felix Ferreira.

As artes industriaes indigenas 107

Francisco Bernardino de Souza (conego).

Missionarios e regatões do Amazonas. 63

João Daniel (padre).

Costumes dos indios. . . . . 141, 149 e 155

J. Serra.

Os typos indigenas 15
A lingua tupi. 35
Meios de catechese. 50
O tatuturema. 58
Os Caraibas. 68
A linguagem popular. 75
Desenvolvimento da raça 81
Civilisações extinctas. 90
Onomatopeia selvagem 98
Um alfarrabio 106
As fontes da poesia indiana 114
A mulher indiana 132
Marabá. 147
O indio e o missionario. 154

J. de Anchieta (padre).

Dos casamentos dos indios do Brazil . . 71, 79 e 86

Dr. J. B. de Lacerda.

Botocudos. 2
A força muscular e a delicadeza dos sentidos dos nossos indigenas 6
A morphologia craneana do homem dos sambaquis 22
Sobre a conformação dos dentes . . . . 69, 82 e 91
O craneo da Lagôa-Santa 145

J. Barbosa Rodrigues.

Idolo amazonico 3

PAGS.

A emancipação dos Mauhés 10
Tribu dos Tembés, vestuario 20
» dos Mundurucús, trages. 27
» dos Tembés, festa da Tucanayra 32
» dos Araquis e Pariquis. 36
» dos Mundurucús, cabeça mumificada. . . 39
» » » festa da Pariuate-ran . 45
» dos Usahys 47
» dos Ticunas. 52
» dos Tembés, indole, casamento e morte. . 55
» dos Aruaquis e Pariquis: *Coroconô*, festa dos mortos 61
Indios Conibos 64
Extracto de um livro inedito 70
Tribu dos Cauixanas 72
India Arara 76
Fabrico de uma montaria 88
Tribu dos Uaupés 93
Os Miranhas. 124
Extracto de um livro inedito 150

Dr. Ladislão Netto.

Do atavismo 4
Da tatuagem. 14
As deformações da face e do craneo entre os povos americanos 17
Dos mysterios que envolvem a origem do homem americano 25
A origem dos sambaquis 37
Do córte artificial dos dentes 46
Do totemismo 49
Ponderações physiologicas sobre o uso do tembetá 60
O culto do tembetá 66
Discurso inaugural da Exposição Anthropologica. 77
Observações relativas á theoria da evolução . . 113
A lenda do Amazonas. 121
Nota-prefacio ao estudo sobre os tembetás que possue o Museu Nacional 131
Do elemento japonez na America 153

Dr. Mello Moraes (A. J.).

Ceremonias funebres dos Tupinambás. 12
Os indios Tabayaros de Pernambuco se suppunham os primitivos habitadores do Brazil. . . 33
Costumes dos indios 53

Mello Moraes Filho.

O dialecto dos Botocudos 9
As causas da extincção dos indios 23
A nostalgia entre os indios. 39
A anthropophagia entre as tribus indigenas. . . 41
Deuses fetiches do Amazonas 59
Sepulturas, urnas e ceremonias lustraes. . . . 65
Indios Parecis 85
A familia. . . . . 89, 97 e 105
A morte do prisioneiro 111
Nações amazonicas 126

Orville A. Derby.

Os povos antigos do Amazonas 129

Sev. da Fonseca.

Indios do Guaporé, os Garayos 85
» » Palmellas. 94
» de Mato-Grosso, os Barbados 123
» » os Parecis e os Cabixis . 138
Superstição dos selvagens 147
Indios de Mato-Grosso, Chiquitos 157

Padre Simão de Vasconcellos.

Noticia ácerca do Campo dos Goytacazes 119, 126, 134 . . . . . e 142

PAGS.

Poesias

José de Anchieta (padre).

Cantiga em lingua tupi. 8
Dos mysterios do Rosario de Nossa Senhora, lingua tupi. 56
O anjo do caminho 95
Canção de Tupinambá. 112
Santa Ursula. 127

Mello Moraes Filho.

O palacio da mãi d'agua, lenda do Amazonas. . 8
A tapera da lua, lenda do Amazonas. 16
No céo e na terra, lenda do Guanumby. . . . 27
A endemoninhada 38
A luz do afogado, lenda popular. 62
A caipora, lenda popular. 79
Uyáras, lenda do Amazonas 87

PAGS.

Vocabularios

Vocabulario dos Botocudos da provincia de Minas-Geraes, tribus Pogichá, Aracanãa e Potão. 13
Vocabulario dos Botocudos do aldeamento de Mutum. 19
Vocabulario dos Mundurucús, Amazonas . . . 31

Descripções

Indio Uaupé. 77
Indio Tamoyo 80
Indios Canoeiros 116
Indio Yahuá. 144

A memoria veneranda do Dr. Mello Moraes. . . 57

SALA RODRIGUES FERREIRA.

REVISTA

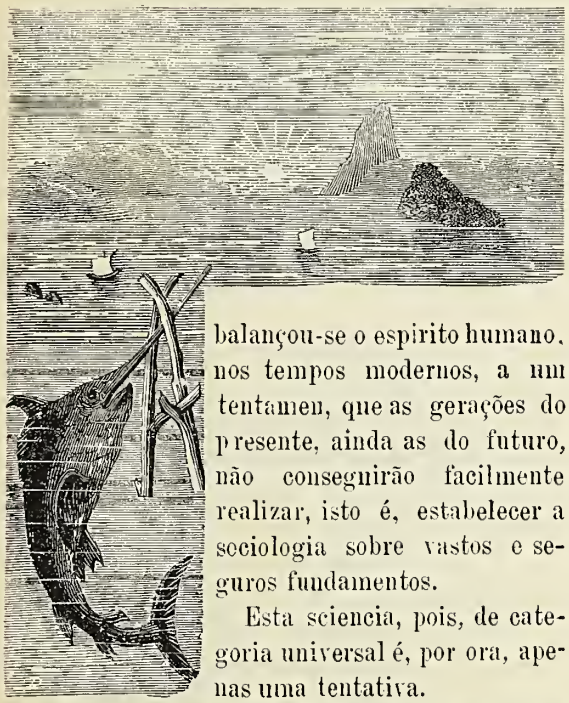
DA

EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA

BRAZILEIRA

Dirigida e collaborada por MELLO MORAES FILHO

Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1882



balançou-se o espirito humano, nos tempos modernos, a um tentamen, que as gerações do presente, ainda as do futuro, não conseguirão facilmente realizar, isto é, estabelecer a sociologia sobre vastos e seguros fundamentos.

Esta sciencia, pois, de categoria universal é, por ora, apenas uma tentativa.

Os phenomenos sociaes, de que ella se occupa — tão variados e multiplos — escapam, muitas vezes, á analyse.

A inducção não poderá, por longo tempo, firmar as leis, que os dominam.

O *aposteriorismo* é o unico processo, sempre lento e ás vezes improficuo, que mostrará a realidade, verdadeira base scientifica da sociologia.

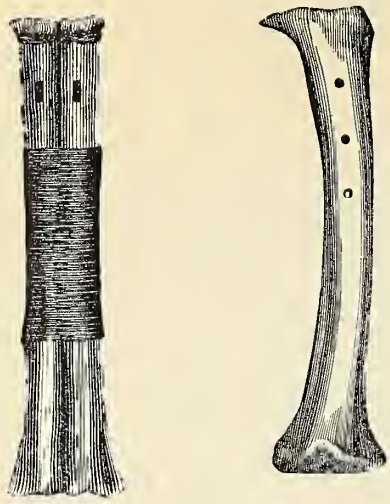
Todas as sciencias, hoje, concorrem para fundação da sciencia social : o genesis della participa dos elementos ministrados desde a anthropologia, demographia, linguistica, historia natural, etc., etc., até a psychologia e a historia politica ; abrange emfim todos os ramos do saber humano.

Constatar os factos da nossa actividade intellectual e physica, por toda parte, em todos os tempos, ainda mesmo prehistoricos ; esmerilhar os instinctos, os usos da vida de todas as raças da familia humana, importa reunir materiaes indispensaveis para verificar as leis sociologicas.

Muitos destes phenomenos não parecem, á primeira vista, dignos de attenção, como por exemplo, os utensis de cosinha, a substancia de alimentação, as armas, os costumes barbaros, as depravações sexuaes, os habitos domesticos, ou guerreiros; entretanto servem para explicar o *homem* do mesmo modo que as concepções ideaes de suas crenças, dos sentimentos, das artes, das letras, caracterisam a individualidade e o progresso dos povos, que fulguram na historia.

Estudar o *homem* nas diversas manifestações de sua personalidade — selvagem, ou civilisado ; pedir á anthropologia o segredo desta natureza ; á ethnographia a filiação, ou o parentesco das raças, é trabalhar pela solução do difficil problema. Uma exposição anthropologica tem este grande alcance, e é a mais fecunda lição, que devem desejar e applaudir os cultores da sciencia.

EUNAPIO DEIRÓ.



Membis—Instrumentos musicos.

BOTOCUDOS

Formam os Botocudos uma tribu de caracteres physicos hoje muito conhecidos dos anthropologistas europeus e americanos, graças principalmente ao estudo das collecções osteologicas do Museu Nacional e ás informações exactas que prestaram alguns viajantes. Elles occupam certas zonas do territorio da provincia de Minas e do Espirito-Santo, nas margens do Rio Doce, do Mucury e do rio Pardo.

No physico são fortes, musculosos e bem constituidos. A sua estatura, porém, não é muito elevada. Raras vezes attingem mais de seis pés de altura. O tronco é fornido e o thorax tem um notavel desenvolvimento em largura, e é achatado, em vez de convexo, na face anterior. O tronco é tambem mais alongado do que costuma ser na raça caucasica. As pernas são delgadas, as mãos e os pés relativamente pequenos e delicados.

Nas mulheres os seios são cahidos, devido isso a uma notavel inclinação para baixo do thorax. A cintura não é estreita como na raça caucasica, antes, ao contrario, ella é grossa e cheia. O abdomen é desenvolvido o proeminente, a cicatriz umbilical descendo muito mais abaixo do que na raça caucasica. Nas mulheres as pernas são não raramente arqueadas e a região glutea ampla.

No homem o craneo tem uma fronte baixa e ás vezes bastante inclinada para traz, o occiput deprimido, as temporas ligeiramente convexas. A face é alongada, com os pomos salientes e os supercilios accentuados.

Na mulher esses caracteres craneo-faciaes encontram-se menos pronunciados.

O labio inferior apresenta-se quasi sempre perfurado e distendido por uma rodella de madeira. Os lóbos das orelhas são igualmente providos desse ornato, o que dá á physionomia desses individuos um aspecto dos mais repulsivos.

O systema piloso da face é muito pouco desenvolvido em ambos os sexos.

A cabeça, porém, é coberta de bastos, negros e rijos cabellos.

A coloração do tegmento externo varia entre um vermelho cuprico e uma côr escura azeitonada. Nos musculos e no tronco a coloração é muitas vezes mais carregada do que na face.

Sob o ponto de vista moral e intellectual são os Botocudos a expressão de uma raça humana no seu maior gráo de inferioridade. Alguns conservam ainda o horrivel costume de anthropophagia e com grande difficuldade chegam a adaptar-se ao meio civilisado.

Tambem elles estão prestes a extinguir-se como raça, sendo provavel que em meio seculo não se possa encontrar mais o typo puro.

Dr. J. B. de Lacerda.

THEOGONIA DOS INDIOS

A theogonia dos indios assenta-se sobre esta idéa capital : todas as cousas creadas têm sua mãi. E' de notar-se que elles não empreguem a palavra pai ; esta palavra pai não indica origem de um homem senão em uma sociedade em que o casamento tenha já excluido a communidade das mulheres ; e portanto não podia ser empregada por nossos selvagens em um estado tão rudimental de civilisação. O aphorismo romano : *Pater est is quem justæ nuptiæ demonstrant*, explica claramente a razão por que um povo primitivo, quando tivesse a necessidade de exprimir a filiação, empregasse de preferencia a palavra mãi, como judiciosamente observa um escriptor.

O systema geral da theogonia *tupí* parece ser este :

Existem tres deuses superiores : o *Sol*, que é o creador de todos os viventes ; a *Lua*, que é a creadora de todos os vegetaes ; e *Perudá*, ou *Rudá*, o deus do amor, encarregado de promover a reproducção dos sêres creados. Como observarei adiante, as palavras que no *tupí* exprimem sol e lua me parecem indicar o pensamento religioso que os nossos selvagens tinham para com esses astros, e que fica indicado. Cada um destes tres

grandes sêres é o creador do reino de que se trata : o sol, do reino animal; a lua,do reino vegetal ; e Perudá, da reproducção. Cada um delles é servido por tantos outros deuses, quantos eram os genios admittidos pelos indios : estes por sua vez eram servidos por outros tantos sêres, quantas eram as especies que elles reconheciam ; e assim por diante até que, cada lago ou rio, ou especie animal ou vegetal, tem seu genio protector, *sua mãi*. Esta crença ainda é vulgar entre o povo do interior das provincias de Mato-Grosso, Goyaz, e sobretudo do Pará, e é provavel que tambem do Amazonas.

O sol é a mãi dos viventes,de todos que habitam a terra ; a lua é a mãi de todos os vegetaes. Estas duas divindades geraes, a quem elles attribuiam a creação dos viventes e dos vegetaes, não tinham nomes que exprimissem caracteres sobrenaturaes. As expressões, que indicam qualidades abstractas, deviam vir em um periodo muito posterior áquelle em que a civilisação aryana, trazida pela raça conquistadora, veio encontrar os selvagens da America.

Não tinham termos abstractos para exprimil-os ; diziam simplesmente : *mãi dos viventes*, *mãi dos vegetaes*. E' sabido que a palavra sol é *guaracy*,de *guara*, vivente, e *cy*,mãi. Lua é *jácy*, de *já*, vegetal, *cy*, mãi.

COUTO DE MAGALHÃES.

Idolo amazonico.

IDOLO AMAZONICO

Era a divindade das pescarias da tribu denominada das Amazonas.

Procede das costas do Parú e foi descoberto, em Manáos, pelo Sr. Barbosa Rodrigues, que assim o descreve :

« O conjuncto do idolo é uma allegoria, baseada em costume, e animaes e na crença da *mãi* dos mesmos.

« Compõe-se de duas figuras, um *carniceiro* procurando devorar um *chelonio*. Tem de altura $0^m,185$, de largura $0^m,9$ e de comprimento $0^m,15$, comprehendidas ambas figuras.

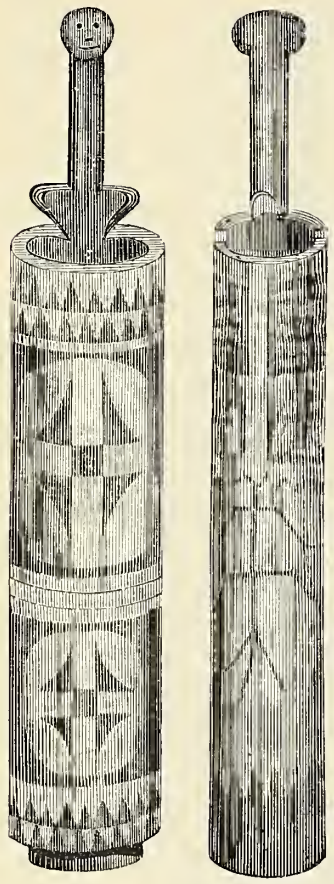
« Assentado sobre uma tartaruga *(podoenemis)*, uma onça *(felix)* com as garras das mãos segura um enfeite de fantasia, que, suspenso pela lingua, passa por cima da cabeça da tartaruga e pela parte posterior do pescoço, onde se encostam os dentes da maxilla inferior da onça.

« A tartaruga, que pela fórma do casco se approxima mais de um jaboty *(testuto)*, tem um longo pescoço erguido perpendicularmente,terminando em uma cabeça, que pelas fórmas e posição afasta-se inteiramente das de todos os chelonios. Procurando achar analogia entre esta e a de algum outro animal, não encontrei, o que faz-me crêr que a fantasia guiou a mão do artista, que na figura da onça não desprezou caracteres que a tornam bem conhecida. Tanto a fantasia guiou o artista, que, além do enfeite que mencionei, ainda ornou o pescoço da mesma tartaruga com uma coleira enfeitada de uma grega. A fórma da cabeça é alongada, plana na parte inferior e semiconvexa na superior, afilando-se para o focinho.

« Este tem latteralmente saliencias que indicam beiços levantados pela pressão interna de dentes, e pela parte superior uma linha elevada, que passando pelo meio do maxillar superior vai terminar na altura do frontal, que fica encoberto pela lingua da onça. Os olhos affectam a fórma de um semi-circulo, com a parte convexa para cima. O pescoço e a cabeça do chelonio apresentam fórmas angulosas, de que se resentem tambem os da onça. Tendo a cabeça a fórma semi-globulosa dos carniceiros do genero *felix*, tem comtudo as maxillas longas e tão abertas, que entre ellas fórma-se um angulo recto.Se afasta-se no comprimento a maxilla, a fórma, porém, dos dentes caninos e mollares caracterisam o carniceiro.

« Tão exacto foi o artista ahi, que até deixou na maxilla superior o lugar vasio onde se implanta o canino inferior. Um descuido teve comtudo, nos incisivos, marcando só quatro em vez de seis. A fórma das narinas, a posição das orelhas, a collocação dos olhos e mesmo a fórma

do pescoço se approximam das do terrivel habitante das selvas. A posição do corpo e das extremidades angulosamente trabalhadas approxima-se da dos quadrumanos, tendo, porém, iguaes as mãos ás dos carniceiros, com as suas cinco garras. O aspecto geral é o da onça, *yauarité* dos indigenas. A cauda, infelizmente partida, pela porção que existe mostra ter sido levantada. »



Tubos com bastões cylindricos, sonoros, empregados por varias tribus para as dansas.

DO ATAVISMO

O prognathismo dentario ou alveolar é inquestionavelmente um dos caracteristicos mais notaveis da raça africana

Attesta-nol-o muitas vezes a sua persistencia nos individuos, cuja origem africana já nenhum outro caracter osteologico apparentemente a denuncia.

Um facto digno de menção, e que tem intima co-relação com este phenomeno, é o da persistencia do pigmento na cavidade buccal, e em particular na mucosa da propria arcada alveolar dos individuos em que esta se apresenta refractaria á conformação orthognatha da raça branca. Esta pigmentação é muito mais persistente do que a da mucosa das palpebras, dos labios, das narinas, e até a, em taes casos, tão preconisada, do tecido cellular da base das unhas, e não raro se mostra mui visivel quando a pigmentação destes tecidos já tem de ha muito desapparecido

Ainda está por escrever-se todo um livro de transcendente valia sobre estas manifestações atavicas anatomico-physiologicas, observadas nos individuos que neste vasto crysol da humanidade, chamado « America, » dão curso em suas veias á fusão do sangue hecterogeneo de quasi todas as raças humanas ou pelo menos de duas dessas raças, a branca e preta, ou a branca e a vermelha, ou a vermelha e a preta, ou ainda, e mais geralmente, das tres simultaneamente.

E' pela época da puberdade que em geral mais claro se manifestam os symptomas atavicos nas pessoas mestiças, muitas vezes já de côr perfeitamente branca, e tendo o sangue africano em adiantadissima diminuição nas veias.

Neste caso toda a constituição do individuo soffre notavel alteração; além da pigmentação pronunciada nas regiões a que acima me referi, e que se estende aos mamellões e aos orgãos reproductores de ambos os sexos, nota-se o desenvolvimento dos labios e das narinas, de par com o retrahimento do mento, o apparecimento do cheiro acre e nauseabundo da transpiração axillar, denominado *catinga*, o encrespamento do cabello, o colorido mais vigoroso de toda a pelle, e quasi sempre uma tal ou qual diminuição do proprio angulo facial.

A todas estas modificações accresce pronunciada indolencia, apathia excessiva e profunda abstracção, ou antes uma inacção intellectual, que lembra muito particularmente a estupida inaptidão do negro. A esse abatimento, entretanto, antepõe-se um quer que seja de lubrico, e um como desabrochar pujante de bruta sensualidade, a que só podem contrapôr efficiente dique os liames da mais vigorosa educação moral.

Felizmente, este que eu chamarei estado morbido, tem ephemera duração: todos os phenomenos que o acompanham vão-se aos poucos modificando, e, ou totalmente desapparecem, ou deixam apenas vislumbre de sua passagem no organismo.

Assim é que em muitos individuos, que manifestaram entre os quatorze e dezeseis annos quasi todos estes indicios de atavismo, vêmol-os desapparecerem depois de vinte annos, inclusive o proprio encrespamento e aspereza do cabello, na maior parte dos casos tão tenaz e tão rebelde caracteristico da origem africana.

O atavismo nas pessoas de origem indigena é de caracter muito mais fixo, e portanto menos sujeito a esta influição da puberdade, denunciando-se, por assim dizer, desde o berço.

Accresce que, em taes individuos, manifesta-se caracterisando-lhes o atavismo, não a féra animalidade dos primeiros, mas quasi sempre uma tal ou qual perfectibilidade de caracter moral e um desenvolvimento intellectual, que vem garantindo desde a mais tenra infancia do joven individuo o homem laborioso e honesto, que ha de dahi sahir para arrimo da familia, para beneficio da patria e para o bem geral da humanidade.

Este atavismo é o que me parece perfeitamente caracterisado em um dos actuaes e melhores empregados do Museu Nacional, o Sr. João da Motta Teixeira, pelo lado paterno, radicado nas mais distinctas familias de Minas Geraes, porém descendente por sua avó materna do famoso chefe aborigene denominado *Tebiriçá*, cujo nome acha-se enlaçado ás primeiras lutas da invasão portugueza no Brazil.

No Sr. Motta Teixeira observa-se, além da conformação do craneo muito mais indigena que europeu, o colorido vigoroso e caracteristico da pelle, a inclinação dos olhos, a saliencia dos malares, e mais que tudo o mais notavel dos caracteres do atavismo indigena: o cabello negro, liso e rebelde a qualquer incurvação.

A estas observações accrescentarei uma reflexão a que poderão dar talvez um grande desenvolvimento os anthropologistas que se houverem de occupar de tal materia, e é que, em relação aos mestiços oriundos da raça branca com a preta, mostram-se elles ordinariamente mais intelligentes que os mestiços resultantes da juncção do sangue branco ao sangue americano, ainda que menos reflectidos, menos methodicos, no que produzem, e, se me é permittido dizêl-o, menos equanimes. Notei até por vezes que nas familias mestiças da primeira categoria, em que os caracteres africanos denunciam-se em manifestação atavica, n'um certo individuo, mais do que em seus irmãos ou primos, dá-se o interessante phenomeno de ser aquelle individuo o mais intelligente representante da familia, ou de se concentrar na sua individualidade qualquer aptidão artistica, imaginação mais ardente, uma, sequer, mais viva e mais prompta percepção. Feliz e providencial compensação para a victima do atavismo, que mais o é dos despeitos de seus proprios pais e irmãos, cujas pretenções mais ou menos infundadas a uma brancura, ás vezes duvidosa, foram por aquelle natural phenomeno inteiramente burladas.

Quantas suspeitas de infidelidade conjugal, quantas desgraças não evitaria a sciencia, se houvesse transmittido ao povo conhecimentos relativos a estes assumptos, a tantos respeitos, curiosos!

Termino esta nota, para a qual chamo a attenção do Dr. Lacerda Filho, o iniciador dos estudos anthropologicos no Museu Nacional, que o mesmo é dizer no Brazil, accrescentando que estes casos de atavismo, e especialmente de atavismo africano, são muitas vezes provocados pelos casamentos consanguineos, e que é sobre as consequencias dessas uniões, tão frequentes entre nós, que deve elle procurar estudar este importantissimo assumpto, em que mal e incompletamente me aconteceu aqui tocar.

Depende ainda de definitiva solução o reconhecer-se á qual das duas raças, á preta e á vermelha, devemos nós maior cópia dos habitos hoje inveterados na população brazileira e mais particularmente na do norte do Imperio. Posto que muita côr local de taes habitos nos tenha sido transmittida pelos autochthones, força é confessar que a maior das praticas dos nossos sertanejos é puramente africana, e em abono á verdade confesso que, se muitas dellas, se quasi todas, direi, são com effeito deploraveis, algumas felizmente adaptaram-se ás necessidades do nosso povo, atalhando-lhes os effeitos ou dissipando-as inteiramente.

Está neste caso, cuido eu, o uso dos sacos de couro, muito mais perfeitos que as bruacas, e empregados pelos sertanejos do norte para o transporte de liquidos, azeite, mel, e sobretudo agua, no extenso percurso das aridas e por vezes inhospitas planuras que medêam de suas longinquas fazendas ás populações do littoral.

Este uso foi-lhes transmittido pelos africanos do sul, onde a manufactura do couro applicada ao vasilhame é a industria mais desenvolvida daquellas povoações barbarescas.

Dr. Ladislão Netto.

Maracá—instrumento musico

Botocudos da Exposição Anthropologica

A força muscular e a delicadeza dos sentidos dos nossos indigenas

Todos os escriptores e viajantes, que têm publicado informações relativas aos nossos indigenas, são accordes em consideral-os dotados de grande força muscular.

De outra parte, o exame da musculatura do indigena, o desenvolvimento do seu systema osseo e a saliencia das inserções musculares do esqueleto tornavam aceitavel essa opinião.

Quando se desce, porém, á verificação experimental, fica-se admirado de se encontrar a negação daquelle asserto. Estaca-se então diante deste facto na apparencia paradoxal: — nos indigenas do Brazil a correlação, geralmente estabelecida, entre o desenvolvimento dos musculos e a energia da contracção muscular, não existe.

Este facto verificámos em tres individuos adultos, do sexo masculino, bem constituidos, pertencentes á tribu dos Xerentes e em dous Botocudos. O dynamometro de Mathieu foi o instrumento empregado para apreciar a força muscular, e fez-se a comparação entre as indicações fornecidas pelo instrumento applicado áquelles indigenas e a individuos civilisados da raça branca, de musculatura mediocre, e que jámais se tinham entregado a trabalhos braçaes.

A differença foi sempre para mais nos individuos civilisados. Emquanto o maior esforço empregado pelos indigenas levava a agulha apenas até o algarismo 120 ou 130 da escala dynamometrica, com o individuo civilisado ella attingia 140 e 160.

A identidade dos resultados em experiencias repetidas não podia deixar duvida de que a força muscular do braço do indigena era inferior á do homem branco civilisado.

Entretanto, facto curioso, aquelles tinham os braços mais musculosos do que estes.

Como explicar esse facto paradoxal?

Teremos ahi um caracter de raça, e será elle extensivo a todos os selvagens do Brazil?

São interrogações estas que não podem deixar de attrahir seriamente a attenção dos anthropologistas brazileiros, e das quaes pretendemos em tempo nos occupar detidamente.

Posto que contida nos limites da sciencia anthropologica, essa questão não poderá ser resolvida sem os recursos da physiologia. Mas como certa ordem de experiencias, no homem, são justamente condemnadas pela moral e pelas leis, a solução definitiva do problema parece-nos difficil.

Essa mesma difficuldade, porém, justifica a necessidade de uma hypothese para explicar o facto que parece paradoxal.

Estudos physiologicos recentes mostraram que a contracção muscular é um acto complexo, em que se podem distinguir differentes phases, sendo a primeira a da *excitação latente*. Entre o momento da applicação do excitante, seja nervoso, seja electrico, e o inicio da contracção do musculo, medeia um intervallo minimo de tempo que póde variar com os individuos.

A essa variação individual, já reconhecida e provada experimentalmente nos animaes, juntar-se-ha tambem uma variação de raça, que não foi ainda sequer suspeitada no homem ?

Será a phase da *excitação latente* mais curta ou mais prolongada nos musculos daquelles indigenas comparados com os do homem branco civilisado ?

Nada é licito affirmar a esse respeito. Seja qual fôr, porém, a differença na duração daquella phase, não é a ella, por certo, que se deverá attribuir a menor energia da contracção muscular do indigena.

Poder-se-hia antes admittir que o musculo indigena *fatiga-se* mais depressa que o musculo da raça branca civilisada. Ao menos esta interpretação hypothetica estaria de accordo com facto reconhecido da inaptidão dos nossos selvagens para os trabalhos penosos e prolongados. Trazidos para o meio civilisado, elles continuam a revelar a mesma inaptidão. A consequencia importante desse facto seria — que o nosso indigena, mesmo civilisado, não poderia produzir a mesma quantidade de trabalho util, no mesmo tempo, que os individuos de outra raça, especialmente da raça negra.

Reduzido o problema physiologico a estes termos, facil é comprehender-se o seu alcance no aproveitamento das forças indigenas do paiz para os arduos trabalhos da lavoura. O indio não poderia substituir o negro como instrumento de trabalho ; a sua producção seria descontinua, necessitando intervallos maiores de repouso.

Eis ahi como de um problema anthropologico deduz-se um problema economico e industrial, o que mais uma vez demonstra que a anthropologia não é uma sciencia meramente especulativa, mas que ella é susceptivel de ter applicações praticas e uteis.

Em relação aos sentidos podemos dizer que os nossos indigenas têm-n'os mais penetrantes do que delicados.

Os apparelhos da visão e da audição, sujeitos pelas proprias necessidadas da vida do selvagem, a uma tensão permanente, educados e afinados pelo habito, adquirem uma força de penetração maior do que a que se observa commummente no homem civilisado.

Um objecto collocado á distancia tal, que escapa ao alcance da vista do homem civilisado, não escapa á vista penetrante do selvagem. O mesmo se dá com as percepções auditivas.

Quando se trata, porém, de apreciar todas as minudencias da fórma do objecto, e os seus pequenos detalhes, a inferioridade do sentido visual do selvagem é patente em comparação com o do homem civilisado.

E' talvez á falta de delicadeza desse sentido, não habituado a apreciar analyticamente a fórma dos objectos, que se deve attribuir a difficuldade que têm os nossos indigenas de representarem por um desenho, mesmo tosco e imperfeito, objectos que lhes são muito conhecidos.

A reproducção de trechos musicaes, de melodias faceis, ainda depois de mui repetidas, constitue para elles outra difficuldade, que não deve ser attribuida senão á falta de delicadeza da audição.

Os seus cantos, sabe-se, que são de uma monotonia fatigante.

Para o sentido da olfacção é provavel que se dê o mesmo facto.

A penetração, assim como a falta de delicadeza dos sentidos dos nossos indigenas,são uma consequencia natural e necessaria das suas condições de vida, e a esse respeito o que se nota nelles nota-se em todos os selvagens. Não se póde vêr ahi um caracter de raça.

Como a delicadeza do sentido visual constitue uma condição necessaria para as producções da arte plastica, não é de estranhar que os nossos indigenas, como outros selvagens, não tenham chegado a produzir, nesse genero, senão cousas informes e grotescas.

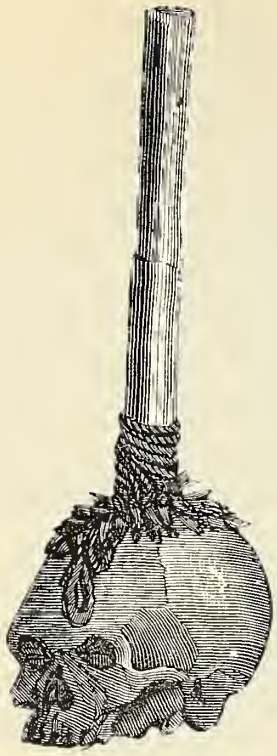
O sentimento da fórma, a julgar pelos documentos que hoje possuimos, foi mais desenvolvido na raça quaternaria do Cro-Magnon do que mesmo nos antigos escultores de Marajó

A gravura em marfim, representando o mammouth e o combate das rennas, productos da arte quaternaria na Europa, reproduzem com mais exacção e fidelidade as fórmas desses animaes do que os esculptores de Marajó as fórmas do jaboty e do crocodilo, que se vêm nas collecções do nosso museu.

Cumpre notar, porém, que as representações da fórma humana, quasi estranhas á arte relativamente adiantada dos troglodytas do Cro-Magnon, são, ao contrario, muito communs nos productos da arte de Marojó.

Portanto o homem pensou primeiro em reproduzir as fórmas dos animaes antes de reproduzir-se a si mesmo ; e as qualidades artisticas, já inscriptas no cerebro humano desde o primitivos tempos, não tiveram uma evolução regular e continua na serie chronologica.

Dr. J B. de Lacerda.



Trompa dos indios do Amazonas, feita de um cranco humano e de um pedaço de bambú.

POESIA

CANTIGA (*)

(EM LINGUA TUPI)

Tupana cuapa
Coran çauça
Xe ijara Jesu
acoume guinan omo
anhanga acapiga
Xe anga ajucá
peccado irumano
ae reroi rómo
coi acançu.

Xe teco cuaba
opa amo canhem
Xe anga omonem
teco angaipaba
Xe angoripaba
coi acançu.

Xe rançubaçape
Xe angá motenj
pitangamo ceni
Maria gibape
coi acançu
Yande moingobe
teon porarabo
anhangá pçabo

(*) Sobre a origem desta poesia — vide *Curso de litteratura brazileira*, por Mello Moraes Filho.

teo re ce bé
aipo re nhe
coi acançu
Xe ijara Pay Jesu.

Opa ogngni
me engi omanomo
Yande pig cy romo
Anhága çiu
ai pobaé ri
coi acançu.

Peioripa benhe
Jesu momoranga
Cancuba ra angã
Xe irum amo be
Jesú mbá é été
pei peçançu
Ve ijara Jesu
Xe ruba Jesu.

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.

O PALACIO DA MÃI D'AGUA

(LENDA DO AMAZONAS)

Existe n'uma collina,
Pelas margens do Portel,
Um encanto que sorprende
O viajor no batel.
Se ao largo singra uma igára,
Se perto voga a canôa,
O remador se benzendo
Dobra o joelho na prôa.

Fundo mysterio!. . Quem póde
Sondar um mysterio... Quem?
Ao alto nem de pensal-o
Chegar inda ousou ninguem.
A cachoeira assombrada,
Que acima rolando medra,
Batendo o corpo no rio
Se agarra de pedra em pedra!

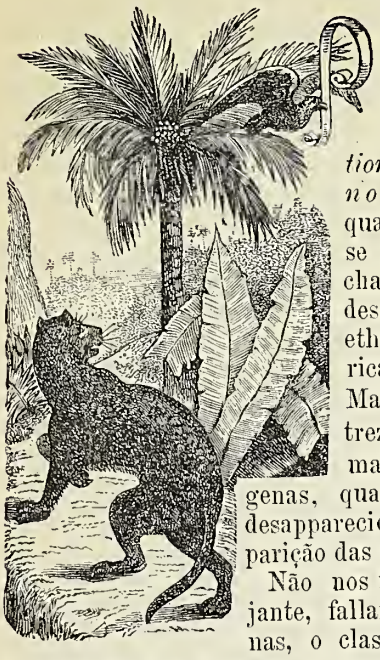
Ha um prestigio! De noite,
Na correnteza fremente,
Da montanha se desdobra
Crespa estrella reflectente.
E' horrendo esse lampejo
Da phosphorica luzerna!
Parece o rio um fantasma
Que errando accende a lanterna.

Desse pico incendiado
Ao fundo da bruma clara,
Não vê-se a chamma que alenta
O facho que o rio aclara.
As aves piam nos ares,
Sobre a vaga que transluz...
E os patos bravos sacodem
Das azas gottas de luz!

Diz o povo que a *mãi d'agua*
Lá vive nessa cimeira,
N'um palacio d'ouro fino
A' borda da ribanceira...
E quando o rio se veste
Desse clarão que fascina
E' que o paço em que ella habita
Todo inteiro se illumina.

MELLO MORAES FILHO.

O DIALECTO DOS BOTOCUDOS



Parece-nos cada vez mais real o que diz Balbi na *Introduction à l'Atlas Ethnographique*, quando, referindo-se ao Brazil, o chama de « paiz desconhecido » da ethnographia americana; porquanto, Martius calcula em trezentos os idiomas de nossos indigenas, quasi actualmente desapparecidos com a desapparição das tribus.

Não nos recorda que viajante, fallando do Amazonas, o classifica de Babel na confusão das linguas, o que se harmonisa com o pensar de Acuña e Simão de Vasconcellos, que mencionam mais de quarenta tribus que habitavam-lhe as margens, não apresentando na linguagem relação alguma com a tupi, além dos nomes das mesmas tribus e dos lugares de suas povoações.

Autores antigos, e de pesada opinião na materia, agrupam os nossos indios em duas raças: a tapuia e a tupi, sendo aquella, em razão das guerras intestinas, sacudida para fóra do littoral, em tempos anteriores á corrente invasora européa.

A lingua tupi, guarany-brazileira, ou lingua geral, estende-se vastissima, e sua região ethnographica é limitada pelo Atlantico, pelos Andes, Prata e Orénoque.

Por falta de vocabulos o estudo de todas as familias é hoje um impossivel; e debaixo dos pés dos caçadores de homens, desses assassinos dos perseguidos selvagens, dorme esmagado muito talisman precioso contra os naufragios da anthropologia, muita flor de linguagem que constituiria a fortuna da poesia e da litteratura nacional.

Qual a causa das differenças dos idiomas da America Meridional, onde os povos primitivos conservam uniformidade de costumes e usos, inclusive o da anthropophagia, de que sobram vestigios na generalidade das tribus?

As modificações climatericas não bastam para o demonstrar.

Se alguma luz puder esclarecer a discussão, devem ser as considerações de Southey, attribuindo á prodigalidade das vogaes, em todos os dialectos, a impersistencia dos caracteres fixos das linguas guarany-brazileiras.

O dos Botocudos, dos terriveis Aymorés, independente de pertencer ao quadro das linguas tapuias, como pretende Simão de Vasconcellos em opposição a Southey, justifica a regra no tocante ás nuanças e excede-a na phonetica.

Forçados pela distensão rompente do labio inferior, em consequencia da rodella, os sons que lhes distinguimos são gutturaes, nazaes e aspirados; fallam com os dentes cerrados; a insufficiencia do ar aspirado pela boca dilata-lhes as narinas no trabalho de compensação; o olhar é sem lume, os musculos da face sem mobilidade, o que mais accentúa a ferocidade cruel dessas physionomias barbaras.

A sua termologia é simples, vigorosa e instrumentada de onomatopéas homericas. Sem opulencia de consoantes, os sons das lettras confundem-se e as demarcações são imperceptiveis.

No dialecto dos Botocudos não ha generos; as quantidades numericas vão de um até cinco; os verbos, segundo o principe de Newied, só têm o infinito, participio e duas pessoas, no que discorda do Sr. major França Leite, que lhes reconhece unicamente o primeiro tempo. Na maioria dos casos são occultos, subentendem-se; por exemplo: Eu tenho fome— *nhick chingorane*, de *nhick* eu, e *chingorane* fome. O *h* é de ordinario guttural: assim em *herche*, bonito, bom, e *huruhú*, muito, na terceira syllaba.

O *muito*, porém, significando multidão, quantidade indeterminada, costumam represental-o por um punhado de terra que peneiram d'entre os dedos espalhando ao acaso.

A linguagem destes indios esquiva-se a saudações. Se encontram na floresta um conhecido, param em frente um do outro, olham-se, riem alvarmente e conversam.

Em onomatopéas nunca ouvimos mais bella, mais imitativa, grandiosa e energica, do que o murmurar soturno desses asperrimos filhos das selvas, quando os tufões ululam rosnando nas mattas virgens:— *Thoorú jack-jemm*, o vento está zangado.

E' o pavor supersticioso do anthropomorphita assaltado por uma força que não póde ver. E' um elemento embuçado n'uma phrase, uma tempestade que se agita dentro de uma palavra!

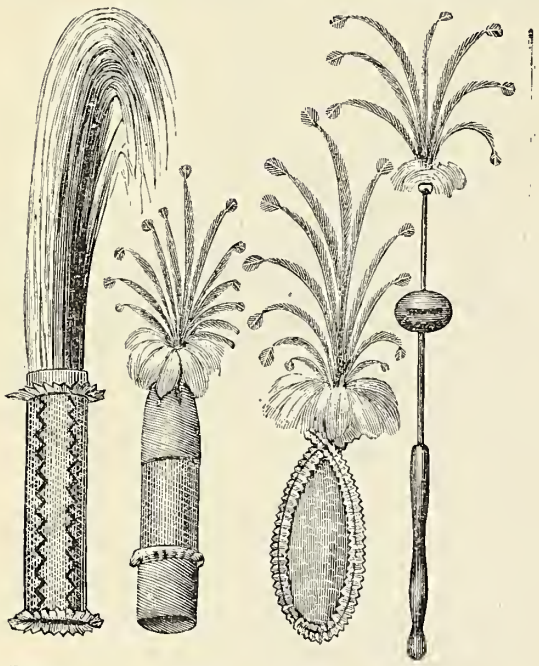
Este dialecto, apezar de ser, como propendemos a suppor, uma mutilação do corpo da lingua geral,

não se afasta delle no brilho das cores e na sonoridade, embora rudimentar, das syllabas.

Intercalado de palavras compostas, de expressões significativas e restando ainda specimens de estylo, devéras interessaria o seu estudo ao desenvolvimento da linguistica.

MELLO MORAES FILHO

A EMANCIPAÇÃO DOS MAUHES



Sarypin. Yapêrêpé. Sary. Cotecá.

Desde tempos immemoriaes existem no rio Tapajoz duas tribus: uma guerreira, temivel, numerosa, de homens trabalhadores, e de caracter tão docil que vai á escravidão, a dos *Mundurucús*, outra guerreira tambem, outr'ora, dizimada, altiva, industriosa, de caracter brioso e independente, a dos *Mauhes*. Inimigas irreconciliaveis, fizeram pazes, quando governador do Pará Athayde Teive. A lembrança da batalha, cujo resultado deu a paz, foi perpetuada entre os *Mauhes* por traços negros sobre o thorax, semelhante ao dos *Mundurucús*. Todos que entraram nesse ultimo combate foram assim assignalados. Destes apenas vi um velho tucháua, na maloca do Sahy. Posto que se harmonisassem, comtudo o odio perdura. Exemplifico. Quando subi as cachoeiras do Alto Tapajoz levava minha canôa tripolada por *Mundurucús*; mas adoecendo um, querendo substituil-o por um *Mauhe*, os *cara-pretas*, isto é, os *Mundurucús*, não aceitaram o companheiro, assim como o *Mauhe* repellia tal associação, e a custo consegui convencel-o. Completei a tripolação; porém á hora da refeição e do dormir o *Mauhe* se separava.

Data, pois, da época hostil entre essas tribus a festa da *Tocandyra* ou *Veaperiá*, festa que faziam annualmente para escolha de guerreiros de coragem provada, festa esta que intimidava os mundurucús. Se estes eram numerosos os *Mauhes* eram valentes e soffredores.

Para se poder avaliar a tortura dessa festa é mister conhecer o que é a tocandyra. Tem esse nome entre os tapuyos, ou *veaperiá* entre os mauhes, uma formiga, do tamanho de uma *caua* vulgar, ou maribondo, que, além de morder, tem como este um ferrão no abdomem, cuja ferroada, além de muito dolorosa é venenosa. Produz dôres intensas, febre, e chega mesmo a causar a morte. Scientificamente é conhecida por *Cryptocerum atratum*. Por experiencia propria conheço a dôr que produz a ferroada.

Não conhecendo então essa formiga, apanhei uma, que, ferrando-me no dedo pollegar, trouxe, além de uma dôr intensa, o arroxeamento do dedo, febre e calafrios que duraram mais de vinte e quatro horas, apezar de applicações de ammonia.

Pois bem, essa formiga, que para os mauhes é considerada como uma divindade, é a que é empregada aos centos para provar não só valor, como capacidade de soffrer.

Como corra, não só em obras recentes, como antigas, copiadas umas de outras, sem observação, que esta festa é dada com o fim matrimonial, e como em nenhuma se descreva essa festa, e se pense que ha uma só prova, passo a descrevêl-a rapidamente, com o fim de tambem tornar conhecidos os instrumentos que se acham expostos no museu nacional, no armario 140, e relacionados no catalogo que publiquei. Ainda o *Jornal do Commercio* de 30 do corrente, dando noticia da exposição anthropologica, diz: « Que estão nella expostas luvas *Mauhes para o concurso entre pretendentes ao casamento.* »

Quando investigava a natureza do Amazonas, atravessei a pé, por terra, as denominadas *terras dos Mauhes*, que vão do rio Tapajoz ao rio Mauheassú, no Amazonas, onde está a tribu dividida em *malocas*, e ahi tive occasião de colleccionar os instrumentos dessa festa martyrisante e assistir a ella por espaço de dous dias.

Como já em outro trabalho tratasse largamente dos mauhes (1), aqui a largos traços descreverei a festa.

Tradição e uso de seus maiores, os mauhes,

(1) *La Vallée des Amazonès* Notes d'un naturaliste brésilien.

hoje como então, ainda fazem com toda solemnidade essa festa, hoje sem razão, por não haver necessidade mais de provar bravura, por estar a tribu dizimada e quasi toda mais ou menos civilisada. Comtudo ainda hoje o *Mauhe*, que não passou pela prova da tocandyra, é considerado como um pariá

Annualmente da maloca do chefe parte o signal da festa, que, repercurtido de maloca em maloca, vai do Pará ao Amazonas. A este signal prepara-se o *cachiry* e o *tarubá*, bebidas enebriantes que animam a festa,e começam as caçadas; muqueada a caça é guardada para os dias da festança que é esperado por outro signal.

Ouvindo-se este, de todas as malocas partem os neophytos, e as donzellas com seus pais, e carregados de caça, potes de bebidas e de tocandyras, se dirigem para a *maloca-assú* ou do tucháua.

As tocandyras, que andam aos casaes, são apanhadas e guardadas em um longo colmo de taquarussú, a que chamam *tuntum*,e ahi guardadas até a vespera da festa.

Nesse dia despejam-se as formigas n'agua, e ficando ellas entorpecidas são mettidas entre o trançado de uma bolça de palha que se adapta á luva. Ficam com o abdomem para dentro, isto é, para a parte que tem de ficar em contacto com a mão ou braço.

Sete são as provas que passa o joven mauhe para crear fóros de valente e gozar dessas regalias. Para as tres primeiras ha uma luva especial, a *sary;* para as tres outras, outra luva que cobre todo o braço, a *sarypin;* e, para a ultima, outra só para a mão, a *yapêrêpé* (1). Esta é a mais terrivel, porque o individuo tem de metter a mão na luva, cheia de formigas soltas e embravecidas, e revolvêl-ás na mão.

Disposto tudo para a dansa, reune-se em frente á casa do tucháua a multidão: os homens formam um grande circulo, dentro do qual, em outro, sentam-se as mulheres, ficando no centro o tucháua com as diversas luvas,que, tendo sido préviamente expostas ao ar, apresentam então as formigas reanimadas e enraivecidas por se verem presas. Rompe a festa, a um signal dado pelo tucháua com o *cotecá*, e começam os cantos acompanhados pelo toque de tamborinhos e de *mimés*, que é uma especie de assobio de taquara.

Então o tucháua, no centro, de cotecá e luva em punho, convida áquelles que têm de passar pela primeira prova, ou pelas outras, a romperem o circulo e a começarem a dansa. Um dos jovens valentes se apresenta, e o tucháua, lançando uma baforada de fumo, tirada de um grande cigarro de tauary, sobre as formigas, as desespera mais e enfia a luva na mão do paciente. Este, então, canta e dansa, se é que dansa se possa chamar tregeitos e saltos, urros e gritos, dados com cara alegre. Assim percorre o espaço do circulo aberto, entre os applausos da turba, até que, sendo solteiro, alguma mulher delle se compadeça, e rompendo o circulo vá lhe tirar a luva, ou então que o tucháua julgue sufficiente a prova e elle mesmo a tire.

Então o tucháua faz soar o cotecá, a turba se levanta e segue para frente de outra casa, onde param e se repete novamente a dansa, sendo outro o paciente, ficando atraz o escolhido e sua protectora, ou atirado em uma rêde, curtindo seu soffrimento, se mulher alguma delle se agradou.

Cumpre notar aqui que a mordedura da tocandyra produz effeitos aphrodisiacos, e que a união immediata dos sexos faz cessar as dôres o os mais effeitos.

Se o que soffre o martyrio tem em provas anteriores se casado, é a mulher quem lhe retira a luva nas outras provas por que passa.

Daqui nasceu o erro que corre de que essas provas são para casamento. Se assim fosse, os *quivus*, isto é, os viuvos, não passariam mais por prova alguma, quando entretanto, mesmo depois de escolhidos, têm de passar pelas sete provas.

Terminada a dansa n'uma casa, se dirigem para outra, e assim percorrem toda a tarde a maloca, passando pelas diversas provas varios individuos. Anoitecendo, reunem-se todos na ramada da casa do tucháua, e ahi em dansas, cantos e folguedos, acompanhados de libações de cachiry vão até quasi a amanhecer, alumiados por grandes bolas de estôpa empregnadas de breu, accesas, que produz uma luz avermelhada e enfumaçada.

Dura a festa tantos dias, quantos são precisos para todos os que não soffreram as provas a soffram.

Resumindo: as tres primeiras provas soffrem-se na palma e costa de uma das mãos, as tres outras no braço e a ultima na mão. As primeiras com as formigas presas e a ultima com ellas soltas. Passadas essas provas tem o mauhe a sua emancipação e póde aspirar o lugar de chefe.

Terminadas as festas, voltam todos ás suas malocas e entregam-se á sua industria favorita do guaraná e aos seus trabalhos agricolas.

J. Barbosa Rodrigues.

(1) Todas estas luvas são feitas de finos tecidos de palha, rematadas com pennachos de pennas de arára e gavião real.

Oca de uma familia indigena.

CEREMONIAS FUNEBRES DOS TUPINAMBÁS

E' costume entre os Tupinambás que, quando morre qualquer delles, o levem a enterrar embrulhado na rêde em que dormia, e o parente mais chegado lhe ha de fazer a cova; nessa occasião vão-n'o acompanhando mulher, filhos e parentes, se os têm, os quaes pranteam-n'o até a cova, com os cabellos soltos sobre o rosto, e assim se conservam até ficar bem coberto de terra, donde se tornam para sua casa, onde a viuva chora o marido por muitos dias; e, se morrem as mulheres destes Tupinambás, é costume que os maridos lhes façam a cova e ajudem a levar ás costas a defunta; e se não têm já marido, o irmão ou parente mais chegado lhes faz a cova.

E quando morre algum principal da aldêa em que vive, e depois de morto alguns dias, antes de o enterrarem, fazem as ceremonias seguintes:

Primeiramente o untam com mel todo, e por cima do mel o empennam com pennas de passaros de côres, e pôem-lhe uma carapuça de pennas na cabeça, e todos os mais enfeites que elles costumam trazer nas suas festas; e têm-lhe feito na mesma casa, e lanço onde elle vivia, uma cova muito funda e grande, com sua estacada por de redor, para que tenha a terra que não caia sobre o defunto, e armam-lhe sua rêde embaixo de maneira que não toque o morto no chão, em a qual o mettem assim enfeitado, e pôem-lhe junto da rêde seu arco e flecha, e a sua espada, e o maracá com que costumava tanger, e fazem-lhe fogo ao longo da rêde para se aquentar, e pôem-lhe de comer em um alguidar e agua em um cabaço, como gallinha; e, como esta matalotagem está feita e lhe pôem tambem sua cangoeira de fumo na mão, lançam-lhe muita somma de madeira, igual no andar da rêde, de maneira que não toque no corpo, e sobre esta madeira muita somma de terra, com rama debaixo primeiro para que não caia terra sobre o defunto, e sobre a sepultura vive a mulher como d'antes.

E quando morre algum moço, filho de algum principal, que não tem muita idade, mettem-n'o em cócaras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que elle caiba, e enterram o pote na mesma casa, debaixo do chão, onde o filho e o pai, se é morto, são chorados muitos dias.

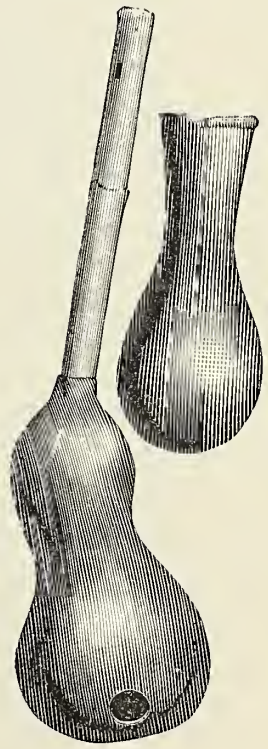
Dr. Mello Moraes.

Uma bozina semi-barbara dos Guajajáras.

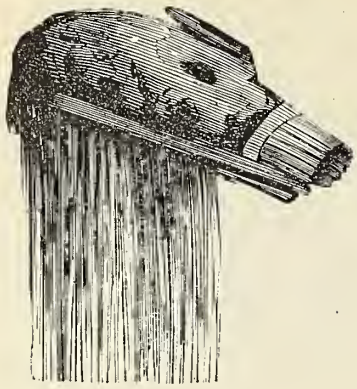
Estatua de uma tapuia em viagem (Sala Rodrigues Ferreira).

Vocabulario dos Botocudos da provincia de Minas Geraes, tribus Pogichá, Aranãa e Potão.

Tchou-peck	Fogo
Ammek	Longe
Cuparack	Onça
Borum	Bugre
Kurack	Porco do mato
Nuck	Não
Nack	Terra
Mãrarã	Febre intermittente
Aku, conakù	Soprar
Rini	Trazer
Ti	Tu
Uh-uh	Calor
Quemm	Morrer, seccar
Minhanga	Agua
Pó	Pé, mão
Cugi	Pequeno
Crenn	Cabello, cabeça
Heren	Macaco
Jack-jemm	Zangado
Girum	Alvo, claro
Japù	Mãi, mulher
An-nem	Não
Caracati	Eu tambem
In kigikann	Meu pai
Nantchon	Diabo
Pip	Vêr
Uatù	Agua corrente, rio
Tão-ru	Céo
Gitack	Lagôa
Tão-rú-té-pó	Sol
Thõo-rú	Vento
Potchick	Um, unico
Ruhuh	Muito
Prãmm	Fazer
Tchoun	Arvore
Amoick	Farinha
Tao-rù-mouhack	Lua
Quijeme	Casa
A-pò	Seu pé, sua mão
Bokri	Veado
Cuparack-engi	Faca
Himm	Negro, preto
Prick	Formiga
Tupan	Deos
Nhan	Abandonar
Mujan-pá	Vamos-nos embora
Nhamm	Eu
Minhang-pat	Chuva
Anemumem	Arrancar
Incut	Jaboti
Pum-meck-meck	Espingarda, pistola
Uamm	Mão cheiro
Acâ	Franco, generoso
Joukat	Canôa
Au-gry	Cantar
Majica	Flecha
He-re-he	Bom
Intá-home	Fumar
Tupan-jack-jemm	Trovoada
An-cut	Comer
Inkike	Furtar
Jop	Beber
Chingorane	Fome
Ki-jack	Irmã
Hu-ra-hù	Muito
Ji-kan	Pai



Torés dos Parintintins—instrumentos de musica.



Mascaras dos indios Ticunas na festa do Buyanté.

DA TATUAGEM

A *tatuagem*, comquanto saibamos ser modernamente, um adorno e muitas vezes brazão, pergaminho hierarchico ou uma especie de fé de officio de quem a traz insculpida na pelle, não deixa de ser tambem, a meu vêr, uma prova de apreço tributado ao colorido vigoroso dos antepassados que constituiam natural e provavelmente raças de côr mais sombria, ou, para que melhor expressão tenha o meu dizer, um disfarce attenuante para as côres claras que foram progressivamente adquirindo os povos actualmente de côr branca ou amarella. Verdade é que a tatuagem é geralmente usada por muitos africanos de côr negra, sem applicação das tintas escuras empregadas na tatuagem daquelles supra referidos povos; tudo, porem, nos induz a crêr que este singular costume não teve origem na Africa, mas no solo asiatico ou na Polynesia, donde o tomaram provavelmente os antigos povoadores da Asia occidental, e em particular os hebreus, em cujas tribus vemos empregada essa barbara ceremonia, como o attestam muitas passagens do Levitico, de Jeremias e de Isaias. Convem notar que se alguns africanos, pela sua côr negra, não empregam as substancias corantes da tatuagem dos povos de têz amarella ou vermelha, usam, em compensação, da tatuagem mais barbara de quantas são até hoje conhecidas, isto é, da que é feita por incisões profundas com applicação immediata de chlorureto de sodio, e de outras substancias irritantes ou causticas, processo singularissimo de que resulta essa especie de crista formada por saliencias mamilliformes que apresentam na testa e no nariz os negros da nação munhambanha, tão conhecida entre os nossos escravos africanos.

Em tres categorias distinctas poderiamos classificar tão singular e entretanto tão geral usança.

A primeira, de que temos exemplo nos munhambanhas e que comprehende as incisões mais profundas, acompanhadas da inoculação de substancias irritantes para a formação de protuberancias mamilliformes;

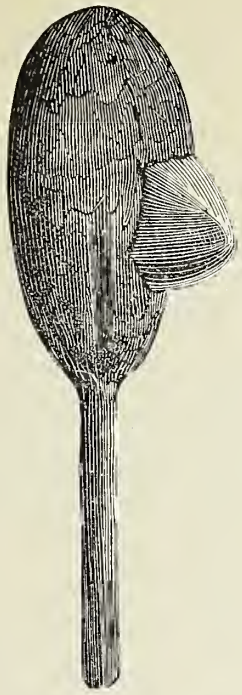
A segunda, e a mais commum entre os povos barbaros, consistindo na incisão da pelle, simplesmente, ou com a addição de materias corantes;

A terceira, finalmente, a mais simples e a que ainda hoje se observa em muitos mestiços civilisados, descendentes dos primitivos barbaros, comprehendendo a inoculação hypodermica de materias corantes.

Todas estas especies de tatuagem parecem ser de uso peculiar a todos os povos selvagens ou semi-selvagens, que vivem na zona torrida e em latitudes proximas desta zona. Sabemos, porém, que na Siberia tatuam-se pela inoculação hypodermica, de materia corante, além de certas classes de homens, as mulheres ostiacas, nos braços e nas pernas, de modo a simularem os adornos de que usavam as mulheres de uma grande parte da Asia.

A tatuagem, na verdade, não é de todo estranha aos costumes do povo europeu, que a exhibe em pratica mui seguida nas populações maritimas, não pela incisão da pelle, mas pela terceira categoria, se bem que limitada á representação de emblemas de fidelidade e de esperança, de alguns objectos de mera fantasia, e mais geralmente das iniciaes do proprio individuo ou de algum ente que lhe seja caro.

Dr. Ladislão Netto.



Machado de pedra dos indios do Paraná.

OS TYPOS INDIGENAS

Tendo percorrido ligeiramente as salas do museu nacional, sinto-me ainda pouco capaz de escrever um estudo sobre a exposição.

Todavia é bastante a impressão recebida para cordialmente saudar o digno director daquelle estabelecimento, funccionario que honra o paiz pela alta illustração, actividade, zelo e patriotismo de que tem dado provas.

As riquezas amontoadas com tanta sabedoria e discrição no museu nacional indicam sobejamente a competencia e capacidade do Sr. Dr. Ladisláo Netto.

Um reparo que intento fazer de modo algum prejudica os meritos da exposição.

O visitante que percorre o compartimento consagrado á ethnographia nota algumas lacunas na reproducção artistica dos typos indianos.

Quanto está exhibido a esse respeito é pouco, e facil fôra preencher os claros.

Duas ou tres physionomias de filho das selvas, e sem grande variedade de tribus.

A nação guarany da America do Sul foi a que occupou territorio mais vasto. Ella se estendeu desde as Guyanas até Buenos-Ayres, passando pelo Brazil e Paraguay.

Os Tupis no Brazil, como os Guaranys no Paraguay e os Omaguas no Perú, fallam dialectos da mesma lingua.

O idioma fundamental é o guarany, e por isso Martius affirma, que os indios da America Meridional apresentam-se com uma só unidade no que respeita á linguagem.

Já na sua *Historia do Paraguay*, D Carlos Calvo fez o mesmo estudo comparativo entre o tupy e o guarany.

Entretanto, por maior que seja a identidade entre as tribus brazilicas, o typo physico predominante em cada uma dellas tem a sua accentuação propria.

O feroz Aymoré ou o Tymbira *gentil*, na phrase de Gonçalves Dias, são dous exemplares para ser observados separadamente.

Vendo-se o Botocudo e o Cherente, não se póde conhecer as variadas modulações da physionomia indigena.

Desde o Carijó ou o Goytacaz até o Barbado; desde o Caheté ou o Potyguare até o Coroado, ha uma serie de typos a estudar pela comparação.

E, tratando-se do homem americano, os indios cavalleiros por si sós não constituem grupo a parte?

E' por isso que fôra conveniente vêl-os representado pela pintura ou esculptura.

Serviriam de complemento ao estudo, que tão admiravelmente se póde fazer, nas salas que são verdadeiras necropoles das gerações prehistoricas, onde vemos colleccionados com tamanha perspicuidade os restos de outros mundos e outros sêres, naquelles ossuarios anthropologicos, onde, pela ordem da successão dos craneos, conhece-se a ordem das dymnastias humanas.

Daria mais perfeita idéa do homem americano uma variada collecção de figuras representando o indio vivo, mas o indio de todas as tribus, ao lado das urnas cinerarias e igaçabas, que nos mostram os productos da *idade heroica da terra*, desde o craneo de fórma a mais animal até a arma de silex e o osso petrificado.

Cumpre confessar que, sob esse ultimo ponto de vista, a exposição do museu é completa. Todas as épocas humanas podem ser estudadas naquellas vitrinas e armarios, que encerram os destroços do homem prehistorico, nos tempos em que a Patagonia era uma ilha, o Amazonas um canal (segundo Agassiz), e quando não existia o isthmo de Panamá unindo o norte e o sul do nucleo americano.

Em face dessas reliquias da morte talvez que o sectario da unidade da especie possa ver um só typo do homem, e, á semelhança daquelle viajante dinamarquez, de que falla D. Domingos Sarmiento, no estudo que fez do museu prehis-

torico de Moreno, descobrir o mesmo testemunho ethnico no azteca que no scandinavo, assim como achou perfeita identidade nos cantos populares da America e os cantos dos lombardos dinamarquezes.

J. Serra.

POESIA

A tapéra da lua

(LENDA DO AMAZONAS)

A SYLVIO ROMÉRO

As auroras do sol e as nuvens do occidente
Encontram-n'a bem só no horizonte vago,
E pia a yerérê na quêda da vertente
E bebe o cangussú lambendo o morno lago.

A serra enorme é lá. Quaes negros crocodilos,
Que serpeando vão a se lançar nos rios,
Da noite á bruma fria, aos colossaes estylos,
Semelham em tropel os pincos seus sombrios.

A serra, contemplando as equatoreas zonas,
Resguarda ao seio a luz d'eterno talisman;
Ao perlustral-a outr'ora as bravas Amazonas
Chamou-se *taperé*—e hoje a d'Acunan.

E dous irmãos, após combate crú, renhido,
Ficaram sobre o monte—irmão e irmã—á tôa.
— Tu ficas na tapéra, ó meu irmão querido,
Eu desço ao lar amigo ás margens da lagôa!

Já tua rêde armei aos castanheiros grossos,
Ao lado um arco eu puz e as flechas mais bonitas;
De cada rama antiga, aos perennaes destroços,
Virá sempre afagar-te o odor das parasitas.

Adeus, eu parto, adeus! té quando? sim, té quando?
— Té quando a noite fôr-se e despontar o dia!
— Que venha despertar-te o sonoroso bando
Das aves mais gentis, rompendo a manhã fria.

E desce lentamente a india a vasta encosta,
A coma ao dorso nú, a pallidaz no rosto...
E quando o braço alonga á rêde e se recosta,
Lhe fica em frente o sol, o sol já quasi posto.

E vinha a noite além, pelos outeiros,
Enxugando o fulgor da luz do espaço;
Na testa chata, ao longo dos madeiros,
Acolhe o reptil um brilho escasso!...
Rumor perdido de animaes matreiros
No estalar da folha, ao leve passo...
E do insecto á timida algazarra
Das rãs no charco a tetrica fanfarra.

Ella sentiu amor! Foi no momento
Em que sósinha, em meio á natureza,
Ouviu a selva segredar ao vento,
A estrella á cascata, á correnteza!
— A' tapéra eu irei! O meu tormento
Quero afogar-te d'alma na grandeza...
Na tréva te amarei; de dia—irmã!
Avante, coração! Tupan! Tupan!

. . . . . .

Quando á rêde chegou, a branda aragem
Do sassafraz batia pelas frestas;
Escuridão no céo, calida arfagem,
Saltos no matto das cutias lestas...
Estremecia toda; ella, a selvagem,
Quer da mente apagar sombras funestas!
E toca a rêde... a rêde se estremece...
— Quem és?!—Susurra um beijo e a voz fallece.

E toda a noite assim na serra vasta,
— Pomba das selvas, procurava o ninho—
E ás margens puras da lagôa casta
Sempre a noite a topava em seu caminho.
— Mas quem na solidão meu fado arrasta?...
Quem tanto affecto dá-me e tal carinho?
Genio dos serros d'além-mundo, azues,
Como na luz verei a tua luz?!...

Viceja o urucú... A brisa affaga
Da tapéra a extensão, prados, ruinas;
E o orvalho que chove a terra alaga
E o verde genipapo das campinas.
Delles terei a côr que não se apaga,
Com que lhe tingirei as faces finas!
Só assim saberei quem aos negrores
Vai a aurora acordar com seus fulgores.

Pela terceira vez—ella—o pudor e o crime,
Sentiu o que sentira. A terra era sublime,
Bem como o ideal do bello, a fantasia
Da natureza inteira ao primitivo dia.
O que fazer? O que? Reflecte, e olha e scisma:
A alma vê no corpo a tréva em que se abysma.
O lago se arripia. A's aguas branqueadas
Ao através da folha estrellas desmaiadas
Como espelhar-se vão... A india se levanta,
A serrania explora e á rêde se adianta.

Elle a espera então—ella, a irmã d'outr'ora,
Que a noite faz amante—e fal-o irmão a aurora.
— Por que tardaste tanto? Os genios bemfazejos
Ciosos são de ti, de ti, desses teus beijos?...
Eu amo-te, vem cá.—E presa a seus joelhos,
O labio aos labios seus, esplendidos, vermelhos,
Lhe amima e o doce oval que tinge, do semblante,
Com as tintas do urucú...
A india nesse instante,
Turbada, a mão levou ao rosto, e sorprendida
Notou achar-se a face um pouco humedecida.

. . . . . .

Depois que ella desceu, e os longes da manhan
Orlavam d'ouro fusco os cimos d'Acunan,
E a trombeta em flôr e os lirios pelos valles
Entornam sobre a terra as per'las de seu calix...
Ella, trepada a um galho, o qual, secco, projecta
A sombra sobre o azul da lagôa quieta,
Pendendo a fronte vê, do alto pendurada,
Por entre a côr do pejo, a face então manchada.

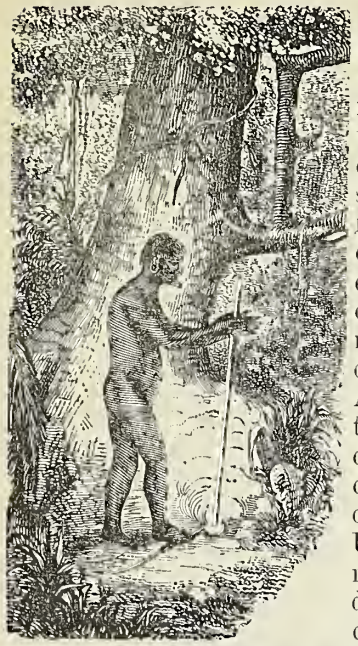
Tomando o arco rijo, o arco affeito á guerra,
Ao céo manda uma flecha: a flecha lá s'enterra.
E outra logo após, e aos lumes sideraes
Flechando vai assim—e n'uma, n'outra—mais.

E rente estando a si a oscillante vara
Por ella galga o céo, e eil-a—a lua clara!

Nas fontes, desde então, e rios, pelos mares,
Das aguas no crystal, nos lagos dos palmares,
A india vem mirar-se, á noite, em seu desgosto,
A ver s'inda conserva as manchas de seu rosto.

Mello Moraes Filho.

AS DEFORMAÇÕES DA FACE E DO CRANEO ENTRE OS POVOS AMERICANOS



sabido que neste vastissimo continente não praticavam os seus autochthones lesões tão sómente nos labios, nas azas e no septo do nariz, nas faces e nas orelhas; nações inteiras ahi se nos deparam, como os Carahybas, os Aymaras, os Catauabas, os Uachauas, os Chinucas, os Cambebas, os Amaguas ou Umauás, que deformavam o craneo de seus recem-nascidos, achatando-lh'o entre taboinhas ou taliscas de tabóca, e dando-lhe a fórma singular de que temos notavel exemplo no craneo platycephalo da collecção boliviana offerecida ha alguns annos ao museu nacional pelo conselheiro Lopes Netto.

E' que o sentimento do bello absoluto, como o do justo, tal qual o concebemos e o definimos, não poderia ser o apanagio natural da intelligencia inculta, senão o attributo moral adquirido, a pouco e pouco ampliado, e finalmente aperfeiçoado pelas numerosas gerações que se lhe adaptaram na rapida evolução psychica da civilisação; sentimento na verdade tão esplendidamente desenvolvido na idade aurea da Grecia, que ainda hoje se lhe não equipára o de que se jactam os paizes mais adiantados da Europa occidental.

A cabeça deprimida, havida por typo de summa belleza e de perfeição esthetica entre tantas nações da America, tal como o foi entre os habitantes prehistoricos da Europa, muitos dos quaes caracterisados pela mesma platycephalia artificial dos Cambebas americanos, é uma prova de quanto, na sua gradual desenvolução de individuação moral, haviam-se afastado desses americanos ou dos europeus prehistoricos, collocados no mesmo horizonte anthropologico, os povos indo-europeus ribeirinhos da parte oriental do Mediterraneo.

Para ter-se cabal idéa da differenciação a que chegaram, distanciando-se progressivamente, os povos da America dos povos mediterraneanos, bastante fôra que se confrontassem as cabeças esculpidas nos baixos-relevos do palacio de Palenque ou os craneos das mumias dos antigos chefes Aymaras de Titicaca, e de algumas necropolis andinas, com as cabeças das mais bellas estatuas da Grecia.

A conformação neanderthaloide, e, em certo gráo, prognatha dos craneos daquelles antigos americanos, offerece realmente o maior contraste com o perfil ultra-orthognatha do typo mais perfeito que sonhára ou idealisára o engenho grego, mas que nunca tivera, para o seu exagêro, modelo efficiente na raça humana.

Deste confronto deduz-se immediatamente que toda a perfeição dos referidos americanos consistia na depressão ou inclinação anterior do craneo, ao passo que a dos helleneos exigia o maior desenvolvimento na região frontal e parietal da caixa craneana.

A qual destes dous typos poder-se-ha em rigor conceder a palma da supremacia?

Anteriormente já expendi o que, a meu ver, devia ser o bello absoluto, o verdadeiro bello. Consideremos, entretanto, por um momento, sob o ponto de vista ethnologico, o sentimento deste grandioso attributo da creação, e, certo, reconheceremos que o bello é inquestionavelmente relativo ao povo em que o apreciam, e de cujo caracter faz essencialmente parte, pois que parece haver em todos os homens uma tal ou qual admiração para os traços caracteristicos que mais particularmente distinguem os seus antepassados, ou antes os seus conterraneos, como já o notou Humboldt, e que por uma lei radical de sympathia e affinidade nacional não sómente admiram e veneram sobremodo esses caracteres, senão que vão ao ponto de exageral-os por toda sorte de artificio, ao qual força é accrescentar o artificio da selecção sexual, porque natural é que tanto mais facilmente se requestem bellezas typicas dessa plastica relativa, quanto maior numero de attributos se houverem reunido em um mesmo individuo.

A platycephalia americana, por exemplo, a que pouco antes me referi, nada mais deve ser do que a imitação em elevado exagêro dos craneos neanderthaloides dos velhos chefes, verdadeiros semideoses, figurados na esculptura e na pintura dos monumentos; e representantes das raças primitivas, assim como a cabeça do Apollo de Belvedere é, como sabemos, o exagêro da face orthognatha daquelles pelagios, de quem diziam os gregos haverem herdado seus mais nobres caracteres physicos e moraes.

Ninguem ignora que as mulheres da Africa Meridional são aos olhos dos homens de seu paiz tanto mais elegantes e graciosas, ou, porque sejamos mais rigorosos no sentido de nossa phrase, tanto mais lascivas e tentadoras, quanto mais

steatopygas se manifestam, e que sendo naturalmente essas as que mais se reproduzem, porque mais depressa se casam, a ampliação adiposa com que se aprouve a natureza de lhes entufar as nadegas não desapparece de uma a outra geração, mas ao contrario mantem-se perfeitamente, e até certo ponto, em virtude das leis da hereditariedade e da transmissão progressiva que dessas leis emana, vai-se em algumas tribus lentamente desenvolvendo.

Os kalmukas, os polynesios, e sobretudo os americanos,que são ordinariamente imberbes,praticam com o mais rigoroso escrupulo a depillação da face, extrahindo os rarissimos pellos que lhes ahi despontam, ou porque seja isso um preceito religioso,transmittido de geração á geração,ou por natural e invencivel repugnancia, ou talvez para conservar em toda a sua pureza e integridade o typo indigena, como mais me inclino a presumir, fundado no que sei dos habitos dos autochthones do norte do Brazil.

Entretanto, ao contrario desse preconceito contra o uso da barba, alguns insulares do Pacifico, os Fidjios particularmente, apreciam sobremaneira a cara abastosamente barbada,e empregam, no intento de possuirem abundante barba, quanto artificio lhes cabe em posse para a satisfação dessa vaidade.

A maior diversidade de apreciação ou de gosto existe igualmente entre as nações barbaras e semi-barbaras de todo o globo, e neste assumpto ainda me sinto inclinado a acreditar no espirito imitativo por vezes exagerado em que assenta essa sorprendente diversidade.

De todas as praticas conhecidas, porém, nenhuma parece adaptar se mais a este meu ponto de vista do que o cabello usado sómente no alto da cabeça, como o trazem algumas nações americanas, especialmente no norte do novo continente, e quasi todas as nações indigenas do extremo oriental da Asia. E' evidente que essa porção de cabello, quer seja uma trança enrolada em espiral, como a vemos nos chinezes, quer seja uma curta madeixa atada pela base, como a usam os americanos das montanhas rochosas e de grande parte da região NO. da America, e ainda muitos africanos da costa occidental, não póde deixar de desenvolver apparentemente a altura da cabeça, exagerando-lhe ao mesmo tempo a fórma pyramidal.

Dr. Ladislão Netto.

A LUTA PELA EXISTENCIA E OS COSTUMES GUERREIROS

I

Um philosopho e celebre publicista(1), proclamando que a guerra é um estado permanente da humanidade, irritou os nervos dos optimistas de todos os tempos, que accusam-n'o de paradoxal, inexoravel, brutal e deshumano.

Entretanto o pensador inglez, que ainda não tinha as preoccupações dos nossos dias, e sómente pretendia legitimar o poder absoluto dos reis, o que faz a escola politica naturalista moderna, indicava um facto, que a sociologia ethnographica esforça-sa em confirmar.

O homem—quer provenha de nobre e divina origem, modelado á imagem e semelhança de Deos; quer seja, pela lei da selecção, o ultimo representante aperfeiçoado da gorilla ou do macaco(2)—possue instinctos brutaes, exerce largamente a sua faculdade de destruir os outros sêres da natureza.

Pondo de parte os numerosos esclarecimentos, que a anthropologia anatomica e physiologica póde ministrar ao assumpto, releva investigar unicamente usos e actos.

Na luta pela existencia contendem todos os sêres vivos desde as plantas até os animaes. O universo renova-se destruindo-se.

Essa lei fatal domina tambem o homem, que não é uma creatura isolada do systema geral: ao contrario, é a concretisação delle.

Destruir, matar, é a condição inevitavel da vida.

Ha na destruição, além da necessidade, uma certa volupia, como observa-se em certos animaes. O gato, por exemplo, espera, com infinita paciencia o camondongo; antes de trincal-o no dente delicia-se por longo tempo em perseguil-o: ora deixa ir e o torna a apanhar; ora o acaricia e esbofetêa: depois de havêl-o bem torturado o mata. Segundo o testemunho de innumeros viajantes, a aguia de cabeça branca, dos Estados-Unidos, não mostra um deleite menos feroz contemplando a agonia do cysne.

Os que têm lido tudo, que escreveram certos observadores(3), reconhecem que ha entre os animaes e o vertebrado humano as mesmas tenden-

---

(1) Hobbes.
(2) Darwin, Buchner.
(3) Houssean, *Études sur les facultés mentales des animaux*; Darwin, *Origine des espèces*; Huber, *Recherches sur les mœurs des fourmis*; Vogt, *Leçons sur les animaux*; Espinas, *Les sociétés animales*; Jaeger, *Manuel de zoologie*; Spencer, *Principes de sociologie*.

cias. A luta pela existencia é, na phrase consagrada de Darwin, o estado normal da natureza.

O homem, neste ponto, procede *á more peccorum*. A tua supremacia intellectual comtudo lhe confere maior esforço e poder na obra da destruição.

As necessidades physicas, a perversão moral, as tendencias ou fatalismo natural, determinam os actos do homem.

Compulsando os annaes da humanidade, as tradições historicas, attentando no testemunho dos viajantes, verifica-se que, desde as tribus selvagens do Brazil, da Africa, da Nova-Caledonia, até as grandes raças aryannas, até os povos civilisados da Europa, predominam os costumes, os cantos e instrumentos de guerra.

Como usam destes instrumentos as diversas tribus nos differentes paizes do mundo? De que modo fazem a luta pela vida? A guerra terá um só typo? Variam os costumes guerreiros do africano boçal, do tupí, do mongolio, do europeu?

No seguinte numero apontaremos os costumes guerreiros de algumas tribus. Veremos como, desde o typo humano inferior até o superior, opera-se a obra da destruição—essa potencia renovadora da vida—e que inducções a comparação desses factos observados póde fornecer a uma lei scientifica.

A psychologia ethnica penetra com avidez todos esses mysterios da natureza do genero humano em busca de elementos vastos e seguros, em que possa fundar regras geraes. O homem tão diverso, tão multiforme, modelado pelo meio em que habita, dominado pelas circumstancias que o avizinham, senão é absolutamente um problema insoluvel aos olhos da anthropologia anatomica, ainda é ante a psychologia social.

E' assim que a sociologia, synthese de todas as sciencias concernentes ao homem, tenta—através das transformações e fusões das raças—achar o ponto de partida do homem no universo, verificar si a unidade é o facto e a lei de sua origem, ou então porque serie de successivas metamorphoses—este descendente de mammiferos *pithecoides*—attingio a fórma, a structura, o desenvolvimento actual.

De todos os problemas anthropologicos a sociologia procura soluções praticas, que esclareçam a direcção e governo da sociedade; não é mera satisfação á curiosidade do espirito.

EUNAPIO DEIRÓ.

Vocabulario dos Botocudos do aldeamento do Mutum

PELO MAJOR FRANÇA LEITE(*)

Jopu	Mãi
Jicann	Pai
Jocann	Mulher casada
Quijac	Irmão
Curuc	Filho
Jipunan	Femea
Uahá	Macho, *h* aspirado
Iirá	Espera
Mum	Vá se embora
Guijeme	Casa
Inhep	Aqui, ter, sentar
Apro mum	Sahir, para fóra
Amnuc	Não
Nhic ati	Eu tambem
Caracati	Nós dous
A cangá iá	Olha o passaro voando
Acang	Ver
Con jop prame	Quero beber
Uajic	Flecha
Inquec	Furtar
Uatu	Agua corrente
Thoru	Céo
Munhac	Lua
Tepó	Sol
Thorú crin	Vento
Toruerelet	Estrellas
Pitac	Lagôa
Carac	Faca
Pó men	Apertar a mão
Jocann potchic	Mulher solteira (só)
Uajic au gring	Atirar a flecha
Herehe	Bom, bonito, *h* aspirado
Huruhu	Muito, *h* apirado
Cren	Cabeça
Cren quê	Cabello da cabeça
Jacjât	Barba
Quetome	Olhos
Qjin	Nariz
Qjun	Dente
Icmá	Boca
Jnnun	Braço
Quijic kri	Cotovello
Jococma	Sovaco
Intã,	Peito
Parãc	Maminha
Cuang	Barriga
Macjopoc	Coxa
Morum	Perna (do joelho para baixo)
Jipuc	Pescoço
Ingré	Pulso
Impung	Costas
Procotamm	Nadega
Potchâ	Calcanhar
Qjin má	Buraco do nariz
Inhohone	Orelha, *h* aspirado
Ican	Testa
Ican quê	Sobrancelhas, testa, cabello
Con inhauhuite	Muita gente
Potchic	Um, unico } E indicam com os dedos abertos.
Grimpó	Dous } E indicam com os dedos abertos.
Crotó huipe	Tres } E indicam com os dedos abertos.
Tãa	Quatro } E indicam com os dedos abertos.
Tamm	Cinco } E indicam com os dedos abertos.
Jonpec	Fogo
Amorone	Longe
Van	Muito longe

(*) O distincto indianologo, por um escrupulo todo scientifico, conferio este glossario com os indios da exposição, em presença dos Drs. Ladisláo Netto, Lacerda, Pizarro e Mello Moraes Filho.

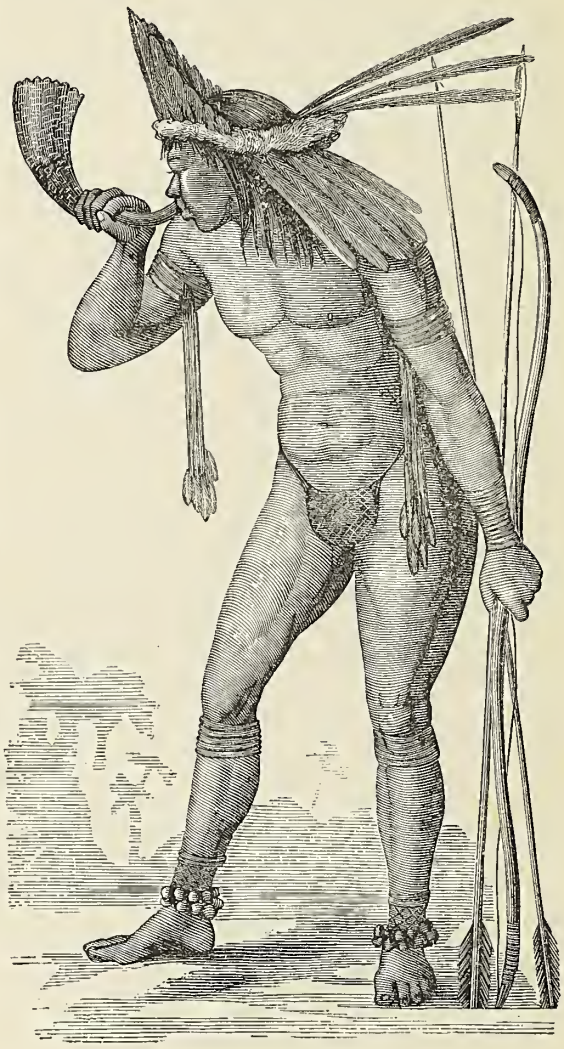
Cuparac	Onça
Cuperic	Macaco, barbado
Borum	Bugre
Curâc	Porco do matto
Jon	Páo
Joncat	Canôa
Jon cuieime	Lenha, páo, matto
Pec	Pegar
Nuc, am nuc	Não
Nac	Terra
Cot cot	Doente
Tonton	Não presta, máo
Uamm	Podre, máo cheiro
Conacu	Soprar
Peneranim	Trazer
Ti	Tu
Nhic, nhicuaun	Eu, meu
Auamm	Teu
Uh, uh	Calor
Cuieime	Morrer
Ummtché	Seccar
Con humm	Dar
Pramm	Querer
Minhang	Agua
Pó	Pé, mão
Nhmtnhin	Pouco, pequeno
Jerenú	Macaco
Girum	Branco
Hime	Preto
Buru cucuc	Vermelho
Con inhome	Verde
Con rá	Maduro

Djuntchac in câme ? Como se chama isto ?
Nhic inta home pramm. Eu quero fumar.
Nhic minhang croc, jop pramm. Eu quero beber aguardente.
Nhic munhang hime jop pramm. Eu quero beber agua preta (café).
Nhic an cut pramm. Eu quero comer.
Nhic áum nackianuc jagy. Eu sei fallar a lingua dos Botocudos.
Nhiáum nakcia nuc jagy nuc. Eu não sei fallar a lingua dos Botocudos.
Nhic curuc cot cot. Meu filho está doente.

TRIBU DOS TEMBÉS

VESTUARIO

Não havendo nada escripto sobre essa tribu, referirei alguns de seus usos, que tive occasião de ver. No seu estado selvagem, vivem os Tembés, inteiramente nús, sómente occultando o orgão sexual, com uma tala de cipó ou fio de algodão. Dão a esse suspensorio o nome de *tacuonguana*. Trazem os cabellos grandes, cahidos pelas costas e aparados na testa. Usam um tecido de fios de algodão no braço esquerdo, e o tingem de urucú, para livral-o da pancada da corda do arco, quando é despedida a flecha, cujo tecido serve de enfeite e só o tiram quando se estraga. Dão-lhe o nome de *poapêcuaaua*. As mulheres trazem o cabello da mesma fórma, e usam uma facha larga de algodão tecido, branca ou tinta de urucú, passada a tiracollo sobre o hombro direito, que, pendendo sobre o corpo, encobre-lhes a parte vergonhosa, e serve para nella trazerem constantemente os filhos. Dão a esta facha o nome de *tupóy*. Usam os homens do arco, *muirapara*, não direito, e sim com as extremidades encurvadas, todo coberto de um tecido de fio de algodão, excepto no centro, para ter mais consistencia. Suas flechas são : a tacuara *(tié)*, para caça grande ou inimigos, que é de ponta de lança, e a para o peixe, *macauaufété*, de ponta de osso. São as unicas armas que usam para guerra e caça. Nos seus dias festivaes então adornam-se com enfeites de pennas, consis-



Indio Tembé

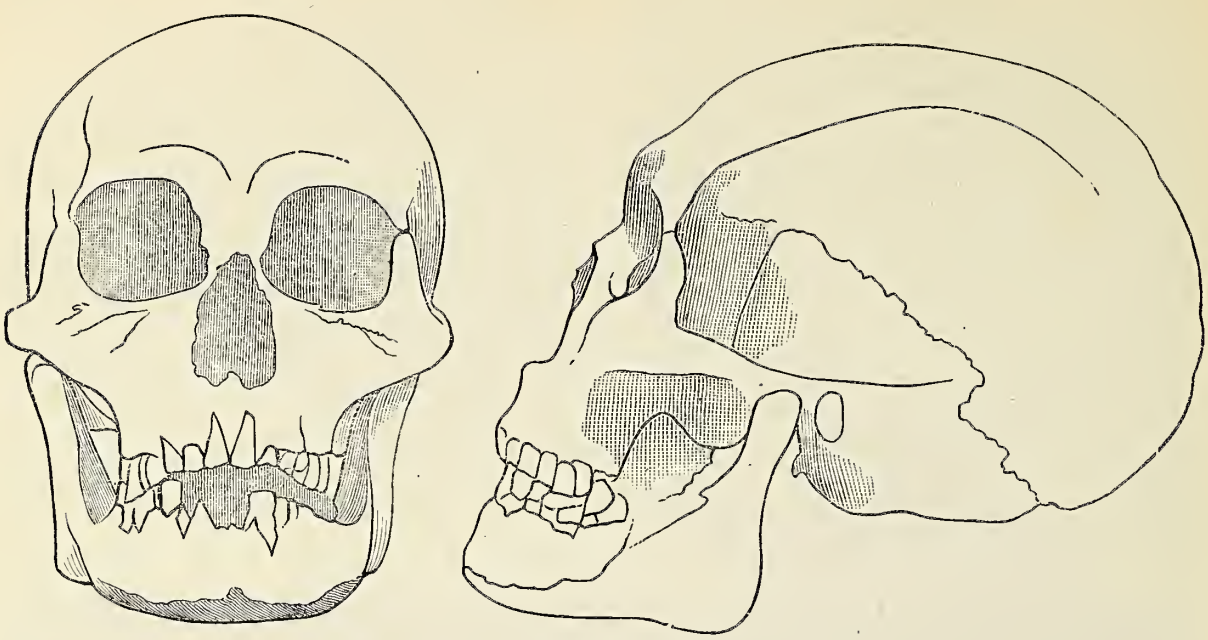
tindo quasi todo na cabeça. Amarram nesta, obliquamente, uma testeira de pennas amarellas da cauda do *japú*, tecidas inferiormente com fio de algodão, a que chamam *akanicate*. No cordão com que atam o akanicate na nuca prendem uma especie de babado de pennas da cauda da arara vermelha, que cahe sobre as costas, a que chamam *aranipéú*. Por cima deste atam horizon-

talmente uma especie de resplendor com tres ou quatro pennas da cauda de arara, presas a um tecido de algodão, com pennas de papagaio, a que chamam *atuárauê*. Todos estes enfeites reunidos têm o nome de *nayahy*. Na parte superior do ante-braço ligam uma especie de pulseira de fio tecido e tinto de vermelho, tendo pendente pela parte interna diversos cordões terminados em borlas de pennas de papo de tucano, a que chamam *tinapêcuay-tap*. Na barriga das pernas amarram ligas estreitas de cordas, chamadas *tetémacuáus*; acima dos tornozellos outras ligas com guizos de piquiá, chamados *auáiú*. Quasi todos usam, trazidas ás costas e penduradas ao pescoço, de cornetas ou businas feitas de massa-randyba em duas partes, e depois unidas e grudadas com o leite da mesma arvore. As pennas que as enfeitam são grudadas com o mesmo leite. Têm a fórma de corno, com o buraco para tocar-se na ponta do lado convexo; são cobertas de pennas de papo de tucano amarello, de arara vermelha e de mutúm, pretas. Acima do buraco prendem o cordão e um enfeite de pennas de gavião real (*uirauetê*), tecidos em fio de algodão. Esta busina, que serve para chamar os companheiros á dansa e á guerra, chama-se *mimê*. E' o unico instrumento que usam. As mulheres, para as festas, grudam nos cabellos com cêra virgem, e sem ordem, pequenas borlas de papo de tucano, chamadas *uêçaê*; cobrem os braços com a pennugem branca do gavião real, que é segura ao breu com que se untam. A esse enfeite dão o nome de *uirá-áua*. Tirar-se uma das borlas do *ueçaê* é uma offensa. Pintam as pernas com urucú e genipapo. O tucháua tem o seu *arauê*, que é o sceptro. E' uma especie de espanador, tendo no cabo uma porção de cordões cobertos de pennugem de gavião real, rematados por borlas de papo de tucano.

J. Barbosa Rodrigues.

UBÁ

Embarcação usada pelas tribus selvagens e ribeirinhas do valle do Amazonas. Em geral são feitas da casca de varios *jutahys* (Hymenœa), cortadas longitudinalmente sobre os troncos, e depois abertas por travéssas de páo, e fechadas nas extremidades por meio de cipós para formar prôa e pôpa. São muito ligeiras, rasas e afrontam não só o marulhar das aguas, como a quéda das cachoeiras. Conforme o tamanho, chegam a admittir cincoenta homens, que andam nellas em pé, mesmo nos grandes saltos.



Craneos Sambaquis, gravura do Museu Nacional.

A morphologia craneana do homem dos sambaquis

Approximando-se mais ou menos do littoral, na costa do Brazil, encontram-se numerosas formações conchyologicas, tendo ás vezes o aspecto de collinas naturaes com dimensões relativamente consideraveis.

Ninguem póde hoje desconhecer a grande importancia ethnologica dessas formações : na anthropologia do Novo Mundo ellas têm um valor scientifico equivalente ao dos *tumuli, menhirs, barrows, cromlechs, kjokkemonddings* e outros interessantes monumentos prehistoricos do velho continente.

Os *sambaquis*, tal é a denominação geralmente applicada a essas formações conchyologicas, têm sido, nestes ultimos annos, industrial e scientificamente explorados ; e a sua constituição geologica, assim como os restos humanos e os instrumentos de pedra polida ou lascada, desenterrados dos seus mais profundos stratos, não deixam duvida de que foram elles productos unicamente do trabalho secular do homem americano.

Cada nova camada, que accresceu ao primitivo nucleo dessas formações, póde dizer-se que custou o trabalho de uma nova geração. E as gerações passaram e succederam-se alli durante uma longa serie de annos,accumulando materiaes á crescente formação,e deixando ficar nelles guardados, como impereciveis testemunhos de sua passagem, esses despojos mortaes, que o tempo custa a consumir e que a sciencia recolhe com cuidado por serem preciosos documentos para estudo.

Ao visitante da exposição anthropologica brazileira convidamos a examinar com attenção os varios e curiosos objectos relativos aos sambaquis, que se acham methodicamente expostos nas vitrinas da sala Lund.

Alli vêm-se, além de uma planta detalhada do sambaqui de Magalhães, em Santa Catharina, conglomerados de conchas e de materia terrosa, fragmentos de carvão, varios specimens de conchas de mariscos e de ostras, ossos de carneiros e peixes, e craneos humanos ao lado de outros ossos de esqueleto.

E' particularmente a fórma e o aspecto desses craneos que se torna digno de attenção.

Os que estão marcados com os ns. 18 e 23 destacam-se no meio dos outros craneos similares da mesma procedencia pela exagerada accentuação da morphologia craneo-facial, e tambem pelo seu aspecto singularmente feroz e bestial.

São craneos excessivamente alongados, de fronte deprimida, occiput desenvolvido e saliente. A face é demasiado alongado, esbatida, com pomos largos, grosseiramente modelados, projectando-se mais para os lados do que para diante.

As orbitas são vastas e profundamente escavadas. Os supercilios formam um relevo bastante pronunciado, e esse caracter reunido ao da conformação orbitaria não devêra pouco contribuir para dar um cunho de ferocidade selvatica á physionomia desses individuos.

O maxillar superior chato, como inteiriço, ganhou em largura o que perdeu do natural encurvamento. A depressão das fossas caninas desappareceu com a falta de arqueação do ossos, e toda a região infra-orbitaria adquiriu desta sorte proporções relativamente consideraveis.

A mandibula é larga, massiça, angulosa, com fortes inserções musculares.

O esqueleto nasal é alongado. A região subiniaca do occipital apresenta-se toda accidentada, marcando em relevos pronunciados as vigorosas inserções dos musculos do pescoço.

Ainda não vi, penso mesmo que serão raros, craneos com uma espessura de osso tão consideravel como esses. Na abobada os parietaes têm de espessura 1 1/2 centimetros, o desenvolvimento da porção compacta do osso estando em relação com o desenvolvimento extraordinario do diploe.

O indice horizontal de um desses craneos-typos dá uma das mais pronunciadas dolicocephalias, que têm sido até hoje observadas em craneos indigenas do Brazil. Elles são, além disso, *megazemos* e *leptorrhinios*, isto é, de orbitas vastas e nariz alongado.

Posto que não tenhamos podido tomar a capacidade exacta dessas cabeças, em virtude do estado de deterioração dos ossos do craneo, basta a simples inspecção da cavidade e das fórmas exteriores do craneo para se julgar do desenvolvimento cerebral do individuo.

Elles tinham um cerebro frontal rudimentario com um cerebro occipital mui desenvolvido, isto é, nelles a mais nobre porção do orgão pensante attingia ás proporções diminutas, que caracterisam os antigos craneos humanos ou as mais inferiores raças actuaes.

O Botocudo, cuja morphologia craneo-facial parece, nos typos mais accentuados dessa raça, uma cópia do craneo humano do sambaqui, occupa todavia um gráo mais elevado na escala do desenvolvimento cerebral. Ora, o Botocudo é actualmente uma das raças indigenas mais brutalisadas do Brazil.

O homem dos sambaquis devêra, portanto, ser um dos mais infimos representantes da nossa especie nos tempos prehistoricos.

A sua industria era nulla. A não ser alguns artefactos de pedra, grosseiramente trabalhados, elles não deixaram outros productos da arte imperfeita e embryonaria do selvagem, que se possa admirar.

Não conheciam a arte ceramica, tão cuidadosamente cultivada pelos antiquissimos habitantes da foz do Amazonas.

Elles deveram ser, porém, nimiamente musculosos, arrojados, ferozes, dados á pesca e á caça, donde tiravam a sua principal subsistencia.

Esse gráo extremo de inferioridade em que encontramos o homem relativamente moderno do Brazil, faz-nos pensar que o desenvolvimento cerebral humano teve na Europa uma evolução mais rapida do que na America.

O homem quaternario do Cro-Magnon, comparado ao homem do sambaqui, sob o ponto de vista do desenvolvimento cerebral, seria um homem civilisado. A sua grande capacidade craneana e os admiraveis productos da arte de Magdalena, uma das estações daquella antiquissima raça européa, não fazem senão confirmar o nosso asserto.

A homologia dos caracteres craneologicos entre o homem dos sambaquis do Paraná e Santa Catharina, e os actuaes Botocudos, crêa forçosamente ligações ethnicas, que não foram ainda sequer suspeitadas, menos ainda demonstradas.

Os Botocudos formam um dos elos de uma extensa cadêa ethnica, que se fracturou em tempos relativamente afastados, desdobrando-se ao longo da costa meridional do Brazil.

Elles estão evidentemente filiados ao homem dos sambaquis, do qual conservam ainda, apezar da influencia modificadora da mestiçagem, os caracteres mais salientes do esqueleto.

Dr. J. B. de Lacerda.

AS CAUSAS DA EXTINCÇÃO DOS INDIOS

Mesmo que não fossem as guerras intestinas, guerras prolongadas e repetidas, fazendo estacinoar ou extinguindo lentamente as raças indigenas do Brazil, em presença de duas raças novas, o portuguez e o negro, o caboclo capitularia fatalmente, por isso que, causas physiologicas e morbidas, o tornam incompativel á adaptação dos meios.

A' semelhança de algumas populações da Africa, o Carayba e o Tappe desappareceram sem causas bem evidenciadas. O aborto provocado pelas mulheres de varias tribus, principalmente as Guaycurús, se concebem antes da idade de trinta annos, motivando a não existencia de gerações e occasionando a morte por molestias puerperaes ; o somno perto da fogueira com as crianças, amiudando desastres ; os sacrificios humanos, a nostalgia da cabana, da tribu e da aldêa, fornecendo contingente á destruição, no actuar constante de annos e poucos seculos, bastariam para a extincção progressiva desses povos de resistencias

organicas susceptiveis, entre os quaes os usos e costumes parecem os arautos do ultimo dia.

Pelo inconsciente da historia, pelo providencial do acaso, o europeu e o africano antepuzeram-se ao indio.

As correrias, a caça dos *bandeiras*, as grandes epidemias importadas pelo europeu desimavam os indomitos aborigenes, ao passo que o jesuita os aldeava a custo, e que o negro associava-se ao branco nas fadigas do labor e na conquista do territorio.

Se de um lado havia a escravidão e a violencia que os afugentavam, augmentando-lhes as preoccupações que concorrem para especiaes estados pathologicos, do outro havia os habitos oppostos á liberdade selvagem, que os incompatibilisavam, como até agora, com a passagem brusca para a civilisação.

Comparaveis a varios animaes que são feridos de esterilidade em captiveiro, os indios são excepcionalmente fecundos fóra das suas florestas. E' o caso que se dá com os inglezes na India e com os hollandezes em Malacca.

Os costumes, as vestimentas, a alimentação, a regularidade monotona da vida dos centros constituidos, estabelecem tal desequilibrio com a existencia do homem no pleno dominio dos instinctos e da natureza, que, de prival-o, o unico resultado previsto é geralmente o que se observa —a extincção gradual das tribus e das raças.

Falla-se por ahi que nas provincias do norte a mestiçagem do caboclo avulta, o que não nos parece exacto, porquanto por mestiçagem comprehendemos o producto resultante da approximação de typos zoologicos, ainda que pouco afastados.

O que succede no Pará, Ceará, Amazonas, Piauhy, etc., é a união entre typos mais ou menos distantes, com referencia a localidades, porém do indio com o indio, o que é differente.

Onde o hybridismo d'este com o negro ou com o branco ? Raramente vemos o coriboca e nada mais.

Depois, crescendo elles tão numerosos em todo o Brazil *como as folhas das arvores*, no dizer de um dos nossos chronistas, quem nos apresenta um terceiro ou quarto avô indigena, não sendo o proprio tapuio ?

De duas, uma : ou não cruzam com as duas raças mãis, ou o cruzamento produz hybridos infecundos.

Não apontemos factos isolados para justificar leis que nos escapam ; como raça secundaria, e variante da especie, o seu destino é devorar-se a si mesma, ou ceder terreno ás que a levem de vencida no combate dos antagonistas.

Do primeiro impulso—a acclimação aos novos meios, ao segundo, que é a acclimatação—o indio se tolera aquella, não sobrevive a esta.

Incapazes de abandonar seus habitos selvagens, a menor mundança os abate, os entristece, e a anemia, a consumpção, os libertam pela morte, de quaesquer condições que não sejam as do seu viver primitivo.

Não precisamos ir longe para adduzirmos provas : os indios que para aqui vieram do Rio Doce, em um mez apenas de ausencia de seus lares, começam a sentir profundas alterações na saude ; estão pallidos e sub - ictericos, depauperados ; denotam perturbações funccionaes de importantes orgãos, e se em pouco tempo não voltarem a seu paiz natal, o prognostico a formular é tão reservado que deve ser fatal.

E' a lei das transformações successivas nas suas actividades mysteriosas ; é o enfeixamento das causas predisponentes e determinantes, tornando assimilações difficeis e alumiando destroços.

MELLO MORAES FILHO.

Botocudo centenario.

DOS MYSTERIOS QUE ENVOLVEM A ORIGEM DO HOMEM AMERICANO

Pretender perscrutar á luz, ainda por ora vacillante da anthropologia e da archeologia, qual a origem tão remota quanto obscura dos povos americanos, o mesmo fôra que se tentassemos alumiar, com a lampada mortiça do mineiro, as anfractuosidades das fendas profundas de vastissima caverna.

Estas são o resultado do lento embate das aguas na penedia, ou, em rarissimos casos, da retracção, ainda mais lenta, da constructura da rocha, sobre cujo vasto arcabouço lavrou por longos seculos a acção comburente dos fócos igneos subterraneos ou do proprio calor solar.

Assim tambem na individuação, e na consubstanciação do povo de um continente,causas innumeras foram intervindo sobre a sua psychica evolução, as quaes ou ergueram-n'o ao mais alto gráo de aperfeiçoamento moral, ou aviltaram-n'o ao nivel somenos do bruto, ou ainda, contrabalaçadas as acções de progredimento e de retrogradação, deixaram-n'o estacionado nesta asthenia moral em que se ficaram algumas nações do Oriente,— asthenia mil vezes peior que a morte.

A sciencia não basta, com os mais potentes recursos ao seu alcance, a elucidar nenhuma destas duas ordens de phenomenos, physicos em uma, e moraes na outra.

As investigações, sobre taes assumptos, limitam-se neste caso ao auxilio da inducção,fundada na observação das analogias e autorisada pelo estudo do que com as mais ponderosas razões preceitua a sciencia.

Cada um dos povos,que successivamente penetraram no solo do antigo Anahuac,sabia de cór a historia de sua peregrinação ; e se dessas narrativas reunidas nada podemos ao certo colher, quanto á origem e á patria dos Toltecas, dos Chichimecas, dos Acolhuas, dos Tlascaltecas e dos Aztecas, sabemos que professavam o mesmo culto, fallavam a mesma lingua, pertenciam á mesma raça e construiam os mesmos templos pyramidaes, a que chamavam *tecoallis*.E', portanto, evidente que haviam habitado, sinão as mesmas paragens, ao menos, paizes vizinhos, e pois que davam á sua patria os nomes de Aztlan, de Teocolhuan, de Copalla, de Huchuetlapallan e de Amaquemecan, facil seria o achar-lhes a origem, se possivel fosse descobrir, através do espesso manto dos seculos decorridos, um paiz ao noroeste da America, ou no oriente da Asia, que houvesse sido assim chamado.

Naquellas regiões, porém, se na ordem physica dormita a natureza sob o sudario quasi eterno dos gelos do norte, na ordem moral vivem os homens, que escassamente povoam paragens semelhantes, sobre a influição da mais crassa ignorancia do que lhes poderiam haver legado os seculos que foram.

Os habitantes de tão inhospitos climas disputam actualmente ao urso branco do pólo o incerto alimento, e aos gelos arcticos o arriscado abrigo. Houve tempo, no entanto, em que a temperatura mais branda permittiu menos rude existencia e até certa cultura intellectual, de que são vestigios as pinturas hieroglyphicas, xylographadas, dos habitantes ribeirinhos da bahia de Norfolk, mais ao sul.

Certo é que nas mesmas latitudes, até as proximidades do 60° gráo septentrional, a temperatura da costa occidental da America é ainda hoje muito mais suave que a da costa contraria, e que os habitantes das ilhas Sitkha e do Principe de Galles, assim como os da costa de Norfolk, apresentam caracteres em que facilmente se reconhecem as pégádas do desenvolvimento intellectual que por alli transitou.

Eu penso, com Humboldt e Marchand, que se aquelles americanos não são os descendentes de familias mexicanas ahi refugiadas, com a invasão dos europeus no Imperio de Montezuma, é mui provavel que sejam os netos de alguns dos povos Toltecas, Acolhuas ou Aztecas, que lá se fixaram em meio do caminho de Aztlan, ou de qualquer outro ponto donde houvessem partido para Anahuac.

Que enormes lacunas as que se nos deparam nestes assumptos !

Primeiro que tudo pergunto eu : estarão no continente americano ou no asiatico estes paizes

de que eram aborigenas as nações que invadiram pelo norte as altiplanuras da America equatorial?

E demais, quanto tempo teria decorrido entre a partida de cada um daquelles povos e a sua chegada á America central? « Un peuple septentrional, mais très policé, diz Humbolt, les Toltèques, paraît dans les montagnes d'Anahuac à l'est du golfe de Californie; il se dit chassé d'un pays situé au nord-ouest du Rio Gila, et appelé Huehuetlapallan; il porte avec lui des peintures qui indiquent, année par année, les événements de sa migration; il prétend avoir quitté cette patrie, dont la position nous est totalement inconnue, l'année 544, à la même époque à laquelle la ruine totale de la dynastie des Tsin avait occasioné de grands mouvements parmi les peuples de l'Asie orientale. »

Ora, este povo, a primeira das cinco ou seis nações conhecidas de quantas seguiram o mesmo itinerario, de noroeste a sueste, appareceu na America equinoxinal sómente em 648, de nossa éra, isto é, cento e quatro annos depois de haver emigrado de Huehuetlapallan.

Nenhum, portanto, dos individuos dalli sahidos vivia já; e mui raros houve, da segunda geração, que lograram pousar os olhos turvos, pela velhice e pelas fadigas, sobre essa nova terra da Promissão, que lhes seria em breve o leito do ultimo somno.

Além disso, algumas circumstancias, e, mais que tudo, a ausencia de qualquer menção, relativa á travessia de um ao outro continente, impellem-me a crer que fosse Huehuetlapallan a primeira estação dos Toltecas sobre o solo americano.

As conturbações civis e religiosas dos povos asiaticos durante aquelle VI seculo, e successivamente nos quatro ou cinco seculos subsequentes, foram de certo as causas unicas das diversas migrações de que eram como reflexos as differentes invasões que tiveram a America central e meridional por talvez casual objectivo.

Dr. Ladislão Netto.

A UNIÃO SEXUAL SOB O PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO

I

Entre os variados phenomenos sociaes, que entram no plano da sociologia—a união dos sexos—tem sido objecto de aprofundados exames, desde o modo simples nas tribus selvagens até as fórmas religiosas e legaes nos povos civilisados.

Toda severidade do methodo *á priori*, todas as conjecturas da inducção, ainda não conseguiram verificar a multiplicidade dos factos e menos descobrir a lei, que os domina.

Os sociologistas, apezar de soberbas pretenções, não conhecem a causa da variabilidade do phenomeno, nem assignalam o termo e a fórma de sua evolução definitiva.

A anthropologia debalde tem investigado os segredos da structura do vertebrado humano; a physiologia indica em vão as qualidades *affectivas*; a psychologia a acção incontestavel da mentalidade; a mesologia não explica pela influencia do mundo exterior a causa determinante dos actos, paixões e idéas. Assim os sociologistas não podem affirmar a razão, por que o casamento, ou união dos sexos, tem variado, e se a sua evolução se resolverá por novas fórmas.

Tentando apurar todos os elementos, o sociologista arma-se com o archote das sciencias, recolhe os testemunhos, que assignalam a passagem das raças humanas por sobre a terra e as praticas, de que usam.

Reunir os factos sociaes, desde os mais pequenos grupos ethnicos, até as grandes agglomerações de homens, constituindo homogeneamente um povo em qualquer gráo de civilisação, não é por certo resolver o problema. Neste ponto estaca a sociologia. Ella ignora muito, conjectura, e investiga ainda.

O estudo do presente assumpto, em cada grupo ethnico, parece indicar soluções contradictorias, umas destruindo as outras de tal modo, que é impossivel estabelecer a lei empirica do facto da união sexual. Releva, porém, reconhecer que cada raça procede por impulsos differentes.

Porque os homens e as mulheres se unem? A natureza deu-lhes os orgãos apropriados á união sexual, mas as causas impulsivas divergem de um continente a outro; de um paiz a outro; de uma raça á outra, e na mesma raça não são identicas e efficazes nos mesmos grupos.

Essa união dos sexos, sob as varias fórmas do casamento, opera-se conforme as necessidades physicas, as tendencias moraes, religiosas, o meio social.

Nos povos civilisados o casamento, consagrado pela religião, regulado pelas leis, é uma instituição social, contra a qual principalmente o espirito moderno se revolta, porque parece uma imposição contra a livre natureza do homem. Dahi vem o recurso ao divorcio, que juristas, philosophos e legisladores, reputam um progresso,

BUREAU OF ETHNOLOGY, 1894 LIBRARY.

e a igreja, que se julga representante da verdade, não póde tolerar.

Estará de accordo com a natureza humana a união dos sexos segundo as fórmas do casamento? Póde a sociologia, examinando os differentes modos, por que os homens, desde os selvagens da America e Africa até as grandes raças da India e China, se unem e casam, dizer a ultima palavra nesta questão?

Faremos n'outro numero um rapido exame.

EUNAPIO DEIRÓ.

POESIA

No céo e na terra

A LENDA DO GUANUMBY (*)

A S. A. o Principe D. Pedro

I

Crâneo de fogo — o sol — n'arcada côr de bronze
Das nuvens do poente, a morredora chamma
Fantastico tremúla: assim d'um templo gothico
D'eterno candieiro a avermelhada flamma.

O céo, o ermo, a terra, e a floresta, os bosques,
— Lanterna em mãos de sec'lo, em luz infinda alaga;
E quasi a se apagar, lampejos fulgurantes
Despede e se retrahe, qual vaga após a vaga.

Qual beduino grupo, as encelladas rochas
Da cordilheira excelsa, em funebre attitude,
Esperam que o sol morra... e os seios de granito
Lhe abrem, se afastando, ao peso do ataúde.

Um pallio erguido ao céo de franjas de azinhavre
Avista-se encostado ao horizonte escuro;
Convivas do trespasso, as vagarosas ilhas
Desdobram sobre a fronte o ethereo azul mais puro.

De Siva é um *pagode* a natureza augusta;
Furnas de tréva e opála as nuvens do arrebol;
E afulvando a espadua ás gigantescas sombras,
Como o Christo a morrer — vai descambando o sol...

II

Nas penumbras transparentes
Triste, triste e sem conforto,
Na rêde a cabocla brava
Embala o filhinho morto.

E cae-lhe o pranto na face
Listrada, bronzea, trigueira;
Do mar de angustias profundo
E' elle a per'la primeira.

Os insectos mordedores
Com a verde rama afugenta;
E as flôres do valle espiam
A noite que desce lenta.

E canta um canto selvagem,
Canto bem tosco, infeliz,
Na crença de suas crenças,
Na lingua de seu paiz.

— O *guanumby*, que vôa e que revôa
Nas flôres do anajá,
Não veio aqui pousar, — e por tres vezes
O sol já veio, já!

O *guanumby* .. que chupa a alma do infante
Que o corpo sem calor
Deixou — e foi dormir entre os perfumes
Na mais vizinha flôr.

O' brizas, que passais nessas montanhas,
Na montanha parai;
Emquanto eu vélo, ó echos dessas terras,
Passai longe, passai!

Ao filho do guerreiro um genio alado
Colheu no seu caminho:
Assim do gavião na garra acorda
Da selva o passarinho.

Raios do sol, luares côr das aguas
Que ás aguas scintillais,
A leve tumba de douradas plumas
Que teceram seus pais,

Vinde encantar! — suspensa aos arvoredos,
Onde a ave seduz,
Tornando as pennas do macio berço
Em grinalda de luz.

O *guanumby*, que vôa e que revôa
Nas flôres do anajá,
Virá chupar-lhe a alma antes da noite
E leval-a a Tupá.

III

Longo caixão de chumbo as alvacentas brumas,
Das serras no cabeço, enchendo o espaço informe,
Depôem, ao psalmo funebre do oceano esplendido,
Que escorre, se espojando, a espumea crina enorme.

. . . . . .

Oh magica belleza!... Oh meus maternos climas!...
Nautas — os montes nós — alçando o esquife aos ares,
Como o finado a bordo, aos fogaréos do occaso
Dão por sepulchro ao sol o penetral dos mares!...

MELLO MORAES FILHO.

(*) Palavra da lingua geral que significa beijaflôr.

TRIBU DOS MUNDURUCUS

TRAGES

E' a tribu mais numerosa, mais guerreira e a que melhor trabalha em ornatos de pennas. Vive no Alto Tapajoz, na provincia do Pará, e estende-se até ao rio Mauhé-assú, na provincia do Amazonas.

Torna-se ainda notavel pela *tatuagem* barbara que usa, apezar de ser a que mais se enfeita nos seus dias festivos. Ambos os sexos têm esse uso. As mulheres, porém, não se assignalam tanto. Pela gravura junta, de um esboço feito na maloca do Buburé, se vê a pintura dos homens maiores de quarenta annos, pelo que só descreverei a das mulheres.

Indio Mundurucu.

Do angulo superior das orelhas traçam um risco que termina no angulo extremo dos olhos, e do interno outro que passa sobre o nariz, o que dá a apparencia de oculos. Do angulo inferior, de uma á outra orelha, passando por sob os beiços e o queixo, pintam uma larga listra, donde partem por cima da maxilla inferior linhas em angulos. Em fórma de collar traçam tres linhas parallelas que passam sobre as claviculas e do abdomen até as virilhas traçam outras perpendicularmente.

Andam em geral nús, sómente os homens encobrem a glande do membro, que suspendem por uma cinta, com um tecido de palha, a que chamam, á primeira *erárêpé*, e ao segundo *iráipêman*.

Usam tres furos em cada orelha, pelos quaes passam enfeites em dias festivos, e os cabellos raspados em roda da cabeça, como as corôas dos monges benedictinos, deixando crescer sómente os do alto. A parte raspada pintam com a tinta que denominam *será*.

Para as festas das frutas e dos animaes pintam-se todos com *será*, ornam a cabeça com o *aquiri*, que é um enfeite de pennas, e tecidos de palha presos como pennacho, aos cabellos do alto da cabeça, cahindo pelos lados os enfeites de palha; cingem a tiracollo o *ichu*, que é um pequeno cesto enfeitado de pennas, onde trazem pequenos animaes vivos.

Para as festas guerreiras ostentam então os seus custosos e luxuosos trages de pennas.

Para não alongar este artigo não descreverei as differentes peças do trage, porque na gravura junta alli fielmente estão representadas; apenas direi que variam nas côres segundo a divisão a a que pertencem, e lhes darei os nomes pela sua giria.

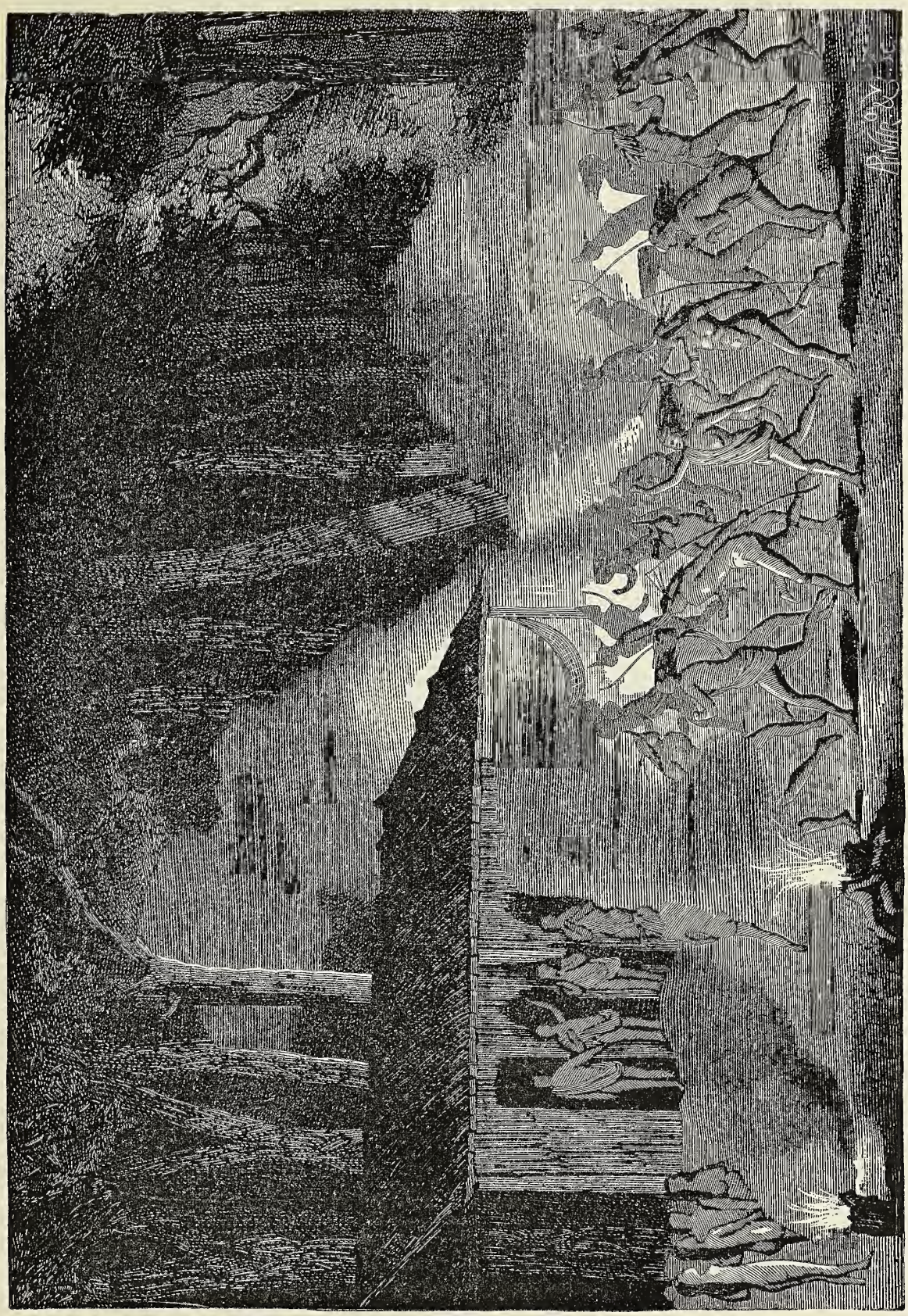
A grande tribu convencionalmente está organisada em tres divisões ou familias, distinctas apenas pelas côres dos trages e pelo respeito que guardam entre si. A familia *Ipapacate* (vermelha), *Aririchá* (branca) e *Iasumpaguate* (preta). Na primeira, nos seus enfeites predomina a côr vermelha; na segunda, a amarella, e na terceira, a azul, côres das pennas de varias especies de araras, que para esse fim criam.

Cobrem a cabeça com o *aquiriaá*, coifa de pennas, com um babado que pende sobre as costas. Pelos furos superiores das orelhas passam uma flecha com roseta e borlas. Na cintura atam o *tempe-á*, quadruplo avental de pennas da cauda de arara. A tiracollo cingem o *cururape*, facha de varios fios de pennas. Ornam os antebraços com *báman*, especies de dragonas; apertam os pulsos com o *ipé-á*, pulseiras, as pernas com o *caniubimam*, jarreteiras, e os tornozellos com o *caniubicric*, especie de liga.

Nessas festas empunham o *irarê*, arco, ou o *putá*, especie de sceptro, ou o *pariuá-á*, que trazem no *pariuá-reñape* ou pendurado ás costas.

O *pariuá-á* é a cabeça inimiga mumificada, que guardam como trophéo, e o *pariuá-reñape* é a lança que a conduz.

J. Barbosa Rodrigues.



A FESTA DA TUCANAXIRA.

A NOSTALGIA ENTRE OS INDIOS

A nostalgia é uma nevrose dos orgãos que presidem á imaginação e ao sentimento; é o extremo adeus ás terras encantadas da patria, o derradeiro olhar aos seus firmamentos sem nevoas.

Esta molestia, que começa pela melancolia, póde degenerar em phlegmasias intestinaes chronicas, tisica pulmonar, alienação mental, e terminar pela morte.

A nostalgia concentra suas forças n'uma só ordem de idéas, e não quer unicamente dizer *mal do paiz, desespero da separação, saudade da patria*: assim, ha a nostalgia do mar e do espaço (a dos marinheiros), de um lar que habitamos, de um bem que julgamos perdido, de uma patria que não é a nossa.

Uma harmonia, o perfume de uma flor, um canto que ouvimos outr'ora, podem, n'um momento dado, despertar-nos o sentimento delicado desta paixão, e nos voltamos ao passado, onde evocamos illusões extinctas e nos encontramos com os fantasmas da mocidade.

Nota-se que esta affecção percorre os seus periodos classicos e é epidemica entre os povos selvagens e fetichistas, subitamente arrancados dos seus paizes agrestes para novos centros, ás vezes, de tribu para tribu, com excepções raras.

Entre as nações do valle do Amazonas é ella peculiar aos Miranhas, que lhe não sobrevivem, o que contrasta com um certo gráo de energia dos Mundurucús á invasão do mal.

Como os arbustos das montanhas, que não afundam raizes na terra, porém que a mudança de solo os faria morrer, o homem, quanto mais inculto e bravo é o seu torrão natal, mais a elle prende o coração e a vida.

As manifestações, entretanto, variam. Entre os africanos no Brazil representava-se pelo suicidio, pela loucura e por uma dermatose vulgarmente denominada de quisila. Elles, os pobres escravos, espancavam os seus soffrimentos com os vapores do *pango*, que os entontecia nas danças convulsionarias, no delirio furioso.

Com os indios, differe: ou depois de algum tempo de expatriação fogem para suas florestas (Agassiz), ou a molestia reveste as fórmas depressiva e expansiva, com exaltações estaticas, bizarras.

O tapuio, que é o indio civilisado, recebeu inteira e igual a herança paterna, que a transmitte aos seus descendentes, sendo nós testemunha de um caso typo e devéras interessante.

Eramos medico da guarnição da fortaleza de Santa Cruz. A tarde era pomposa e transparente de melancolia; o sol, como um globo acceso sob um reverbero de nuvens, afogueava o mar, que gemia esfalfado, quebrando-se de encontro ás muralhas da fortificação. O toque dos clarins annunciou o exercicio dos cornetas... de prompto nos dirigimos ao lugar de onde partiam os sons.

Um indio, de cêrca de vinte annos, ao signal do mestre, adiantou-se da fileira como um automato; olhando absorto o céo e erguendo como um cataleptico o braço, embocou o seu instrumento... A's primeiras notas aquella face tisnada orvalhou-se de pranto e o sopro expirava-lhe nos labios.

— Era a imagem de sua terra e de tudo que lhe foi caro, que passava nas horas do crepusculo amargurando-lhe o exilio; era o desfilar do prestito lustral de sua liberdade a que elle assistia através de suas lagrimas!

A nostalgia dos selvagens bruscamente arredados da vastidão e do aldeamento é acompanhada de phenomenos menos alarmantes na apparencia, porém physiologicamente mais graves: perda de appetite, perturbações de secreções, desordens visceraes, allucinações, hepatites, tristeza misturada de melancolia sombria, edemas, calma seguida de aspecto taciturno; recusam o que se lhes offerece, incommodam-se sem causa, obstinam-se no silencio... Se alguem lhes falla na linguagem das suas selvas, respiram largamente, sentem-se felizes.

Barbosa Rodrigues relata o facto de uma Mundurucú que tem em sua companhia, tirada das mattas, na qual observa o extasi nostalgico, e a quem uma palavra pronunciada em seu dialecto a transporta ás mais serenas regiões.

Na pluralidade das tribus do alto norte a nostalgia revela-se pela musica: é no *memby-chué*, gaita de choro, especie de quêna peruana, que os nossos indios entornam todas as tristezas de sua alma, torturados pela saudade.

A' noite, quando as estrellas pranteam e a lua verte clarão piedoso sobre a natureza que dorme, aqui e alli, debruçados nos rios, descendo o *memby* nas aguas, que o tornam mais plangente, vêem-se os selvagens carpirem nesses sons dolorosos todos os pezares que encontram na terra: tocam, tocam sempre, até a fadiga, até o amanhecer!

Como o coração é o primeiro que soffre e o ultimo que morre, a febre ou accelera-lhe os movimentos continuos e intermittentes, ou o asphyxia pouco a pouco debaixo de seus dedos hecticos.

O chronista Gabriel Soares, traçando o quadro da nostalgia entre os Tupinambás, descreve como artista as saudades da tribu, que não destoa do modo especial de sentir dos demais indigenas.

Temos como provado que elles jámais resistem

a esta insania, o que melhor comprehenderam os nossos antigos missionarios, que os utilisavam nos aldeamentos, isto é, nas vizinhanças de suas tabas e florestas.

A este estado mental, cuja phosphorescencia se colora das paizagens grandiosas das solidões brazileiras, debalde procuraremos oppôr agente mais activo ; — primogenitos da natureza, tamanhas são as influencias physicas e moraes que os assaltam, submettidos á civilisação, que o corollario desta superexcitabilidade provocada é a nostalgia — o mais bello apanagio de uma fraqueza tão intima e tão generosa.

MELLO MORAES FILHO.

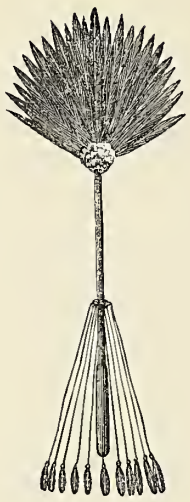
VOCABULARIO DOS MUNDURUCUS

AMAZONAS

Ècúd	Abaixar-se
Ipaiá	Aberto
Idumange	Vai
Cabiú	A' boca da noite
Cabiru	Vento
Uañendchen	Aborrecer
Ubirab	Barba
Irubê-quápát	Bis-avô
Etinei	Vingar-se
Bahú-ha	Bahú
Uê	Barriga
Inerimiti	Telhado
Iaá	Cabeça
Iaráp	Cabello
Iêquetehú	Tabaco
Ti	Caldo
Êá	Casa
Acherairaiin	Dansa
Dequenam	Dar
Çoat	Todos
Ĕchê	De preposição)
Eran	Dentada
Nè-gê	Elle
Crecgad	Tirar
Nêgêáñen	Elles
Intequipim	Sentir
Ipigê	Embaixo
Ugepim	Saudade
Urá-u	Perna
Degdegmum	Ouvir
Cabi-cari	Em cima
Itarem	Faca
Uaxi	Sol
Dachá	Faisca
Iña-um	Falla
Chitarum	Farinha
Pachururú	Gafanhoto
Cauptá	Sal
Utramumpeá	Umbigo
Uaichacaraam	Gallinha
Uaichacasa-anucachap	Gallo
Iê	E'
Ibét	E' assim
Tañen	Rato
Nasum	Hoje
Iáumpi-gê	Hombro
Egê	Ir
Amenec	Rasgar
Iaipaiñat	Idade
Curuçacaraibêréá	Igreja
Quê	Roça
Tia-uerú	Ilha
Maigê	Já (agora)
Apat	Jacaré
Coiocoiap	Remeiro
Chim	Janella
Panchiri	Junto
Cubê-ipê-beat	Leme
Umage cahi	Querer
Mempê	Logo
Ibuchê	Lá
Curé	Periquito
Uen	Longe
Ubê	Mão
Tamberum	Polvora
Tañan	Mulher
Aiátat	Mexer
Emmêmoneque	Moer
Ui	Pé
Uinrabê	Nariz
Urá-chenimbi	Neto
Uêtá	Olhos
Uaimbê	Orelhas
Tôpeça	Ovo
Uñá	Joelho
Icon	Lingua
Tapê	Irmão da mulher
Racha-ê	Isca de fogo
Uauédichiq	Jogar
Igrengrentá	Guela
Cápecê	Hontem
Trêmat	Humido ou ensopado
Sebêsem	Fiar
Iñechipad	Guardar
Iraú	Espinho
Igurá	Ferver
Egú-iribê	Esperar
Menque-uspim	De qualquer modo
Uaitacará-gerê-bêgea	De madrugada
Cubê	Canôa
Canaipê-tip	Cannavial
Icaú	Bebado
Aticun	Beber
Canin-iri	Aguardente
Iribi	Agua
Eche-chen	Levantar-se
Uparará	Medo
Ichi	Mãi
Uaicat	Noite
Urahi	Nora
Penanqui-i ?	Porque ?
Urussacanga-á	Paneiro
Icahetumtum	Rapariga
Iumboem	Rapaz
Otecherarad	Vomitar
Biumbê	Alma
Urip	Alegre
Chip-te	Bonito
Chipate	Bom
Cabauri	Cinza
Puibê	Cobra
Pan-ne	Um
Sep sep	Dous
Tabaran	Tres
Digbaribiri	Quatro
Brancogê	Cinco

N. B. De cinco para cima contam pelos dedos.

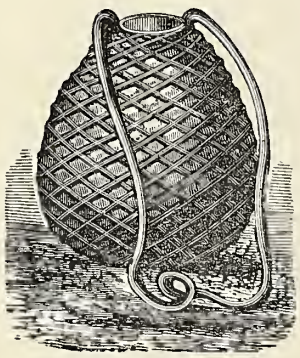
TRIBU DOS TEMBÉS



Araué, sceptro dos Tembés.

FESTA DA TUCANAYRA

Quando cheguei á maloca do Candiru-assú, no Rio Capim, composta de indios e gentios descidos das brenhas dos rios Urahy, Pimental, affluentes do Gurupy, e das do Putyritá e Cauichy, affluentes do mesmo Capim, preparavam-se elles para uma de suas festas, que começava naquella noite, dando-me a saber isto a curiosidade que me levou a perguntar o que continham uns grandes cabaços, cobertos de uma rêde de malhas de fio de algodão, suspensos á cumieira da casa do tuchána.



Era o deposito da *tucanayra*, sua bebida predilecta, preparada para a festa.

Esta bebida enebriante é feita de mel de páo misturado com *saburá* dos favos, dissolvido n'agua e posto a fermentar por dias ao calor do sol, e depois coado e guardado.

Pelas sete horas da noite começou a festa. Sons estridentes das businas fizeram-se ouvir, reunindo a população da maloca, que andava por oitenta individuos, sendo pela maior parte crianças e mulheres velhas, e, formadas em linha, começaram a cantar.

Era um canto lugubre.

Sahio o tucháua e foi para o terreiro limpo da maloca, onde estavam reunidos todos, velhos e moços, homens e mulheres. Apezar da grande claridade da lua, em alguns lugares ardiam sobre páos grandes bolas de breu.

Chegando o tucháua, reuniram-se em torno delle. Este começou a cantar, calando-se as mulheres velhas que ficaram sós na casa. De braços unidos ao corpo, com as mãos levantadas, entoou uma cantiga rude, que todos responderam em côro, formando-se a dansa.

Fizeram dous circulos concentricos em roda do tucháua e de mais dous velhos que a elle se uniram, todos com seus arcos, tendo cada um uma mulher a seu lado, e começaram a fazer uma especie de passo latteral, ora a direita, ora á esquerda, batendo com força os pés no chão, repetindo em côro as syllabas *gê-gé-gê*.

O som rouquenho de suas vozes e o ruido que faziam com os pés tornavam medonha esta dansa, que se interrompia para continuar a cantiga das mulheres em casa. Quasi todos tinham grandes cigarros de tauary, alguns com um metro de comprido, que não só sorviam a fumaça, como sopravam, fazendo o effeito de um archote. Estes cigarros passavam por todas as bocas, até pelas das crianças de dous annos. Dão-lhes o nome de *pitimoú*.

Sem interrupção continuou a dansa até meia-noite, correndo em cuias o *tucanayra* no intervallo em que as mulheres cantavam. Fizeram-me bebêl-a; com repugnancia o fiz, mas achei-a de um doce acidulado bem agradavel.

Semi-embriagados já estavam quando deixaram a dansa, quebrando o silencio da noite o alarido de suas vozes. Vista de parte, á luz da lua e do fogo de breu, parecia uma dansa infernal. Dão o nome a esta dansa de *penêc*.

O que admirou-me foi o enthusiasmo dos velhos e a seriedade das mulheres que cantavam a *maranduba* dos seus maiores.

O canto do tucháua rememora os feitos de seus antepassados, que o côro approva, e o canto lamentoso das mulheres prantêa o seu passamento.

J. Barbosa Rodrigues.

Os indios Tabayaras de Pernambuco se suppunham os primitivos habitadores do Brazil

O segredo da creação do nosso planeta, e o apparecimento do homem sobre a terra, são tão mysteriosos, que, por mais que a intelligencia esclarecida tenha querido levantar a ponta do véo que os encobre, não tem podido conseguir penetral-os até agora. São segredos de Deos.

O par elementar, que gerou a humanidade, em differentes latitudes do globo, não deixou outros vestigios senão a propagação continua da especie, e por isso creio, que tudo o que se tem dito sobre a origem do homem, são hypotheses floridas para entreter a imaginação dos curiosos.

A este respeito publiquei no *Cruzeiro* desta capital do Rio de Janeiro, em 13 de Abril de 1879, algumas reflexões sobre *Adão* e *Eva*, personagens biblicas que o mundo antigo ignorou, e só foram conhecidas na Palestina, porque nem no Egypto, e nem em Babylonia, se encontrou vestigio, nem tradição desses primeiros pais da humanidade; porque Orpheu, Lino, e Tamires não fallam nelles; e se tivessem dito uma só palavra, teria sido reproduzida por Hesiodo, e principalmente por Homero, que de tudo fallaram, á excepção de Adão e Eva.

Clemente de Alexandria, que refere tantos testemunhos de antiguidades, não cita um só, que tivesse feito menção de Adão e Eva.

Euzebio, na sua *Historia Universal*, nada diz a respeito dos pais da humanidade: elles foram inteiramente ignorados das gerações antigas. Os brachmanes, no seu livro *Ezaurvridam*, fallam de *Adimo* e de *Procrita*, sua mulher; mas dizem que nenhuma semelhança ha com Adão e Eva, porque, sendo elles um povo, estabelecido no Indo e Ganges, alli viviam ha muitos seculos, antes que a horda hebraica se fosse estabelecer no Jordão.

Os egypcios, persas e arabes, iam buscar no Indostão a sabedoria e a experiencia, e não tiveram conhecimento de Adão e Eva; e, sendo muito anterior a Moysés, o phenicio *Sanchoniaton*, nos seus tratados de *Theologia phenicia e egypcia*, que Euzebio nas suas *Preparações Evangelicas* conservou, nem falla de Adão e Eva, nem da existencia do povo judaico.

Todos os povos se hão attribuido a origens imaginarias, e nenhum se tem referido á da Biblia judaica. As antigas crenças referem que os Atlantes, antiquissimos povos do Oriente da Africa, se passaram para a America, e fundaram o Imperio mexicano, e mais tarde o peruano. Os indios do Brazil, sendo os mais ignorantes, não conheciam as suas tradições, e apenas diziam que escaparam ao diluvio universal; no entanto os *Tabayaras* de Pernambuco, se suppunham os primitivos habitadores do Brazil e senhores de toda a região da America do Sul; e para os justificar refere Mr. Ferdinand Dénis, que o conde de Nassau, enviando um hollandez ao interior da capitania de Pernambuco, encontrou duas pedras perfeitamente redondas e sobrepostas: a maior tinha dezeseis pés de diametro, e havia sido collocada sobre a menor. O mesmo explorador hollandez, encontrou tambem grande numero de pedras montuadas, evidentemente pelas mãos dos homens, e as comparou com as dos monumentos

toscos, que vira em Drenthe e na Belgica. Sente-se que a relação apresentada pelo explorador flamengo,não fosse minuciosa e circumstanciada. O que dá credito a sua narração é que Koster, viajando pela Parahyba do Norte, viu um padre occupado em desenhar uma pedra, em que haviam sido delineadas figuras desconhecidas.

Muitas inscripções deste genero se encontram em Minas Geraes, e principalmente no Piauhy.

Não obstante as crenças dos *Tabayaras*, a tradição entre elles, era confusa sobre a raça primitiva dos habitadores do Brazil (*).

Dr. Mello Moraes.

(*) Vide o segundo tomo da minha *Chorographia Historica*, a historia minuciosa dos indios do Brazil.

A LUTA PELA EXISTENCIA E OS COSTUMES GUERREIROS

II

Estudando o homem e o comparando com o animal irracional, se reconhece que o primeiro não é inferior ao segundo em ferocidade.

A experiencia dos seculos affirma que—do individuo á especie, a illação é a mesma.

No estado primitivo o vertebrado humano, sob a pressão de necessidades physicas, impellido pelo instincto da conservação da vida, destruia os seus semelhantes com a brutalidade dos irracionaes.

Obedecia fatalmente á lei inexoravel da luta pela existencia.

O homem, lançado no universo sem meios sufficientes, temendo perecer por carencia de alimentos, tornou-se até canibal.

A luta começou por causa da fome; depois vieram as paixões, que, perturbando a razão, deixaram a animalidade em pleno desenvolvimento.

Um economista illustre, no meio dos esplendores da civilisação, parece reportar-se áquelles tempos.

Malthus era um philosopho e philanthropo, e, por amor dos homens, aconselhava que não procreassem filhos; que aquelle, que, no banquete da vida, não tivesse um lugar, devia desapparecer delle...

Esse grito de desespero tem sido um escandalo; comtudo o economista inglez tivera a intuição da natureza humana.

A sciencia social estava bem longe de agitar os problemas, e de formular as questões hodiernas.

A fome satisfeita, a *besta* repousa; o homem, porém, imagina, e faz da guerra um attractivo, um habito, uma gloria.

Entre as paixões o amor sensual, e insoffrido tornou-se uma das causas fecundas de renhidos combates.

As tribus dos Tupinambás, dos Tupis, dos Guaycurús, e outras, no Brazil, feriram batalhas cruentas por tal motivo.

Na historia dos tempos primitivos da Europa o mesmo facto occasionou diuturnas guerras.

Tito Livio, narrando a fundação de Roma, e o roubo das Sabinas, os commemora em grandiloquo tom de epopéa.

A sociologia, baseando-se nos resultados scientificos da anthropologia, tenta tirar desses factos geraes uma lei dominante.

Da permanencia da luta o que poderá ella concluir?

Que o homem, tendo as mesmas tendencias do irracional, tem a mesma natureza, os mesmos destinos?

Que no homem a *besta* ficou pelo sangue e pelo instincto?

Não dissimularei que, no meu conceito, algumas vezes a sociologia não passa de uma dessas chimeras, em que se embala a imaginação dos poetas.

Não ficarei sabendo muito ácerca da natureza, e dos destinos humanos, quando eu tiver verificado que os indios, no Brazil, costumavam a ser traiçoeiros na guerra, alimentavam os prisioneiros, os sacrificavam e devoravam.

Duvido que adiantarei mais alguma cousa se comparar os costumes guerreiros do indigena brazilico, e os de qualquer outro typo inferior, ou superior, do homem americano, europeu, ou asiatico.

E' certo, porém, que nos periodos primitivos a luta é permanente, como nos tempos civilisados.

A guerra parece inseparavel do genero humano.

Essa luta, que começou com o mundo, ha de acabar com elle.

Que importa que philosophos, e poetas, reunidos no Congresso da Paz, em Bruxellas, exclamassem que virá tempo, em que um canhão de artilheria será contemplado com pasmo n'um museu?

Apezar deste vaticinio, inventaram-se os canhões Krupp, e as metralhadoras; as guerras entre as nações civilisadas succederam-se rapidamente na Europa, Asia, America, e Africa.

Quer nos povos selvagens, quer nos cultos, desde que as guerras appareceram, tambem prevaleceram os costumes guerreiros.

Se nos fôr dado dispôr de largo espaço nesta *Revista*, poderemos examinar os costumes não só das tribus primitivas, mas tambem das nações adiantadas, que povoam a Europa.

Será facil constatar nos typos inferiores, e nos superiores, as mesmas qualidades.

Aqui, por exemplo, na Melanesia, a luta franca, e leal; alli avultam, na Africa, e nas tribus da India, a ferocidade, e a deslealdade nos combates.

Umas tribus são inimigas natas de outras, quaes os chronistas as descrevem no Brazil.

Dessa perpetua comparação pretende a sociologia fazer surgir a verdade ácerca da natureza e os destinos humanos.

Não haverá alcance pratico, e real, resultante da observação dos innumeros factos concernentes aos costumes guerreiros.

A guerra não deixará de ser um estado da humanidade: a civilisação não n'a supprimirá. O homem é, ou não é fatalmente condemnado á luta?

Qual deverá ser o regimen das sociedades humanas, conforme a solução affirmativa, ou negativa?

Por muita esperança, que inspire a sciencia moderna, a mim me parece que, neste ponto, a sabedoria antiga indubitavelmente nada tem que invejar-nos.

EUNAPIO DEIRÓ.

A LINGUA TUPI

Têm razão aquelles que, como José de Alencar e Gonçalves Dias, preconisam o elemento indiano na litteratura nacional.

Embora não seja elle o que a caracterise, não ha duvida que ha muita poesia no estudo dos usos, costumes e idiomas selvagens.

Não se presta o assumpto a epopéas; de sobra provam as tentativas de poema epico sobre guerras e tradições indianas.

Presta-se, porém, a muita narrativa pittoresca, a muita descripção curiosa e original.

Garcilasso, o poeta inca, por isso que tinha o sangue dos filhos da floresta, soube vibrar todas as cordas do sentimento, fallando da vida e desgraças de sua raça.

Quando nos faltasse o sangue indiano, que aliás é tambem nosso pelo mestiçamento, para cantar com emoção a perseguição e infortunio do selvagem, temos a parte historica e descriptiva da natureza indiana, para com os seus fulgores illuminar grandes télas de poesia brasileira.

Os que estudam o indio e as linguas que elles fallam sabem bellamente que é uma falsidade a asseveração de que, nem pelos habitos, nem pelo idioma, o aborigene seja capaz de entrar no quadro da litteratura patria.

São muitos os escriptores que, em differentes épocas, têm procurado divulgar os segredos da lingua tupica, base fundamental para conhecimento da parte pinturesca do viver indiano.

O guarany, segundo D. Carlos Calvo, é fallado por quatrocentas tribus indigenas. Documentos preciosos para o estudo desse idioma são os tres livros do padre Montoya, intitulados *Tesoro Arte* e *Vocabulario*, publicados em um só volume pelo finado visconde de Porto Seguro, em Vienna, no anno de 1876.

Essa interessante reimpressão, precedida de um prologo substancial pelo autor da *Historia Geral*, foi assignalado serviço ás letras patrias, pois taes obras valem mais na opinião dos entendidos do que as grammaticas de Figueira e Bordini.

Montoya diz, da sua *Arte* ou *Grammatica* da lingua guarany, que ella é *mas bien tupi*, por isso que *guarany*, querendo dizer *guerreiro*, é impropriedade chamar lingua de guerreiro áquella que é tambem fallada por mulheres e crianças.

Como a denominação *tupi* corresponde á raça que invadio a America Meridional aquem dos Andes, o missionario chama a lingua guarany de lingua tupi.

O visconde de Porto Seguro diz que *tupi* vem de *t'ypi*, significando—os da geração primitiva.

São, pois, os livros do padre Montoya (e que figuram na exposição anthropologica do Museu Nacional) os melhores guias, quanto a escriptores antigos.

Orbigny, no seu *Homem Americano*, e Maury, no seu livro a *Terra e o Homem*, poucas paginas consagram ao idioma tupi, que, no dizer de Lery, é igual ao grego, e que, como o chinez, tem a particularidade de possuir palavras que simultaneamente exprimem idéas differentes.

Maury, apezar de notar os muitos sons nazaes e gutturaes do guarany, pretende que esse idioma é doce e de um systema phonetico que ecordar os dialectos tartaros.

Não menos lisongeira é a opinião de D. Carlos Calvo, que acha o guarany cheio de apropriadas onomatopéas, formadas pela imitação dos sonidos naturaes, e muito abundante em interjeições de affecto e admiração.

Exemplifica elle, dizendo que o nome de Deos é um mixto de sorpresa e mysterio.

Tupá, que significa Deos, compõe-se da admiração *tù* e da particula *pá*, o que mais ou menos significa: *oh! quem és tu?*

Da mesma fórma a palavra diabo *(anang)* se compõe de *ana* (eu corro) e de *ang* (alma), pelo que deduziam os jesuitas que os guaranys queriam

chamar o diabo *aquelle que corre* ou *persegue as almas.*

Uma outra riqueza do guarany é que não sómente cada sexo tem suas interjeições proprias, como tambem que ha fórmas especiaes para o dizer das mulheres.

Ellas manifestam a compaixão pelas palavras *maé* ou *eumaé ;* os homens não poderiam dizer taes palavras. A phrase *amyri*, que significa *pobre finado !* póde ser empregado pelo esposo ou esposa, mas sómente esta accrescentará a expressão *acai*, que é um recordo doloroso e feminino.

Southey conta que os guaranys, acreditando que os filhos recebem a vida só do pai,e apenas da mãi a nutrição, fazem com que o pai chame ao filho *tagirá*, e a mãi o chame *membirá*. *Tagni* quer dizer—sangue —*membirá* significa—produzir.—O que vem a dar estas phrases : sahio do meu sangue ; ou então : aquelle que eu produzi.

Relendo essas paginas de historiadores e de indianologos ainda haverá quem diga que o indianismo é a negação da poesia, e que Gonçalves Dias e José de Alencar poetisaram typos e costumes, que a poesia e o romance repellem ?

J. Serra.

TRIBU DOS ARUAQUIS E PARIQUIS

VESTUARIO

Os Aruaquis formavam outr'ora uma tribu numerosa, que se estendia desde o rio Uatumá até o rio Negro, porém subdividio-se e formou a tribu hoje dos Pariquis e Uasahys, mais conhecidos por Yanaperys, nome que tiram do rio pelo qual descem ao rio Negro.

Subdividida a tribu, tornou-se esta perseguidora das outras. Hoje muito disimada, vive quasi civilisada, restando poucos em estado selvagem nas cabeceiras do rio Uatumá.

Em geral andam nús, com o *cueyu*, que é uma facha de cinco palmos de comprida com um de largura, tecida de algodão, tinta de urucú, com franjas de pennas do corpo da arara vermelha. Nas festas ornam a cabeça com o *saquiuchy* de pennas da cauda da arara, levantadas, sahindo de uma testeira de pennas de gavião. Usam brincos, a que chamam *quenauhy*, feitos de pennas de tucano ; de pulseiras justas de pennas brancas, *rocó*, e de ligas, *nequéry*, tecidas de algodão, tintas de urucú.

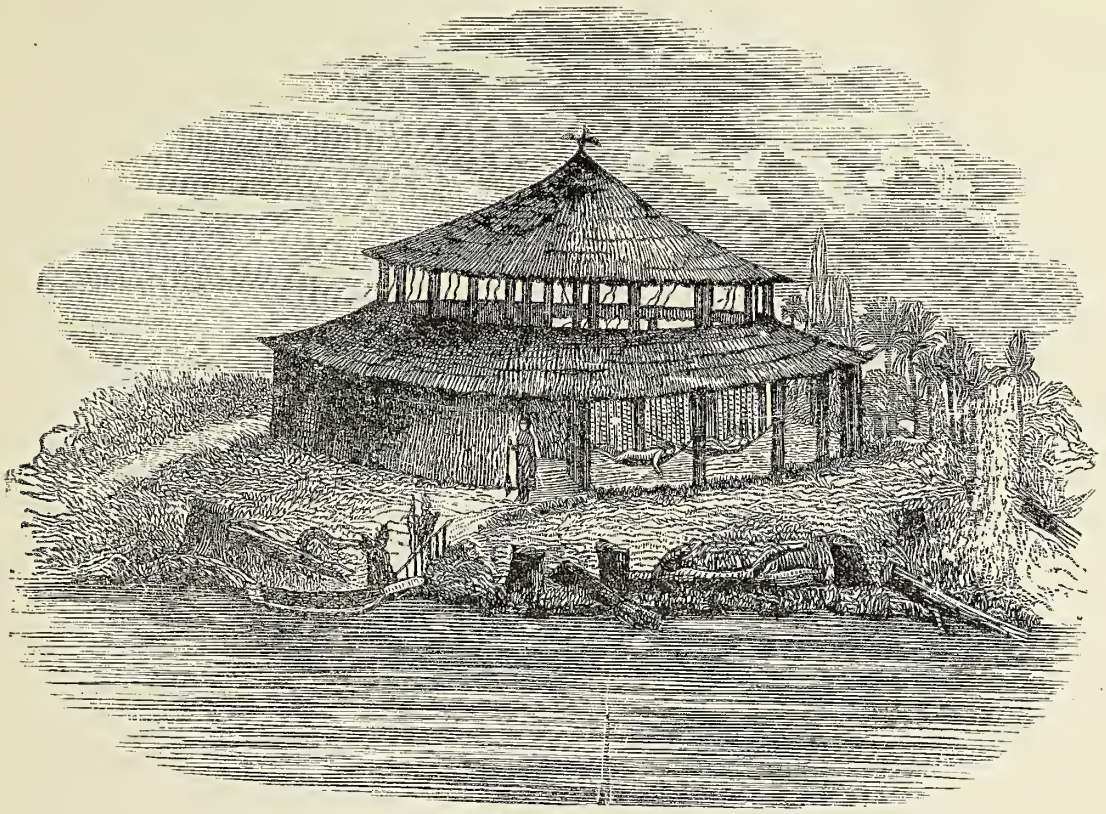
Por armas usam *cuidarus*, feitos de *muirapiranga*, chatos e esquinados, de *murucus* da mesma madeira, terminados em lanças e ornados na extremidade opposta com duas pennas da cauda de arara, para dirigir a pontaria ; de arcos, *beuê*, e flechas. Usam tambem o *mariápéda*, que são facas feitas de dentes de animaes.

Como ornato furam a separação das narinas, e pelo furo passam duas pennas de tucano. São muito trigueiros, feios, reforçados e de estatura regular.

Indio Pariqui.

As mulheres, feias em geral, com o rosto feito como por um só molde, andam tambem nuas, com uma tanga pequena e quadrada, feita de algodão e sementes de *uapuhy*, com uma testeira de pennas de papagaio e japú, e de collares, pulseiras e ligas feitas da mesma semente.

Os Aruaquis são polygamos, e para o casamento não ha ceremonia propria. Obtido o consentimento dos pais, o noivo prepara roça para



Maloca dos Indios Curutús no Amazonas, segundo o desenho das *Viagens* de A. Rodrigues Ferreira.

sustento da mulher, e os pais os arranjos domesticos, como panellas, tipitys, igaçanas, etc.

Os Pariquis, tribu que habita hoje o affluente do Uatumá, chamado Jatapú, pouco nos trages se afastam dos Aruaquis.

Usam nas pernas o *uochy*, ligas de algodão tintas de urucú, que nunca se tiram, a ponto de formar uma depressão profunda,no lugar em que é apertada, com o desenvolvimento dos membros; o *cuêyu*, semelhante ao dos Aruaquis; o *erocó*, diadema semelhante tambem ao destes, porém feito com pennas de arara, papagaio rôxo, com a testeira de pennas pretas de mutum.

As mulheres usam de tangas iguaes ás das Aruaquis, porém feitas com sementes de *periquiteira*, de brincos de pennas de tucano e das de cabeças de tangurá.

Por armas têm tambem os Pariquis, além do *urucumá*, arcos de meia canna, e das *ereui*, flechas enfeitadas de pennas de tucano; o *cuidaru* e *murucu*, de fórmas mais ou menos semelhantes aos representados na estampa junta.

Em outro artigo tratarei de suas festas.

J. Barbosa Rodrigues.

A ORIGEM DOS SAMBAQUIS

Sobre a origem dos sambaquis divergem as opiniões dos poucos entendidos que os hão perfunctoriamente observado. Parece, entretanto, que, em tudo semelhantes aos kojkknmoddings da Dinamarca, foram estes depositos de conchas marinhas tambem formados e accumulados gradualmente pela mão do homem, pois que, de permeio com os mariscos e espinhas de peixe que os constituem, acham-se ahi, como nos kojkknmoddings da Europa e da America do Norte, fragmentos de louça primitiva, artefactos de pedra, identicos aos das tribus do interior; finalmente, esqueletos humanos que parecem ter sido inhumados em épocas diversas, e portanto nas differentes alturas que successivamente tiveram os sambaquis.

De minhas recentes observações em uma vasta zona da provincia do Rio Grande do Sul, sobre os vestigios alli deixados pelos aborigenes, cujos sambaquis se me afiguram em harmonia com a idade da costa da provincia, de origem muito mais moderna, parecem-me ter sido estes depositos accumulados durante o inverno de cada anno pelas tribus do interior, as quaes, fugindo ao

açoute regelado do *minuano*, nas planuras do sertão, acolhiam-se ao clima hospitaleiro do littoral, onde por espaço de cerca de quatro mezes entregavam-se exclusivamente á pesca, do que lhe resultava abundante provisão para o regresso. E mais ainda me firmei nesta conjectura, quando, escavando algum sambaquis do Rio Grande, observei que mais abundavam nelles justamente as espinhas de peixes que mais apparecem no inverno. Chamando a esclarecida attenção dos competentes para estas breves considerações, recommendo-lhes como prova inconcussa da origem mais provavel dos sambaquis os vestigios de ignição, achados de ordinario nas camadas inferiores dessas collinas artificiaes,sobre as quaes é de crêr accendessem os indigenas suas fogueiras nocturnas, como ainda hoje praticam nas costas da provincia do Paraná e do Espirito Santo, nos pontos desertos que escolhem para as grandes pescas do inverno, em tudo semelhantes a essas de seus antepassados. Não menor importancia deve ter a seus olhos, como prova dessa mesma origem dos sambaqius, a posição dos esqueletos daquelles d'entre estes nomades fallecidos durante a estação da pesca e alli mesmo sepultados em differentes profundidades. De envolta com esses esqueletos devem-se achar fragmentos de louça e vasos inteiros, cuja fórma e grosseiros ornatos estão perfeitamente caracterisados nos que desenterrei dos sambaquis do Rio Grande do Sul e de varios pontos da provincia do Rio de Janeiro.

Dr. Ladislão Netto.

POESIA

A Endemoninhada (*)

(Bahia)

Les manifestations cérébrales dans leurs variations infinies caractérisent aussi bien les races que le volume et la qualité du cerveau différencient l'homme des animaux.

Les chants, les poèmes nationaux, comme les mythologies, contribuent aussi à retracer leurs affinités et leurs origines.

Topinard.—*L'Anthropologie.*

I

— A filha da vizinha,
A mana de Totonio,
Ha mais de nove mezes
Tem *parte* com o demonio.

A noite e os dias passa
Que causa compaixão:
Saltando — é como um bode,
Latindo — é como um cão!

Passeia, faz perguntas,
Simula, dá respostas,
Depois cahe de joelhos
Contricta, de mãos postas...

Irrita-se, pragueja,
Suspende olhar vidrado,
Que deixa lá no tecto
Ficar como pregado.

Tem bolo na garganta
E tosse, sequidão,
Os braços abre ás vezes
E resta em estação

Immovel, sem sentidos,
Com gestos desvairados;
Sorri-se... que sorriso!
Que olhos espantados!

Se alguem lhe falla em santos,
A peste fica muda:
Um galho de alecrim,
Um raminho de arruda,

Na furia mais horrenda,
Transforma a pobrezinha,
Que rompe n'um delirio
Ouvindo a ladainha.

O que será? O que?
Quebranto?! Não, não é;
Está o qu'ella foi
Buscar no candomblé.

A mãi ficou cansada,
Dizendo o que é verdade,
De toda a sexta-feira
Mandal-a á Piedade

Benzer, surrar com varas;
E os padres nem por isso
Do corpo lhe tiraram
O demo ou o feitiço.

O povo tem razão
Da casa ter cercada:
Se quer levar á igreja
A endemoninhada?!

II

— Espie desta porta,
Espie lá pr'a dentro:
A cama está no fundo,
A mesa quasi ao centro
Da sala, sem cadeira,
Sem caco de mobilia.

(*) Esta poesia representa uma scena de apprehensões fanaticas e de demonopathia endemica.

Com o mesmo pensamento desenhou Rubens o seu quadro da *Dansa de S. Guido*— pagina caracteristica de pathologia da idade média — cuja gravura foi apresentada com alguns commentarios por Charcot nas suas celebres conferencias da Salpetrière. A ethnographia moderna subsidia a anthropologia.

A vela do oratorio,
Crepita, estala, brilha,
Fumando esbrazeada,
Lambendo luctulenta
O ramo de alecrim
Do copo d'agua benta.

A moça, socegada,
Não vê? Dormita agora;
O padre está do lado,
A mãi resmunga e chora.
Não ha doutor de fama,
De fóra ou da Bahia,
Que não tratasse della.
Tomou homœopathia,
Mezinhas, lambedores,
E purgas, infusões,
Rezaram máos olhados.
Benzeu-se nos Perdões,
Porém não ha tirar-lhe
(*Assunte* o que asseguro),
O demo que metteu-se,
Lá n'ella, eu te exconjuro!

Enxerga? Se espreguiça...
Ergueu-se... cahe de chofre;
As ventas regaçando
Fareja odor de enxofre.
Tactêa, apalpa, agarra,
Em sonhos, mil serpentes,
Corujas que esvoaçam
Em caldeirões ferventes.
Acorda, despertou-se
No desvairar sem fim...
Já viram como falla
Em grego e em latim?!

Jesus! Quanta fiducia!
Que tentação sahida!
Que cara ella apresenta
De pitomba lambida!
A mãi boceja perto
Da filha que suspira;
O padre está de pé,
Contendo-a, nem respira.
Botou-lhe no pescoço
O relicario d'ouro...
Ouvio, sinhó Cazuza?
— O que, yáyá?
— O estouro?...

III

Encurva como abutre
Os pollegares hecticos;
Estira-se, contorce-se
Nos roncos apopleticos!
Levanta a perna e subito
A lingua morde esqualida:
Uma defunta é quasi,
Fria, tranquilla e pallida!

Horrendo accesso lubrico
Se lança a ella indomito!
Agita os gluteos flacidos,
Banha-lhe o labio um vomito!
Enverga-se invencivel,
Bate pancadas tres...
E' como um arco o rachis,
Toca-lhe á nuca os pés.

Gargalha a demoniaca,
Vê esqueletos, aves
Nocturnas, negras, funebres,
Sombras sinistras, graves!
Os monstros mais satanicos
Acercam-n'a carnifices;
Blasphema, grita, ri-se
Dos infernaes pontifices!

Soletra, lê nos páramos
Phrases, legendas, disticos;
Aponta cifras frivolas
Com termos cabalisticos.
Porém a furia hysterica
Vai a deixando tragica;
Ella prantêa, queixa-se,
Quanta fadiga magica!

IV

— Foi bom que visse o caso,
Foi bom que o caso visse.
Assim, não póde um dia
Dizer: — « Fulana disse,
« Fulana foi quem vio,
« Fulana me contou. »
Eu cá não sei de nada;
Só sei do meu rosario,
Que rezo por meu homem
Que era um boticario
E pardo... mas, senhor!
Acções, como elle, sim:
Chegou a ser irmão
Do Carmo e do Bomfim!
Ao nosso imperador
Vio elle pequenino;
Fez toda a independencia,
A guerra do Sabino...
Permitta que esta historia
Por hoje não lhe conte.
Agora, com licença,
Espie lá defronte...

MELLO MORAES FILHO.

TRIBU DOS MUNDURUCUS

CABEÇA MUMIFICADA

Damos aqui o desenho de um *parina-á*, copiado de uma photographia do Sr. Insley Pacheco, reduzida á metade do natural.

E' o mais raro dos trophéos desta tribu e que mui difficilmente se póde obter.

Representa a cabeça de um mancebo de vinte annos, pouco mais ou menos, reduzida ao tamanho da de um macaco vulgar. Os cabellos, que figuram como longos, não têm mais no natural do que o comprimento até aos hombros, e os curtos são os que cahem sobre a testa, mostrando a altura desta quando o individuo vivo. Pela com-

paração dos cabellos com o que devia ter a cabeça vê-se quanto foi ella reduzida.

O processo que empregam para a mumificação e reducção felizmente posso dizêl-o, porque vi uma cabeça em meio da operação, e me foi explicado por um membro da mesma tribu.

Os peruanos mumificam tambem cabeças, que ficam semelhantes a esta, mas se pelo mesmo processo, ignoro. Eis como se prepara um destes horriveis trophéos, que dá ao que o preparou as honras de guerreiro notavel.

Logo depois de um ataque, finda a batalha, cada um dos combatentes, que tiveram occasião de subjugar o inimigo e degolal-o, começa o trabalho da conservação do seu trophéo nesse mesmo local, e o acaba mais tarde na sua maloca. Principia por arrancar os dentes, que servem para o *pariua-te rau*, com o qual o tucháua o recompensará cinco annos depois; passa a extrahir os olhos e depois todo o interior da cabeça.

Como um habil taxidermista, vai virando o couro cabelludo e descarnando-o do craneo até chegar a descobril-o todo, ficando só preso pela face. Ahi, com toda habilidade, destaca os musculos com a pelle e regeita os ossos.

Virada assim de dentro para fóra a cabeça, sem distendêl-a, com faca de taquára corta a a musculatura quasi toda. Limpa, enxuga bem, e dá, quer interna, quer externamente, uma untura com oleo de andiroba *(Carapa Guyanensis)*, e, com estopa e paina, raizes e folhas aromaticas socadas, passa a empalhar, procurando dar as fórmas naturaes que não desfigurem o individuo.

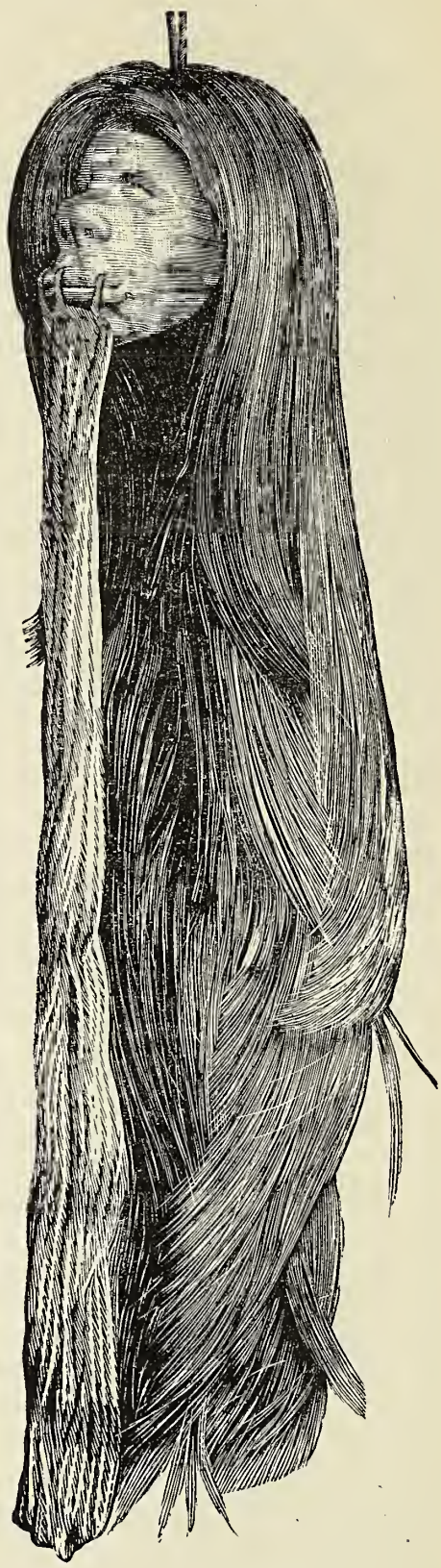
Empalhada, pendura-a sobre um muquem, e ao calor brando e fumaça vai seccando-a. Absorvido o oleo, e quando parece querer seccar, diminue o enchimento, unta-a novamente com oleo, e assim, seccando gradualmente, torna menor o volume até chegar a um ponto que não seja mais possivel a pelle encolher-se.

Então fura-lhe os labios, prendendo ambos com fios de algodão, donde pende um enfeite, tambem de fios pintados com urucú.

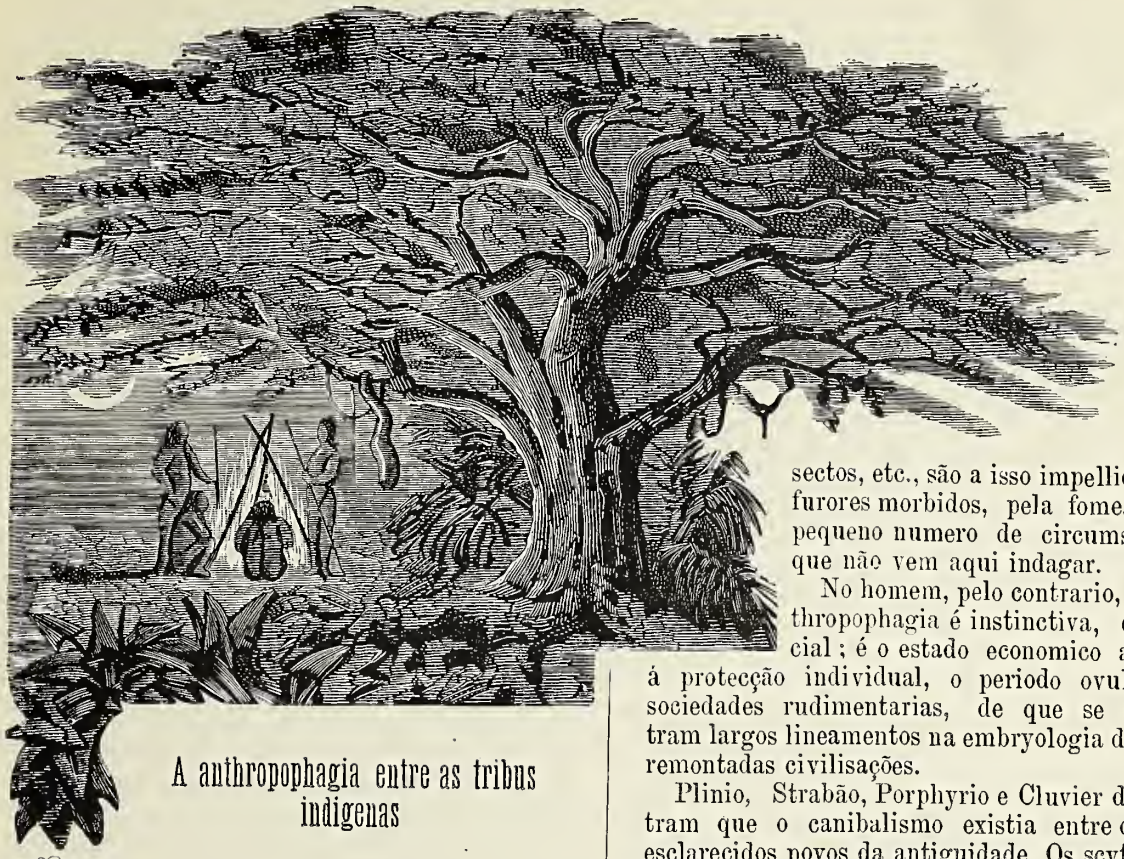
Passa-lhe pelo alto da cabeça um longo cordão para trazêl-a pendurada ás costas, e é guardada ao fumeiro, o que dá a côr negra que tem a pelle, e impede, assim como o oleo, que os insectos a corroam.

A representada aqui mede de uma á outra orelha, passando a linha sobre o nariz, $0^m,50$; do occipital aos labios $0^m,095$, e de comprimento $0^m,06$.

J. Barbosa Rodrigues.



Cabeça mumificada.



A anthropophagia entre as tribus indigenas

Na camara ardente dos povos modernos, cujos perfis illumina a tocha da civilisação, o despojo da morte é a partilha da terra ou do anatomista, que o restitue depois ao sepulchro.

Nos nevoeiros da barbaria, porém, o cadaver é alimento do homem, a substancia predilecta de seus banquetes ferozes.

A anatomia e a physiologia, que estudam desde o esqueleto e os ligamentos até os orgãos mais complicados e suas funcções, determinam pelo complexo da organisação as tendencias do appetite.

Devido á disposição das vias digestivas e do systema dentario, o homem é um sêr para o qual não ha limite no genero de alimentação.

O estomago, a cavidade buccal, guarnecida de maxillares implantados de incisivos, molares e caninos, explicam a indifferença que lhe é propria para com o objecto da nutrição, collocando-o no ponto culminante do grupo que o rodeia nas afinidades zoologicas.

Excepção feita do lobo, de alguns peixes e da aranha, os outros animaes não se alimentam de seus semelhantes, e quando alguns mais o fazem, assim como o rato, o gato, os insectos, etc., são a isso impellidos por furores morbidos, pela fome, e um pequeno numero de circumstancias que não vem aqui indagar.

No homem, pelo contrario, a anthropophagia é instinctiva, é especial; é o estado economico anterior á protecção individual, o periodo ovular das sociedades rudimentarias, de que se encontram largos lineamentos na embryologia das mais remontadas civilisações.

Plinio, Strabão, Porphyrio e Cuvier demonstram que o canibalismo existia entre os mais esclarecidos povos da antiguidade. Os scythas, os judeus e os romanos entregaram-se por vezes á anthropophagia.

Os Saxonios foram anthropophagos quando terminou a guerra de Trinta annos; em França, em 1030, sahia-se á caça de homens, mulheres e crianças para serem devorados; os parisienses, em 1590, deram exemplos de canibalismo infrene.

Se compulsarmos os *Capitulares* de Carlos Magno, encontraremos punições impostas aos comedores de gente.

Não mencionando casos de fome, de naufragio, e penas judiciarias, a anthropophagia por habito, por delicadeza de paladar, foi o degráo calcado por todas as nações modernas ás eminencias fraternaes a que têm attingido.

Elevada á instituição politica e religiosa entre diversos povos, vulgar ainda hoje na Polynesia, (Nova-Zelandia), em Sumatra, onde, segundo o ritual, são comidos os mortos; entre tribus da Africa central, particularmente os Jagas e Ashantis, que mantêm açougues, onde vendem a retalho carne humana, os selvagens do Brazil não podem esquivar-se a este habito tão natural á especie, a essa phase de evolução social.

Os Jumas, Parintintins, Maiurunas, Miranhas, e Pariquis, são gentios do valle do Amazonas,

dos mais celebres como anthropophagos; mas entre elles só a vingança e o amor supremo arrastam ao canibalismo.

Não causando horror ao homem a carne do homem, á semelhança de seu arco flexivel, tocam, antes de mordêl-a, os extremos; porém o assassinato não é justificado pela gula, pela necessidade á satisfação do gosto.

Quando a flecha da guerra, disparada de uma tribu, acorda os guerreiros da taba inimiga, e o grito de alarma os encontra empenhados na luta, os mortos e os prisioneiros pertencem ao vencedor. Daquelles o craneo é transformado em trompa de peleja;os ossos longos, em *membys* barbaros; as cabeças mumificadas, em trophéos; os dentes, em fachas e collares. Os prisioneiros são conduzidos á aldêa, onde lhes proporcionam uma companheira (Fernão Cardim), os engordam, até que chegue o dia da grande festa em que são immolados.

Nessa occasião a espuma do odio do selvagem poreja das carnes fumegantes da victima esquartejada sobre a fogueira. Elles a dilaceram e consomem com a sua tribu, no meio dos alaridos e da embriaguez, dos cantos alegres e das dansas ruidosas.

Os nossos indios jamais devoram os da mesma tribu, senão com o fim de dar-lhes dentro de si um tumulo condigno de seus affectos. Se algum dos seus parentes ou amigos mais caros padece, pela velhice ou molestia, soffrimentos dolorosos e torturantes, elles o matam, moqueam e comem respeitosamente.

São factos estes que militam em seu favor, porque se não votam repugnancia ao canibalismo, repugnancia inspirada a outros povos pelo temor do contagio das doenças do morto, não tomam de assalto populações incautas, não acommettem individuos com o intento de transformal-os em refeição costumada e excellente.

Como o sol em seu giro, a civilisação percorre uma estrada de luz que termina onde começam as trévas. Pois bem!—piratas da morte, acocorados junto ás fogueiras, os anthropophagos, em varios paizes, cercam o cadaver; levantando a boca do *fero pasto*, mostram ás chammas rubras os labios ensanguentados e os dentes embutidos de fragmentos de carne humana...

E quando terminará o festim? Que poder executivo revogará definitivamente leis de atavismo e de impulsões naturaes?

A anthropologia que investigue, e a sociologia que responda.

MELLO MORAES FILHO.

A ORIGEM DA ARTE

OU

EVOLUÇÃO DA ORNAMENTAÇÃO

(Resumo de um capitulo das *Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas* por Carlos Frederico Hartt, que serão brevemente publicadas no *Archivo do Museu Nacional.*)

I

A arte do povo antigo de Marajó, conservada na ornamentação de sua louça, apresenta gregas, espiraes e outros ornatos, perfeitamente identicos com algumas das fórmas classicas da arte européa. Estes mesmos ornatos acham-se espalhados por todo o mundo, mesmo entre povos de cultura muito baixa, e constituem parte da arte primitiva. Hoje é reconhecido que o homem, tendo em toda parte a mesma organisação physica e estando em contacto com a mesma natureza, emprega independentemente os mesmos methodos para satisfazer as suas necessidades e que, armas, invenções, modos de pensar, regras de construcção das linguas, até mythos e idéas religiosas, facilmente se desenvolvem, independentes, entre povos longinquos.

Como, porém, os mesmos ornatos estheticos nascer independentemente entre povos separados uns dos outros, como, por exemplo, entre os chins e os indios do Brazil? E' que como a musica depende dos effeitos physicos produzidos sobre o apparelho auditivo, o ornato esthetico deve depender da structura do olho.

Nota-se que a fórma mais primitiva dos ornatos estheticos é composta de linhas rectas ou de circulos e espiraes, as curvas mais subtis, sendo introduzidas depois. Nota-se tambem que na arte primitiva os ornatos estheticos não são derivados da natureza e não têm significação, emquanto os ornatos imitativos não conservam a belleza das fórmas naturaes; mas estão convencionalisados, correspondendo a delicadeza das suas fórmas ao estado de cultura em que se acha a arte puramente esthetica da tribu.

Como o ornato é feito para o orgão da visão, para entendêl-o devemos estudar a structura deste orgão e sua applicação. Estando a visão clara, limitada a uma parte limitada do objecto que se acha adiante dos olhos, para observar este objecto temos de dirigir os olhos successivamente ás suas differentes partes, ou percorrer as suas linhas com os olhos, de modo que cada parte cahe por sua vez sobre o ponto de visão clara, a mancha amarella de Sommerling. Isto se faz pela

acção de varios musculos, dos quaes um por horizontal e outro vertical são os mais importantes (figs. 1 e 2).

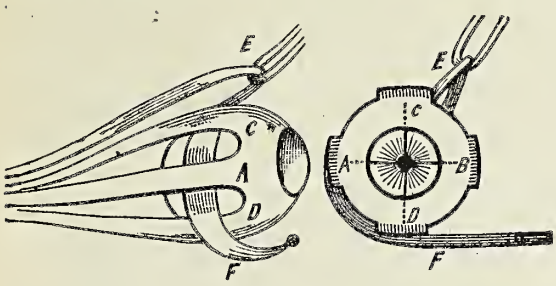


Fig. 1.

Fig. 2.

Com o uso regular de um ou outro destes pares motores,o olho segue com prazer uma linha recta horizontal ou vertical, ao passo que uma linha obliqua ou torta obriga-os a trabalho anormal, e cansa mais a vista, ou, por outras palavras, é menos facil a seguil-a e menos agradavel.A belleza de uma linha depende da perfeita regularidade da contracção dos musculos com que os olhos a accompanham. Curvas,exigem movimentos mais complicados; mas, uma vez que os olhos estão habituados dão mais que fazer, por serem menos monotonas do que as linhas rectas,e por exigirem maior variedade de movimentos musculares. Quanto mais subtil a curva mais prazer dá, porém mais accommodação exige dos olhos para aprecial-a. A apreciação do effeito esthetico das fórmas da natureza não é intuitiva, mas vem da educação, e o que se chama senso esthetico é devido á cultura, não sómente do individuo, como tambem, de algum modo, da nação. A criança, como um povo, aprende lentamente a arte, e as suas linhas tornam-se cada vez mais subtis e bellas com a cultura.

II

Todos os ornatos puramente estheticos são modificações de algumas fórmas simples, dispostas de varios modos, porém sempre de conformidade com algumas regras geraes. Tomarei como exemplo a classe de ornatos chamada gregas. Neste estudo da evolução de ornatos é importante notar que os de gráo differente sobrevivem uns ao lado de outros, e que com os ornatos modernos conservamos os de uma antiguidade immensa, facto que facilita muito o estudo. Nota-se tambem que a evolução da arte decorativa é devida á tentativa continua de dar mais encanto á vista, e a sobrevivencia do mais bello ou do mais proprio. Um ornato adaptado aos olhos é realmente bello. e se conserva, ao passo que as fórmas mal feitas e mal adaptadas morrem.

O primeiro passo na evolução da grega é a linha recta, elemento primario e mais simples da arte decorativa. Duas linhas parallelas, não muito unidas nem muito separadas, dão mais prazer do que uma só; porque, correndo os olhos ao longo de uma linha imaginaria intermediaria, recebe-se o effeito, indistincto de ambas.

Tentativas seriam feitas para augmentar o effeito,enchendo o espaço entre as duas linhas com linhas transversaes dispostas de diversos modos (figs. 3, 4, 5 e 6).

Fig. 3.

Fig. 4.

Fig. 5.

Fig. 6.

Alguns destes ornatos, não estando accommodados á vista, não persistem. Outros, como os da fig. 6, têm os elementos de vida e produzem fórmas como as das figs. 7 e 8. Ha uma tendencia

Fig. 7.

Fig. 8.

a separar as unidades por linhas rectas ou curvas (fig. 7), mas isso resulta da sua fusão, porque obliterando a parte pontuada na fig. 9, a grega torna-se corrente, mais agradavel e bella. Vê-se

Fig. 9

esta obliteração em alguns dos fragmentos da louça de Marajó. O effeito deste ornato é augmentado pela addição de duas linhas parallelas (fig. 10), mas estas não são mais homologas com as linhas primarias. Depois de chegar a este ponto de

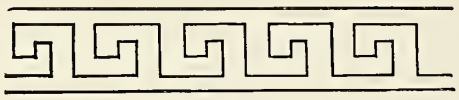


Fig. 10.

desenvolvimento, a grega póde supprir varias modificações, sendo dividida em series alternadas com figuras addicionaes, etc., (fig. 11).

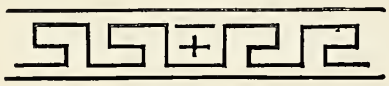


Fig. 11.

Da grega corrente angular passa-se naturalmente á grega curva arredondando os angulos daquella, e as modificações desta dão as fórmas representadas nas figs. 12, 13, 14 e 15, ás figuras

Fig 12.

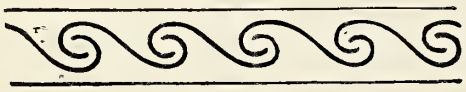


Fig. 13.

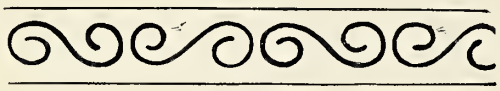


Fig. 14.

Fig. 15.

supplementares da fig. 15, nascendo naturalmente dos espaços entre as curvas.

Todos estes espaços se vêem na louça de Marajó; mas alli parece ter parado a evolução na America da arte classica do Egypto e da Europa; porém as figuras supplementares (fig. 15) desenvolveram-se, tomando fórmas que fazem lembrar folhas e flôres, e então a arte começou a copial-as. Assim despontaram as bordas chamadas de Authemio, de Acantho e outras, symbolisando objectos naturaes (figs. 16 e 17).

Fig. 16.

Fig. 17.

A degradação destas fórmas tem dado motivo a muitos outros ornatos, dos quaes a borda chamada de aro e flecha é um exemplo.

Na louça de Marajó as figuras de homem e de animaes são muitas vezes laboradas em relevo, mais raramente desenhadas sobre superficies planas, e nenhuma folha, flôr ou fruta ahi se encontram.

Ha, porém, uma serie de ornatos gravados ou pintados sobre superficies planas, que se originaram da representação tosca e convencional da cara humana, como se vê na fig. 18, que representa, na ordem da sua evolução, diversas unidades de ornamentação encontradas na louça de Marajó.

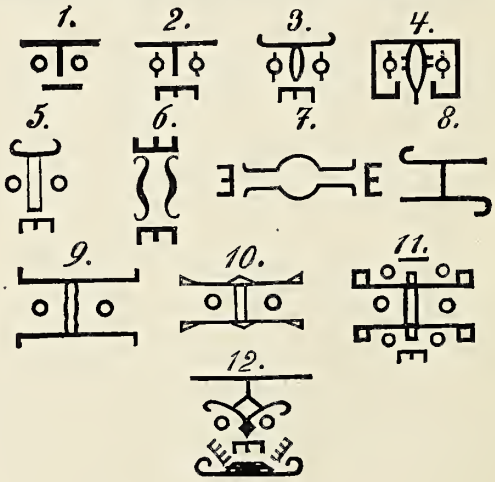


Fig. 18.

A festa da *Pariuate-ran*.

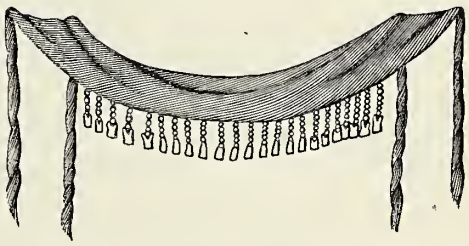
TRIBU DOS MUNDURUCUS

A FESTA DA « PARIUATE-RAN » (1)

Como anteriormente o disse, é a tribu dos mundurucús a mais guerreira do valle do Amazonas, pelo que é a que tambem mais solemnemente festeja as suas victorias e prantêa os seus bravos. De uma das duas festas de guerra tratarei, isto é, da mais solemne e mais justa.

Duas recompensas têm os bravos: uma alcançam por seu valor no campo de batalha, outra lhes concede o chefe como distincção, quando, por infelicidade feridos, não podem pessoalmente obtel-a.

A primeira é o *pariua-á*, que indica que o portador é um valente guerreiro vencedor, e a segunda é a cinta de algodão, que o tucháua tece e orna com os dentes dos maxillares de uma cabeça inimiga, chamada *pariuate-ran*, e que distingue aquelles valentes, que, posto que vencedores, cahiram comtudo feridos pela flecha inimiga. Esta insignia não é dada só aos feridos, distingue tambem as familias da tribu, pelo que de cada uma d'ellas é recompensada uma viuva, que representa a viuvez, recebendo ella o premio, não só pelos serviços de seu marido, como por aquelles que, posto que valentes, succumbiram no furor da acção.



Se as nações civilisadas têm as pensões que dão ás viuvas de seus soldados, os mundurucús, posto que selvagens, têm as *cintas inimigas*, que representam não só uma insignia e pensão, como, ainda mais, uma lembrança grata daquelles que succumbiram por amor á tribu. E' uma pensão vitalicia o que a cinta representa, porque aquelle ou aquella que a possue deixa de trabalhar para ser sustentado pela tribu, como um imposto lançado sobre os que gozam da paz alcançada pelos que ficaram no campo da guerra. Este privilegio tem tambem o portador do *pariua-á*,

(1) *Pariuate* — inimigo ; *ran* — cinta.

mas que só dura cinco annos, isto é, o tempo que medêa entre a batalha em que conquistou a cabeça inimiga e a festa do Pariuate-ran. Terminada a festa, as cabeças são desprezadas e termina o privilegio, que continúa, entretanto, para os que possuem a cinta.

Ligeiramente descreverei a festa, representada na gravura junta, feita por um esboço do meu album de viagens.

Depois de uma campanha, logo que chegam todos os guerreiros e as mulheres que os acompanham, o tucháua ordena uma grande caçada. Terminada esta em um dia marcado, reune-se a tribu para assistir á confecção das cintas pelo tucháua, que as tece e as enfeita com dentes de inimigos, sendo estes limpos e furados pelos seus subalternos.

A confecção das cintas é acompanhada de cantos, em que o chefe pinta a vingança com côres seductoras, e, appellando para o patriotismo, faz vêr que para cada morto da tribu é preciso um claro nas phalanges inimigas. Eis uma das quadras de um canto :

Beque bequiqui otêgê
Ochê urupanum rañe egê
Ochê urubê am aum egê
Beque mum ochê capicape ñansum (1).

Durante este tempo toda a tribu assiste nua, assentada, e, finda a ceremonia, dirigem-se ao *exçá*, quartel, e ahi tomam suas armas e vestes solemnes, já descriptas e representadas.

Formados em alas, proximo ao quartel, o tuchaua, com as cintas, colloca-se em uma das extremidades, emquanto para elle se dirigem nús, com os cabellos crescidos, os que vão ser recompensados. Durante este tempo sôa estridentemente *oufuá*, especie de clarim de guerra, e, á medida

que o tucháua com suas mãos vai cingindo as cintas, os já premiados se dirigem para o quartel. Quando estão premiados todos os feridos (inem-ñates) apresentam-se as tres viuvas designadas pelo tucháua, uma de cada divisão, a receber tambem a recompensa. Estas trazem, além de um collar de dentes inimigos, o *curupape* de seu marido, e em cada mão um *putá;* sendo de um ancião e de um *achirau*, quer dizer o de um morto em combate.

Finda esta ceremonia, sôa o *caruqu*, grande instrumento, cujo som é medonho, e as mulheres todas, precedidas pelas recompensadas e seguidas dos homens, vão chorar de porta em porta os mortos. Cantam e prantêam os fallecidos, e em côro acompanham os homens, batendo com os pés, cujo ruido se ouve ao longe. Durante esta ceremonia serve-se a comida e a *mani-quera*. A festa, que começa ás seis horas da tarde, termina ao alvorecer. A esta hora reunem-se nos quarteis, e ahi o chefe corta os cabellos dos feridos, que então tomam as suas vestes e arregimentam-se no dia seguinte, quando continúa a festa.

Emquanto ha feridos a recompensar ella se prolonga.

J. Barbosa Rodrigues.

(1) Lembrem-se, meus amigos, que este serviço que temos agora nos foi deixado por nossos avós.

DO CORTE ARTIFICIAL DOS DENTES

Um costume africano, que supponho ter sido empregado por imitação de certa conformação natural entre remotos antepassados, como tantos outros habitos dos povos primitivos, é o córte dos dentes incisivos superiores, não separados regularmente um dos outros, como é de crêr os houvessem os referidos antepassados, e como ainda os apresentam os modernos africanos por vicio organico hereditario e caracteristico da sua raça essencialmente prognatha, mas dando-se-lhes com o habitual exagêro dessos usos imitativos a fórma ponteaguda dos dentes dos peixes. Este máo e estupido costume foi transmittido ao Brazil, de envolta com tantissimos outros de igual desmerito, pelos escravos africanos, que por mais de tres seculos nos ensombraram os horizontes do Oriente, donde só nos deveria provir, com os raios do sol desponte, a luz civilisadora da culta Europa ; e se em nessas provincias meridionaes mui raros exemplos apresentam-se-nos de tão barbara prática, outro tanto não me é dado dizer a respeito das provincias septentrionaes, e especialmente do sertão inteiro daquella parte do Imperio aonde o córte dos dentes é o principal adorno dos dous sexos. Verdade é que não se sabe bem ao certo á qual das duas raças, a preta e a vermelha, devemos nós maior cópia dos habitos hoje inveterados na população brazileira, e mais em particular na do norte do Imperio. Posto que muita côr local de taes habitos nos tenha sido transmittida pelos autochtones, força é confessar que boa porção dos costumes dos nossos sertanejos é puramente africana, e, em abono á verdade, confesso que se muito destes costumes, se quasi todos, direi, são com effeito deploraveis, alguns felizmente adaptaram-se ás maiores necessidades do nosso povo, atalhando-lhes os effeitos ou dissipando-os de todo.

Está neste caso, cuido eu, o uso dos saccos de

couro, de notavel e perfeitissimo fabrico, empregados pelos sertanejos do norte para o transporte de liquidos, azeite, mel e agua, no extenso percurso das aridas e por vezes inhospitas planuras que medêam de suas longinquas fazendas ás populações do littoral.

Este uso foi-lhes transmittido pelos africanos do sul, onde a manufactura do couro applicada ao vasilhame é a industria mais desenvolvida daquellas povoações barbarescas.

Volvendo, porém, ao assumpto objectivo desta nota, passo a referir-me ao que individualmente observei.

Achando-me em Janeiro de 1878 sobre o curso inferior do rio S. Francisco, entre Penedo e Piranhas, em contacto com mais de quinze mil creaturas famintas e andrajosas, que o flagello da sêcca para alli arrojára do centro das mais proximas provincias, notei que de quinze annos para cima a proporção dos individuos de dentes inteiros, para os individuos que se haviam sujeitado ao córte dos incisivos, era mais ou menos de um para dez, senão para mais, tão raras me pareceram as excepções áquelle tão inutil ou tão nocivo e inexplicavel costume.

Como era e ainda hoje deve ser praticada a operação entre os africanos, não sei eu dizêl-o; como a praticam, porém, os nossos sertanejos conhece-o todo o povo, e demais o sabe aquella pobre gente, pois que não ha em tal mister nem officiaes, nem mestres, nem licenciados especialistas, que tudo isso são os nossos sertanejos n'um tão commum e popular officio. Uma navalha tangida por uma chave, eis todo o material empregado, eis todo o apparelho profissional e a um tempo todo o seu artificio. Com dous golpes aguça-se um dente; oito golpes, sós, portanto, são bastantes a mutilar para sempre, na bocca da graciosa filha do sertão, esse fio de brancas perolas com que a natureza se aprouve de lhe aljofrar o candido sorriso e a viva purpura dos formosos labios.

Posto que bem selvagem nos pareça semelhante costume, que não só pertence a uma grande zona da Africa, mas tambem a algumas ilhas polynesicas, por muito mais barbaro reconhecemos o habito que têm algumas nações africanas de extrahirem os mesmos dentes incisivos superiores e mais geralmente os inferiores.

E acreditam alguns viajores e naturalistas que ellas assim o fazem para se não assemelharem ás féras, em particular ao chacal e á hyena, e comquanto isso mesmo o affirmem os proprios africanos, interpellados ácerca de um caso tão excentrico, quer me parecer a mim que não tivesse elle semelhante origem, e que unicamente pela natural e profunda ignorancia dos africanos e pela completa carencia em que jazem da sciencia tradicional dos seus antepassados, dêm aquelles selvagens uma tal interpretação á ablação dos seus incisivos. Esta barbarissima usança tem por causa primordial a imitação dos antepassados quando haviam attingido o ultimo quartel da existencia.

Dr. Ladislão Netto.

TRIBU DOS UASAHYS

São conhecidos os indios desta tribu, no rio Negro, pela denominação de *Uaymirys* ou *Yauaperys*, nome que tiram do affluente deste nome, por onde descem para suas correrias. Em varias épocas do anno encaminham-se das montanhas, em ubás pelo rio Yanapery, e, chegando ao rio Negro alli, não só assaltam os viajantes e pescadores, como atrevem-se a atacar povoações como as de Tauapesassu, Ayrão e Moura. Apenas apparece um Yauapery aquelle que o vê o mata, o que provoca a continua guerra desses indios.

Annualmente registram-se factos de correrias selvagens, quando entretanto poderiam estar civilisados, se em vez de ferro e de fogo fosse empregado o Evangelho, porque o descimento destes indios não tem por fim o roubo e o assalto, mas sim a procura de transacções com os civilisados! Recebidos á bala, respondem á flecha, nisto não são barbaros.

Citarei um facto que prova a minha asserção.

Subindo o rio Yatapú, ao chegar proximo ao Carimany, encontrei-me com um troço de gentios, que, posto que armados, mal algum me fizeram. Distribuindo aguardente e alguns instrumentos de ferro, com elles entrei em relações, cujo resultado foi saber eu que essa tribu chamava-se *Uassahy*, que tinha malocas nas cabeceiras do Carimany e na do seu confluente, de cuja união origina-se o rio Yatapú, e que desciam annualmente pelo rio Negro. Descreveram-me as suas casas, presentearam-me com vestuarios e armas, e prometteram descer comigo, não só os presentes, como toda a tribu, que orçaram em quinhentas almas, mais ou menos, quer me apresentasse eu no Yatapú, quer no rio Negro. Não vieram logo comigo por não ter eu lugar onde os arranchasse, nem terras e mantimentos para lhes dar. Contava obter isso do governo provincial para ir buscal-os. Chegando, porém, a Manáos dias depois soube-se alli a noticia que os indios Yauaperys tinham atacado a povoação de Moura. Certo de que essa tribu era a dos Uassahys, não só pela declaração delles de que no rio Negro *os braneos eram máos*, como pela confrontação das armas e vestuarios que dos Yanaperys havia em Manáos, tomados em ataques anteriores, diri-

gi-me ao Presidente, e lhe pedi duas ou tres lanchas e mantimentos, para ir ao encontro dos Yauaperys e trazêl-os para Manáos.

Indio Yauapery.

Eu confiava na palavra do gentio, que não a falta, e na sua lealdade, tão constantemente justificada quando o civilisado não o trahe; porém a minha proposta foi tomada com esta resposta : «O senhor é um louco ! A sua temeridade o ha de perder. » Não sendo aceita a proposta, entretanto partiram as lanchas,e em vez de levarem e receberem o cumprimento de promessas feitas entre mim e os indios,levaram mais uma prova da traição do branco: foi um batalhão,foram peças e metralhas, e um general commandando a força. O resultado foi o exterminio daquelles com que se encontraram, apezar de officialmente constar que não houve uma só morte. Despojos dessa batalha me vieram ás mãos, entre elles um arco baleado na altura do peito,que, comparados com os objectos que possuia dos Uassahys, fizeram de meus olhos as lagrimas correrem, vendo sacrificados aquelles que buscando a civilisação são recebidos a ferro e fogo, como se tratassem com selvagens.

Ahi vai representado um Uassahy ou Yauapery, copiado de uma photographia minha, e para melhor conhecimento vou dar a descripção do seu trage e suas armas.

No alto das terras que ficam sobre as nascentes do Urubu, entre o rio Negro e o Yatapú, affluente do rio Uatumá,cuja vertente de SO. origina o Yauapery, e a de SE. o Carimany, está como disse a taba destes indios, dividida em malocas, cujas casas são coniformes, fechadas com as folhas das palmeiras *Geonoma acutiflora, Mart.*, tendo apenas uma entrada fechada com um *yapá* ou esteira. No centro ha uma grande casa, onde moram os homens solteiros, feita da mesma forma mas cercada por uma triplice estacada de grossos madeiros.

Suas armas são o arco e as flechas. Aquelle é cylindrico, adelgaçado para ambas as extremidades e muito maior do que um homem ; estas são de duas especies, de taquara e de *suumba*, com ponta de osso. A de taquara é a maior que conheço : mede a ponta mais de dous palmos de comprido sobre duas e meia pollegadas de largura, pintada internamente de *mucuná* (Mucuna urens) e as de bico de osso têm a *suumba* pintada tambem da seiva do mesmo cipó. Por ornatos têm os homens uma grinalda tecida de palhas, onde encaixam outra de pennas de papagaio, circularmente, terminando na frente em tres pennas da cauda de arára. Atraz das orelhas enfiam um pedaço de taquara, terminando em uma roseta de pennas,donde pendem dous fios pintados de urucú, nos quaes estão amarradas diversas pennas de papagaio. Usam pulseiras do mesmo fio e semelhantes aos brincos, com um passador de côco de inajá ; ligas justas ás pernas, e nellas tecidas de maneira que não as tiram senão quando estão pôdres e velhas. Para encobrir os órgãos sexuaes usam do *cueyu* pintado de urucú, tendo em cada extremidade duas borlas de fio de algodão, tintas tambem de urucú,de dentro das quaes sahem fios ornados de pennas iguaes aos das pulseiras.

Usam os homens os cabellos cortados, e as mulheres compridos.

São altos, musculosos, guerreiros e de boa indole.

As flechas podem ser vistas no museu nacional no grupo n. 76 da sala *Rodrigues Ferreira*, onde existem algumas, apezar de que a *Guia* as dá tambem como dos *Conibos*, *Coxibos*, *Pebas* e *Jurunas*.

J. Barbosa Rodrigues.

DO TOTEMISMO

O *totemismo* não é, como o disseram alguns escriptores, uma religião exclusivamente americana, pois que o observamos igualmente entre todos os povos barbaros ou semi-barbaros, e apenas, com mais desenvolvimento, entre aquelles que, como os americanos, pela posição geographica de sua patria, conservam se estranhos á evolução moral, seguida por quasi todas as nações povoadoras do *Orbis veteribus notus*.

Ora, a individuação mais geral do totemismo é inquestionalvelmente a pedra, pela simples e unica razão de que aos primeiros representantes da especie humana, depois de se fazerem caçadores, foram os fragmentos de rochas, separados e cahidos das montanhas, as primeiras armas á que se soccorreram nas suas caçadas, ou arremessando-as aos animaes que lhes fugiam, a correr e a voar, ou espancando com ellas, á guiza de clava, aos que, mais ferozes, ousavam investir-lhes.

O culto da pedra, a que eu ligo e filio aqui o totemismo americano, com uma pequena tendencia apenas para a idolatria, era observado no antigo continente pelos povos que, ao depois e mais ousadamente, se adiantaram no estadio da civilisação. Os arabes, em época anterior á éra mahometana, e os phenicios do cyclo aureo dos primeiros descobrimentos, tinham em veneração algumas pedras. Os gregos e os romanos veneravam as pedras erguidas sob o nome de Hermes ou Mercurio.

« Na Europa occidental, diz Lubbock, durante a idade média, vemos o culto das pedras muitas vezes condemnado, o que prova quanto era elle frequente. Assim é que Theodorico, arcebispo de Canterbory, condemna o culto das pedras no setimo seculo ; o mesmo culto acha-se no numero dos actos do paganismo, prohibidos pelo rei Edgardo, no decimo seculo, e por Canuto no seculo XI.

« Um concilio celebrado em Tours, no anno de 567, ordenou aos padres que recusassem a entrada nas igrejas a todas as pessoas que adorassem as pedras erguidas, e Mahé affirma que os registros das sessões de um concilio celebrado em Nantes, no setimo seculo, fallam do culto das pedras entre os americanos. »

Não é muito, portanto, de admirar que os americanos, ainda no alvorecer do respeito e da gratidão á pedra, adorassem os penedos que lhes eram realmente providenciaes, nem que tamanha abundancia de utensilios de pedra se encontre, onde quer que o instrumento de ferro das gerações modernas rasgue o seio desse mesmo solo que os instrumentos de pedra das gerações extinctas ousaram lavrar, ha já passados milhares de annos. Assim se explica o porque, havendo no solo europeu tanto espaço ainda a rotear, contam-se já para cima de cento e cincoenta mil artefactos de pedra, extrahidos daquelle solo, possuindo só os museus da Dinamarca trinta mil, metade dos quaes conserva o museu de Stockolmo. E' que o instrumento de pedra, em virtude da sua extrema utilidade primitiva, foi aos poucos ampliando a sua serventia, passando de arma de caça, que era, a principio, a ser arma de guerra, e mais tarde instrumento sagrado dos sacrificios ou das innumeras ceremonias de caracter mais ou menos religioso.

Sobre a geral veneração de todos os povos, tributada aos machados de pedra, ninguem ignora que ainda hoje os nossos camponezes, e com elles algumas pessoas tidas por instruidas, acre-

ditando piamente haverem esses machados cahido do céo, lhes dão por isso o nome que todo o mundo conhece *de pedras de corisco* ou *de raio*.

Esta crença, que tão naturalmente se allia ao totemismo, que teve a pedra por objectivo, póde tambem radicar-se na theogonia da antiga Syria, e mais particularmente do Libano, onde em tamanha porção appareciam os machados de pedra, que o povo os tomava por amuletos provindos do céo, por isso que, no dizer de Damascius, e de accordo com a crença popular, fôra *Uranus*, o deos mais antigo d'entre os deoses, que primeiro os havia observado ou introduzido entre os homens.

Da superabundancia desses artefactos, originada na veneração geral que se lhes dava, provém evidentemente, com o aperfeiçoamento da fórma, a selecção ou a preferencia da rocha empregada.

Desde todo o principio, a superioridade das rochas silicosas, feldspathicas e amphibolicas, sobre as demais rochas, tornou-se notabilissima: as propriedades do silex, mais particularmente o recommendaram. Os seus estilhaços, sobre serem já por si verdadeiras facas, pela dureza propria do mineral e pela fórma de gúme ou de lamina que tomam naturalmente, ao separarem-se do nódulo donde é costume extrahil-os, desligam-se-lhe com uma tal facilidade, que um unico operario, com a só condição de ser pratico nesta especie de industria, póde fabricar de mil a mil e quinhentos estilhaços por dia.

O silex, além disso, é a pedra de fogo por excellencia, e se tamanhas razões, quaes as que expuz, havia para que o venerassem, como instrumento cortante, homens que não conheciam ainda os metaes, imagine-se porque modo não deveriam adoral-o esses mesmos homens que encaravam nelle o gerador do fogo! Este valor do silex facilmente o comprehenderemos, ao vêr as affinidades etymologicas que existem entre as denominações que elle tinha nas differentes linguas, e a idéa da luz, do fogo e de seus beneficios; affinidades entre as quaes figura a que lhe achou por meio de engenhosa e habilissima, porém não fundada hypothese, o erudito Vicente de Beauvais: « *Silex est lapis durus, sic dictus eò quod ex eo ignis exiliat.* »

Mas não admira que houvessem prestado semelhante culto ao silex os primitivos representantes da humanidade, os quaes viviam na carencia absoluta do ferro e das substancias inflammaveis, de que a tão baixo preço faz-se hoje acquisição nos pontos mais reconditos da terra; e menos é isso digno de simples reparo, quando ponderamos na grande porção de estilhaços de silex ha pouco mais de trinta annos ainda empregada no serviço das espingardas, e o que é mais digno de attenção, quando ainda hoje vemos o uso tão frequente dos isqueiros de que se servem os fumantes e os viajores nas paragens pouco povoadas dos mais cultos paizes do mundo.

Dr. Ladislão Netto.

MEIOS DE CATECHESE

Houve este anno quem impugnasse no parlamento a verba destinada á catechese de indios.

Tinha grande autoridade a voz que fez a censura ao systema official até hoje seguido para civilisar o selvagem brasileiro.

Embora não me pareçam muito satisfactorios os resultados colhidos com os aldeamentos actuaes, eu vi com prazer que não foi recusada a verba pedida para aquella ordem de serviços.

Não creio que, pela condemnação do methodo seguido, se quizesse aconselhar ao governo as antigas praticas das *bandeiras*, que era o exterminio do gentio.

Não quero crêl-o, apezar de que esse barbaro meio de domesticar a barbaria já foi preconisado nestas palavras crueis do illustre autor da *Historia Geral*, o Sr. Varnhagen:

« As providencias de mal entendida philantropia, sustentada pela politica dos jesuitas, foram causa de que os indios começassem pouco a pouco a serem chamados á civilisação pelos demorados meios da catechese. Se o uso das leis tivesse continuado a permittir que a cobiça dos colonos arrebanhasse os selvagens do Brazil, sujeitando-os á servidão ao menos sete annos, outro seria o resultado. Ostenta-se, pois, falsamente ainda o luxo da pseuda philantropia que sacie o enthusiasmo philo-selvagem. Um historiador nacional tem outros deveres a cumprir, e um filho de S. Paulo não poderia deixar de seguir as opiniões, que temos a fortuna de partilhar, sem faltar ao respeito á memoria dos Buenos, dos Paes, dos Toledos, dos Ramalhos e de outros, que alargaram, á custa de victorias sobre os indios barbaros, as raias da civilisação da patria. »

Felizmente um outro historiador não menos eminente, João Lisboa, no seu *Jornal de Timon*, contrapôz a estes conceitos pouco humanitarios as nobilissimas palavras que se seguem:

« Se não ha maneira de vencer a repugnancia do indio para a vida civilisada sem recorrermos á violencia, deixêmol-o muito embora entregue ao seu destino, tranquilla e satisfeita a consciencia publica com haver tentado para o policiar todos os esforços permittidos, e aconselhados pela justiça e pela moral. Todos esses horrores que o

passado vio na sua maior plenitude e hediondez, e cujo triste reflexo ainda enluta o presente, haviamos nós, os herdeiros forçados da escravidão africana, ensaial-os de novo sobre os indios, accrescentando nova pagina ao livro funesto que os nossos maiores escreveram com sangue? »

Creio, portanto, que não era o processo das *bandeiras* aquelle que, como um substitutivo á actual catechese, apresentava este anno o illustre parlamentar a quem já me referi.

No estudo substancial, que, sobre o selvagem brasileiro, escreveu o illustrado Dr. Couto de Magalhães, vêm lançadas as bases do novo systema que deve de ser adoptado para a catechese da gentilidade. O illustre brazileiro, que, nas presidencias do Pará e Goyaz, tantos serviços prestou á navegação de nossos rios inexplorados, demonstrou que é inutil querer agremiar indios por meio de prégações e forçada inoculação de principios de moral e normas de vida civilisada.

Elle tentou em mais de um nucleo, que estabeleceu, aldear os indigenas de tenra idade em localidade proxima ás passagens de tribus selvagens, e, pelo bom trato e liberdade concedida a esses pequenos indios, fazer delles os mais activos e eloquentes missionarios em favor da civilisação das hordas barbaras.

De facto, os menores internavam-se em certa quadra do anno, e desciam depois com os seus, ás margens dos rios, onde eram recebidos e bem tratados pelos encarregados do aldeamento. Da permuta de idéas e bom agasalho, e da continuidade de visitas, resultava a vinda quasi insensivel de tribus inteiras, que voluntariamente fixavam-se, affeiçoando-se ás aldêas e nucleos coloniaes.

Esse systema, que é racional e tem o apoio do bom exito em Goyaz, produziria seguramente muitos e productivos resultados.

Ha dous annos tive occasião de sustentar taes idéas, quando, como deputado, discuti o orçamento do ministro da agricultura conselheiro Buarque de Macedo, que pensava do mesmo modo.

Eu sei bem que aquelles que tanto aprégoam a inutilidade do indio, a sua impossivel adopção como o colono que venha para a vida rural, trazem o exemplo dos Estados-Unidos, dizendo que o *yankee*, um homem pratico, não levaria o selvagem a ferro e bala se porventura podesse delle tirar algum proveito.

Contra isso, porém, protesta o que já se dá entre nós, onde, na industria extractiva e pastoril, é o indio empregado com grande successo, embora elle não seja um trabalhador agricola.

Em opposição a esses argumentadores, que prégam o exterminio, exemplificando com a guerra que fez a União Americana aos *Pelles-vermelhas*, prefiro consultar Ramires, Palma, Vicuna e outros escriptores da America do Sul, que apreciam o serviço do indio, que delle tiram proveito, aconselhando a catechese e civilisação pelos meios brandos e suasorios.

Quem sabe se, embora menos adiantados do que seus irmãos do norte, não nos devem servir, neste e n'outros assumptos, de melhores consultores, os americanos do Pacifico?

E' licito acreditar, sobretudo meditando nestas linhas de Blerzy, que extrahimos do seu opusculo sobre as colonias inglezas:

« Quando se pensa nas incalculaveis riquezas sepultadas nos paizes do oceano Pacifico fica-se acreditando que a séde da civilisação vai deslocar-se e firmar-se alli. E estas deslocações de influencia não são sem exemplo na historia. O Atlantico ha muitos seculos que representa o papel, que nos antigos tempos coube ao Mediterraneo, da mesma fórma que o Mediterraneo usurpou o papel que foi do mar Egêo. »

J. Serra.

TANGA DE BARRO COSIDO

(MARAJÓ)

Todos os exemplares deste objecto têm a mesma fórma, e no tocante ao seu tamanho differem pouco entre si.

Todos são de contorno triangular, sendo uma das superficies convexa e ordinariamente ornamentada, e a outra concava, sem ornato algum.

Um dos lados do triangulo, ao qual chamarei o lado superior, é maior e apresenta uma curva convexa. Os outros são mais ou menos concavos. As extremidades superiores são um pouco arredondadas, sendo a outra extremidade perfeitamente redonda.

Na distancia de meia a tres quartos de pollegada de cada uma das tres extremidades existe um pequeno orificio, evidentemente destinado á passagem de um fio, porque a superficie convexa ou exterior mostra quasi sempre uma incisão mais ou menos profunda.

As incisões das duas extremidades superiores não tomam exactamente a direcção dos angulos, mas a de um ponto collocado um pouco acima delles.

A incisão correspondente ao orificio inferior, ao contrario, quando existe, mostra-se sempre dirigida para o angulo inferior.

A profundidade das incisões varia nos differen-

tes exemplares, demonstrando deste modo que o objecto tinha sido mais ou menos usado. A direcção das incisões indica perfeitamente a dos fios.

Tomando em consideração a direcção destes, a ornamentação delicada da superficie convexa, a fórma e o tamanho dos objectos, não vejo que podessem ter outro uso senão o de *tangas* de mulher. Se esta explicação é exacta, facilmente se comprehende a razão da delicadeza da manufactura e dos ornatos de tão curiosos artefactos.

A materia com que se fabricaram estas *tangas* é ordinariamente uma argilla muito fina, a qual, exposta ao fogo, tomou por dentro uma côr escura, quasi preta ou vermelha.

Tanga.

Ambas as superficies foram alisadas com muito cuidado, e depois cobertas por uma especie de esmalte de argilla branca, avermelhada ou côr de nata, a qual depois de cosida offerece uma superficie polida e muito dura.

O esmalte da superficie exterior é mais cuidadosamente preparado do que o do interior.

Sobre a superficie exterior ou convexa foram desenhados uns adornos ordinariamente muito delicados e engenhosamente emmaranhados, consistindo em figuras compostas de linhas rectas, traçadas por mão firme e artistica, e com matizes ordinariamente de um pardo-escuro, porém ás vezes vermelhos.

O debuxo varia muito nos differentes exemplares, mas em todos ha uma certa semelhança. Quasi sempre na borda superior vê-se uma serie de grandes triangulos coloridos, como se póde verificar nas estampas, sendo estes triangulos dispostos symetricamente em referencia á linha do eixo do objecto.

A's vezes os triangulos estão separados por meio de linhas rectas. Abaixo desta borda acha-se de ordinario uma cinta formada de duas linhas parallelas, entre as quaes ha uma serie de zigzags ou de adornos, com a fórma de um X, e contendo entre si outros lavores supplementares.

A superficie que fica abaixo desta cinta apresenta-se quasi sempre ornada com figuras extremamente delicadas, achando-se estas figuras dispostas de um e de outro lado da linha média. Muitas de taes figuras são meros ornamentos estheticos, sem significação alguma; porém em alguns exemplares notam-se, como tambem na louça ordinaria do Pacoval, muitos desenhos intrincados, que não são senão convenções para representar o rosto humano.

As linhas destes adornos estão traçadas com uma firmeza admiravel, e a este respeito estes objectos podem ser comparados mui apropriadamente com as producções dos antigos oleiros da Grecia antiga.

E' interessante observar que o padrão da ornamentação das *tangas* não parece completo, sem duvida porque não foi feito de proposito para ellas, mas sim adoptado de alguma vasilha de fórma redonda.

PROFESSOR HARTT.

TRIBU DOS TICUNAS

Foi esta tribu muito numerosa; mas tantas foram as correrias que soffrêra dos portuguezes, que uma parte emigrou para o Perú e outra foi dizimada, restando hoje dentro do Imperio muito poucos indios, quasi todos em caminho de civilisação, conservando comtudo em alguns lugares seus usos primitivos.

Habitam a margem norte do Solimões e o Maranhão. Em Tunantins e no rio Caldeirão é onde mais existem. E' celebre esta tribu pelo fabrico do *ueraery*, vulgarmente *curare*, que entre todos os conhecidos é o mais energico. O nome *Ticuna* que tem a tribu é tirado do veneno que fabricam, chamados pelos Tapuyos *ticuna* ou *urary*.

Grandes prejuizos possue essa tribu, e entrega-se a muitas festas que me seria longo aqui enumeral-as, pois são por demais conhecidas. E' a unica tribu que tem disfarces, ou mascaradas, em suas festas. Em geral são baixos, musculosos, feios, de indole pacifica e trabalhadores. Estas qualidades não se desmentem no seu estado selvagem senão quando o *branco civilisado* o impelle a isso, já por meio de perseguição, seducção ou roubo, já pelo máo trato. As mulheres são baixas, reforçadas, em geral gordas e de fórmas regulares, com o nariz meio chato.

Os homens usam grandes collares de dentes de porco, ligas largas de tecidos de algodão, suspensorios do mesmo tecido, com que encobrem as partes sexuaes, e, nos dias de festa, de umas braçadeiras, feitas de pennas de arára, sendo a braçadeira propriamente de pennas miudas da arára encarnada e o seu enfeite de pennas azues e amarellas da cauda da arára *canindé*.

Indio Ticuna.

Ornam a cabeça com uma grande testeira de pennas das azas da mesma arára, orlada de pennas miudas, vermelhas, e rematada por quatro ou cinco, na frente, das longas da cauda da arára vermelha. Por armas têm, além do arco e flechas, a sarabatana, que é a maior, e mais pesada que se conhece, trazendo as flechas dessa arma, não envenenadas, em uma aljava de palha coberta de cerol, junto á qual juntam um saquinho de *turury* com sumauma, e uma panellinha de veneno dentro de um panno do mesmo *turury*.

As mulheres em dias festivos, além da grande tanga de tecido de algodão ou *turury*, que circula os quadris, trazem ligas e perneiras de fio de algodão tecido, e nos braços braçadeiras com grandes rosetas de pennas de arára. Ao pescoço penduram innumeros collares feitos de *pucá* (Cissus op.), que o envolvendo pendem até aos seios.

J. Barboza Rodrigues.

Costumes dos indios

VESTIMENTAS E ORNATOS

Os indios, quer homens e quer mulheres, andam nús, porque desconhecem completamente o sentimento de pudor; acontece que os homens, quando conversam com mulheres, viram-lhes as costas. Alguns usam trazer uma especie de tanga á affeição das partes pudendas, e outros ornam-se, fazendo com as pennas das aves saiotes, diademas, braceletes, e para o que escolhem as mais formosas pennas para este mister. Suppôem os indios que esse modo de trajar é o mais elegante. O jesuita Simão de Vasconcellos diz que uns pintam todo o corpo de varias côres, commummente de preto, vermelho e amarello, com sumo de hervas, com a tinta de jenipapeiro, urucú, etc., ou se adornam com as pennas dos guarás, araras, canindés, etc., e com ellas fazem grinaldas, corôas, braceletes, franjões, plumagens, para enfeitar a cabeça, braços, cintura e pernas.

Têm os indios para si que não ha formosura senão terem furado as orelhas, beiços e nariz, onde mettem pedras de côres, ossos, páos, dentes; os mais poderosos tecem uma rêde, e vão-n'a enchendo de pennas de varias côres em fórma de mantilha, e a trazem sobre a cabeça até a cintura. O gentio Jarupixuna tem todo o rosto tão pintado, que causa admiração. Os Marás fazem um tecido de palha em fórma de abas de chapéo, e o trazem circularmente na cabeça, deixando toda a parte superior descoberta. Em geral os gentios não deixam criar cabellos no corpo, porque os arrancam, á excepção dos da cabeça, que o tosqueiam de muitas maneiras: uns os trazem compridos, com uma meia lua raspada por diante, que dizem confusamente tomaram de S. Thomé esta moda quando este apostolo andou entre elles. As mulheres conservam compridos os cabellos, que são de ordinario pretos e corridos. Quando andam enojados, os homens deixam

crescer os cabellos, e as mulheres os cortam em signal de dó se são viuvas ou lhes está ausente o marido; e nisto mostram ter-lhes amor e lhes ser fieis. E' tão variado entre os indios o modo de se tosquearem, que pela cabeça se conhecem as nações.

CRIAÇÃO DOS FILHOS

As mulheres párem no chão, e quando isto acontece não são ellas que levantam as crianças: o pai, ou alguma outra pessoa, que tomam por compadre, é que as erguem. O pai incumbe-se de cortar a vide com os dentes, ou com duas pedras, dando uma na outra. Logo que o umbigo se corta, põe-se o pai a jejuar até que caia o umbigo da criança, que é em os seis e oito dias, e então cessa o jejum.

Ao compadre se estreitam as amizades e affectos, como entre os povos christãos. Se a criança é varão, o pai lhe faz um arco, com suas flechas, e lh'o ata n'um dos punhos da rêde, emquanto que no outro punho amarra-lhe muitos mólhos de hervas, que symbolisam os contrarios que seu filho tem de matar; e acabadas estas ceremonias bebem e folgam alegres.

As mulheres depois que párem se vão lavar nos rios, e amamentam a criança de ordinario anno e meio, sem que outro alimento lhe administrem. Amam extremosamente aos filhos, e os trazem mettidos em uns pedaços de rêdes, a que chamam *typoias*, e os levam ás roças e para toda a parte, ás costas, por lugares frios e quentes, escanchados nos quadris, como fazem as ciganas e africanas com os seus filhos. Como são supersticiosos, receiando que os enfeiticem, applicam-lhes algodão sobre a cabeça, penduram-lhes ao pescoço certos páos ou pennas de passaros, como preservativos dos males.

Pelo extremo sentimento do amor materno agradecem a quem acaricia-lhes os filhos, e foi por esse meio que os jesuitas conseguiram domestical-os.

DOS TITULOS DE NOBREZA ENTRE OS INDIOS

Entre os indios o maior titulo de nobreza que apresentam é a somma de mortes praticadas nos inimigos, e para o que conservam os ossos e craneos para comprovarem o seu esforço e valentia. Affirma o jesuita Simão de Vasconcellos que esses ossos dos inimigos, depois de mortos e comidos, são guardados em lugares particulares, junto ás casas, como em cartorios os brazões das maiores fidalguias; e tanto mais se prezam destes titulos, quanto são maiores os montes de caveiras e ossos, porque são signal de maior numero dos vencidos em guerra e de suas maiores valentias. Para com outros consiste este titulo em um como tosão, ou habito, que trazem lançado ao pescoço, consistindo em um collar de dentes enfiados dos que mataram nas guerras e desafios. Este collar é ainda de maior estima se consta de maior numero de dentes queixaes nelle enfiados. Para com outros são as unhas crescidas o signal de nobreza; para outros, o cabello cortado; outros, um fraldão de formosas pennas; para outros, o maior numero de buracos nas faces, beiços, nariz e orelhas. São estes os varios titulos de nobreza entre os indios, e pelos quaes, não só se expõem a todos os perigos, para se não desdizerem, como dão como penhor da sua palavra de honra uma destas caveiras, ou fio de dentes, ou pedra do beiço ou face, embora lhes custe a vida.

MEDICINA E LONGEVIDADE DOS INDIOS

Curam-se os indios com os medicamentos simples. Cada um é medico de si e dos seus, e os remedios são administrados com conhecimento seguro de suas virtudes. Como andam atravessando extensas florestas, expostos ás mordeduras de animaes venenosos, conhecem os melhores contra-venenos do mundo.

Empregam a sangria por meio do dente de certo peixe, que lhes serve de lanceta para sangrar.

Em algumas nações, se o medico desconfia que o enfermo não escapa, apezar dos esforços da medicina, então são convidados os parentes para chorarem sobre o enfermo, e depois dão-lhe com uma clava na cabeça e o matam, e feito em pedaços comem-n'o para que depois de morto não seja pasto dos bichos, e vá gozar dos lugares alegres, que só são concedidos aos que morrem valorosamente na guerra. Estes casos de medicina são raros entre os indios, porque são individuos mui sadios, e por isso é mui raro ver-se um indio torto, cégo, aleijado, surdo, mudo, giboso, etc.: são de longa vida e passam muitos de cem a cento e vinte annos, e os cabellos não embranquecem senão na idade decrepita.

DA HOSPITALIDADE

Chegando á casa algum hospede, a honra e agasalho que lhe fazem é sentarem-n'o na rêde, e depois que elle se accommoda, lhe vêm fallar a mulher e filhos, e mais amigos, que se sentão em redor delle com os cabellos abaixados; tocando com a mão no hospede, começam a chorar todos com grande abundancia de lagrimas e em altas vozes, e neste acto contam em prosa trovada as cousas que se têm passado até aquelle instante, entrando em tudo o que contam os trabalhos, pouco mais ou menos, que o hospede

passou em seu caminho e o mais que póde provocar a lastima e o choro. O hospede durante este tempo não falla; mas depois que o pranto cessa, limpam as mulheres as lagrimas e ficam tão quietas como se não tivessem chorado, e logo se comprimentam, e lhe trazem de comer. Pedro de Magalhães Gandavo accrescenta que, se o hospede é portuguez, maldizem a pouca dita dos seus defuntos, que foram tão mal afortunados, que não alcançaram ver gente tão valorosa e luzida como são os portuguezes, de cuja terra todas as boas cousas vêm, nomeando algumas que elles têm em muita estima. E este recebimento é tão usado entre elles, que nunca ou de mara vilha deixam de o fazer, salvo quando reinam alguma malicia contra os que os vão visitar e lhes querem fazer alguma traição.

Depois destas ceremonias conta o hospede a que vem. Os homens tambem usam dos mesmos choros, mas é em casos graves, como mortes, desastres em guerra, etc., e têm por grande honra agasalharem a todos que chegam em suas casas, e darem-lhe o necessario para a sua sustentação, e bem como arco, flechas e o mais que podem, segundo as suas possibilidades, sem que para isso exijam recompensa.

DOS BAILES, DA MUSICA E DO CANTO

Têm os indios varios jogos com que se divertem nos tempos designados para a folgança, principalmente os meninos; têm brinquedos tão variados, em os quaes, além da dansa, arremedam os cantos das aves, e com tal ordem, que não ha mais que exigir delles. Durante a folgança os meninos não se molestam, nem pronunciam palavras improprias, nem pulhas. Rarissimas vezes dão uns nos outros, e os pais, desde os verdes annos, ensinam aos filhos a dansar e cantar, e os seus bailes não fazem differença uns dos outros, por serem um continuo bater de pés, ou andando em redor, meneando a cabeça, corpo e tudo, com tal compasso e com tanta serenidade, ao som de um cascavel feito de cipó, com pedras ou contas dentro, ou de uma especie de busina, e de um modo e ordem, que ás vezes cem homens bailando e cantando em carreira enfiada, uns atraz dos outros, acabam todos juntamente ao mesmo tempo, a um signal ou pancada no chão, como se estivessem todos no mesmo lugar.

Os instrumentos, como conta o padre Simão de Vasconcellos, são feitos, uns de ossos de finados, a que chamam *cangoera*, e outros chamam *muré-muré*; outros maiores, commummente de conchas, a que chamam *meneyguaçú*, e outros *urucá*; outros feitos de canna, a que chamam *membyapara*. As dansas e saltos chamam *guaú*, *urucapy*, *curupira*, *guaibipaie*, *yuaibiabucú*. Um destes generos de dansas é mui solemne entre elles, e vem a ser que andam nelle todos á roda sem nunca mudarem o lugar donde começaram, cantando no mesmo tom arengas de suas valentias e feitos de guerra, com taes assobios, palmadas e patadas, que atroam os vales. E para que não desfalleçam em acção tão heroica, assistem alli ministros destros, que dão de beber aos dansantes continuamente, de dia e de noite, até que se vão embebedando e cahindo, ora um e ora outro, até cahirem quasi todos.

Os cantores são entre elles muito estimados, não só homens, como mulheres, e tanto que, se tomam um inimigo bom cantor e inventor de trovas, não o matam e nem o comem, nem mesmo aos filhos.

As mulheres bailam juntamente com os homens, e fazem com os braços e corpo grandes movimentos e momos, principalmente quando bailam sós.

Guardam entre si differenças de vozes para a harmonia e consonancia, e as mulheres se empregam como tiples, contraltos e tenores.

Dr. Mello Moraes.

TRIBU DOS TEMBÉS

INDOLE, CASAMENTO E MORTE

Os indios Tembés, apezar de aldeados e missionados, a inda estão em contacto com os que vivem nas selvas, e são inimigos irreconciliaveis dos Timbyrás, que habitam hoje o rio Cajuapára, affluente do Gurupy, fazendo ás vezes suas excursões pelo Capim. Estes continuam a atacar os Tembés, que só os repellem. E' uma tribu de indole pacifica, de caracter brando e de constancia nos seus actos. Amam a sua independencia e a liberdade do seu nascimento. São geralmente baixos, reforçados, de uma côr morena-clara, bonitos, sendo em geral as mulheres mais altas e gordas, mal feitas de corpo, tendo comtudo feições delicadas e bonitas. Os que vivem ainda fóra do contacto com os brancos, assim chamam os civilisados, usam o beiço inferior furado, onde penduram uma rodella de páo. São polygamos, e os principaes podem ter quantas mulheres lhes parecer. O tacháua da maloca do Canderu-assú, assim como o pai do mesmo, tinham cada um tres mulheres. No casamento não ha ceremonias; em geral entregam a um rapaz uma menina que com elle vai habitar até chegar a puberdade, não sabendo-se o dia da união. A gravidez é que a

denuncia. Pelo fallecimento tambem não ha ceremonias: enterram o cadaver em covas dentro de uma grande casa propria, que chamam *iutimáua*, e o envolvem em cascas de jutahy. As casas que elles habitam são pequenos ranchos, quasi que abertos, cobertos de cascas de abiurana (Lucuma). Empregam-se na caça e na pesca, porém já plantam mandioca. Pela sua organisação robusta resistem á calma e ao frio. As mulheres fiam o algodão e tecem as maquyras em que dormem.

J. Barbosa Rodrigues.

DOS MYSTERIOS DO ROSARIO DE NOSSA SENHORA

(LINGUA TUPI)

O Virgem Maria
Tupá cy eté
abep ara pora
oico nde yabé

GOZOSOS

Nde mobaeté
tupá nde rançupa
Deibya pupe
pitangamo oupa.
Tupana esseripa
ipo nde rigné
Abap... etc.

S. Joam pitangui
tignepe oendape
nde rura audupape
opo opori
Jem oyassi
Cuapa aunhe nhe
Abap... etc.

Nitibybi tugni
nde membyra çape
ende nde gibape
Jem eré çupi
i poyá miri
nde Cama pupe
Abape... etc.

Oyara reça
Reya bacepape
y yelanenga pe
cori nde pia
pitanga roba
Cecai yxupe
Abape... etc.

Nde pope ogoapica
oco cunumi
tupa tyba ri
nde reroy aibica
nde mêa piçica
ognabo recé
Abape... etc.

DOLOROZOS

Peó esserobica
Ciay tecatu
Çugni turnça
obipe ocirica
Mitima pupe
Abape ara pora, etc.

Yaipo poaratá
ymoan gaïpapa
Eugni momucapa
y ai nupã mupá
oboc nde nhiá
Cançaba recé
Abape... etc.

Oique jngoançá
Ya cunga cutnca
opa imó bupnca
oi mombo reançu
Xe jara pay Jezú
Cô çanga porece
Abapa... etc.

Oa ty bari
Curuca ocupi
menibeca çui
Jezu ceroari
Cece aba poari
nde ueçapé nhe
Abapé, etc.

Yaipo açaça
Ypé recebé
Cumça çoce nhe
Xe jara moja
oique ita pigna
nde anga pupe
Abape ara pora
oico nde yabe.

GLORIOZOS

Ocem oicobebo
otimi roiré
Anhanga ndibe
teó mo angebo
nde rocupe oiquebo
Abapé, etc.

Ybaca racape
Oço nde reia
opá aboia
nde pope imoguapa
tupá mojo iapa
Ceçou y balé
Abape, etc.

Nde auja oçapi
Cata ognegipa
tupá rerogipa
Ybaca çui
Ocié oreri
Cendi ye pinhe
Abape, etc.

Teõ bacembape
tupá tiba pyri
Jem nde rupiri
nde moeté çape
Jem ecatupe
nde nho ereime
Abape, etc.

Nde orejará
Cunhã piatá
Ybacipe ndoara
opa aimurá
rei tica meme
Abape ara pora
oico nde yabe

Padre José de Anchieta.

A' MEMORIA VENERANDA

DO

DR. MELLO MORAES

A litteratura nacional deve sincera homenagem á memoria deste varão illustre.

A historia patria nelle perdeu um sabio.

Propheta do passado, com uma intuição admiravel, lia na noite dos tempos, e fazia resuscitar inteiras as gerações extinctas, que povoaram o nosso continente.

Archeologo doutissimo, da poeira dos archivos extrahia elle os mais preciosos documentos do que foi esta parte da America desde os primeiros dias da descoberta.

Lutou como um forte, e contribuio com grandes materiaes para o estudo da sociedade brazileira no periodo colonial e nos dias que se seguiram á independencia.

Se todos os orgãos da imprensa fluminense já pagaram justo tributo ao illustre morto, a nenhuma outra publicação cabe com melhores titulos o dever de glorificar o illuminado chronista nacional do que a uma revista que se destina a estudar o homem americano desde os tempos prehistoricos.

E' portanto com magoa, tão pungente como é profunda a nossa admiração, que reverentes nos approximamos do tumulo onde repousa o distincto brazileiro Dr. Alexandre J. de Mello Moraes.

Honra e gloria ao seu nome!

O TATUTUREMA

O estudo das festas religiosas entre os indios não satisfaz nas paginas da *Theogonia* de Tevet.

Lery, como testemunha que foi de algumas dessas ceremonias entre os Tupinambás, descreve-as com alguns pormenores. Entre outras, as que se celebravam antes da partida para a guerra, e a dos *maracás*.

Os pagés percorriam annualmente as aldêas, e eram recebidos com dansas e cantilenas.

Era crença entre os selvagens de que o Espirito, baixado das *montanhas azues*, dava poder ao pagé para que o *maracá* respondesse ás perguntas que lhe fossem feitas.

Os *maracás*, adornados de pennas vermelhas, eram trazidos pelos guerreiros á presença do pagé, que, depois de esgares e exconjuros, levava-os á boca e depois ao ouvido, annunciando em altas vozes as perguntas que diziam haver feito e as respostas obtidas.

Cada guerreiro julgava ter um oraculo no seu *maracá*, e respeitava-o como a um talisman sagrado.

Accrescenta Lery que, do Orinoco ao Prata, não tem o selvagem outro objecto visivel a que preste culto.

Quanto aos demais ritos e ceremonias, pouco adianta o chronista.

Na interessante obra de Fernão Cardim, reimpressa ultimamente pelo illustre Dr. Ferreira de Araujo, são narradas as ceremonias do casamento e enterro entre os indios, e mais as feitiçarias dos *Caraibas*, e as festas de cinco dias entre os anthropophagos, que terminavam pelo banquete de carne humana, ao som dos cantares em que elles affirmam que *são aquelles que fazem estirar o pescoço ao passaro*.

O poeta maranhense J. de Souza Andrade, no seu poema-romance intitulado *Gueuza Errante*, descreve algumas festas dos indios do Alto Solimões, e entre ellas a orgia religiosa, verdadeira dansa macabra, que precede a um desses festins sanguinolentos, e que é conhecida pelo nome de *tatuturema*.

E' uma ceremonia muito usada entre os indios da Columbia e que acompanha o sacrificio do Gueuza.

Este, segundo a lenda, é um menino roubado á casa paterna.

Denominam a victima de *gueuza*, que quer dizer *errante*, creatura sem asylo.

Entre os Incas, o gueuza, depois de roubado aos pais, era criado no templo do sol até a idade de quinze annos.

Nessa época, depois de passeiarem com a victima em procissão por toda a aldêa, o conduziam até junto da columna que servia para medir as sombras equinociaes, e ahi o matavam á flecha, guardando o sangue do *gueuza* em vasos sagrados.

Esta ceremonia era celebrada de tres em tres annos.

A bacchanal que precedia o sacrificio, esse *tatuturema*, de que ainda se recordam os indios do Solimões, é descripto minuciosamente pelo autor do *Gueuza Errante*, que o qualifica de:

« Canicular delirio! Paroximos
Do amazoneo sarão!...
Dissolução do inferno em movimento! »
. . . . . .

J. Serra.

DEUSES FETICHES DO AMAZONAS

Diante da natureza selvatica da America tropical o homem primitivo devia e deve ser fetichista.

A grandeza do maravilhoso scenario, o sumptuoso e solemne de suas decorações que variam ao infinito, as cadêas accidentadas das montanhas em cujos pincos avermelha-se o sol no ocaso como uma pyra incendida para os sortilegios das feiticeiras ; em que o pensamento, como a aguia do mar, vôa mais alto do que as nuvens, os cometas, as estrellas, em busca da divindade—tudo concorre para a creação do deus-materia, despojado do Deus-espirito das concepções metaphysicas.

Nesse templo magestoso, em que a serpente enrolada nos troncos pendura o collo á arvore da vida, o indio nem receia um instante, e nem o medo gera-lhe superstições n'alma : familiar com as manifestações bravias de forças occultas, não as interpreta, porém as domina no combate pela existencia.

Eis porque, sem nova theoria evolucionaria sujeita a nova verificação, não aceitamos a bagagem de superstições inevidenciadas dos nossos aborigenes, pois que superstição é accessorio de dogma, principio fundamental de religião, e esta suppõe mythos, theogonia e idéa da vida futura, estado mental a que não chegaram, limitados ao fetichismo, que nada mais é do que a mutilação do sêr supremo palpitando nas fórmas de objectos grosseiros, inertes ou animados.

No baixo nivel do seu desenvolvimento intellectual os indios não possuem culto patrio, divindades nacionaes.

Mais retardatarios do que os negros da Polynesia que, como os egypcios, tributam ao rio que fertilisa as terras as offerendas de sua adoração, do que os heliolatras do Perú e do Mexico, fetichistas de ordem superior, não se encontra entre elles lendas e divindades constituidas.

Se podessem merecer a classificação de lendas a fama transmittida das acções guerreiras das tribus, as narrativas austeras de suas viagens e os contos naturaes de suas caçadas, a *marandiba* e a *porandiba*, que reflectem sem poesia esses acontecimentos, o seriam por certo ; mas se o elemento da lenda é o mysticismo, o sorprendente, como reconhecermos naquellas tradições oraes composições proprias dos povos que deixaram a infancia, que consiste na vida dos movimentos automaticos, inconscientes quasi ?

A noção da idéa de Deos é tão vaga, tão indefinida nas populações do valle do Amazonas, que os simulacros são tomados pela divindade, não conseguindo desatar-se a pensamentos religiosos mais elevados.

Crearam essas nações um genio fecundante a que deram o nome de—*Cy*—mãi, do qual foram gerados genios subalternos. As montanhas, as pedras, os lagos, os animaes, etc., têm uma guarda que os assiste e defende : aquelles se conservam, existem por sua influencia ; estes se reproduzem, crescem, vivem ou morrem por seu prestigio, por sua vontade. *Cy*, mãi da natureza, é a mãi de *Cy*, mãi da onça ; de *Cy*, mãi da montanha, da selva, etc. Entidades protectoras, sempre juntam *Cy* antes de qualquer nome, quando querem determinar individualidade familiar.

Os indios reconhecem esses deuses, donde procede a luta dos genios. Assim, se o animal se desvia da flecha do caçador, foi a *Cy* tutellar quem o salvou ; se a enchente submergio uma floresta, este acontecimento marca uma victoria da *Cy* do rio, contra a *Cy* da floresta.

As plantas gozam entre esses barbaros de virtudes miraculosas : o *cumacá*, por exemplo, é o fetiche da liberdade. Imagine-se que algum delles cahe prisioneiro : acreditam neste caso que as raizes pulverisadas do fetiche sopradas sobre as cordas, que lingam o guerreiro transportado á tribu inimiga, afrouxam os laços, proporcionando-lhe a fuga e a liberdade.

O *tajá* (tinhorão) é o fetiche das pescarias ; o caboclo vê nas suas largas folhas orvalhadas do relento os dentes de perolas de uma boca mysteriosa, que beija com o susurro das auras a face calma do rio... De pé, aninhando suas esperanças sob a divindade que traz collocada á prôa das *montarias*, o céo lhe é sempre azul, e as illusões lhe cantam no peito como a rôla selvagem nas mãos bronzeadas da indiana erradia.

A bem poucos phenomenos astronomicos os gentios do Amazonas emprestam significação.

D'entre elles temos certeza que unicamente os eclipses os impressionam, attribuindo o espectaculo, que lhes parece sobrenatural, ao conflicto de dous genios na arena obscura do firmamento.

Então a tribu reune-se ; as vozes dos instrumentos e os alaridos reboam por valles e montes, por serras e despenhadeiros.—E' o meio de apartal-os, de concilial-os.

O culto fetichico das nações do alto norte exclue as apparições, as almas penadas ou d'outro mundo, não obstante remontar-se aos mais afastados tempos da humanidade primitiva.

MELLO MORAES FILHO.

PONDERAÇÕES PHYSIOLOGICAS SOBRE O USO DO TEMBETA'

No uso do tembetá força é confessar que se nos patentêa, além de tantas e tamanhas baldas ou lacunas na individuação moral dos povos que o empregam, a completa ausencia do gozo do beijo, a ignorancia e a privação da sua voluptuosa sensação de amor, ou da sua doce expressão de purissimo affecto.

E' evidente que individuos habituados a trazer um fragmento de pedra, de madeira ou de qualquer substancia não menos dura, mettida no labio e em saliencia a esse labio, não podem usar nem gozar do beijo, porque não lhes foi dado comprehendêl-o, não lhes foi permittido a fruição deste tacto especialissimo. São como os cégos natos: não formam nenhuma idéa do que seja a luz; ou como os surdos-mudos: não imaginam sequer o que seja o som.

E não se supponha que me excedo da justa apreciação, ao dizer que, sendo mui commum o emprego dos adornos labiaes e nazaes, muito commum é tambem conseguintemente a privação da sensação do beijo, que o uso daquelles adornos não permittio, no decorrer de tantos seculos de adaptação, se desenvolvesse ou desabrochasse na evolução physiologica dos povos que tinham os referidos adornos por costume. Basta dizer-se que dessa privação se resentiam os Taïtianos os Neo-Zelandezes, os Papúas, os Australeos,os Somalenses e os Esquimáus, povos estes em que o uso do tembetá e mais ainda do adorno nazal se havia conservado desde remotissimo passado.

Nas tribus de Chittagong, onde o uso do annel e dos cylindros de pedra enfiados ao nariz é muito inveterado, não se pede um beijo, com a expressão propria: « beijai-me; » mas dizendo-se ; « cheirai-me; »—tal é entre aquelles selvagens a ignorancia do beijo.

E' um phenomeno este tão commum quanto natural, sob o dominio das circumstancias em que se acham os barbaros que nôl-o apresentam : natural, porque nada mais é que o resultado da ausencia absoluta de uso onde adaptação dos labios a esta funcção toda especial, na qual domina mais a imaginação do que o tacto ou a percepção material, em que é por si quasi tudo o sentimento e mui pouco a sensação a elle inteiramente subordinada.

Ha inquestionavelmente no mundo moral uma ordem de phenomenos, uma concatenação de factos e uma serie de evoluções muito mais notaveis do que no mundo physico. Da completa privação do beijo entre individuos que nessa privação foram mantidos pelo uso dos adornos da face, ou que por um atrazo deploravel da sua raça pouco mais eram que brutos, occorre-me aventurar uma proposição de possivel, senão de provavel verificação entre algumas tribus das mais selvagens dos nossos aborigenes: e é que se o emprego daquelles adornos retinha os povos que delles faziam uso na ignorancia dessa doce manifestação de amor, não pouco devia concorrer, para essa ignorancia, o modo por que se effectuavam as uniões sexuaes em muitos dos povos que tinham por costume o adorno labial. Quer fosse, porém, este modo de união sexual uma causa concomitante, com o uso dos adornos labiaes, para a ausencia do beijo, quer o consideremos antes como o effeito immediato do mesmo adorno, sou induzido a crêr que em povos tão selvagens, tão afastados da altura a que se elevam as nações civilisadas, a união sexual devia realizar-se *ad instar animalium.*

Assumpto é este de que ainda se não tratou no campo da anthropologia, ou que pelo menos não foi, que eu o saiba, convenientemente discutido.

Primeiro que tudo o contacto e até a simples propinquidade da civilisação apagaram de ha muito este cunho tão caracteristico de selvagem animalidade nas tribus em que mais possivel fôra averigual-o.

A respeito das tribus que podem ainda conserval-o, essas vivem arredias do commercio do povo invasor, e tão esquivas se mostram, que só por simples acaso se lhes sorprenderia qualquer desses caracteres intimos e de tão peculiar individualidade. Ha informações, comtudo, que confirmam esta minha asserção e dentre ellas é mui positiva a que me foi transmittida pelo naturalista-viajante do museo nacional Guilherme Schwacke sobre a tribu dos Canig-ang, quando ha alguns annos foi por mim enviado á provincia do Paraná no intuito de colher dados sobre os costumes daquelles selvagens.

Claro é, pois, que para individuos estacionados em tão baixo nivel sensual, não póde servir, como transmissor dos sentidos á imaginação, esse contacto subtil, e por assim dizer immaterial, de duas bocas que reciprocamente se buscam e se attrahem, que se vinculam n'um só pensamento, que se unificam na fusão de duas almas n'um só desejo, e se consubstanciam por fim n'um mesmo beijo.

Dahi a necessidade dos labios livres, e puros de todo e qualquer corpo estranho, para essa especialissima funcção, que, a meu ver, é já um apanagio de aperfeiçoamento moral.

Coroconô, festa dos mortos.

Qual, porém, das duas praticas, a do enfeite labial ou a da união sexual acima referida, devemos acreditar que fosse causa ou effeito da outra, problema é este de que me não parece offerecer-se-nos facil solução.

DR. LADISLÃO NETTO.

TRIBU DOS ARUAQUIS E PARIQUIS

« COROCONÔ, » FESTA DOS MORTOS

Descrevo estas duas tribus juntas para se poder comparar os costumes e vêr a differença que hoje as separa, quando os Aruaquis tiveram o mesmo dialecto, usos e costumes que os Pariquis, o que com a separação modificaram.

Pelos vocabularios, que exhibi na *Exposição Anthropologica*, vêr-se-ha que, emquanto os Aruaquis conservavam a sua pronuncia aspirada, os Pariquis a tornavam guttural.

Já vimos a modificação nos trajes e armas; agora vejamos na ceremonia festiva que fazem pela morte de algum dos seus.

Tanto uns como outros adoptam a cremação dos cadaveres.

Os Aruaquis, depois de queimarem os cadaveres, calcinam os ossos, e guardam-n'os em casa em um *uru*. Durante esta ceremonia dansam e cantam em roda da fogueira. Calcinados os ossos e guardados, segue-se o preparo do *cachiry*, o que dura alguns dias. Preparada esta especie de aguardente, reune-se novamente a população da maloca, e fazem então a festa. Começa ella reduzindo-se os ossos a pó, e, depois de misturado este com a tinta do urucú, depositada em uma igaçana, fórma-se a dansa em torno a esta. A' medida que cantam e dansam, vão molhando as mãos no liquido e com elle se pintando, interrompendo-se só a dansa pelas libações de cachiry. Quando só resta uma pequena quantidade no fundo da igaçana, vasam o resto para pequenos potes de gargalo, e os enterram sem ceremonial algum em lugares proprios. Com isto finda-se o funeral.

Os Pariquis, cuja festa representamos na estampa junta, têm o *Coroconô*, festa semelhante a esta, porém modificada.

Quando em alguma maloca morre alguem, o chefe convida a tribu a assistir ao funeral do morto.

Depois de todos reunidos, e preparada uma grande fogueira em frente á *oca* do morto, agarram o cadaver, encolhem as pernas, amarram

os pulsos sobre os joelhos e é assim mettido em um *panacu*.

Os convidados, então, formam circulo em torno á fogueira, e um toma o cadaver ás costas, suspenso pela testa, e começa a dansa, sem instrumentos, acompanhada só pelos cantos. Quando o primeiro cança passa para o segundo, e assim successivamente até todos terem carregado o morto, que é então lançado ao fogo.

Emquanto este devora o cadaver as mulheres preparam o cachiry, e a tinta de urucu.

Prompta esta, e findas as libações, recomeçam as dansas e os cantos, então pintando-se os individuos com a tinta.

Dura esta ceremonia mais de um dia. A sua duração é calculada pela quantidade de cachiry que se preparou. Acabando-se este, guardam os ossos calcinados em uma igaçana e a enterram dentro da casa do finado, retirando-se os convidados para suas malocas.

Os Aruaquis misturam á tinta com que se pintam o pó dos ossos; os Pariquis só se pintam. Aquelles têm cemiterio; estes enterram os ossos calcinados em casa, porém ambos ainda conservam o uso do fogo para consumir os seus mortos.

Noticias ligeiras, como são estas, escriptas ao correr da penna, não permittem dar largas ás considerações, nem attender ao estylo: simples como verdade, são ellas lançadas aqui como em um livro de notas.

J. Barbosa Rodrigues.

POESIA

A luz dos afogados

(LENDA POPULAR)

Sobre o rio o céo profundo
Turvo, bem turvo se arquêa...
E as estrellas miudinhas
São como dourada arêa..

A saracura espantada
Sólta gritos nos mangaes,
Reza o vento nos caniços
Pela calma dos brejaes.

N'um barco tisnado vulto
Vai de pé na correnteza;
Ampara com a mão a vela
Que tem n'outra mão acceza.

Aladas, esguias brumas
Resvalam pelas *catingas*,
E as almas choram no côro
Das vagas d'ermas restingas.

Canoeiro, canoeiro,
Mede o abysmo a teus pés!...
São esquifes verdejantes
A boca dos jacarés!

Da canôa a leve quilha,
O limo rasgando vôa ..
E as ingaranas murmuram
Vendo passar a canôa.

— N'um leito pleno de horrores,
Sem uma prece, uma cruz,
Dormes, Maria! — mais longe
Irei largar esta luz ..
Que os mortos no fundo
Do rio e correntes
Ensinam ás gentes
Seu corpo onde está:
A flamma parando
Que fica boiando,
E fatua scintilla
Tranquilla
P'ra cá e pr'a lá!

Ella afogou-se no rio;
Quem sabe se enlouqueceu?!...
Ai pobre escrava! Que sina!
Que sina que Deos lhe deu!
Eu busco-a, entretanto;
Assim hei de têl-a,
Embora por vêl-a
Me custe o morrer!
A' lua, que é nova,
Abri-lhe uma cova
Da vargem no seio,
No meio
De pranto e soffrer.

Desçamos a vela n'agua;
Mostra-me, ó luz, seu encerro!...
Escravidão, tu nos roubas
Os sete palmos do enterro!!...
Sigamos o rastro
Do fogo da trilha,
A taboa que brilha,
Com a luz a tremer...
E no arrepio
Do dorso do rio
Resvala e se avança,
Balança,
Mas sempre a correr.

A canôa ia de manso,
O pedestal da figura,
Que sobre o peito curvava
A fronte rugosa, escura.

E ao funebre marulho,
Das aguas no remoinho,
A luz esbarra nos juncos
Que topa lá no caminho.

Ao baque d'um corpo — horrenda
A' superficie resôa,
Como o som d'um bando d'aguias
Que rente, bem rente vôa.

Boceja á tona o abysmo,
O sorvedouro que o traga;
E a luz dos afogados
Desce, remonta... e se apaga!

Mello Moraes Filho.

LENDA DE MANI

Em tempos idos appareceu gravida a filha de um chefe selvagem, que residia nas immediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarem. O chefe quiz punir no autor da deshonra de sua filha a offensa que soffrêra seu orgulho, e, para saber quem elle era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexivel, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado matal-a, quando lhe appareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ella effectivamente era innocente, e não tinha tido relação com homem. Passados os nove mezes ella deu á luz uma menina lindissima, e branca, causando este ultimo facto a sorpresa, não só da tribu, como das nações vizinhas, que vieram visitar a criança para vêr aquella nova e desconhecida raça. A criança, que teve o nome de Mani, e que andava e fallava precocemente, morreu ao cabo de um anno, sem ter adoecido, e sem dar mostras de dôr.

Foi ella enterrada dentro da propria casa, descobrindo-se-a e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta, que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu e deu fructos. Os passaros que comeram os fructos se embriagaram, e este phenomeno, desconhecido dos indios, augmentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se; cavaram-n'a e julgaram reconhecer no fructo que encontraram o corpo de Mani. Comeram-n'o, e assim aprenderam a usar da mandioca.

Dr. Couto de Magalhães.

MISSIONARIOS E REGATÕES DO AMAZONAS

A catechese encontra no valle do Amazonas innumeras difficuldades e embaraços. Outr'ora, é certo, servio ella de pretexto para frequentes e deploraveis extorsões e violencias; mas tambem é innegavel que deixou de si alguns vestigios, alguns bons fructos, que ainda hoje saboreamos.

O catechumeno era muitas vezes um escravo e não um doutrinando, e as missões eram mais uma caçada de homens do que um apostolado. Mas a par de todos esses tristes excessos, de toda essa deploravel deturpação do mais sagrado dos ministerios e da mais sublime das virtudes christãs, muitos esforçados missionarios, verdadeiros apostolos e benemeritos da humanidade, derramaram largamente com a palavra santa crença, e com a crença a civilisação no seio das tribus ferozes, que povoavam as matas.

Hoje, quem vai ao encontro do indio, no fundo de suas florestas virgens e no interior desses rios sem fim?

Rarissimos são os missionarios que acodem a esse appello da humanidade, e os poucos que existem, salva uma ou outra excepção bem rara, não penetram, com a palavra nos labios e a cruz erguida na mão, por através dessas florestas espessas em que dorme o indio á sombra da ignorancia e da barbaria; não vão alli levar-lhe o pão do espirito e o presente sublime dessa luz benefica e creadora, que vivifica o espirito e alimenta o coração. Limitam-se a estabelecer-se, e mesmo assim lutando com as maiores difficuldades, á margem de um rio, na boca de um igarapé, e já muito fazem quando conseguem levantar uma capella, em torno da qual se grupam indios, que já têm o contacto social e que com o baptismo da civilisação bastarda, que lhes levou o regatão, receberam tambem a innoculacão do vicio e dos máos habitos.

Convem entretanto, que fique bem patente, por amor da verdade e da justiça, que a causa do quasi nenhum resultado que a catechese tem dado não provém dos missionarios, ou pelo menos não provém sómente delles. E' certo que para esse estado de cousas concorre tambem a ausencia de providencias e de recursos, sem os quaes não podem deixar de ser improductivos quaesquer esforços e sacrificios da parte desses homens.

Lutam os pobres missionarios, tão reduzidos como são, com difficuldades de transporte, com difficuldades de alimentação, com um clima ardentissimo, verdadeira atmosphera de fogo e com febres paludosas e intermittentes, que abatem a coragem a mais decidida, a mais tenaz, e prostram a mais robusta constituição. Na arriscadissima empreza a que se devem entregar, nem ao menos contam garantida a sua segurança individual sempre ameaçada, — já não fallo por parte dos indios que vão converter, mas por parte dos regatões, cujos interesses e extorsões contrariam; e nem lhes proporcionam meios e recursos que de alguma sorte mitiguem e attenuem as difficuldades com que vão arrostar.

O missionario é sem duvida o primeiro elemento para a catechese, é o seu mais poderoso auxiliar; mas o maior inimigo que a catechese tem, aquelle que mais embaraços lhe oppõe, que mais difficuldades lhe suscita, é o regatão. Menos barbaro que o indio, porém muito mais corrompido, vive em luta constante com os missionarios, que não permittem, que não podem consentir

que elles explorem, depravem e deshonrem o pobre filho das selvas, a pretexto de commerciar com elle.

O regatão é uma das pragas do Amazonas.

CONEGO FRANCISCO BERNARDINO DE SOUZA.

INDIOS CONIBOS

Descendo em 1873 do Alto-Amazonas, no vapor *Belém*, ahi encontrei-me com um negociante peruano, que descia tambem com alguns indios dessa tribu, e conduzia para os Estados-Unidos uma collecção completa dos seus instrumentos de guerra, caça e musica.

D'entre as duplicatas que havia comprei, por 50 sols, uma collecção completa, e obtive photographias dos mesmos indios nos seus trages ordinarios.

Além das informações do mesmo negociante, que com essa tribu negociava havia muitos annos, tive occasião, durante a viagem, de me entender com os indios, e delles informar-me sobre seu viver, tomando alguns vocabulos do seu dialecto.

Habitam esses indios o rio Ucayale, desde o Pachitea até ao rio Maranon. Outr'ora quasi que indomaveis, a ponto de sacrificarem mais de um missionario, hoje estão quasi todos semi-civilisados. São de baixa estatura, feios e immundos. A pelle é aspera e de um moreno-escuro. A aspereza da pelle é produzida por uma especie de lepra que os persegue e que é heriditaria. Tém por costume tingirem os dentes de amarello, com o succo de uma raiz. Usam cabellos cortados, horizontalmente sobre a testa, e longos pelas costas.

Vestem uma samarra feita de estopa de turury, enfeitada com galões de tecidos de palha, a que no Perú dão o nome de *cuzma*. Alguns ainda conservam o habito de achatarem o craneo, como os Omauas, pelo que julgo que esta tribu veio do Alto Perú emigrada, para a região do Maranon. Outr'ora pelos craneos que se encontram nas *huacas* (tumulos) do Alto Perú, os naturaes achatavam tambem o craneo.

Estes indios são polygamos, e, quando lhes faltam as mulheres, unem-se aos Setibos e Pechivos, e vão atacar tribus vizinhas, como a dos Amalmacas, para obtêl-as. Suas armas são a sarabatana, o arco, e uma variedade de flechas de guerra e caça, cada qual mais bem feita, assim como ornada, e pintada. Os arcos são chatos, feitos de paxiuba, envernizados com rezina de jutahy, e cobertos no centro por fios de algodão, em que desenham com caragirú, coapiranga e urucú, varias figuras muito regulares e bem feitas. Este tecido é coberto de palha de milho para que se conserve sempre limpo. As flechas de taboca são pintadas, e as de dentes envernizadas tambem com jutahy.

Indio Conibo.

A sarabatana é a mais perfeita que conheço, assim como a menor. A aljava differe de todas do Amazonas. Usam as suas flechas envenenadas, e como antidoto do seu *ticuna* ou *curare*, tambem usam do sal das minas de Huallago.

Hoje os Conibos são uns dos melhores auxiliares da navegação ; posto que um tanto traiçoeiros, comtudo são ás vezes amigos dedicados.

J. BARBOSA RODRIGUES.

SEPULTURAS, URNAS E CEREMONIAS LUSTRAES

A morte para a generalidade dos povos barbaros é a continuação da vida.

Debaixo da arcada funebre que atravessam os viajores ha uma sombra que se estende, a tréva que cahe...

A' porta desse paiz desconhecido—o tumulo—as tribus depositam as flechas dos combates, os utensilios da paz, as munições da jornada...

Para ellas o sol da eternidade não se levanta com seus fogos pallidos por traz das avenidas longinquas, e nem a alma se espaneja nas glorias increadas. Na aridez de suas crenças fetichicas, sentindo as exhalações mephiticas do cadaver, espantadas á noite pelas phosphorecencias dos elementos chimicos do organismo que se decompõe depois da cessação definitiva da nutrição, fizeram sahir da morte a vida pelas creações bizarras de entidades posthumas, e, com os olhos fitos no sepulchro que esconde o companheiro do lar, accendem a imaginação que o vê tal qual era antes da desapparição da vespera.

Muitos dos insulares da Polynesia e Melanesia, muitas das tribus africanas e da America não comprehendendo a morte, não podendo compenetrar-se da communhão em que entra o corpo com a natureza depois que a circulação pára e a rigidez começa, defendem o pensamento acima, baseado nas pompas e ritos celebrados por tantos homens na ante-camara da barbaria, quando uma existencia se submerge no nada, quando o frio da morte entorpece o selvagem que se refugia nos solares do ultimo somno.

E é o mesmo por toda a parte o homem, dependendo as nuanças, as gradações do estado, das nuanças e gradações da civilisação.

Lendas, tradições, costumes, usos, crenças religiosas e politicas revelam taes afinidades entre povos os mais afastados, que as differenças, não sendo puramente locaes, conduzem o observador ao grande ponto de reparo, isto é, que a humanidade, sahindo da natureza, sobe ao mesmo tempo a montanha da civilisação; mas no caminho ascendente, se uns a exploram em demanda da essencia da luz, outros lá ficam nas cavernas humidas ou nas florestas bravias e farfalhantes.

Parece-nos esta a unica theoria aceitavel para a explicação das analogias.

No compendiar de ritos e festas funebres vemos antes de tudo a anthropophagia, seguindo-se após a cremação, a exposição dos cadaveres sobre as arvores em que são devorados pelas aves ou pelos animaes, a mumificação, o enterro. Entre algumas nações selvagens as mutilações são frequentes, as deformações da pelle, em signal de tristeza, de pezar. Depois vieram os prantos e lamentações em altas vozes, os sacrificios parciaes, dos escravos, das viuvas, de pessoa da familia; mais tarde a hecatombe dos prisioneiros de guerra, de parte de uma população, nos funeraes dos reis e de personagens illustres.

Comparados os enterramentos, é razoavel até certo ponto medir-se por elles o desenvolvimento mental de nacionalidades diversas.

A primeira fórma de tumulo exprimindo uma idéa, devia ser a dos vasos de terra, ou igaçabas, em que varias populações de multiplos continentes, e mesmo os nossos indigenas, posteriormente ao processo da mumificação, enterram os seus mortos.

Ao vêr-se esses toscos sepulchros entreabertos dous pensamentos acodem de prompto: ou de alguem acocorado em frente a uma fogueira, ou de um feto no utero materno.

A uniformidade da posição, os instrumentos que se acham dispostos ao redor da mumia, a igual configuração dessas rudes urnas agru-

pam-se tão sem esforço, que a idéa extravasa-se pela opulencia no molde em que se funde.

E esta idéa é a da contingencia e da vida, unica admissivel pelas tribus selvagens da Africa e da Oceania, dos Estados-Unidos e do Brazil.

E porque, notavelmente entre os povos americanos, as igaçabas foram descobertas nas anfractuosidades das montanhas, á beira rio, e em cada uma dellas provisões de viveres e armas de guerra?

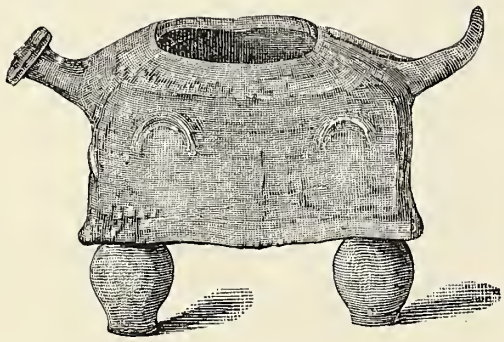
—Pelo incomprehensivel da alma e da immortalidade, productos de regimens progressivos da mentalidade humana, diante da materia que recorda a materia, do amor que recorda o amor e do tumulo que não recorda cousa alguma.

A individualidade palpavel ao circulo a quem foi cara não póde morrer para elles; o hospede que abandonou a sua cabana e os climas de sua terra se erguerá um dia? Erguendo-se, terá sêde?—Ahi tem o rio. Terá fome?—A caça ficou-lhe aos pés. Na quietação do somno, o inimigo o acommetterá?—Eis a flecha ervada, o arco dos combates, e a trompa que embocada pelo redivivo chamará os guerreiros á luta...

E' a glorificação da materia em todo seu esplendor, é ter no presente o futuro e o passado!

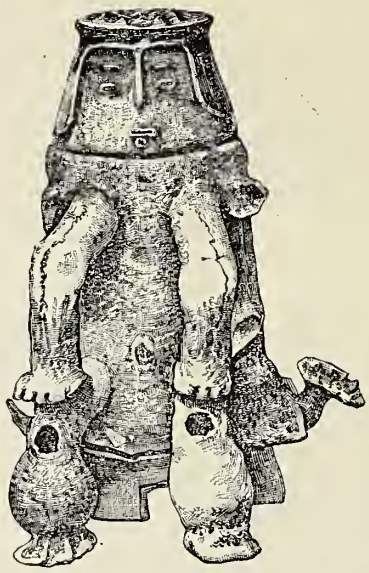
Os Mundurucús, os Manhés e os Muras não depositam seus mortos nesses jazigos, mas os enterram no chão, debaixo da rêde da casa deshabitada no caso de fallecimento.

As demais tribus, não; possuem igaçabas e urnas funerarias, cuja fórma rara é a do jaboti.



Depois da cremação dos cadaveres, das inhumações ou exhumações, as cinzas ou os restos são ahi depostos e conduzidos aos *aterros sepulchraes*, segundo a feliz denominação de Barbosa Rodrigues, sendo as mais curiosas as do rio Maracá, na provincia do Pará, e as de Marajó.

Os modelos variam: começam pelos potes sem arte e chegam ás estatuetas ôcas, esquisitas, bizarras, facilmente confundiveis com os fetiches ou idolos de civilisações infantis.



A's inhumações, á cineração, aos enterros, antecede ou precede entre os nossos indios a dôr funeraria, manifestada pelo arrancamento dos cabellos, pelos alaridos, a sangria, a tatuagem e as festas, medindo-se a intensidade das expansões dolorosas pela posição que occupava o defunto na sua aldêa ou maloca.

E aos clarões dos archotes de resina, aos tropeis das dansas convulsionarias, ao som dos cantos barbaros e ás ceremonias lustraes, a morte suspende as azas silenciosas e pesadas do meio das florestas e dos povos selvagens, nivelando-lhes os costumes funebres nas analogias do pensamento e nos ritos identicos.

As aves fogem espavoridas ás algazarras festivas, e as mumias nos seus nichos de terra olham os alimentos e não têm fome, o rio e não têm sêde, a eternidade e não se levantam...

E' a apotheose da natureza!

MELLO MORAES.

DO CULTO DO TEMBETA'

Assim como durante o culto geral da pedra foi preferido o silex sobre as demais rochas, pelas suas propriedades physicas, como arma constante ou como rocha pyromatica, ou pedra de fuzil, assim tambem desse mesmo culto originou-se a idéa de adornarem-se com pedras. Dest'arte, satisfazendo ao duplo preceito de gratidão á pedra e de

respeito á cabeça pyramidal e á face prognatha dos antepassados, acharam facil pastio á sua propria vaidade, como se desde os primeiros actos do homem, no começo da sua vida psychologica, forcejasse a Providencia por acorrental-o para logo a essa fatal dualidade, tão engenhosamente figurada na terrivel imagem biblica da sciencia do bem e do mal — dualidade manifestada entre os homens primitivos pelo consorcio da mais bella das virtudes, a gratidão, com o mais negro dos vicios—a soberba.

Claro é, portanto, que, no intuito de obterem estes fins, os primeiros selvagens escolheram aquella d'entre as pedras que mais bella se lhes afigurou, ou antes, como creio, a que lhes pareceu representar mais justamente, pelo colorido, ou o doce azul do céo, ou o verde brilhante do arvoredo, ou melhor ainda a fusão destas duas côres, como as aguas, em promiscua harmonia, nôl-as retratam. Céo, arvoredo e mar, tres principaes individuações do seu totemismo e que elles tinham na mais alta veneração, pois que se do céo lhes descia, na voz do trovão e no lampejar do raio, o temor da divindade que fere e castiga, sorria-lhes das franças do arvoredo, com o enebriante perfume da flôr, o grato sabor do fructo que nutre e refrigera; e, finalmente, destas duas impressões reunidas, era uma como união mysteriosa e divina o sentimento que lhes produziam as aguas no seu duplo caracter de furor e bonança, e no seu aspecto de intermediarias, que as suppunham ser, entre a terra e o céo.

Dahi o uso do tembetá mais ou menos verde, mais ou menos azul.

Dahi o alto apreço, desde a mais remota antiguidade, tributado á turqueza e á esmeralda, bem como a jadeite na Asia, e na America á nephrite e a outras rochas de côr verde, como a orthosia desta côr, mais conhecida nas collecções mineralogicas pelo nome de *amazonstein* e *amazonstone*.

Em Guatemala, seio fecundo das tradições e das sagradas lendas dos Toltecas, ou antes dos Mayas, algumas tribus havia em que os nobres, na carencia destas pedras, usavam do adorno facial de pennas, cuja côr verde era significativo indicio do primitivo tembetá — insignia cara de sua alta estirpe.

Os Nahuas, que poderiamos denominar os Incas mexicanos, a um tempo conquistadores do paiz, e fundadores das suas mais elevadas e mais proficuas instituições, tinham, por signal de chefatura, uma pedra verde atada ao braço.

A alta valia que davam os Nahuas ou Aztecas ás pedras de côr verde, não só se deprehende da circumstancia de as haverem admittido como emblema do poder e nobreza, senão que mais ainda de as suppôrem individuações divinas.

O Deus supremo dos Aztecas, Tesclatipóca, era representado, tendo mettido no labio inferior um crystal de quartzo hyalino, perfurado longitudinalmente, como os cylindros de quartzo opaco dos indigenas do Amazonas, mas contendo neste orificio uma penna azul ou verde, de modo que pela transparencia do crystal lhe podesse ella dar o aspecto de uma grande esmeralda ou de uma extraordinaria turqueza.

Aos seus reis fallecidos, e que se lhes afiguravam elevados á transubstanciação divina, lhes faziam os Aztecas a apotheose, collocando-lhes entre os labios uma pedra verde, a qual symbolisava o coração do finado. E como a entidade da nobreza achava-se intimamente ligada, pelos seus predicados e sagrados attributos, ao caracter do sacerdocio, era de rigoroso preceito sacerdotal que os sacrificios Nahuas ou Aztecas, a cujas mãos succumbiam annualmente tantas centenas de victimas humanas, trouxessem por emblema da sua elevada investidura theocratica uma turqueza enfiada no labio, á guiza de tembetá Do que precede parece-nos mais que denunciada a crença que havia sobre a origem divina destas pedras.

As *chalchihuitls*, que assim eram ellas chamadas entre os Aztecas, passavam, na verdade, como incarnações ou emissarias da divindade. Varias e curiosissimas lendas existiam, que haviam implantado estas crenças no animo do povo — crenças que em muitos pontos enlaçam-se ás theogonias do extremo oriental do solo asiatico. Entre os nossos Tupinambás, povoadores do littoral do Brazil, e que usavam da mesma *chalchihuitl*, mettida no labio inferior e nas faces, que a mesma cousa é o tembetá, parece que tambem alguma idéa religiosa havia, que alguma tradição se conservava, participando destas crenças; mas o dominio europeu, com o cortejo de paixões que lhe são apanagio, irrompendo inexoravel nesta parte da America, se trazia abertos os olhos, certo, sobre outros assumptos os fitava que não no exame destes gentios, cujos caracteres anthropologicos mutilaram-se, adulteraram, e, finalmente, quasi que de todo desappareceram, não á luz vivificadora da civilisação, mas ao facho sinistro do exterminio, que, em seu nome empunhava o braço da cobiça e insuflava o sôpro da intolerancia.

Dr. Ladislão Netto.

Uma vista do Amazonas.

O Amazonas, séde hoje por assim dizer unica, onde o anthropologista acha vasto campo para suas elucubrações, onde o gentio ainda se apresenta na sua pureza de fórmas e com seus costumes primitivos, é não só o maior rio do mundo em extensão, como o maior na sua grandeza vegetal e nas suas riquezas naturaes. Verdadeiro paraiso terreal, ahi tudo é grande, tudo é bello.

O seu variar constante de aspecto, as suas margens da noite para o dia transformadas em ilhas, estas metamorphoseadas em praias, as suas aguas alvacentes cheias de periantans de mury e canaranas, onde o jaburú, a garça e a yaçaná fogem da montaria do tapuyo, que procura o boiadouro da tartaruga...tudo ahi inspira respeito e poesia. Aqui ilhas immensas, acolá furos e igarapés, tudo orlado de frondosa vegetação, onde o indio espreita a tapyira, e sorprende o pirarucú. Como pallida amostra da sua natureza aqui damos uma parte do rio Amazonas, devéras encantadora, vendo-se ao longe uma ilha. As folhas do mirity, e a igarité tão vulgar, ahi estão representadas.

OS CARAIBAS

No interessante poema de Mr. Viennet, intitulado *Sedim*, e que tão eloquentemente combate o trafico dos africanos, encontrei algumas notas curiosas sobre os primitivos habitantes do norte do Haiti.

Os *Caraibas* possuiam as Pequenas Antilhas no momento da descoberta ; foram elles as primeiras victimas dos hespanhóes.

Moreau de Joannés diz que os Caraibas não eram antropophagos, ou antes que abandonaram esse feroz costume muito antes do morticinio de que foram victimas.

Os francezes expelliram os Caraibas da Martinica, que foram abrigar-se em S. Vicente e S. Domingos, onde, segundo Joannés, ainda elles reuniam, em 1660, seis mil arcos.

Os inglezes exterminaram o resto dessa malfadada nação.

Hoje ainda existem traços e vestigios do Caraiba em Guatemala.

E' uma fugitiva lembrança do que foi essa poderosa nação dos antigos senhores das Antilhas.

Alguns ethnographistas consideram o Caraiba como uma raça intermediaria entre o branco e o preto, com origens no continente americano.

Mais bronzeados que o pelle-vermelha, têm o Caraiba outro aspecto que não o indio puro.

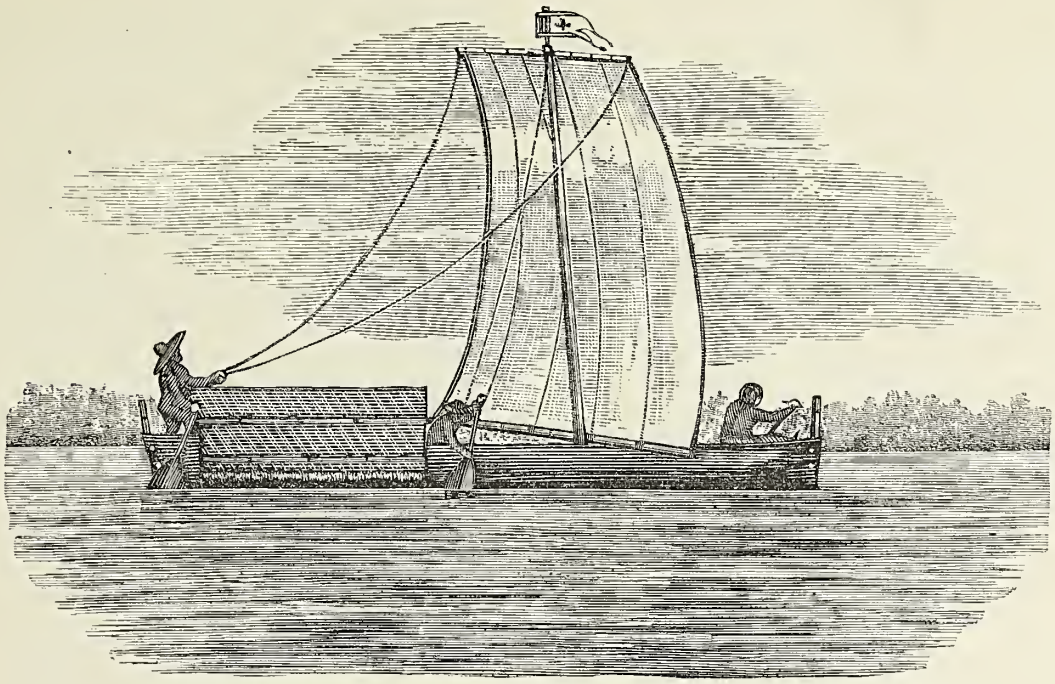
Outros pretendem que o Caraiba não é de origem americana.

No seu poema diz Viennet :

« Un Caraibe est venu sur leur trace,
Fier rejeton de ces américains
Qui de ces bords furent les souverains,
Et dont l'Europe avait détruit la race. »

Entre as tribus que povoaram o Brazil a designação de *caraiba* tinha significado diversa.

Carlos Calvo acha entre os guaranís a signi-



Igarité dos indios do Rio Negro, segundo o desenho das *Viagens* de A. Rodrigues Ferreira.

ficação de *bruxo,* e assimelha a palavra *caraiba* a *cara-yá*, nome que era dado a um mono, o maior das selvas.

Decompõe a palavra em *cará*, que quer dizer —habilidade, astucia, etc., e *yá*, ser dissimulado.

Segundo Fernão Cardim, *caraiba* designava entre os nossos indios o *santo* ou o *feiticeiro.*

Marcgraaff diz que o termo *caraiba* significa tanto o sacerdote, como o poder sacerdotal.

Thevet falla no Grão-Caraiba, assegurando que os indios o tinham em tão grande veneração como os turcos á Mafoma.

Diz mais : que foi o Grão-Caraiba quem lhes ensinou o uso do fogo e das raizes alimenticias.

Nesta diversidade de significados muitas têm sido as accepções em que se toma o vocabulo, fallando já dos indios da America do Norte,já dos da America do Sul.

E' por isso que Felix de Azara, no seu livro sobre a America Meridional, manifesta grande desdem pelos vocabularios dos jesuitas, onde, diz elle, as mesmas expressões são por varios modos traduzidas.

Não esqueçamos que, nesse mesmo trabalho, Azara faz a seguinte menção dos Caraibas:

« Os guaranís tiveram por limite o littoral do rio Paraguay, apezar do que dizem varios escriptores sobre os *Chiriguanos* de Santa Cruz de la Sierra, e dos *Gurapos*, entre Moxos e Chiquitos Esses pertencem tanto á grande familia guaraní como os *bellicosos Caraibas* das Antilhas, que ha quem affirme ter a mesma procedencia, e que chegaram ao mar das Antilhas seguindo o curso do rio Orinoco. »

J. Serra.

SOBRE A CONFORMAÇÃO DOS DENTES

I

Na distribuição das materias, que formaram modernamente o vasto programma da anthropologia, o espirito humano mostrou-se logico, procurando cathegorisar, segundo a sua importancia relativa, os variadissimos assumptos que entendem de perto ou de longe com o estudo das raças humanas. As questões fundamentaes collocadas no primeiro plano, apenas começam agora a assentar as suas balisas, convocando os esforços de numerosos obreiros empenhados em erguer um grande edificio á sciencia deste seculo. A anatomia comparada já concorreu com um notavel contingente,graças aos importantes trabalhos de Gratiolet, Broca e Pruner-Bey ; a paleontologia humana abrio caminho com Lartet, seu fudador, e vai dilatando cada vez mais os seus

dominios com as laboriosas investigações de Hamy e Quatrefages; a archeologia estampa todos os dias as suas descobertas e tem para interpretal-as homens competentes como Evans e Mortillet; emfim, em todas as provincias dessa grande confederação scientifica surgem incessantemente trabalhos importantes e aptidões reconhecidas, que tendem a constituir um novo corpo de doutrina para a sciencia do homem, considerado em relação á sua origem e ás suas differenças ethnicas. Entretanto, apezar dos valiosos documentos que se têm conseguido até hoje reunir para dar a demonstração de certas verdades duvidosas ou contestadas, não se póde deixar de reconhecer que o pesquizador, empenhado em devassar os numerosos segredos dessa sciencia complexa, tem ainda diante de si um mundo desconhecido, cujos descobrimentos não se poderão realizar em toda a sua amplitude senão pelo trabalho de muitas gerações de sabios.

Ainda bem que os primeiros sulcos estão traçados, e tudo quanto de ora avante pudermos obter com a applicação dos nossos meios será sempre um precioso legado para o futuro.

Cada seculo tem a sua missão a cumprir,como cada individuo o seu papel a representar no theatro da vida ou na communhão social: a do seculo actual é—universalisar a sciencia e confraternisar os povos.

Quando do outro lado do Atlantico os espiritos, ainda os mais positivos, se abalançam a discutir os difficeis problemas relativos á origem e á descendencia do homem, quando do seio de todas as corporações sabias partem vozes, animando ao trabalho e á indagação scientifica como o mais seguro meio de achar uma solução para esses problemas, fôra um acto de criminosa indifferença cerrar os ouvidos a taes reclamos.

Aqui,na immensa vastidão deste mundo novo, estão encerrados segredos que a sciencia precisa desvendar, thesouros occultos que a mão do homem não pôde ainda tocar. Entretanto as questões referentes á ethnologia e á antiguidade do homem na America não passaram sequer pelas primeiras provas, o que quer dizer que lhes tem faltado até aqui o apoio de grande numero de factos, unico pedestal solido sobre o qual se póde levantar uma doutrina scientifica.

Mais tarde ou mais cedo, porém, o movimento imprimido aos espiritos lá na outra banda do Atlantico ha de chegar até nós, inspirando-nos o dever de contribuir por nosso proprio esforço para o esclarecimento de todas quantas questões interessem á sciencia do homem na America.

Morton, Nott e Gliddon, Bancroft deram já o exemplo, assentando as bases de um codice anthropologico, applicado ás raças indigenas do Novo-Mundo; immensas, porém, são as lacunas que ficaram por preencher naquella obra emprehendida sob um plano tão vasto. O Brazil não pôde ter alli representação condigna dos seus fóros de nação culta e adiantada, parecendo que na carreira das indagações scientificas a America do Sul segue mui distanciada a sua companheira do norte. E' tempo, pois, de abrir caminho a esses commettimentos, explorando as nossas riquezas nos dominios anthropologicos e juntando-as aos thesouros já accumulados pela sciencia do velho mundo.

As investigações, que ora publicamos sobre a conformação dos dentes nas raças indigenas da America, são mais uma prova do quanto desejáramos ser util á sciencia nesse ponto.

Dr J. B de Lacerda.

EXTRACTO DE UM LIVRO INEDITO

A conquista do Brazil pelos portuguezes, e a introducção por elles da raça ethiopica ou africana, trouxe cruzamentos bem caracterisados no valle do Amazonas. O gentio ou indio puro dessa região tem em geral a pelle amarella, pallida, cabellos negros, compridos, bastos, rijos; a cara larga, um pouco triangular; faces proeminentes, testa chata e pequena, olhos encovados mais ou menos obliquos, negros, nariz um pouco arcado, bocca larga, beiços finos, barba pouca e dura, ou nenhuma. O craneo é baixo, as orbitas fundas. A estatura é a mediana, braços e pernas curtas, tronco comprido, hombros largos e musculares, pescoço curto, mãos e pés pequenos. A india apresenta a mesma conformação masculina, tendo, porém, as pernas e os braços finos, que não estão em proporção com as largas e bem feitas espaduas e cheio collo. O cruzamento desta com o branco europeu produz o *mameluco*, que, tirando a indolencia, a inercia e a lascivia do indio, corrige os traços, toma a côr pallida da tez, e conserva a côr negra dos olhos e dos cabellos. As mamelucas, guardando a proporção e as fórmas da india, adquire mais corpo nos braços e pernas, e tornam-se um lindo typo, apezar de afeminado, fraco e indolente. Como a india, têm os seios separados quasi a metade da largura de um delles, conicos, duros, com os bicos dirigidos um pouco para fóra.

O cruzamento do branco com o preto dá o *mulato*, cujo typo é muito conhecido, assim como o

do preto com o mulato que dá o *cabra*, carafuz ou cafuzo, tambem vulgar. O do indio com o preto dá um typo especial, o *curiboco*. Tirando a côr do preto, toma a finura da cutis do indio. Os cabellos tornam-se lisos, ondeados, porém finos como a seda o corpo torna-se mais esbelto, as espaduas mais ;estreitas, os seios globulosos, com os bicos para a frente. O rosto toma as feições do indio, porém os olhos tornam-se mais ovaes e mais salientes. A barba pouca, torna-se macia e ondeada. E' o typo em que melhor se fundem as raças indiana e negra. O cruzamento do mulato com o indio, deste com o cafuzo, do branco com o curiboco, apresenta uma diversidade de typos, bem pronunciados, em que se vê todos os caracteres do indio.

Os hybridos mais intelligentes entre estes diversos typos são sempre aquelles produzidos pelo cruzamento da côr preta. Todos estes typos formam a base da população do valle do Amazonas, predominando o *tapuyo*, que é o indio puro, nascido na sociedade, de pais indios civilisados.

J. Barbosa Rodrigues.

DOS CASAMENTOS DOS INDIOS DO BRAZIL

I

Os indios do Brazil parece que nunca têm animo de se obrigar, nem o marido á mulher, nem a mulher ao marido, quando se casam ; e por isso a mulher nunca se agasta porque o marido tome outra ou outras, reste com ellas muito ou pouco tempo, sem ter conversação com ella, ainda que seja a primeira ; e, ainda que a deixe de todo, não faz caso disso, porque se é ainda moça ella toma outro, e se é velha assim se fica sem esse sentimento, sem lhe parecer que o varão lhe faz injuria nisso, sobre tudo se isso o serve e lhe dá de comer, etc. E de ordinario tem paz com suas comborças, porque tanto as têm por mulheres de seus maridos, como a si mesmas. Em Piratininga, da capitania de S Vicente, *Cay obiy*, velho de muitos annos, deixou uma de sua nação, tambem muito velha, da qual tinha um filho homem muito principal, e muitas filhas casadas, segundo seu modo, com indios principaes de toda a aldêa de Jaribãtiba, com muitos netos, e sem embargo disso casou com outra, que era *Guayanã* das do mato, sua escrava, tomada em guerra, á qual tinha por mulher, e della tinha quatro filhos, e esta trazia comsigo, e com ella estava e conversava, e depois a recebeu *in lege gratiæ*, sem a primeira mulher nem os filhos e genros fazerem por isso sentimento algum.

O mesmo fez *Araguaçú*, indio tambem principal e velho, que casou com uma escrava sua, moça, *Tamoya*, que havia muito pouco tomára em guerra, sem fazerem caso disso, nem o tomarem por affronta, outras duas mulheres que tinha, e filhos já homens, e uma filha já mulher casada. E se algumas mulheres mostram sentimento disso, é pelo amor carnal que lhe têm e pela conversação de muito tempo, ou por elles serem principaes; mas logo se lhes passa, porque ou se contentam com os filhos que têm, ou se casam com outros ; e algumas ha que dizem aos maridos que as deixem, que lhes bastam seus filhos, e que elles tomem outra qual quizerem.

E se a mulher acerta ser varonil e virago, tambem ella deixa o marido, e toma outro, como me contaram que fez a principal mulher de *Cunhãbêba*, que era o principal mais estimado dos *Tamoyos* que havia na comarca de Yperuig, do qual tinha já um filho e uma filha casadoros, e comtudo isso o deixou por elle ter outras, ou pelo que quiz, e se casou ou amancebou com outro ; e outras fazem o mesmo, sem sentimento dos maridos ; e assim nunca vi, nem ouvi, que com o sentimento de adulterio algum indio matasse alguma de suas mulheres ; quando muito espancam o adultero se podem, e elle tem paciencia pelo que sabe que tem feito, salvo se é algum grande principal, e a mulher não tem pai ou irmãos valentes de que elle tenha medo, como me contaram de *Ambirem*, um grande principal do Rio de Janeiro, naturalmente crudelissimo e carniceiro, e grande amigo dos francezes, o qual de algumas vinte mulheres que tinha, por lhe fazer uma adulterio, a mandou atar a um páo e abrir com um manchil pela barriga ; e o adultero, que era um seu sobrinho, andou algum tempo ausentado delle com medo de ser morto ; mas isto bem parece que foi lição dos francezes, os quaes costumam dar semelhantes mortes, porque nunca indio do Brazil tal fez nem tal morte deu. O mesmo, e peior, e com maior facilidade, fazem outros ás mancebas, por onde parece não é o sentimento pelas terem por legitimas mulheres ; senão haveria ciumes, como fez *Tamandiba*, grande principal de Piratininga, que enforcou uma sua manceba, que era sua escrava, tomada em guerra ; e o outro indio da aldêa de *Marranhaya* á outra sua manceba, escrava da mesma maneira (se bem me lembra) : quebrou a cabeça com uma fouce, ou por ellas andarem com outros, ou ao menos pelo suppôrem.

Agoaçã, que é nome commum a homem e mulher, significa barregão ou manceba commum a qualquer homem ou mulher, ainda que não tivesse com elle ou com ella mais que um só congresso ; e com as taes andam ás escondidas (como se faz em todo o mundo), e por isso ao tal

acto chamam tambem *mandaró* sc. *furtum ;* e se algum filho hão desta maneira, chamam-lhe filho de meu barregão ou de minha manceba, ou *mandaró á guera* sc. *furtum meum.* E isto têm por máo, e assim respondem todos quando se examinam para o baptismo.

Mas se as têm de sua mão, de maneira que ellas não andam com outros *(nisi fortè furtim)*, andam no mesmo fôro que as que chamam *Temirecô* sc. *uxores*, e parece que com o mesmo animo se ajuntam com ellas que com as mulheres, sem fazerem differença nisso, e tão pouco sentimento têm de andarem com ellas como com as mulheres; e assim quando os examinam para o baptismo, dizem que tantas ou tantas vezes se furtaram dellas *(ut ipso verbo utamur)* e andaram ás escondidas com outras, como o dizem daquellas a que chamam *Temirecô*, e tão depressa e tão sem pejo estão com ellas como com as mulheres ; ainda que destas poucas vi nos indios, comtudo de *agoaçâ*, porque commummente a todos chamam *Temirecô*, e com este nome têm diversas em differentes aldêas, e todas no mesmo fôro que aquellas que têm comsigo mais de assento em sua propria aldêa.

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.

(*Revista do Instituto.*)

TRIBU DOS CAUIXANAS

Oriunda do rio Branco, hoje está esta tribu espalhada principalmente pela margem esquerda do Solimões, sobretudo nas proximidades de Tunantins, onde são tambem conhecidos os indios dessa tribu por Cauxinas.

Em geral são feios, mal feitos de corpo, de boa indole e de caracter pacifico.

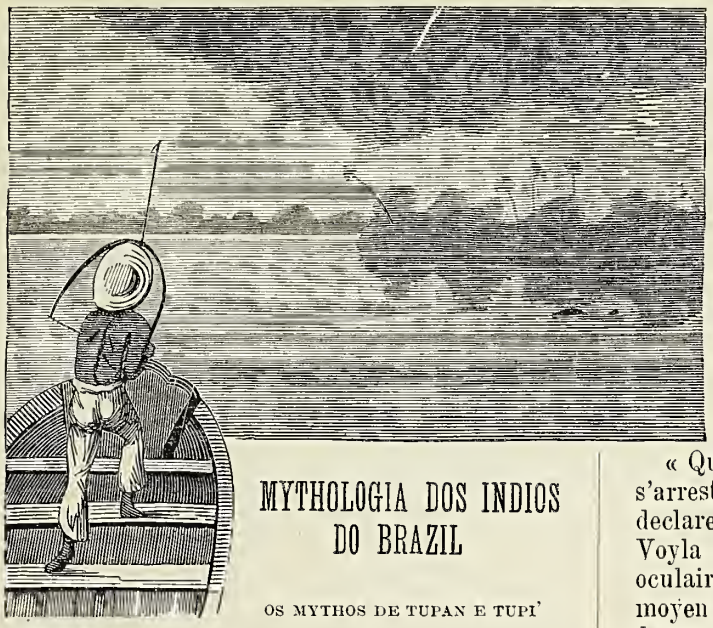
Em geral ambos os sexos andam pintados com o *urucú* para evitar as mordeduras dos piuns, usando os homens os cabellos compridos, suspendidos no alto da cabeça e seguros dentro de uma especie de chapéo, feito de *timbó tcteca*, (cipó), que tem o aspecto de um paneiro afunilado. A' cintura apertam uma tanga feita de foliolos de palmeira, desfiados, ou de estopa de *Sapucaia* (Lecythis sp.) E' uma das tribus que usam tambem o *uirary* mas, cuja composição é differente da dos Ticunas, o que se conhece não só pelos seus effeitos, como pela reacção chimica. Este veneno é empregado nas flechas da sarabatana, que preparam de outro modo. Feita de *Pachiúba-y* (Ireartea setigera) em vez de ser entaniçada, é polida e envernizada com *cumaty*, o que dá o aspecto de ser feita de xarão.

A aljava tambem é differente das das outras tribus, é feita de um colmo de taquarussú, coberto de foliolos de *curuá*, superpostos longitudinalmente e ligados por uma espiral de fio de tucum encerado.

Indio Cauixana.

Além da sarabatana empregam tambem na caça grande ou nas guerras o *kuraby*, feito da haste floral da *ubá*, armado de uma longa *suumba* triangular de *pachyuba* (Ireartea exhorhiza). Pelo seu dialecto o curare tem o nome de *apary*

J. BARBOSA RODRIGUES.



MYTHOLOGIA DOS INDIOS DO BRAZIL

OS MYTHOS DE TUPAN E TUPI'

Muito geral é a crença que os antigos Tupís, antes da descoberta da America, acreditaram n'um Deus do trovão, chamado Tupan ou Tupána, e esta divindade já está installada no Pantheon americano pelos mythologistas.

José Joaquim Machado de Oliveira diz que as tribus dos Tupís reconheceram dous principios, um bom, o outro máo. « Ao *bom principio,* que entre todas essas tribus era conhecido com o nome de Tupá, talvez derivado da denominação ascendente, attribuia-se a gerencia de tudo quanto podia contribuir para o bem estar e felicidade do homem. Por seu irrevogavel mandato germinavam, cresciam e fructificavam as arvores, e povoavam-se de animaes, aves e peixes as florestas, mares e rios, o que tudo era disposto para a manutenção do homem ; e tudo quanto havia de proficuo, regular e ameno, no céo e na terra, a elle se alludia. »

O Dr. Brinton diz que Tupan era não sómente o Deus superior dos Tupís, mas tambem o primeiro homem ; que era um velho, branco, um entre quatro irmãos e o unico que sobreviveu ao diluvio, e que apparece como um passaro no céo, etc. Tal é o mytho de Tupan como existe nos livros modernos.

Parece realmente incrivel que os Tupís, que na época da descoberta da America se achavam n'um estado e cultura muito atrazados tivessem chegado a fazer uma valgarisação tão grande como a de um Deos,de um Creador. Neste pequeno artigo vou examinar o mytho de Tupan para vêr se é realmente indigena, ou se originou-se depois do contacto dos Tupís com o christianismo.

Thevet diz que « nos sauuages font mention d'vn grand Seigneur & le nommet en leur langue Toupan, lequel, disent ils, estant la haut fait plouuoir & tonner : mais ils n'ont aucune maniere de prier ne honnorer ne vne fois, ne autre, ne lieu à ce propre. Si on leur tient propos de Dieu, comme quelque fois j'ai fait, ils escouteront attentivement avec vne admiration : et demanderont si ce n'est point ce prophete, que leur a enseigné à planter leur grosses racines qu'ils momment Hetich.

« Quant à Toupan ils l'estiment grand, ne s'arrestant en vn lieu, ains allãt çà & là, et qu'il declare ces grands secrets à leurs prophetes. Voyla quãt à la religion de nos barbares ce que oculairement j'en ai congnu & entendu, par le moyen d'vn truchement François, qui auoit là demeuré diz ans, & entendoit parfaitement leur langue. » N'outro lugar o mesmo autor, fallando de uma visita que fez ao chefe Pindahoussou, conta como este lhe disse : « Viença, ie t'ay entedu faire si grand recit de Toupan, qui peut toutes choses, parle à lui pour moy, qu'il me guerisse, et si ie puis estre gueri, ie te feray plusieurs beaux presents : ie veux estre acoustré cõme toi, porter grãd barbe et honorer Toupan cõme toi. » Em primeiro lugar Thevet gastou muito pouco tempo no Brazil, e não sabia a lingua tupí Era um homem credulo e pouco honesto, e o livro delle está, como já mostrou Lery, cheio de erros. O que contou da religião dos Tupís elle mesmo confessa que recebeu de um interprete francez. Devemos então receber com muita cautela o que narra um tal autor, especialmente quando falla sobre um assumpto tão difficil de se entender, como o da religião de uma tribu selvagem. Do que diz Thevet parece claro que o Pindahoussou não reconheceu em Tupan um Deus indigena, mas sim um Deus dos brancos. Hans Stade conta que, n'uma viagem que fez por mar com uma comitiva de indios,apanhou um temporal, e os selvagens lhe disseram : « Falla com teu Tupan que o vento e a chuva não nos façam mal.» Disto entendo que os selvagens acreditavam que Tupan era o Deus dos brancos.

No capitulo em que Hans Stade trata da religião dos Tupinambás, declara distinctamente que elles ignoram o verdadeiro Deus, mas nada diz a respeito de Tupan.

Não obstante Lery dizer que a palavra Tupan não quer dizer Deus, mas sim o trovão, elle applica este nome ao Deus dos christãos. Quando aconselhou a uma mulher captiva entre os Tu-

pinambás que ella supplicasse ao Tupan, elle, sem duvida, queria dizer o Deus dos christãos, e não o trovão. O mesmo autor diz : « Et parce, comme ie diray plus au long, que quand ils entendent le tonnerre qu'ils nomment *Toupan*, ils sont grandement effrayez, si nous accommodans à leur rudesse prenions particulièrement occasion de la leur dire que c'estoit le Dieu dõt nous leur parlions qui, pour monstrer sa grande puissance, faisoit ainsi trebler ciel et terre : leurs resolutions et responces à cela estoyet que puis qu'il les espouuãtoit de ceste façõ, il ne valoit dont rien. » O celebre Nobrega offerece testumunho ainda mais importante, e fallando dos Tupiniquis e Tupinambás escreve assim : « Esta gentilidade nenhuma cousa adoram, nem conhecem Deus; sómente aos trovões chamam Tupane, que é como quem diz cousa divina, e assim nós não temos vocabulo mais conveniente para trazer ao conhecimento de Deus que chamar-lhe Pai Tupane.» Assim nasceu o mytho de Tupan. A religião dos Tupís ao tempo da descoberta da America era uma especie de fetichismo muito atrazado, consistindo apenas na crença que todos os objectos da natureza tinham sua parte espiritual. Alguns destes espiritos, como o Curupíra, Jurupari, Aynan ou Anhanga, haviam já chegado a ser mais ou menos anthropomorphicos; o que sabemos, porém dos mythos delles entre os antigos Tupís vale bem pouco, e a mythologia tupica ha de ser reconstituida pelo estudo cuidadoso dos mythos dos indios modernos. Os Tupís da costa não tinham idolos, e o maracá era unicamente uma especie de feitiço (*fetish*). Provavelmente acreditavam no espirito da trovoada como no de qualquer outra cousa, mas não consta que esse espirito tivesse para elles importancia alguma, e com certeza não acreditaram ser um Deus. O mytho do Deus Tupan então tinha uma origem christã. Os primeiros colonisadores procuraram ensinar aos selvagens as doutrinas da fé de Christo; e como o Brazil é um paiz quente, em que as trovoadas são frequentes e fortes, é bem natural que os missionarios, e até os seculares, chamassem a attenção dos indios para o trovão, como a voz de Deus ; e, uma vez que os missionarios escolheram Tupán para significar a divindade christã, e os indios aprenderam alguma cousa do christianismo, o mytho cresceu, e é realmente curioso ver como desenvolveu-se elle nos livros sobre o Brazil. Os autores foram citando, uns dos outros, philosophando, combinando e generalisando, até que o mytho de Tupan é agora um mytho dos livros, não dos indios.

O nome applicado a Deus pelos jesuitas era *Tupan*, *Tupá*, *Tupám* ou *Tupána* ' os Guaranís dizem *Tùpà*. Entre os indios do Amazonas, *tupám (tupã')* que quer dizer trovão, e *Tupána* Deus. *Tupaóka* éigreja, e *tupánauatá* procissão. *Tupána* tambem quer dizer imagem ou santo. Dobritzhoffer diz que a palavra *tùpà (Guaraní)* deriva-se de *tú*, uma palavra de admiração, e *pà*, de interrogação. Alguns autores crêm que *tupán* vinha da palavra *túba*, pai. Taes etymologias são méras conjecturas.

No Amazonas a trovoada chama-se *yuytú ayú teapó ikó*, o vento máo (trovoada) está roncando. Tambem dizem *teapú án !* roncou ! A mim parece muito mais provavel que a palavra *Tupan* deriva-se do verbo tupí antigo, que corresponde a *teapú* na lingua geral; entretanto isto é apenas uma suggestão.

Passemos agora ao exame do mytho de Tupí. A mór parte dos livros modernos sobre o Brazil dizem que uma das antigas tribus do Brazil se chamava Tupí, e muito se ha já escripto sobre a etymologia deste nome. Gonçalves Dias, o poeta, diz ser uma contracção de *Tupan-i*, os pequenos deuses, o que não é razoavel, porque uma tal etymologia é contraria ao genio da lingua tupí. Varnhagen, porém, pensa que o nome quer dizer tio. Antes de procurar a etymologia da palavra *tupí*, não seria melhor determinar se era uma verdadeira palavra tupica, e ao mesmo tempo o nome que os selvagens applicavam á sua nação ?

Os primeiros chronistas do Brazil não usaram a palavra *tupí*. Deram nomes ás differentes tribus, mas não á raça que hoje conhecemos pelo nome Tupí. Hans Stade, Lery, Thevet, Nobrega e Magalhães de Gandavo nada dizem dos Tupís.

Elles fallam dos Tupinambás (*Tououpinamboults* Lery, *Tuppin-Inba*, Stade), Tupiniquins (*Touopinamquins* Lery, *Tuppin-Ikins*, Stade), etc., mas nada dizem sobre os Tupís. E' preciso lembrar que os nomes das tribus selvagens no Brasil são ordinariamente, como já disse Varnhagen, « differentes alcunhas dadas por diversos povos circumvizinhos, quasi sempre inimigos. » Os Mundurucús não são assim chamados, e o nome Botocudo não é senão uma alcunha portugueza. O nome Iroquois tambem não é o indigena da tribu. Antes de philosophar sobre a origem e sentido do nome de uma tribu indigena, deviamos, em primeiro lugar, procurar saber se é realmente o nome applicado pela tribu a si mesmo, e se conserva sua fórma original. Os nomes *Tupinambá*, *Tupiniquim*, etc , embora derivados do *tupí*, não obstante são palavras portuguezas, e não só ignoramos a sua fórma original, como tambem se são os nomes verdadeiros das tribus, ou méros alcunhas. Hans Stade diz que os *Tuppin-Ikins* applicavam o nome *Tawaijar* (inimigos) aos *Tuppin-Inbas*. Um dos primeiros autores que emprega a palavra *Tupí* é Simão de Vasconcellos,

o qual, enumerando as tribus do Brazil, falla dos Tobayaras, Tupís, Tupinambás, Tupiniquins, etc., mostrando que, para elle, Tupí não era a denominação generica da raça que fallava a lingua geral. A mim parece claro que a palavra Tupí, applicada á raça tupica, originou-se da maneira seguinte: muitos nomes, pelos quaes as differentes tribus eram conhecidas aos portuguezes, principiaram em *Tupí* ou alguma cousa semelhante. Quando os colonisadores europeus reconheceram a identidade de raça das tribus, que fallavam a lingua geral, deixaram as terminações, *nambá*, *inquim*, *uaé*, etc., como superfluas, e o nome Tupí foi adoptado.

De Laet e outros escriptores dividiram os indios do Brazil em duas grandes familias, os que fallavam a lingua geral, e os *Tupuyos*, que não a usavam. Hoje os descendentes dos Tupís, no Amazonas, não se chamam Tupís, mas sim *Tapuyos*. Os brancos chamam n'os *Tapúyos* ou *Tapúios*, e a palavra classica Tupí se usa apenas entre os civilisados. O indio diz : *Ixé tapuy'a xañeé tapuy'a neéa* —Sou Tapuyo e fallo a lingua do Tapuyo *(tapuy'a ñeé a)*. Applicam o mesmo nome aos outros indios que não fallam a lingua geral. As palavras Tupí *(Tououpi)*, etc., e Tamoyo são tão semelhantes a Tapuyo *(tapúya)*, que não me parece incrivel que haja uma connexão entre as duas. Anchieta escreve *Tamuya*, e Anthony Knivet, o inglez, dá a fórma *Tampuya*. Muitas palavras na lingua geral, que hoje se pronunciam com *m* ou *p* estão derivadas de uma fórma antiga em *mb*. Por exemplo, se ouve hoje no Amazonas, *móia*, *bóia*, ou *mbóia*, cobra ; *maé*, *baé*, ou *mbaé*, cousa, e *Tamuya* e *Tapuya* podem bem ser derivadas da mesma fórma tupica.

Antes que possamos considerar determinada a identidade de *Tapuya* e *Tupí*, falta-nos mostrar, em primeiro lugar, qual era a fórma original da palavra *tapuya* na antiga lingua geral, e, em segundo lugar, que os Tupís das differentes tribus applicaram este nome, não sómente aos outros barbaros de raça differente, mas tambem a si mesmos. E' certo que não se chamaram *Tupís*.

PROFESSOR HARTT.

A LINGUAGEM POPULAR

Na secção bibliographica da exposição anthropologica ha um grande vasio.

Falta o livro que, tratando da poesia popular, sirva de base para estudos ethnographicos e comparativos.

José de Alencar pretendia colleccionar o cancioneiro nacional e publical-o, fazendo sentir a fluctuação da musa popular, em virtude das varias procedencias geographicas de cada trova, e, mais do que. isso : assignalando os effeitos do cruzamento de sangue indio, africano ou portuguez.

O processo que elle pretendia seguir era o producto de fino tacto e grande perspicuidade litteraria.

Em algumas cartas que elle dirigio-me por intermedio do *Globo*, no anno de 1876, esboçou o seu plano ; infelizmente essas cartas foram interrompidas.

O material que possuia José de Alencar era grande : muitas lendas, balladas, lôas, e cantigas sagradas e profanas, que andam espalhadas por todo o nosso paiz, com as variantes usadas em differentes circumscripções territoriaes.

Separadas as secções, correspondentes á inspiração indiana, colonial ou africana, elle pretendia mostrar como aquella immensidade de diamantes brutos podia ser lapidada, convertendo se em joias de inestimavel valor.

Assim como fez o visconde de Almeida Garrett, que, sobre a ballada da *Silvaninha*, bordou a sua formosissima *Adosinda*, Alencar exemplificaria, passando para um conto artistico, em prosa ou verso, o *Rabicho da Geralda*, o *Boi Espacio* ou outra producção do cancioneiro popular, sem alterar-lhe a physionomia, e sobretudo a côr local.

N'um cancioneiro nacional, melhor do que em qualquer outra fonte de informações, bem se póde estudar o phenomeno ethnographico pelo mestiçamento da linguagem.

Os cantares ou lendas de origem negra, portugueza ou cabocla, estabeleceriam entre si profunda linha divisoria.

O cancioneiro de José de Alencar teria outras subdivisões, determinadas pelo meio physico de cada uma zona do Brazil. E' assim que as cantigas do jangadeiro, nos mares do Ceará, se differençam das cantilenas do regatão ou do balseiro nos aguas do Amazonas; que as quadras inspiradas ao vaqueiro de Campo Maior, no Piauhy, em nada se parecem com as trovas do gaúcho nas pampas e coxillas rio-grandenses.

A viola sertaneja, após o roçado de algodão, ou da canna de assucar, não lembram os desafios ao serão depois do trabalho no eirado do café.

O aspecto da natureza septentrional, tão outro da paizagem do sul ; o modo de viver e de lutar pela vida, tão dissemelhantes n'um e no outro ponto, seguramente reflectem na elabo-

ração, rude ou artistica, da phrase que traduz o pensamento e o modo de vêr e de sentir.

O que é a arte senão, como já disse alguem, a natureza vista através de um temperamento?

Estou certo que um livro como Alencar planejava, e como falta na secção bibliographica do Muzeu, prestaria o maximo auxilio ao conhecimento do homem americano, e principalmente aos estudos que se referem á mestiçagem no Brazil.

Porque devéras a nossa exposição anthropologica, para ser completa, não devia limitar-se á revista de documentos archeologicos, que apenas fallam do indio selvagem ou do tapuio aldeiado: é essencial tambem a exhibição de productos brazilico-africanos.

Não se trata unicamente do periodo prehistorico e do aborigene.

Alli estão as salas que recordam os colonisadores, e onde figuram artefactos do mestiço, tanto do brazileiro que provém do indigena, como do que emana do europeu. Faltam pois, os que venham desse africano que foi introduzido pelos primeiros povoadores, que conviveu com o colono e o indio, e que com elles se assimillou.

Se a raça autocthone é a unica que deve ser estudada na exposição anthropologica, então é sem cabimento tudo quanto, nas differentes industrias do Pará, representa o indio, não só meio civilisado, como já filho do cruzamento.

Eu, porém, julgo muito bem representado tudo quanto se acha nas salas do muzeu, e, apontando uma lacuna, em nada obscureço o trabalho colossal do illustre promotor da exposição, a sua inquestionavel benemerencia por tão arrojada empreza.

J. Serra.

INDIA ARARA

Entre as photographias que mandei tirar de varias mulheres de differentes tribus, que justificam os estudos que fiz sobre as fórmas femininas das mulheres indigenas, figura esta, de uma india, que, feita prisioneira no rio Madeira, foi transportada para Manáos, onde a estudei. Representa uma *Cunhautan*, de dezesete annos, de expressão boa e meiga, de fórmas correctas, tanto quanto é possivel têl-as uma mulher entregue á natureza, sem as modificações que traz a civilisação. Nella vê-se a posição dos seios, sua separação e direcção que caracterisa a raça indigena, e que já em outro local apresentei e com largo desenvolvimento trato em outro trabalho. O uso barbaro, que, tomado como signal de belleza entre elles, a destroe para o civilisado, vê-se representado por dous traços azul-negro sobre as faces. Distinctivo physicamente doloroso na sua confecção, o é ainda moralmente mais, quando a rêde da civilisação envolve aquella que orgulhosamente o apresentava

India Arara.

na sua tribu. Civilisada a mulher, se esconde, evita os olhares, chora, e daria metade de sua vida para apagar aquelles signaes que a mão da tribu fez sobre suas faces, mas que só a da morte o extinguirá! Tribu guerreira, habil no preparo de enfeites de pennas, inimiga da civilisação, composta de homens barbaros e vingativos, comtudo um contraste apresenta em suas mulheres, que as caracterisa pela modestia, pela doçura e pela piedade.

A que representa a figura, que ainda deve existir em Manáos, se a morte ou as seducções do regatão, dahi não a tiraram, é um exemplo disso, confirmado por muitos outros que tive occasião de observar.

J. Barbosa Rodrigues

Indio Uaupé.

INDIO UAUPÉ

Entre as estampas ineditas do sempre lembrado Rodrigues Ferreira figura esta, que representa um indio Uaupé, habitante do rio Negro. O grande *muirakitan*, que se vê suspenso ao pescoço, nos mostra o gráo de distincção que elle tinha entre os seus. Com effeito esses enfeites de quartzo, que levam muitas vezes uma vida a serem perfurados e polidos, tanto maiores são quanto é elevada a posição daquelles que os trazem pendentes. Em uma das mãos do indio vê-se um maracá, feito de foliolos de palmeira, ligados com cordeis de fibras, cujo som imita com bastante propriedade o do guizo das cascaveis. Estes indios são os melhores fabricantes de objectos de palha e pennas, e tão numerosa é a tribu, que está subdividida em differentes malocas e fórma hoje varias missões.

DISCURSO INAUGURAL DA EXPOSIÇÃO ANTHROPOLOGICA

Senhor (*).—Este é o certamen mais nacional que as sciencias e as letras poderiam, congratuladas, imaginar e realizar no fito de soerguer o Imperio do Brazil ao nivel da intellectualidade universal, na maxima altura a que pôde ella attingir além do Atlantico e nas extremas luminosas ao norte do continente americano.

E coube ao Museu Nacional a immensa gloria de havêl-o emprehendido e de effectual-o, como o esplendente e pujante fecho de seu ultimo decennio de ininterruptos, ainda que ás vezes amargurados, labores.

Ha dez annos, com effeito, que esta instituição, a que nunca foram negadas, antes de mais em mais consagradas vão sendo as sympathias publicas, forcejava, no seu movimento evolutivo, por dar ao mundo scientifico a mais bella e a mais eloquente cópia da sua inquebrantavel vitalidade. Os seus cursos instituidos, os seus laboratorios organisados, a sua acreditada revista, tão depressa fundada quão promptamente applaudida, as suas collecções enfechadas nestas salas, e ahi expostas

(*) A' S. M. o Imperador.

á admiração do publico e ao pastio nutritivo dos espiritos a quem alumia a sciencia, e que tanto mais carecentes dellas se confessam e a buscam pressurosos, quanto mais de frente e ao perto os aquece a luz fulgente de seus raios, tudo isso era ainda pouco, e a tudo que nos parecia bom sentiamos que nos faltava alguma cousa de melhor.

E esse grandioso remate de nossos trabalhos, e esse almejado fim de nossas aspirações, o consenso publico, o apoio das sociedades sabias e a mal contida sorpresa de quantos aqui se acham, estão a testificar ser o grande jubileu de anthropologia brazileira que hoje se inaugura neste museu. E ponderai, Senhor, que todas as riquezas enthesoura este certamen, reunio-as o só trabalho de seis mezes e adquirio-as, quasi todas, o Museu Nacional, com tão modica parcella do seu modesto subsidio, que melhor fôra se dissesse devêl-as elle tão sómente ao civismo publico.

E' que ha no animo do povo alguma cousa que relembra o seio fecundo dos mares indicos. Se alguma vez, mais fundo, o revolve a corrente maritima que se aquece aos fogos do equador, não tarda, desde logo, em entregar, espontaneo, ao esforçado pescador das suas viridentes ou douradas praias, as perolas de que se havia feito guarda avarento nos vastos e sombrios antros do oceano.

E essa corrente promotora de tantos beneficios acaba de ser agora, no extenso Imperio do Cruzeiro, a corda vibrada no coração do povo, rapidamente incendido ao mais vivo interesse pela raça dos nossos aborigenes. Miserrima nação que vaga, ha mais de tres seculos, desventurosa e proscripta, na terra querida que só, a medo ou nos mais impenetraveis escondrijos das suas selvas, ousa chamar sua patria.

Sim, ha mais de tres seculos que as auras da liberdade perpassam mudas nas franças do basto arvoredo, donde outr'ora se erguiam as canções docemente moduladas ao rythmo melancolico das morenas filhas da raça tupi.

Ha mais de tres seculos que, uma a uma, se têm apagado as nobres feições moraes e physicas do povo americano, que se não foi tronco, tudo nos faz crêr que ramo collateral devêra ter sido das mais antigas fontes da humanidade nas altiplanuras da Asia.

Se pelas affinidades glotticas o quichua afigura-se, no vêr e no sentir de alguns linguistas, ser um producto da corrupção militar de alguma lingua irmã do sanscrito, porque se não ha de suppôr ao envez dessa hypothese, ser o sanscrito, ao contrario, alguma profunda alteração das fontes do antiquissimo fallar dos homens primitivos dos Andes?

A sciencia, porém, se arreceia, ou de abrir azo ás fantasias que lhe não assentam, ou de se haver em conta de excessiva concretisadora na faina especulativa das deducções; e, pois, com a rutilante centelha de seu eterno cogitar, ateando no cerebro das multidões o amor aos estudos desses antigos e briosos senhores do solo americano, contenta-se, por ora, em haver cuidado delles, desvendando as mais fecundas mésses para as desalentadas lettras nacionaes, o mais brilhante estadio para as investigações ethnographicas sobre os nossos autochtones, e, bom será que tambem se especifique, os mais aptos agentes e os mais bem talhados lutadores, de que houve ainda noticia, para a grande victoria do trabalho intelligente e aperfeiçoado de que ha tanto mister a industria nacional

Este certamen é uma simples tentativa, ou, melhor, é o primeiro ensaio de um emprehendimento, para o qual vejo que se dilatam amplos e attractivos horizontes, donde novas e mais largas conquistas nos estão convidando a mais seguidos e porventura a mais arriscados commettimentos.

Ensaio, porém, que seja, vêde, Senhor, que desconhecida serie de pensamentos de subito nos acode ao contemplar o aspecto de tão estranhos artefactos.

Cada um dos que nestas salas nos achamos como que se julga arroubado, repentinamente, e máo grado seu, a uma até então mal cogitada existencia.

A imaginação, guiada pelo que neste recinto se nos depara e nos maravilha, ora vencendo o espaço, rompe por sobre as invias florestas do grande estuario do Amazonas, e vai pousar á beira do lar hospitaleiro dos *Ipurinãs*, nas margens do extenso Aquiry ou nas tristonhas malocas dos ultimos descendentes dos nobres *Turiuáras* e *Tembés*, no alto valle do Capim; ora abstrahindo do decurso dos seculos, penetra ao fundo dos necroterios sagrados dos valentes *Aruans*, na ilha de Marajó, e acompanha o ceremonial solemne e grave com que vai ser alli depositada a urna funeraria, e sumptuosamente adornada, a que foram confiados os ossos venerandos do chefe mais bravo ou do mais velho guerreiro da tribu.

Pois bem, Senhor, faça o governo de Vossa Magestade que, não em mente, mas de facto, se tornem conhecidos, examinados e vulgarisados estes caracteres da pura raça brazileira e estes documentos da ante-manhã da historia nacional, e que seja o dia de hoje, duplamente festivo para os brazileiros, a garantia dos nossos votos e das nossas esperanças.

DR. LADISLÃO NETTO.

DOS CASAMENTOS DOS INDIOS DO BRAZIL

II

Os mancebos baptizados em pequenos em Piratininga, como não estavam sujeitos quando cresciam, e outros indios christãos viuvos, tomavam moças gentias ou christãs, e as tinham em seus lanços como mulheres, com filhos, sem nota alguma, e a estas taes lhes costumavam chamar os outros a mulher de N., sabendo muito bem que o não eram por serem elles christãos, e não as terem recebido na igreja ; e se alguns destes mancebos se ia ao sertão, e lá se amancebava (como muitos faziam), diziam os pais : « Já N. tem mulher no sertão,» usando todos estes do nome de *Temireeô.*

Temireeô chamam ás contrarias que tomam na guerra, com as quaes se amancebam, e ainda que sejam christãs, como eram muitas escravas dos portuguezes, que tomavam os *Tamoyos* em saltos, e as mesmas mestiças filhas dos portuguezes, as quaes tinham por mulheres como as suas proprias de sua nação.

Temerieô chamavam ás indias mancebas dos portuguezes, e com este titulo lh'as davam antigamente os pais e irmãos quando iam a resgatar ás suas terras. como os *Tamoyos* e *Terminiinós* do Rio de Janeiro e do Espirito Santo, os *Tupis* de S. Vicente, os *Tupinambás* da Bahia, e finalmente todos da costa e sertão do Brasil, dizendo-lhes : « Leva esta para tua mulher, » com saberem que muitos daquelles portuguezes eram casados ; e ainda que os portuguezes as tinham por mancebas, comtudo as tinham de praça nas aldêas dos indios, ou fóra dellas, com mulher, filhos e filhas, porque para os indios não era isto pejo nem vergonha, e lhes chamavam *Temerieô* e mulher de N., e a elles genros, e os portuguezes aos pais e mãis dellas sogros e sogras, e aos irmãos cunhados, e lhes davam resgates, ferramentas, roupas, etc., como a taes, como os indios a que chamam genros lhes vão a roçar ou pescar algumas vezes, por onde não parece serem estes sufficientes signaes de matrimonio nem de parte dos que se amancebam com ellas, nem dos pais ou irmãos que lh'as dão.

O nome de *Temireeô etê,* sc. *Uxor vera*, creio que o tomaram dos padres, que lhes queriam dar a entender a perpetuidade do matrimonio, e qual é mulher legitima, porque deste vocabulo *etê*, que quer dizer legitimo, usam elles nas cousas naturaes da sua terra, e assim a seu vinho chamam *eãoy etê*, vinho legitimo verdadeiro, á differença do nosso a que chamam *eãoy áyà*, vinho agro. A suas antas chamam *tapiiretê,* verdadeira, e as nossas vaccas á sua semelhança chamam *tapyruçú,* vaccas grandes, etc. Mas na materia de parentesco nunca usam deste vocabulo *etê* ; porque, chamando pais aos irmãos de seus pais, e filhos aos filhos de seus irmãos, e irmãos aos filhos dos tios irmãos dos pais, para declararem quem é seu pai, ou filho verdadeiro, etc., nunca dizem *xerûbetê*, meu pai verdadeiro, senão *xerûba xemonhangára*, meu pai *qui me genuit*, e ao filho *xeraîra xeremimonhanga*, meu filho *quem genui ;* e assim nunca ouvi a indio chamar á sua mulher *xeremireeô etê*, senão *xeremireeô* (simpliciter) ou *xeraieig*, mãi de meus filhos ; nem a mulher ao marido *xemenetê, maritus verus*, senão *xemêna* (simpliciter) ou *xemembîra rûba*, pai de meus filhos, do qual tanto usam para o marido como para o barregão ; e se alguma hora o marido chamar alguma de suas mulheres *xeremireeô etê*, quer dizer—minha mulher mais estimada ou mais querida—a qual muitas vezes é a ultima que tomou, porque *etê* tambem quer dizer fino ou estimado, como *eaû etê*, mato fino, de boa madeira, *igbîra eté*, páo fino, rijo, etc.

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.

(*Revista do Instituto.*)

POESIA

A Caipora

(LENDA POPULAR)

E' caboclinho feio,
Alta noite na mata a assoviar ;
Quando alguem o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas,
Se põe a esconjurar !

E' alma de um Tapuio
Fazendo diabruras no sertão...
Cavalgando o *queixada* mais bravio,
Transpõe valles e rio
Com um cachimbo na mão !

Assombro das manadas,
Enreda a onça em moitas de cipó ;
De montanha em montanha vai pulando,
Vai quasi que voando,
Suspenso n'um pé só !

Ao pobre viandante
Assombra e ataca em meio do caminho ;
E pede fumo e fogo, e sem demora
Lhe mostra a Caipora
Seu negro cachimbinho.

Servido no que pede,
A contas justas, safa-se a correr...
Do contrario, se fica descontente,
De cocegas a gente
Faz rir até morrer.

E' caboclinho feio,
Alta noite na mata a assoviar ;
No norte, diz o povo convencido :
— Não indo prevenido
Não é bom viajar !

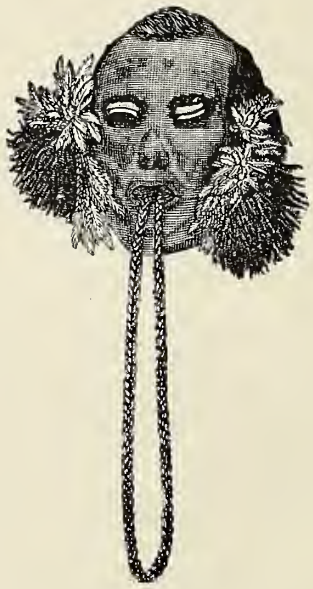
MELLO MORAES.

INDIO TAMOYO

O celebre chronista Gabriel Soares, na sua *Noticia do Brazil*, fallando a respeito dos usos e costumes desses selvagens, actualmente desapparecidos e que tão pouco estudados foram, assim se exprime da altura de sua incontestavel competencia: — Os Tamoyos, ao tempo que os portuguezes descobriram esta provincia do Brazil,

Indio Tamoyo, copiado de uma estampa inedita de Lery.

senhoreavam a costa delle desde o rio do Cabo de S. Thomé até a Angra dos Reis, do qual limite foram lançados para o sertão, onde agora vivem. E este gentio é grande de corpo e mui robusto; são valentes homens, e mui belicosos e contrarios de todo o gentio, senão dos Tupinambás, de quem se fazem parentes, cuja falla se parece muito uma á outra, e têm as mesmas gentilidades, vida e costumes, e são amigos uns dos outros. São estes Tamoyos mui inimigos dos Gaizacazes,de quem já fallámos, com quem partem, e cada dia se matam e comem uns aos outros. Por esta outra parte de S. Vicente partem com os Goaizes, com quem tambem têm continua guerra, sem se perdoarem. Pelejam com arcos e flechas, no que são muito dextros, e grandes caçadores, pescadores de linha, grandes mergulhadores,e á flecha matam tambem muito peixe, de que se aproveitavam, quando não tinham anzoes. São suas casas mais fortes que as dos Tupinambás e as do outro gentio, e têm as suas aldêas muito fortificadas com grandes cercas de madeira. São havidos estes Tamoyos por grandes musicos e bailadores entre todo o gentio, os quaes são grandes compositores de cantigas de improviso, pelo que são muito estimados do gentio, por onde quer que vão. Trazem o beiço de baixo furado, e nelle umas pontas de osso compridas, com uma cabeça como prego, em que se tem esta ponta, para que não caia, a qual cabeça lhe fica dentro do beiço, por onde a mettem. Costumam mais em suas festas enfeitarem-se com capas e carapuças de pennas de côres de passaros. Com este gentio tiveram grande entrada os francezes, de que foram bem recebidos no Cabo Frio e no Rio de Janeiro, onde os deixaram fortificar e viver, até que o governador Mem de Sá os foi lançar fóra, e depois Antonio Salema no Cabo Frio. Nestes dous rios costumavam os francezes resgatar cada anno muitos mil quintaes de páo-brazil, aonde carregavam delle muitas náos, que traziam para França.



Cabeça mumificada, vide descripção á pag, 39.

Tudo isso, que se observa na secção consagrada á ethnographia, mostra que nesta reside o mais alto valor da exposição anthropologica.

Para o estudo do homem americano mais convem o conhecimento das linguas, mythos, industrias e todos os attributos da condição social em que viviam, do que o estudo zoologico pelos caracteres anatomicos.

Pertence ao dominio da ethnographia a analyse do homem logo que vive em sociedade; a anthropologia, propriamente dita, termina quando a historia começa.

Ora, de par com a historia natural do homem, a exposição do museu presta-se ao estudo comparativo de toda a variedade de typos americanos, e ao conhecimento do progresso que foram tendo, dos usos que modificaram e dos novos moldes a que se adaptaram.

Oliveira Martins nota judiciosamente qual o valor desses confrontos e do exame da permanencia da modificação dos caracteres ethnicos.

Diz elle:

« Compare-se um europeu a um chinez, a um indio americano ou a um negro, e logo reconhecerão differenças de uma ordem que não é licito attribuir a influencias climatericas nem ás instituições sociaes. Compare-se, porém, um celta, um arabe, um grego, um italiano, e o cruzamento, o clima, a influencia de usos e de instituições, bastam para explicar as differenças apparentemente graves. »

Já dissemos uma vez que faltam muitos documentos preciosos na secção ethnographica, e que, para a exposição anthropologica abranger de um modo espherico todo o homem americano, é conveniente reunir alli os materiaes que fallem de todos os mestiçamentos por que ha passado a nossa raça, e todos os adiantamentos obtidos pela assimilação.

O trabalho pre-historico completa-se com esse.

Se já temos bastante que admirar e consultar no Museu Nacional, certamente que mais rica na especie que fica indicada será a proxima exposição continental, que terá sua séde no Rio de Janeiro.

Nessa occasião os americanistas poderão estudar em todas as suas modalidades o homem brazileiro.

J. Serra

DESENVOLVIMENTO DA RAÇA

Visitando as salas do museu, onde se acham colleccionados differentes artefactos indianos, comprehende-se perfeitamente o grande interesse que a exposição anthropologica inspira, quando considerada pelo lado ethnographico, que aliás não é o mais completo.

Alli estão vasos de barro de todas as dimensões, desde a galantaria quasi microscopica até a jarra enorme, a igaçaba, que serve para dentro della collocar um morto.

São estes vasos: uns simplesmente vidrados; aquelles pintados caprichosamente, cheios de volutas e arabescos multicores.

Adiante estão diversos cestos de palha para variados usos, o balaio e a urupema de junco, o tipity para prensar a mandioca, e della extrahir o succo empregado em bebidas fermentadas.

As cordas fabricadas em teares engenhosos, onde tambem fiam o algodão, e preparam, desde a forte mussurana e os punhos para as rêdes até os fios finissimos com que tecem as mantas.

Conta Lery que levára para França um collete fabricado com esses fios, e que lá presumiram que fosse seda.

Herrera, tratando das vasilhas de barro indianas, diz que no mercado de Cholula vendiam-se vasos indios tão formosos como os de Faenza, na Italia.

As tintas de que se servem para essas pinturas, e que tingem a pedra, a madeira, o algodão e até as pennas, são preparados dignos de nota e de estudo.

As canôas feitas de um só tronco, aberto ao ao fogo, passam por todas as dimensões desde a piroga ligeira para a pescaria até a igarité, que póde conduzir em seu seio trinta pessoas.

SOBRE A CONFORMAÇÃO DOS DENTES

II

Uma ou outra observação destacada sem significação precisa nem importancia real para o estudo comparativo das raças humanas, eis tudo quanto se tem feito até agora sobre os caracteres dos dentes. No entanto o assumpto vale bem um estudo reflectido e minucioso,quando não seja por outra razão mais ponderosa, ao menos pelo valor que tem nas classificações zoologicas o conhecimento desses caracteres. Accresce ainda que esses orgãos formam, por assim dizer, appendices do esqueleto, e como taes devem acompanhar de alguma sorte as variedades ethnicas hoje reconhecidas e demonstradas em relação ao arcabouço osseo.

São estes os motivos de ordem scientifica que nos levaram a emprehender taes investigações, tomando para objecto particular dellas as raças americanas.

Examinando-se na nossa collecção de craneos indigenas os dentes que restam implantados nas duas arcadas alveolares, chega-se facilmente a descobrir nelles certos caracteres morphologicos, que pela sua constancia e universalidade podem ser considerados caracteres de raça. Esses caracteres, porém, não são exclusivos das raças indigenas do Brazil : elles pertencem á quasi todas as raças da America, como teremos occasião de provar no decurso deste trabalho.

O primeiro facto que fere a attenção, olhando-se para as arcadas alveolares dos craneos indigenas do Brazil, são as fórmas pesadas, grosseiras e massiças dos dentes que orlam a arcada dentaria superior. Os incisivos apresentam-se largos, com a sua lamina um tanto envergada, e riscados na face anterior por dous sulcos longitudinaes quasi perpendiculares ao bordo livre ; o gume é liso, embotado, mais disposto á feição de um instrumento triturante do que de um instrumento cortante. Na superficie do bordo livre desenha-se um pequeno sulco transverso formado pela disjuncção das laminas do esmalte, em cujo fundo vê-se o marfim descoberto. Esses caracteres morphologicos dos incisivos superiores achal-o-hemos mais accentuados ainda nos dentes bolivianos. E' bem curioso que já nos dentes, que guarnecem a entrada da cavidade oral, comece a denunciar-se esse apagamento de linhas e de angulos, que veremos mais tarde transformar-se em lisura completa nos dentes molares.

Os incisivos estão implantados um pouco obliquamente no bordo alveolar, e a sua cravação é tão solida que se torna ás vezes difficil arrancal-os da maxilla.

Os caninos, comquanto mui desenvolvidos e munidos de uma longa raiz, não offerecem, em geral, a fórma propria de instrumento lacerante. A sua ponta alisada, os seus angulos embotados fal-os approximarem-se da conformação dos pequenos molares. Alguns vimos, cuja ponta era substituida por uma superficie polida cortada em bisel. A côr desses dentes é, em geral, branca-amarellada e de uma opacidade que contrasta perfeitamente com o brilho vitreo da camada adamantina da raça caucasica.

Em alguns notam-se manchas escuras, disseminadas por pontos differentes da superficie do dente. Essas manchas, porém, parecem-nos devidas á acção do meio tellurico em que estiveram mettidos os craneos, e tanto mais provavel se nos afigura esta hypothese quanto encontramos na superficie dos craneos a que pertencem taes dentes manchas semelhantes.

Um facto não menos digno de attenção, quando se considera o estado de perfeição dos dentes nas raças indigenas do Brazil, é a raridade da carie. Não podendo explical-a pela natureza e qualidade da alimentação, parece-nos tanto mais extraordinario esse facto quanto é certo que a destruição parcial das camadas do esmalte devia predispôr os dentes para soffrerem desse mal. Apenas em um craneo, de todos quantos formam a nossa collecção do museu, vimos os estragos da carie produzindo a perfuração dos incisivos.

Passando dos caninos aos pequenos e grandes molares, veremos a natural tendencia á lisura pronunciar-se cada vez mais.

A conformação especial desses dentes constitue na verdade o caracter mais constante no systema odontographico das antigas e modernas raças da America. Acha-se elle bem representado não só nos craneos indigenas do Brazil, mas ainda nos craneos deformados da Bolivia, nos antigos craneos peruanos do templo do Sol, nos craneos do Mexico, nos do Alto Mississipe e do rio Columbia, nos do Tennessee, nos dos Chipeways, dos Charruas e dos Puelchas.

As excellentes estampas lithographadas de Morton nos forneceram os elementos para o estudo comparativo dos dentes nas raças americanas.

Eis-aqui em que consiste essa conformação : em vez das cuspides ou tuberculos, que formam a corôa dos grandes molares nas raças civilisadas de hoje, encontra-se nas raças indigenas do Brazil e da America uma superficie inteiramente plana, perfeitamente polida, como se fôra produzida por um meio artificial. Em alguns craneos esse polimento vai ao ponto de quasi nivelar a corôa do dente com o bordo do alveolo. A camada protectora do esmalte, que aliás é bastante espessa nas faces lateraes dos dentes, mostra-se totalmente

destruida na corôa dos grandes molares. Nos dentes da Bolivia, como se verá claramente na estampa que juntamos a este trabalho, a superficie lisa deixa algumas vezes de ser plana para apresentar uma pequena concavidade central, munida de um bordo formado pelas paredes lateraes do dente; em outros a lisura é um pouco obliqua, interessando ao mesmo tempo os dentes correspondentes das duas arcadas. Em alguns craneos do Brazil os grandes molares apresentam na superficie lisa quatro pequenas cavidades situadas nos lugares em que deviam existir os tuberculos. Estas pequenas variedades individuaes, porém, estão completamente subordinadas ao facto geral, que é a lisura, e como taes não podem ter senão um valor secundario. O que carece ficar bem firmado é que tal conformação dos molares nós a observámos em individuos, cuja idade podia ser figurada por uma escala de vinte e cinco a quarenta annos.

Nos premolares a lisura não é tão manifesta, mas ahi mesmo os tuberculos parecem rudimentarios e offerecem superficies mui polidas, em alguns delles chega-se mesmo a não encontrar o menor vestigio de tuberculos, apresentando-se a corôa inteiramente plana.

Os grandes molares inferiores são munidos de duas grossas raizes, e os superiores de tres, muitas vezes unidas entre si. Ainda debaixo deste ponto de vista são numerosas as analogias morphologicas que se notam entre os dentes do Brazil e os da Bolivia.

Essas analogias crescem de ponto quando se examina a conformação dos incisivos bolivianos. Largos, triangulares, niniamente espessos, riscados na face anterior por dous sulcos longitudinaes quasi perpendiculares ao bordo livre, inteiramente privados de gume, os incisivos bolivianos reproduzem os mesmos caracteres que apontámos para os incisivos dos indigenas do Brazil. No seu bordo livre as laminas de esmalte se separam igualmente para forma um sulco transversal, em cujo fundo está o marfim descoberto. Se alguma differença é possivel enxergar entre os dentes destas duas raças, ella está apenas no gráo de accentuação dos caracteres, que é maior nos incisivos da Bolivia.

Comprehende-se bem a que conclusões ethnologicas podem levar as analogias odontographicas das duas raças; a extensa cordilheira dos Andes não podia constituir uma barreira insuperavel entre os torritorios do Brazil e da Bolivia, e portanto não é destituida de fundamento a opinião de que os povos que habitaram remotamente estas duas partes da America tiveram uma origem identica. A propria historia diz que as cruezas e perseguições exercidas por Pizarro no Perú fizeram refugiar-se no territorio brazileiro numerosas tribus, que viviam submettidas ao imperio dos Incas, provando deste modo a possibilidade da mistura das duas raças em tempos ainda mais remotos.

Dr J. B. de Lacerda.

CAÇADA DE VEADOS

COSTUMES GUAYCURÚS

Quem habita algum tempo em provincias taes como Mato-Grosso, Goyaz, Pará ou Amazonas, em que os indios selvagens ou semi-selvagens andam perto dos povoados civilisados ou dos conquistadores do paiz, ouve sempre historias e anecdotas dos mesmos indios, que não deixam de ser curiosas, já porque nellas transparecem ou desenham-se os costumes desses homens, já porque ellas nos mostram como age o espirito humano sem cultura e só inspirado pela natureza. Pois bem, eis um desses contos, ouvido a um capitão do exercito imperial, já fallecido, e que commandava Nioac, em Mato-Grosso, onde, no tempo de seu commando (1850) o caso teve lugar.

O mesmo capitão, convidado por um chefe Guaycurú-cadiuéo, tribu que na dita provincia vaga entre o Pão de Assucar e Coimbra, foi a uma caçada de veados.

Os Guaycurús-cadiuéos, conhecidos no Paraguay por Maybás, são mais que os outros indios guerreiros, e se o perfil aquilineo indica o homem de guerra, como diz Lamartine fallando de Nelson, elles possuem esse signal caracteristico, assim como têm tambem diversamente dos de outras tribus o mento deseuvolvido. Criam e estimam muito o cavallo, que denominam —apolicâne— isto é — anta— accrescentando a *apolicâne*—do mato— (em guaycurú) quando se referem ao tapir, e assim differençam os dous quadrupedes: o cavallo é—apolicâne—a anta é—apolicâne do mato.—A grande estima em que os guaycurús têm o cavallo provém de ser-lhes este animal muito util em suas correrias, sabendo elles montal-o e ensinal-o admiravelmente. No dia da caçada a que assistio o nosso capitão estavam a cavallo, como elle, o chefe que o convidou e os mais indios, tendo todos estes nas dextras a sua arma favorita.

O leitor pensará que essa arma é a flecha e o arco, ou algum machado de pedra, ou espada, ou alguma zagaia, ou lança; pois nada disto é, e sim um bastão de cinco ou seis palmos de comprimento, com uma pollegada ou pouco mais de

diametro, feito do tronco da palmeira denominada ciriva, o qual tem grande peso especifico e é de côr preta. O indio que empunha este bastão, quando quer servir-se delle, se está proximo ao objecto que deseja ferir ou contundir, descarrega o golpe como vulgarmente se dá uma paulada; mas, se está distante do dito objecto, empunha o páo por um extremo, e, fazendo-o rodar por cima da cabeça, arremeça-o, e elle vai com tal veloci-

Indio Guaycurú.

dade que, dizem, quebra até a canella de um boi, cumprindo observar que tanto de perto como de longe, nos animaes como nos homens, é sempre nas pernas que o indio procura dar o golpe com o seu bastão: d'esta arte tira a faculdade da locomoção ao inimigo e depois mata-o.

Entretanto os caçadores e o official supracitado percorriam a cavallo o campo, procurando a caça, quero dizer os veados, que nos campos de Nioac abundam. De repente, por entre umas arvores, appareceu um desses mamiferos, e o chefe Guaycurú mandou um dos seus perseguil-o. O indio incitou o ginete que montava com a voz e com os calcanhares, e partio ligeiro como uma bala, rodeando o seu bastão de ciriva, equivalente ás bolas do gaúcho. Conta a historia que em Eylau, vendo Napoleão sahir a toda brida o bravo dos bravos no desempenho das ordens que acabava de dar-lhe, disse para o seu estado maior: Este homem é um leão! O chefe Guaycurú tambem se electrisou vendo partir o indio caçador, e disse ao capitão: «Este é bom!» não fazendo comparação do seu subordinado com animal algum, porque de certo na fauna brazileira, que elle conhecia, não achava elle fera que se assemelhasse ao seu valente; porque elle não havia dizer: este homem é um *miguê-diôgo* (onça), nem um *necnúguio* (cachorro), nem um *jáua-tiríca* (gato do mato), nem um *apolicâne* (anta), nem um surucucú, visto como taes nomes dão elles áquelles que querem humilhar, quando deixam de proceder bem, segundo seu entender. Entretanto lá foi o caboclo; mas de subito, e pouco depois do citado elogio, todos quantos o admiravam viram-n'o cahir no chão e alli quedar sem movimento. Correm a elle e acham-n'o morto, tendo a parte superior do craneo separada da outra parte por um córte horizontal, e tal que parecia effeito do serrote de um cirurgião. E' que no galope vertiginoso com que se acercava do veado, que delle fugia, o cavalleiro Cadiuéo metteu-se sem reparar por baixo do galho de uma arvore pouco distante do solo, e batendo nelle com o frontal estalou-lhe o craneo, como segundo o cantor dos Tamoyos, estalam-se chocando as sapucaias.

Toda a alegria da reunião venatoria se transformou em tristeza: choravam os homens e carpindo ululavam as mulheres, que logo vieram mesma a pé, ver o fallecido.

Tratou-se então de levar o corpo para o cemiterio, e o nosso capitão, compungido, retirou-se para a casinha que habitava. Alli estando, vê entrar o soldado que lhe servia de camarada apressadamente, e dirigir-se a elle pedindo-lhe um lençol ou colcha velha.—Para que? perguntou-lhe o capitão.—«Porque os bugres, respondeu o soldado, querem matar o cavallo do defunto afim de o enterrarem com elle; mas dão o mesmo cavallo vivo a quem lhes fornecer um lençol que sirva para envolver o cadaver do caboclo.» O capitão entregou ao soldado o que lhe pedia e vio-o voltar dahi a alguns minutos trazendo o cavallo do fallecido caçador pela rédea, e contando que os indios ficaram cheios de alegria á vista do lençol, e que disseram: Ah! este soldado é um bom homem! Elle teve pena do defunto, e por isso deu-lhe um lençol, que o vai livrar do frio no outro mundo; elle merece o cavallo do valente.» E deram-lhe o animal, que era bonito e brioso.

CHEFE DE DIVISÃO CLAUDIO SOIDO.

INDIOS PARECIS

A' semelhança da ossada fossil do Centimano do mytho grego, a cordilheira dos Parecis alonga suas ramificações por diversos pontos da provincia de Mato Grosso, abrigando em seu interior as Sete-Lagôas, que se desenrolam alvacentas como as dobras do lençol de morte, cahidas do esquife excelso do Titan.

Os seus campos de duzentas leguas determinam limites entre Mato-Grosso e Goyaz.

Indio Parecí.

Ahi, na cumiada dos Sete-Morros e nas planicies sem fim, dominava a nação dos Parecis, quando os irmãos Barros, de Sorocaba, as exploraram em 1733.

A tribu dos Parecis, numerosa e forte outr'ora, é hoje dizimada e enfraquecida pelas circumstancias antagonistas, que lhe entravam o desenvolvimento, a conservação e o progresso.

Estes indios vivem da caça e da pesca.

Habeis no entesar do arco, a morte emprestalhes a aza que vôa na flecha que arremeçam; e o *cipó bravo*, trazido por elles das matas e que envenena o peixe,offerece-lhes o tributo dos rios e dos lagos á alimentação da vida.

Doceis, dotados de sentimentos paternaes, não vendem ou trocam como os demais selvicolas os filhos, o que é admiravel e bello.

Quaes fantasmas de derrocados imperios revendo ao luar o esplendor das tradições extinctas, elles buscam a quietação e não a luta, a paz e não a guerra.

E não encerrará essa palavra tão simples todas as angustias de sua grande alma ?

Silencio!...

Diante do tumulo a fechar-se de seus derradeiros filhos a America selvagem pede paz.

—E' uma supplica n'um epitaphio!

MELLO MORAES FILHO.

Indios do Guaporé

I

OS GARAYOS

Cerca de cincoenta kilometros abaixo das *Torres*, notavel curiosidade natural á margem esquerda do Guaporé, eleva-se a riba opposta n'um vasto descampado de uns quatro a cinco metros de altura sobre as enchentes ordinarias.

Tem esse descampado o nome de *Campos do Páo-Cerne ;* e por *Indios de Páo-Cerne* é conhecida a nação que habita as margens daquelle formoso rio, n'uma zona de quasi duzentos e cincoenta kilometros, desde além das Torres até a barra do Paragahú e o morro de Garajuz, quasi 13° 5' sul.

As Torres são um agglomerado de blocos mais ou menos rectangulares, dispostos de modo tal que apparecem ao navegante como as ruinas de um obelisco ou uma verdadeira torre quadrangular.

Cercam-a monticulos de outros seixos iguaes : uns della cahidos, visto que sua apparencia actual muito differe do descripto pelos antigos exploradores ; e outros que, talvez, formassem uma segunda torre, conforme nol-o dá á suppôr a denominação plural com que foi sempre conhecida essa localidade.

Acredito serem os Garayos os mesmos *Garajuz* dos antigos, e cujo nome perdura ainda nos morros auriferos e no porto das minas descobertas em meio do seculo XVIII, e onde mais tarde Luiz de Albuquerque estabeleceria a hoje extincta povoação de *Viseu*.

Formam diversos aldeamentos, alguns retirados do Guaporé,e outros á suas margens. Calculo a povoação destes em mais de quatrocentas almas, e no dobro o *totum* da tribu.

Descendo o Guaporé em 1877 tive occasião de vêr as aldêas ribeirinhas. São cinco : *Flechas*, *Guarapiranga*, *Jangada*, *Veados* e *Acorizal*, todas derivando seus nomes dos da localidade,

excepto a segunda, cujo sitio é conhecido por *Paredão Vermelho*, traducção de *guarapiranga* que é o nome dado por esses indios ás barrancas de argilla daquella coloração.

Compõe-se cada uma de poucas palhoças, algumas muito extensas, altas e largas; todas cobertas dos leques da *uanassú*, a palmeira das folhas gigantes.

Cada aldêa é governada por um *capitão*, quasi independente, mas que reconhece a primazia de outro, o da aldêa *Cayá*, uma das do interior.

Cultivam milho, feijão, bananas, que chamam *bery*, mandioca, e aipim, batata doce e inhame, pimentas, melões, melancias, aboboras, etc. Como na maioria das nações selvagens, a colheita é commum a todos, mas nestes a cultura pertence exclusivamente ás mulheres. Os homens caçam e pescam, talvez por desenfado da sua habitual calaçaria: para a pesca vão ordinariamente acompanhados da mulher e dos filhos, em mais de uma canôa si todos não cabem n'uma.

Assim, encontrei nos dous portos da Guarapiranga abicada uma boa duzia de canôas, o que, de momento, fez-me recordar da cidade donde vinhamos, comparando com tristeza essa tal ou qual animação e vida desse porto e desses homens selvagens, com a apathia e desanimo dessa antiga e rica capital, em cujo porto, hoje, nem sempre se avista uma canôa.

Ao aportarmos á primeira aldêa vimos chegar a barranca trinta e seis indios, dos quaes vinte e duas mulheres, e uma trintena de crianças de todos os tamanhos.

Os Garayos são bonitos, ainda que não possuam a elegancia do porte e a belleza dos traços physionomicos dos Cadiuéos, tribu dos Guaycurus, os mais formosos indios que já vi.

N'uma canôa que veiu visitar-nos vinha uma familia composta de um rapagão e sua companheira, o pae daquelle e a mãe desta.

A moça era a mais genuina expressão, o typo ideal da india americana: joven ainda, talvez de dezeseis, talvez de vinte e cinco annos, era bem formosa, de feições finas e regulares, alta, esbelta, de fórmas esculpturaes. Seu cabello atado em duas longas tranças; o corpo todo vermelho de *urucú*, tafularia selvagem que praticam principalmente quando esperam ou sabem que se approximam viajantes, e que empregam desde o proprio cabello até os pés.

Seu companheiro representava vinte a vinte e cinco annos: alto tambem, forte e musculoso como todos os homens que ahi vimos, tendo mui desenvolvida a musculatura do tronco e dos membros thoraxicos, o que é geralmente indicio das tribus *canoeiras*, e motivado pelo exercicio do remo.

Os outros dous, homem e mulher, mais pareciam irmãos que paes do casal; e ao vêl-os tão moços, tão ageis e fortes, ninguem os teria por maiores de trinta a trinta e cinco annos.

São descendentes legitimos da grande familia tupi: o seu dialecto é o guaraní quasi puro. Seus principaes inimigos são os *Cabixys*, senhores das matas e campos do Alto-Guaporé e seus tributarios; e é principalmente para combatêl-os, ou quando se reunem em conselho, que obedecem ao capitão da *Cayá*.

SEV. DA FONSECA.

DOS CASAMENTOS DOS INDIOS DO BRAZIL

III

A's filhas das irmãs não chamam *temericô etê*, nem por taes as têm; porque muitos indios com terem muitas sobrinhas, e muito gentis mulheres, não usam dellas; mas, como os irmãos têm tanto poder sobre as irmãs, têm para si que lhes pertencem as sobrinhas para as poderem ter por mulheres, e usar dellas *ad libitum* se quizerem, assim como as mesmas irmãs dão a uns e tiram a outros. *Taragcaj*, indio muito principal na aldêa de Jaribatiba, que é no campo de S. Vicente, tinha duas mulheres, e uma dellas era sua sobrinha, filha de sua irmã; e quando se baptizou deixou a sobrinha, ainda que era mais moça, e casou com a outra.

O terem respeito ás filhas dos irmãos é porque lhes chamam filhas, e nessa conta as têm; e assim *neque fornicarie* as conhecem, porque têm para si o parentesco verdadeiro: vem pela parte dos pais, que são os agentes; e que as mãis não são mais que uns sacos, em respeito dos pais, em que se criam as crianças, e por esta causa os filhos dos pais, posto que sejam havidos de escravos e contrarias captivas, são sempre livres e tão estimados como os outros; e os filhos das femeas, se são filhos de captivos, os têm por escravos e os vendem, e ás vezes matam e comem, ainda que sejam seus netos, filhos de suas filhas, e por isso tambem usam das filhas das irmãs sem nenhum pejo *ad copulam*, mas não que haja obrigação nem costume universal de as terem por mulheres verdadeiras mais que a outras, como dito é. E por esta causa os padres as casam agora com seus tios, irmãos das mãis, se as partes são contentes, pelo poder que têm de dispensar com elles, o qual até agora se não fez com sobrinho filho de irmão, nem ainda em outros gráos mais afastados, que vêm pela

linha dos pais, porque entre os indios se tem isto por muito estranho.

Os que têm muitas mulheres, a que chamam *temirecô*, não é possivel saber-se com qual dellas se juntaram com animo marital, porque nem elles entendem quanto importa fallar nisto verdade, nem o sabem dizer realmente, porque para com todas tiveram o mesmo animo. E muitas vezes querem mais á segunda, terceira, quarta, e ainda á ultima, que ás outras, e por serem ou mais moça, ou mais fecundas, ou filhas de principaes. E não ha certeza para que *cæteris paribus* se haja de presumir em favor da primeira, antes muitas vezes nestas ha menos duvida e mais probabilidade que não tiveram animo de se obrigar a ellas; porque, como então são mancebas, ás vezes tomam alguma velha de que não esperam ter filhos, porque não acham outra, sómente para que lhes faça de comer, porque se acertam de não terem mãi ou irmãs, que tenham cuidado delles, são coitados, e contentam-se por então com qualquer velha, com que estão bem agazalhados, sempre com olho em tomarem outras de que tenham filhos, como depois fazem, ou deixando a primeira, ou retendo-a, se ella quer, para o effeito sobredito; e como entre os indios ha muito poucas mulheres meretrizes e devassas, e a carne aperta com os moços, tomam qualquer que acham, ou velha ou moça, ainda que não seja muito a seu gosto, porque por então não podem mais, esperando e tendo quasi por certo que terão depois outras, como acontece principalmente se são valentes nas guerras ou filhos de grandes principaes, porque então os pais lhes dão as filhas, e os irmãos as irmãs, e a estas se affeiçoam mais que á primeira, a qual parece que não tomaram senão *ad tempus*, nem têm animo de se obrigar a ellas, nem ellas a elles, porque já ellas sabem que elles hão de tomar outras quando acharem occasião e as hão de deixar.

Dos que têm uma só mulher de que houveram filhos, com a qual perseveraram até a velhice, póde haver mais duvida, porque parece que estes têm differente affeição e animo marital, não porque ao principio o tivessem tal, porque todos se juntam com ellas de uma mesma maneira, e tambem estes, como todos os outros, *in preparatione animi* têm muitas, e se as não tomaram, foi não por se terem por obrigados áquellas, senão porque houveram filhos dellas, e os serviram bem, e lhes foram leaes, e não tiveram poder para ter outras; porque a estes mesmos acontece no cabo da vida tomarem outra moça, quando a acham, maxime sendo elles principaes; mas se não têm tomado outra pela amizade e conversação de longo tempo com as primeiras, lhes vêm a tomar este amor. E quando os querem baptizar dizem que aquellas tiveram de pequenas, e com ellas cresceram, e que as não hão de deixar: e o mesmo dizem outros, posto que sejam mancebos ao tempo do baptismo, porque se acham já com aquella e lhe querem bem, porque não tiveram outra nem ao presente tem poder para a achar; e se acertaram de vir a poder dos portuguezes, têm medo que lh'as tomem seus senhores, e elles se fiquem sem mulher; mas se lhes dão alguma mais geitosa, facilmente deixam a primeira; e assim acontece não raro que estes mesmos se ao tempo do baptismo têm tomado alguma de novo, ou algum principal lhe quer dar alguma filha ou irmã, facilmente deixam a outra, e não querem casar senão com a derradeira. E as outras ou se ficam assim, se são velhas e têm filhos, ou se casam com outros (como se disse ao principio) sem muito sentimento.

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.

(*Revista do Instituto.*)

Uyáras

(LENDA DO VALLE DO AMAZONAS)

Travesso menino,
Do fundo das aguas
Que em flocos se ameigam dos juncos ao pé,
A's vezes s'escuta na queixa do rio
Um canto macio,
De quem.... não se vê.

O canto se estende; mais doce que as moitas
Que dormem silentes ás luzes do céo.
Se acaso o barqueiro que vai na jangada
Lhe escuta a toada,
Meu Deos, se perdeu!

Travesso menino,
Não sabes ainda?
Alli as Uyáras se occultam reveis...
São ellas as moças que vivem cantando,
Crianças roubando,
São moças crueis!

São alvas, mais alvas que o dente das antas,
Mais louras que a pelle das onças... são bellas!
Se alguem as descobre na molle corrente,
Lá some-se a gente,
Lá somem-se ellas!

Em noites de lua resvalam fugaces,
Quaes nevoas douradas, nas aguas azues!
E ao collo suspenso nas ondas bem mansas
Enroscam-se as tranças
Quaes serpes de luz.

E ellas entoam cantigas tão meigas
Que o echo dos valles acorda veloz ..
Mas foge, menino, de ouvires das fadas
Gentis, encantadas,
Um hymno, uma voz!

—« Eu tenho aqui mil palacios
Todos feitos de coraes,
Seus tectos são mais formosos
Que a coma dos palmeiraes.
Infante que vais no monte,
Deixa o teu pouso d'além;
Eu sei historias bonitas...
Vem!

Quando nas cestas d'espuma
Sigo á tôa até o mar,
As princezas que morreram
Descem na luz do luar...
Jangadeiro que murmuras,
Eu sou princeza tambem;
O rio está na vasante...
Vem!

Minhas escravas são virgens
Loucas, esveltas, morenas;
Têm mais ternura nos olhos
Que orvalho nas açucenas.
Jangadeiro, a noite é fria,
Tem máo assombro o sertão;
Minhas escravas são lindas...
São!

Tenho collares de per'las,
Harpas d'ouro em que descanto;
Governo a luz das estrellas,
Pára o luar ao meu canto.

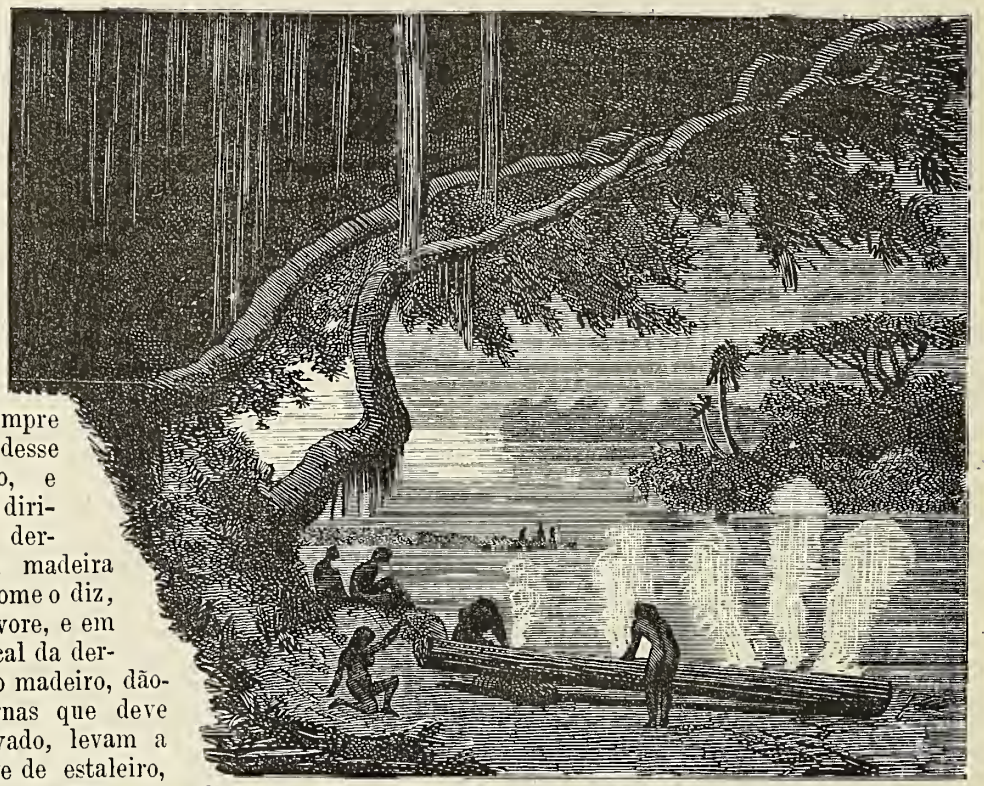
Infante, a choça é deserta,
Ninguem te espera lá não;
Minhas historias são bellas...
São!»

E assim ellas levam ás grutas sombrias,
A's grutas medonhas dos rios, do mar,
Áquelles que ouviram seus cantos á noite.
Distantes do fogo querido do lar.

Ouviste, menino?—Não corras do rancho,
Que alli as Uyáras se occultam reveis;
São ellas as moças que vivem cantando
Crianças roubando,
São moças crueis!

MELLO MORAES FILHO

FABRICO DE UMA MONTARIA



Em geral as montarias são feitas de *itaúba* (Acrodiclid. sp.), e demandam não pouco tralho e tempo, porque quem as faz não é artista, se bem que concluidas não deixem nada a desejar quanto á sua perfeição e qualidades nauticas. O constructor é sempre aquelle que precisa desse meio de conducção, e para isso o tapuyo dirige-se á floresta, derruba uma itaúba, madeira rija, como o seu nome o diz, *itá*, pedra, *ybra*, arvore, e em geral no proprio local da derrubada falquejam o madeiro, dão-lhe as fórmas externas que deve ter e depois de cavado, levam a um giráo, que serve de estaleiro, e, perfurado então em linhas parallelas, acabam de caval-o servindo os furos para por elles se introduzir uma taquarinha, que servindo de compasso, marca a espessura que deve ter a montaria depois de concluida.

Obtida a grossura desejada, fazem fogo dentro, ou em geral embaixo do giráo, e, emborcada a montaria, com o calor vai abrindo-se e toma a fórma adequada. Conservam-n'a aberta por meio de travéssas. Depois de fria pregam as cavernas, e as *rodellas* que fecham a prôa e a popa.

Quando porventura com o calor racha-se a madeira, calafetam com breu e estopa, assim como tapam os furos que fizeram para a medição. Construida assim uma canôa, zomba das tempestades e da quéda das cachoeiras.

J. BARBOSA RODRIGUES.

A FAMILIA

I

A grande lei que rege os demais factos de ordem sociologica é a mesma que regula a familia, e que a destaca desde os seus lineamentos embryogenicos até ás fórmas mais complicadas da sociedade actual.

Pelo estudo retrospectivo de sua evolução, apenas dous elementos guiam o philosopho nos seus intrincados raciocinios através das especies animaes : o amor e a fome.

Como os Atlantes dos monumentos antigos, é sobre o amor, que reproduz os sêres, e sobre a fome, que dispersa os affectos, que repousa esta instituição que, segundo os sociologistas modernos, não é em absoluto necessaria á sociedade.

Schiller, descobrindo esses factores, vio as gerações se fermentarem nas épocas pre-historicas, vio as de hoje e as de amanhã seguirem todas, indo esbarrar nos confins dos seculos ou no nada, que ergue as suas tendas no paiz desconhecido da morte.

Na senda evolutiva das especies animaes a constituição da familia é tão pouco commum, que podemos adiantar que seu limite não excede á conservação das mesmas especies, o que agrupa ante a individualidade materna a descendencia que desponta á vida.

Percorrendo a escala zoologica, vemos que o amor paterno é uma resultante do amor sexual, isto é, que entre os animaes inferiores elle não existe quasi, como é totalmente estranho a varios povos, embora haja permanencia de uniões sexuaes.

A solicitude paterna começa com alguns passaros, que trazem ao ninho o alimento á companheira e á progenitura, despertando ahi o albor crepuscular da familia. Em muitos peixes e nas formigas, especies que lhes estão abaixo, nem o amor materno se assignala, havendo entre estas as castas criadeiras, que se incumbem dos cuidados da prole a seu cargo, do mesmo modo que as das escravas, observadas por Darwin.

O matriarcado, porém, é na generalidade a escada de sóes por onde a Providencia desce á terra, saudada pelas harmonias da creação inteira;—é sempre o sentimento materno quem embala o berço do mundo!

No emaranhado da floresta a ave suspende o ninho á rama que se alonga sobre as lagôas douradas; a aza materna aquece do inverno e protege das virações asperas os filhos implumes... Quando o gavião escurece o horizonte ella os achega, alvoroça-se, e abrindo o bico defende os pobresinhos que pipilam assombrados com essa innocente ameaça partida do coração...

O pai, que é delle?

A tarde o encontrou saltando por cima do galho que balança flexivel, mas chegando a noite adormeceu mais longe.

Contam que no Amazonas a femea do jacaré, logo que os filhos sahem dos ovos, os toma no dorso e os leva aos lagos ou aos rios; o macho a acompanha, ondulando a cauda de bronze, porém com o fito unico de devorar aquelles que cahem. Este acontecimento não se dá unicamente no Amazonas; um autor inglez o relata em outras paragens.

Nas tartarugas nota-se, sob o mesmo ponto de vista, o instincto da familia, o desvelo pela conservação da especie : furam a arêa para a nidificação, e em certas épocas apparecem com os filhos no deserto das praias, ao luar, como estilhaços de escudos movediços e reluzentes.

Na classe dos mamiferos o amor de mãi é tão pronunciado, que os caçadores de macacos hesitam de piedade diante de uma caricatura de mulher que lhes mostra nos braços os filhos pequeninos.

Estes quadrumanos, entre os quaes as verdadeiras bases da familia existem mais accentuadas, não dão exemplos de amor paternal. Desde o insecto que zumbe, até o morcego que amamenta, envolvendo nas azas que servem de fachas o recem-nascido, a regra é invariavel.

No reino animal, como entre as raças humanas, o centro da familia foi sempre a entidade materna; e tão provado nos parece o dizer, que, naquelle, é desconhecida a orphandade, que significa a divida contrahida pelo parente mais proximo, no caso de fallecimento da mãi — a educação do orphão.

MELLO MORAES FILHO.

CIVILISAÇÕES EXTINCTAS

Não tem a exposição anthropologica quem mais se interesse por ella e admire os esforços do illustre director do Museu Nacional do que o autor destas notas.

Considero, porém, dever dos que apreciam essa tentativa para o estudo do homem americano, enumerar as faltas que alli existam, e que possam senão prejudicar, ao menos diminuir os meritos da grandiosa festa americana.

Taes reparos não são filhos da má vontade; representam antes uma collaboração.

E' nesse caracter que continuo a fazer algumas ligeirissimas observações.

A presença de alguns objectos da America hespanhola nos armarios do Museu nos mostram que a intenção era apresentar uma galeria completa de cousas pertencentes ao homem americano.

Essa intenção, porém, não está satisfeita; grandes são as lacunas apresentadas.

O que nos falla na exposição anthropologica, por exemplo, das antiguidades do valle do Mississipi, onde Squier e Davis fizeram estudos que mostram ter alli habitado uma raça anterior ás tribus selvagens hoje conhecidas?

Que documentos nos fallam daquelles guerreiros tão celebrados no *Hiawatha* de Longfellow?

O que encontramos no museu que se refira á civilisação inca, aos descendentes de Manco-Capac?

E do Mexico, onde foi tão deslumbrante a existencia dos primeiros povoadores, onde a civilisação cresceo, chegou ao fastigio e declinou?

Se não podiamos ter alguns objectos artisticos de genuina origem tolteca,que muito erão alguns modellos em terra coita, algumas gravuras ou desenhos?

Entretanto muito teriamos que observar e comparar passando por aquellas regiões.

O calendario azteca de pedra; o systema astrologico que observavam; os pittorescos mysterios e tradições; os templos em fórma de pyramide, de nove andares representando os nove céos; os instrumentos de musica tão variados e bizarros; e tantas, tantas importantes reminiscencias do homem americano, tão sorprendentes naquellas paragens!

Quando Cortez conquistou o Mexico estava esse paiz no maximo gráo de prosperidade. A população era numerosa, e Montezuma havia dilatado o imperio até Guatemala.

Por toda parte o esplendor e magnificencia, attestando a vocação artistica daquelle povo.

Só o templo de Vizitiliputli, o deus da guerra, com as suas vinte portas, tecto e pavimento marchetado de ouro, altares fulgurantes de topazios e esmeraldas, era um prodigio maior que o tabernaculo de Salomão, segundo um moderno historiador.

Fallando da civilisação e grandeza dos aztecas, diz Porto Alegre no seu poema *Colombo*:

« Que estranha architectura! Que riqueza
Na fórma e na materia, estylo e ornatos!
Dir-se-hia ao vêl-o qu'o compasso egypcio
Lhe dera o molde e as dimensões titanicas,
Se ella não revelasse um cunho proprio.
O pilone do Nilo sanqueado
O arco perfeito da sombria Etruria
De Roma as arcarias e zimborios,
O coruchêo da India, e as sonorosas
Torres lombardas e pontudas grimpas,
E nem da China as sobrepostas tendas
Abrindo ao vento as tintirantes abas!
De um novo aspecto a artefactada pedra
Na structura e desenho se reveste.»

Como essa descripção do paço real azteca, traz Porto Alegre muítas outras paginas de louvor e enthusiasmo pela magnificencia do Mexico, quando descoberto por Fernando Cortez e em toda a pujança de sua civilisação americana.

Pois bem, nem do Mexico, nem do Perú, nem do Chile ou dos Estados-Unidos possue a exposição anthropologica do Museu, artefactos ou productos naturaes, ou simples cópias, que attestem de um modo categorico as forças creadoras dos primeiros povoadores do continente americano.

Ora, isso é tanto mais grave, quanto não se póde dizer que os documentos archeologicos reunidos no museu sejam destinados simplesmente ao estudo do *homem brasileiro*.

Pouco se poderia concluir da aptidão do homem americano quando fossem eliminados da analyse esses documentos que fallam de tantas civilisações extinctas no mundo de Colombo, e apenas entregues á critica scientifica os objectos que attestam um viver selvagem, uma arte deficiente e uma industria rudimentaria.

Humboldt, inquerindo se o estado selvagem da America era a aurora de uma sociedade, ou os destroços de uma civilisação extincta, inclinava-se para a ultima hypothese.

Para elucidação dessas duvidas é que se reunem os congressos americanistas,e que se realizou um commettimento tão importante como é a nossa exposição anthropologica.

A viagem do illustre director do museu aos paizes do Prata e do Pacifico assegura-nos que todas as lacunas, hoje apontadas, deixarão de existir na segunda phase da exposição americana, e da qual é esta um tentamen preliminar muito para ser applaudido.

J. SERRA

SOBRE A CONFORMAÇÃO DOS DENTES

III

O que se torna sobretudo notavel, e ainda mais confirma essa opinião, é o gráo de semelhança que se descobre entre os dentes da nossa raça prehistorica, representada pelos craneos fosseis da Lagôa Santa, e os dentes da Bolivia.

Lund, o descobridor desses craneos, assim se exprime em uma carta publicada no volume 5º da *Revista* do Instituto Historico Brazileiro:

« Esses craneos, ao par da conformidade com o typo da raça americana em geral, que já notei, exhibiram um caracter em que differem de todas as raças humanas existentes, a saber: na conformação dos dentes incisivos. Estes em vez de terminarem por um córte transversal, como é proprio para esta classe de dentes, apresentam uma superficie plana, triturante, analoga á dos dentes molares.

« Posto que não possa haver duvida alguma de que esta conformação abnorme provenha do gasto, não merece por isso menos attenção, tanto em razão de sua constancia, sendo observada até *nos craneos provindos de individuos novos,* como por não se achar nada de semelhante em nação nenhuma moderna, e sim unicamente nas mumias ou corpos embalsamados do antigo Egypto. »

A conformação de que falla Lund com referencia aos incisivos dos craneos da Lagôa Santa, não é outra cousa mais do que um gráo adiantado da conformação dos incisivos bolivianos.

Em presença de um facto tão constante e tão geral, como esse que acabamos de pôr em relevo, não podemos deixar de admittir na conformação dos dentes molares e incisivos mais um caracter distinctivo para as raças do Novo Mundo. Sem querermos contestar a influencia que o attrito possa exercer sobre essa conformação singular dos dentes, temos razão de bom quilate para affirmar que neste caso a lisura não póde ser simplesmente o effeito de uma causa mecanica ou artificial. A principal dellas é fundada na observação dos dentes molares de dous craneos da nossa collecção, cuja idade é fixada em sete annos para um, e em quinze para outro, e nos dentes de um craneo peruano de criança, estampado na grande obra de Morton. Nesses craneos, pertencentes a individuos muito novos, os dentes molares offerecem já uma conformação que os approxima muito dos dentes dos adultos. As cuspides pouco desenvolvidas apresentam se separadas por uma larga superficie plana em vez de serem por uma linha crucial, como se vê commummente nos craneos europeus. Dahi resulta que o attrito, exercendo-se durante a mastigação, mais directamente sobre a parte culminante das cuspides, estas se gastam com rapidez e põem-se logo ao nivel da larga superficie lisa que os separa. A conformação é portanto original; sómente ella se torna cada vez mais pronunciada á medida que o individuo cresce em idade.

A causa mecanica, representada pelo attrito ou a gastura, não póde ser exclusivamente invocada neste caso, porque os seus effeitos nos dentes de outras raças só se denunciam em idade muito avançada, constituindo então um caracter de velhice.

Estamos longe tambem de admittir que a natureza e qualidade da alimentação do selvagem, consistindo muitas vezes em raizes fibrosas, duras e resistentes, seja por si só capaz de explicar a lisura dos molares; basta lembrar aos que assim julgam que em diversas tribus, como a dos Botocudos, que se nutrem exclusivamente com os productos da caça e da pesca, se encontra essa conformação dos molares desde os primeiros annos da vida.

Todas as outras hypotheses imaginadas para explicar esse facto, fóra de uma disposição natural ou congenita, não podem resistir a uma analyse séria.

Encarando agora a questão sebre um outro ponto de vista, somos levados a considerar a conformação geral dos dentes nas raças indigenas da America como um caracter de inferioridade ethnica.

Percorrendo-se toda collecção de Morton e a nossa, que existe no Museu Nacional, descobre-se logo á primeira vista um certo cunho de animalidade impresso na dentadura dos craneos americanos. A notavel projecção para diante dos incisivos, a grossura dos molares e o desenvolvimento extraordinario dos caninos, que se observa em alguns delles, deve ter para essa raça a mesma significação anthropologica que a perfuração da fossa olecraneana, a depressão excessiva da fronte e o plactynemismo do tibia.

Observam-se nos dentes da Nova Zelandia certos caracteres morphologicos que os tornam um pouco semelhantes aos dentes das raças americanas; se, porém, submettermol-os a um exame detido e minucioso, veremos que taes semelhanças não são senão apparentes. A conformação particular destes dentes é evidentemente produzida pelo emprego de um meio artificial. O esmalte, que tem a brancura de perola, apresenta-se alli lascado em pontos differentes, como se houvera soffrido os repetidos choques de um instrumento rude qualquer. Nem de outra sorte poderiamos explicar a regularidade perfeita das duas arcadas dentarias, figuradas alli por duas

linhas parabolicas superpostas, se não admittissemos a intervenção da limage.

O uso do betel deve tambem ter a sua parte nessa conformação dos dentes da Nova Zelandia; a essa causa são certamente devidas as manchas negras que se notam na face posterior dos incisivos, contrastando com a côr aperolada e o brilho vitreo de esmalte na face anterior.

Em conclusão, da serie de considerações que acabamos de fazer resulta que a conformação geral dos dentes póde servir como caracter distinctivo das raças da America, prestando-se ao mesmo tempo a reforçar as provas já reconhecidas da unidade do typo ethnico para os povos que habitaram antigamente, e habitam ainda hoje, as vastas regiões do Novo Mundo.

DR. J. B. DE LACERDA.

INDIOS GUAYCURUS

(SUAS LENDAS)

Os indios, que ainda vivem nas selvas brazileiras, não são mais verdadeiros selvagens; os seus costumes já participam dos do homem civilisado, e como os costumes exigem certos moveis e utensis, com aquelles appareceram estes, imitados dos pertencentes ao filho da civilisação. Parece-me, pois, enganar-se, quem toma todos os artefactos do selvicola brazileiro por productos da sua intelligencia, sem o auxilio de modelo estranho. O homem em geral é essencialmente imitador, e o indio, porque é homem, segue a lei da humanidade.

Ide a um lugar onde appareçam selvicolas, e notareis que no dia seguinte ao da vossa chegada elles apresentam arremedos dos objectos que levardes, desconhecidos a elles, e que lhes chame mais a attenção. Isto vi eu em Mato Grosso, em 1857. Aportou a Coimbra o vapor da armada imperial *Maracanã*; nunca alli estivera um navio de guerra, e os Cadiuéos, que então se achavam naquelle forte, de passeio, no outro dia appareceram com ancoras pintadas nos corpos e caras por meio da tinta azul-escura que extrahem do genipapo. Assim copiavam os uniformes dos officiaes do *Maracanã*, e um, sem duvida de imaginação mais viva, até fingio na pelle, da cintura para cima, a farda, desenhando a abotoadura sobre o esternon, a gola no pescoço e os galões das divisas nos pulsos, sem esquecer traçar na cintura o limite da mesma farda.

Deste e de outros exemplos creio que se póde deduzir que certas obras dos indios não existiam antes da vinda dos europeus á America, sendo portanto imitações do que viram a esses fazer. Não estarão neste caso as celebradas vestimentas de pennas ? Os indios que tenho conhecido, fóra da vista dos homens civilisados não usam vestimentas ainda hoje. Com certeza sei eu que ha setenta annos, e portanto em tempo mais vizinho ao da conquista,no valle do Rio-Doce, da provincia do Espirito-Santo, os indigenas não traziam sobre si panno ou cobertura que indicasse conhecimento de pudor, e tanto em um como em outro sexo. No Paraguay, em Assumpção, contaram-me pessoas fidedignas, do tempo em que o illustre fallecido general Bellegarde foi alli nosso ministro plenipotenciario, que haviam visto raparigas indias, criadas, trazerem á sala, para as visitas as cuias de matte,no mais completo estado de nudez, sobrepondo um dos dous membros inferiores ao outro, para de algum modo se compôrem, emquanto a visita chupava o matte que lhe haviam offerecido. Parece-me, pois, que as taes vestimentas e enfeites são imitações das roupas dos conquistadores, as quaes, sendo multicores, lembraram supprir a falta do setim, da adriatica Veneza, carmesim, etc, com as rubras plumas da arára.

Não desejo, nem posso sustentar discussão a este respeito, mas o que vou contar claramente demonstra que o selvagem de hoje, no Brazil, já não é o de 1500; que o seu espirito tem tido progresso e que portanto os artefactos de que usa parecem ser cópias das obras dos conquistadores da terra, ou da raça delles, exigidas pela adopção dos costumes europeus ou do homem civilisado, como ficou dito.

O selvicola actual no Brazil já é comico e representa de selvagem. Elle se afasta de nós, não por timidez,pois sabe que o não offendemos, e sim porque quer esquivar-se ao trabalho imposto pela civilisação, e por lhe pesar muito perder a liberdade de animal que desfructa nos bosques.

Vamos ao conto.

São duas lendas.

Nellas o Guaycurú amoldou á sua vaidade a cosmogonia de Moysés, que ouvio aos padres christãos. Nesta falla Deus a Adão como pai do genero humano; nas lendas Deus se dirige a um Guaycurú, explicando-lhe particularidades que o indio ignora e quer saber, referentes tão só á sua tribu, a qual parece ter na imaginação do indio origem á parte da das outras tribus, com total desconhecimento e até com repellencia da unidade do genero humano.

Um Guaycurú perguntou uma vez a Deus porque,havendo feito numerosas as tribus dos Guanás, dos Chamocôcos, dos Terenas, dos Kinikináos, etc., fez a dos Guaycurús com pouca gente,e Deus res-

pondeu: E' porque os Guaycurús são os homens mais valentes da terra, e se fossem muitos todos os outros seriam seus escravos ou não existiriam mais.

Então o Guaycurú disse ainda a Deus: Vós déstes aos outros indios o arco e as flechas que aterram os contrarios, e a nós só ensinastes a preparar o bastão de ciriva (*): é este a nossa unica arma!...

E Deus respondeu: Se tu, Guaycurú, és temivel e escravisas os outros homens só com esse bastão, o que não farias se usasses as flechas que usam os teus inimigos?...

CHEFE DE ESQUADRA CLAUDIO SOIDO.

(*) Vide o artigo «Caçada de veados» no numero anterior desta revista.

Indio Tupinambá pescando á flecha

A reputação de grandes atiradores de flecha pertencia mais aos Tamoyos e Tupinambás do que a muitas das outras tribus selvagens.

Na caça e na pesca estas duas nações manejavam com destreza admiravel o arco; e onde a séta cahia, nas aldêas inimigas ou no denso das matas e superficie das aguas, a morte resultava inevitavel.

Estes indios caçavam nos rios d'agua doce o peixe á flecha, com mais abundancia do que á linha; e com a liberalidade que lhes era habitual repartiam o producto de seu labor com os maioraes de suas tabas e com as mulheres.

A gravura apresentada reproduz um desses quadros da intimidade de seu viver primitivo.

Indios do Guaporé

II

PALMELLAS

É nas vizinhanças do destacamento das *Pedras Negras*, aos 12' 51' S., que encontra-se, hoje, essa tribu.

Estiveram nas margens do Baures, tendo vindo de regiões que não sabem explicar. Dahi é que subiram o Guaporé, vindo estabelecer-se no contraforte da cordilheira dos Parecis, a umas sete ou oito leguas do destacamento.

Tal noticia não deve ser inveridica, e com certeza esse exodo não vai mais longe de oitenta annos, visto que delles não fallam nem os diversos navegadores do rio, nem ainda os que, como João Leme do Prado, em 1772, exploraram a cordilheira em busca de um caminho por terra que ligasse a capital com o forte do Principe da Beira.

Ha poucos annos appareceram á margem do Guaporé,e entraram em relação com o pessoal do destacamento e com os navegantes.

Seu idioma differe completamente dos fallados pelas outras nações ribeirinhas: têm muitos vocabulos semelhantes aos dos Pacaguares, Mocetenes e Juracarés — povos andinos — e dos Acauás, Arecunas, Guayamares e outros da nação Galibi; entretanto, inclino-me a crer que descendem da grande familia dos Moxos, que d'Orbigny filía á raça das nações *Pampas*,

Mesmo em sua linguagem encontram-se alguns termos portuguezes e muitos hespanhóes, recebidos sem duvida nas missões.

Sua phonetica é suave e quasi melodiosa, ductil e ligeiramente aspirada; assim, *óhno*, olhos, e *ohóna*, nariz, tanto podem-se traduzir na escripta com o *h* como sem elle, tão branda é a aspiração da syllaba inicial.

Os sons que exprimimos com a letra *v*, ora fazem-o com ella, ora com *u*, *gu* ou *hu*; exemplo, *andar ligeiro*, que dizem, *íva, íua, ígua* ou *ihua*.

O *r*, como na generalidade dos dialectos americanos, é sempre brando.

Os Palmellas são agricultores e quasi que vivem exclusivamente dos vegetaes que plantam, milho, mandioca, carás, inhames, aboboras, melões, laranjas, cannas, mandubis, etc., sendo digno de nota que elles, os selvagens, possuem e cultivam especies, como o mandubi, o melão e as aboboras, que os civilisados, seus vizinhos, não têm, nem buscam ter.

Criam gallinhas e patos, estes domesticados por elles.

Por um descuido inexplicavel e imperdoavel, deixei de perguntar-lhes o nome da sua nação. Serão os *Herisobocomas* do Baures, ou provirão dos Mocetenes ou dos Tacanas, lá das escarpas occidentaes dos Andes?

O que é verdade é que tornam-se distinctos pela coloração mais branda, quasi clara, de seu epiderma. E' esse um dos caracteristicos das nações Antisianas e Moxas, encontrando-se a mesma particularidade em outras tribus mui afastadas do Brazil, taes como os Cauénas, do rio Içá, os Tucunapebas e Araras, do Baixo Xingú, os Aymorés, os Pomekrans, os Pamas citados pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, os Crauagés, por Gonçalves Dias, os Pacajas e outros do Araguaya, pelo jesuita João Daniel, que, no seu *Thesouro descoberto no rio Amazonas*, diz serem tão alvos que só differem dos europeus em andarem nús; e os Apiacás, que o autor da *Memoria da nova navegação do rio Arinos até a villa de Santarem, no Pará* (*Revista* do Inst. Hist. t. XIX), descreve como gente mui linda, e que, si se vestissem em vez de pintarem-se, pouco differiriam dos brancos, sendo bem alvos, seu cabello fino e macio, o nariz afilado, os olhos grandes, os dentes bonitos e bem arranjados, etc.

Entre os Palmellas ha alguns nessas condições, verdadeiramente brancos, olhos garços ou azues, cabellos vermelhos como os dos *Tacanas*, que devem o nome á essa singularidade.

São governados por uma mulher, que designam unicamente pelo qualificativo de *Senhora*. Não sabem dizer sua idade, mas é de presumir que regule dos quarenta aos sessenta annos. E' alta, de cabellos que já foram castanhos, finos e sedosos, olhos azues. Distingue-se das outras companheiras por um certo *que* especial nos modos e costumes, que revela os toques de uma tal ou qual civilisação. Entretanto dizem que é nascida na tribu; e nunca dahi sahiu.

Seu pai era hespanhol. Chamava-se Ignacio, e foi quem os aldeou e governou por muitos annos, ao buscarem estas regiões, e escolheu por companheira uma das indias mais formosas, de quem houve essa filha.

Morto, continuaram os indios a respeitar na filha a autoridade do pai; converteram-a em seu verdadeiro chefe ou cacique, facto pouco commum nas nações selvagens e mesmo nas civilisadas.

Têm por ella mais que respeito, veneram-a e e acatam-a como um ente superior.

E' ella o arbitro, a reguladora dos assumptos da tribu e a dispensadora imparcial da justiça.

Divide o trabalho, recolhe e dispõe das colheitas, quer da cultura, quer da caça ou pesca,

tirando parte para os velhos, meninos e doentes, parte para si, e entregando o resto ao trabalhador.

Calcula-se seu numero em umas quatrocentas almas; mas, segundo elles, já foram um povo consideravel; fallando ainda com terror de uma molestia cruel (talvez a variola de 1867), que os dizimou ha alguns annos, aterrorisando tanto o povo, que muitos fugiram e dispersaram-se em varias direcções.

São de caracter docil, pacificos e trabalhadores, o que de alguma sorte explica a doçura da sua linguagem.

SEV. DA FONSECA.

POESIA

O Anjo do caminho

Dia da Assumpção quando levaram sua imagem á Rerytiba

ANJO NO CAMINHO

Ejori Virgem Maria
Tupá cy co taba çupa
mamo anhãnga motyia
tei catú nde rançupa
nde rehé oye boriryia

Eipeã pa maraara
ta onbas teico aragui
tigné aiba era aci
terorobia, tapyara
tupá nde embyra ri

DIABO

Anani ereju tenhe
taba çui xe peabo
Oye mo motá pavé
tapiara xerejé
Xe reco pota catuabo

Ecoa yebi nde recoape
nai potari nde reique
ybitirignara é
arecó co xe rupape
naçoribi nde rehé

ANJO

Tetê mará eyabo má
ybztiriguara abe
oçançu Pay Tupá
écoa ea tata pupe,
yxe co taba raroana
oro mo donhe ixugue
oi que Tupá ei corine
quei xeçon nde repenhana

DIABO

Xe pore ançubete má
oipycyró Tupá ei
Xe vetama xe çui
Tupá ei xe cumará

(Falla com seus companheiros)

Tiaço taba pôran
Yaride mondo yauondó

DIABOS

Nei tiaco tangê
angaipa amo reru

(Seis selvagens que dansam os Chates)

1º

Saravayamo oraicó
Caâpe oroye monhagá
orojú nde momorágá
ore aiba rerepó

2º

ndá Deirumobe torocó
tupa retvme oraiqaebo
ejori ore mombóebo
tocoincá nde recó

3º

Caâpitera çui
aju nde rara repiaca
ejory xe rerobaca
nde recó catú coti

4º

Coi nde rura rece
xe aiba aitu ipane
arobie Tupa ete
inhunga rerobiane

5º

Co aico nde rova qué
Xe igona reropapa
ejory nde xe mondepa
nde aocatú pnpe

6º

Ahejarumã caâ
nde rero poana rejbc
Xe rançu catuyepe
Xe poxy rei ty ca pa

(Dansam dous, e em presença dos do sertão dizem)

1º

Ibytira pe iyrecobo
mbac cerocobo
Aicnabuma Tupá
nde menbyra tupá Cy
o mona namo memoá

2º

Jcoxe anamete
Maratada iguarnero
oi cuá catú nde rera
cenoya yepé mé mé,
O roicó tebé pabé
Pay maraari
ejory nde tupá cy
imo boera pa tange

ANJO

Nde pyty bomo
Co aico nde pycyromo

tu paria xemboaçape
Ajur nde angaroronso
te inhé nde rete omanomo
nde anja toço jécocepe
Pai Jesu mombegoape
Vuba erei porará
Jory cepirama ra
carazbebe rupape

S Sebastiam nde rera
nde moi été Pai Jezu
nde moera poá gatú
Deibó ybó agoera.
Nde rejé cotabygoara
toriba mo uhang oicobo
tupá roca japecobo
E monanomo co ara
mo morangi cerocabo
Anguire co taba çupa
Terejú me me ye pi
anhanga reeo ç nt
tapijara cna eupa
(. . . .) pabé apyaba
Tupana recó rupi
Cunhá Goaibi conumi
to co pa teco angaipaba
cota poranga çni

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.

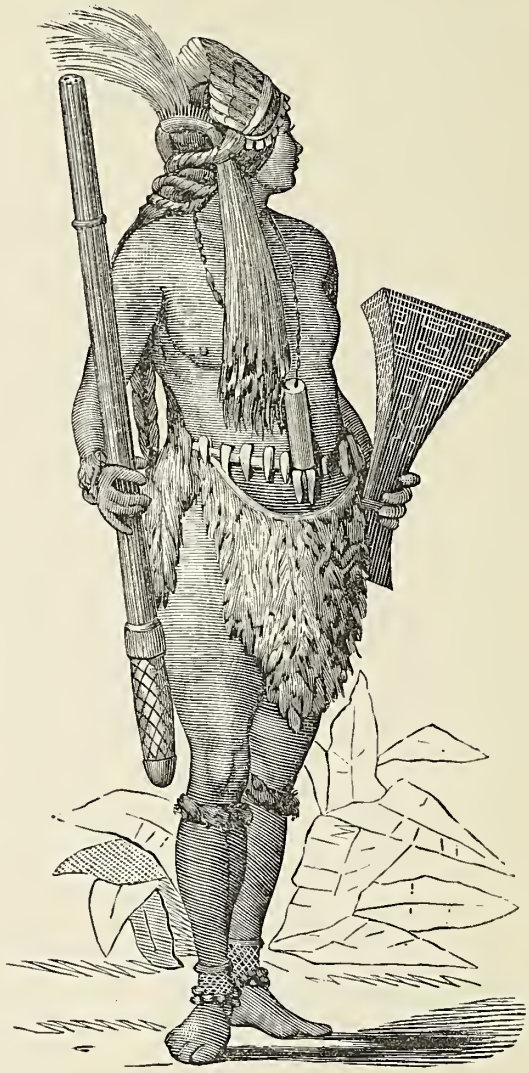
TRIBU DOS UAUPÉS

Para mim esta é a celebre tribu, conhecida na historia pela das Amazonas, encontrada por Francisco Orellana. A tradição que existe entre os Uaupés, hoje habitantes do Alto Rio-Negro, de que outr'ora habitaram as margens do Amazonas, que deixaram obrigados por uma grande cheia,concorda com o lugar que descobri na costa do Paru, entre Jamundá e Trombetas,que denominei *auaquera das Amozonas*, porque ahi, segunpto a historia,Orellana vio as Amazonas. Essa *tauaquera* só apparece em occasião de grande vasante. é uma ilha ou peninsula, devorada pelas aguas do Amazonas, onde ainda se encontram os vestigios de aldêas pelos innumeros fragmentos de louça, machados de pedra, etc.

Se a historia e a tradição não falham, ahi foi a aldêa das Amazonas, porque lá encontrei os *muirakitans* e fragmentos da rocha de que são feitos, assim como tambem ahi foi achado o *idolo amazonico*.

As Amazonas usavam e fabricavam a *pedra verde*. Entre os vestigios de povoação ha provas de que sua população usava tambem e fabricava aquella pedra. No meio dos muirakitans de jade, jadeite e chloromelanite, encontram-se tambem os de quartzo, iguaes aos que ainda hoje usam os Uaupés, como signal de distincção ; por conseguinte a tribu que emigrou, que usa o muirakitan ainda hoje, é a pretendida das Amazonas, que se dirigio para o Rio-Negro, o que concorda com a sua marcha dada pela historia. Ainda uma prova de que os Uaupés são as antigas Amazonas é a seguinte :

Além de conduzirem as mulheres aos combates, os homens têm um aspecto afeminado, o que, unido ao uso de trazerem os cabellos divididos na frente e depois trançados dá-lhes a feição de mulheres.



Indio Uaupé.

Um moço vestido será tomado pelo mais atilado por uma mulher, tal é o aspecto que lhe dá o uso do penteado. E' a unica tribu que utilisa-se do pente, já para se pentear, já para prender as tranças. Junto dou aqui a cópia do *croquis* de um Uaupé da maloca Tracuá-tyba, com seus ornatos festivos, empunhando um *cuidaru* e um *kuraby*.

J. BARBOSA RODRIGUES.

A FAMILIA

II

Em vão tentariamos estabelecer entre as sociedades humanas e animaes differenciações relativas á familia: a polyandria da parte da mulher, a monogamia e polygamia da parte do homem, os enfrontam nas uniões indistinctas.

O amor materno, vivendo sobre si, iguala a selvagem com a zorilla e a chimpanzé, não só pelo parto, que o fazem sem qualquer auxilio, mas ainda pela lactação e cuidados á prole até ás raias mais vizinhas da puberdade.

A familia nos dous reinos, independente de raças e variantes da especie, desenvolve-se sob influencias identicas, e o que a constitue é—mãi.

O systema actual da familia, isto é, a horizontal do parentesco materno e paterno para com os filhos, não se justifica perante os povos atrazados, o que nos leva direito á conclusão de que o matriarchado se enthronisa na natureza, e o patriarchado é producto de evolução social.

Tomando a familia em suas origens, vemos no filho o parentesco materno; e tanto isto é verdade, que os romanos traduziam « familia » por « escravos, » e o laço que estreitava o homem ao lar domestico era o da escravidão: dahi a exclusão dos libertos aos direitos de herança, por isso que a liberdade os lançava fóra dos tectos captivos. Segundo elles, a familia deixava de ser uma instituição para constituir-se uma propriedade.

O systema da familia desenvolveu-se gradualmente, adaptando-se ao progresso social.

A despeito de condições de clima e de vida, a mesma physionomia desenha-se nas raças primitivas: até sahir da barbaria quem guia os passos vascillantes da criança aos povoados da existencia affectiva é a mulher.

Largos caracteres, visivelmente esboçados nas raças negras, deixam antever a promiscuidade sexual entre os africanos e insulares da Oceania, que não conhecem o pudor, como diz Morenhout; que transmittem aos filhos o nome das mãis e nunca dos pais; que dormem nas esteiras das mesmas cabanas aos dez e vinte casaes.

Agitando a questão pelo lado das paixões, não duvidamos que o amor paterno seja o producto do habito, segundo pensa Darwin.

A escravidão da mulher, a deformação da gestação, a luta pela vida, a polygamia, desviam os affectos amorosos e protectores; e isolando o matriarchado o elevam de tal modo que, resvalando na deslealdade e na traição, é o pai quem desherda o filho, o desconhece e o vende.

Em todas as civilisações ha pais que desvirginam as filhas, que as profanam, mesmo no leito conjugal.

E o amor materno, que se avigora nas forças vivas da natureza, não roça as azas candidas nos paúes do vicio e do crime, não! Elle vive de piedade, de amor e de lagrimas.

Os Hottentotes e os Cafres servem-se dos filhos atados á armadilhas em que são devorados pelas féras, quando as querem caçar de improviso; em outras nações a iniciativa do infanticidio pertence-lhes; em algumas o reconhecimento do filho não implica reconhecimento de parentesco.

Na filiação uterina, porém, é diverso; o amor começa desde o instante que a mulher comprehende-se mãi e vai além da infancia, de qualquer idade e da morte.

Debaixo das arvores da Polynesia as mãis barbaras velam o somno dos filhinhos ao balançar das rêdes.... As fogueiras ardem em torno das ramas como flôres de fogo desabrochadas no deserto... Foram ellas que as accenderam; as suas flammas encandeam os olhos dos animaes bravios, que rugirão fugindo.

Na Africa ha tribus em que as mulheres carpem a saudade materna, servindo-se de figuras symbolicas que trazem á cabeça, tanto tempo quanto fôr necessario para extinguir a lembrança do filho morto.

Querendo com estes factos provar que a paternidade seria difficil de encontrar-se formando a base da familia negra, não podemos deixar de render preito a essas nossas mãis adoptivas, que com tanta dureza as havemos continuamente repudiado. A ellas, ás pobres captivas da Africa, muito deve a nossa nacionalidade.

Arrancadas de suas terras, escravisadas e a sua descendencia, ás inclemencias de tantos rigores, que excellentes mãis!

Apagando com o pranto e o sorriso a chaga que ficou-lhes no seio, ao arrebatarmo-lhes o misero filhinho para substituil-o pelo nosso que o pirateia, o seu sentimento de mãi é tão

generoso que perdôa e esquece. Ellas o abraçam com ternura, inquietam-se com os seus vagidos, alegram-se com as suas alegrias e sentem-se felizes!

A negra, a mãi adoptiva da sociedade brazileira, é mãi duas vezes.

A instituição da familia ellas a representam da altura de todos os sentimentos grandiosos, immaculados e sublimes.

MELLO MORAES FILHO.

ONOMATOPEIA SELVAGEM

No interessante livro que D. Carlos Calvo escreveu sobre o Paraguay vem alguns capitulos curiosos, relativos á onomatopeia da lingua guaraní.

Já pelo vocabulario do padre Montoya, pelo diccionario de Gonçalves Dias e por outros estudos linguisticos, verificou-se que o guaraní é o tupy ou a lingua geral dos indios do Brazil com ligeirissimas modificações.

D. Carlos Calvo, depois de judiciosas considerações sobre as raças indianas, offerece um pequeno mas precioso vocabulario, originalissimo pelo modo pittoresco por que são construidas certas palavras.

Raça observadora e diligente, como todos os homens primitivos, o guaraní imitou na formação das palavras os ruidos e vozes da natureza, enriquecendo a linguagem com termos, cuja fórma vocal representa as impressões da alma e dos sentidos.

O padre Ruiz igualmente affirma que o idioma guaraní offerece, pelas suas expressões e pela percepção material dos ouvidos, uma idéa exacta das cousas que ellas significam.

Vou transportar para aqui algumas da exemplificações que encontro na *Historia da Republica do Paraguay* por D. Carlos Calvo; estas palavras não admittem duvida sobre as onomatopeias que lhes deram origens:

Apueápopó, quer exprimir uma explosão de riso.

Guíguí, é o modo de manifestar o murmurio da agua, o ruido de um arroio.

Taróró, significa agua a jorrar.

Pong, é o sonido de um objecto vasio ou ouco.

Pá, é uma palavra ou particula que precede a descripção de um golpe.

Quêqué, ruido de um corpo que cahe e se quebra.

Ririarecó, tremor continuo.

Pororóg, ruido que faz qualquer cousa que estala ou irrompe; sem duvida dahi provém o darem esta denominação ao milho quando espoca tostado ao fogo.

Tarará, é como exprimem o som da trombeta ou do boré.

Muitos outros exemplos poderiam ser reproduzidos de palavras simples; terminarei, porém, citando varias palavras compostas, e por um processo igualmente engenhoso.

As *costellas* são designadas em guaraní por *nurûcanh*. Decomposta a palavra, ella exprime: *osso, embaixo dos quaes se encontra o coração.*

Cunã, significa *mulher*; porém *cunatãi* quer dizer—mulher moça—e *uanãcarai* significa—a mulher velha. Esta ultima palavra sub-divide-se em *cunã*, mulher, e *carai*, homem.

As exhalações sulfureas, os fogos fatuos são chamados *tatábebé*, fogo que vôa.

O relampago é expresso por esta fórma: *ámãberá*, que decomposto vem a exprimir o estalido da nuvem que produz agua.

A palavra—*gemeos*— corresponde em guaraní a duas palavras que trazem em si a comparação com os dous seios da mulher. Assim tambem no idyllio biblico, que se intitula *Cantico dos Canticos*, compara-se os peitos da mulher a dous cabritinhos *gemeos*.

A palavra *anho* traduz—suspiro—e compõe-se de *ang*, alma, e de *ho*, ir, o que vem a dar—*ir-se a alma.*

Anga significa *amar* e é uma palavra feita de *ang*, alma, *ã*, tomar: *tomar a alma.*

Fantasma, que vem a ser em guaraní *angûera*, decompõe-se em—*alma fóra do corpo.*

Todos estes exemplos, que traslado do livro de D. Carlos Calvo, levaram o distincto escriptor a novas observações, pelas quaes conclue que muitas palavras guaranís entram hoje na linguagem commum de varias provincias argentinas.

Temos tambem no Brazil a linguagem muito mestiçada de termos tupís, isto é, de procedencia igual.

Prova-o de sobra Couto de Magalhães, dando no *Selvagem* algumas amostras de palavras, que, no todo, ou nas radicaes, derivam da lingua geral indiana.

Fôra curioso fazermos, com referencia ás origens de muitas palavras tupís que formam o nosso lexico, o mesmo estudo que fez Adolpho Coelho, na sua recente obra sobre a lingua portugueza.

Mostrando quanto adquirio o vocabulario da peninsula iberica com a passagem dos povos que por alli transitaram, o illustre philologo portuguez separa os elementos latinos dos elementos gregos, phenicios e celtas, provenientes de linguas falladas na peninsula antes do dominio romano; separa depois os elementos germanicos e arabes de linguas falladas alli posteriormente á

conquista latina; finalmente, separa os elementos hespanhóes, italianos, africanos e americanos.

De todas estas palavras dá Adolpho Coelho um grande numero de exemplos.

Transcrevo alguns que se referem ás linguas africanas e americanas.

Entre outras palavras escolho *alpaca*, que vem do quichua *paku*.

Caipira, do tupi-guaraní, bem como o verbo *capinar*.

Goiaba, do guaraní e quichua *kuyapa*.

Carioca do tupi e guarany *caraiboca*.

Furacão e *piroga*, de origem caraiba.

Chacara, do guaraní, e *pampa* do quichua.

Entre as palavras de procedencia africana traslado:

Banza, batuque, cacimba, cangica, macaco, marimba, moleque, senzala, etc., etc.

Um estudo como esse, feito aqui no Brazil, onde os recursos para a comparação são mais amplos que em Portugal, fôra obra notavel e de maior alcance pratico, porque, segundo o proprio A. Coelho, é no vocabulario de uma lingua que se fazem sentir as influencias exteriores que reagem sobre ella, revelando os costumes, crenças e a vida inteira de um povo.

J. Serra.

GUATOS

(ANECDOTAS)

Antes da guerra do Paraguay as duas margens do rio S. Lourenço, em Mato-Grosso, desde a foz deste rio até o ponto em que nelle desagua o *Cuyabá* (vinte oito leguas de extensão), eram habitadas pelos indios Guatós; mas depois da guerra esses indios desappareceram daquelles lugares: primeiro, porque, temendo os paraguayos, abalaram para mais longe, subindo o rio Paraguay até a lagôa Gahiva, ficando, por ahi assim, na margem direita do rio; segundo, porque a peste da variola, levada á provincia pelas tropas de Lopez, os dizimou em larga escala ou quasi os extinguio.

Eram os Guatós fabricantes de pequenas canôas, conhecidas em Mato-Grosso por canôas de guató, as quaes vendiam, assim como pelles de onça, a cuja caça eram muito dados. Esta caça, segundo informações, faziam-n'a assim: um indio flechava a féra, e outro, armado de uma fisga ou zagaia, esperava com firmeza na ponta dessa arma o animal felino, cujo bote era certo logo que o ferimento causado pela flecha o enfurecia. Nessa occasião o indio matava a féra

Como quasi todos os indios, os Guatós eram polygamos e explicavam este costume com a necessidade de se separarem da mulher impura pelo catamenio. Tambem como outros indios, os Guatós, para se casarem ou obterem mulher, deviam exhibir prova de valentia, e esta consistia na morte de uma ou muitas onças.

Os Guatós, como os outros indios de Mato-Grosso, não fabricavam vestimenta alguma, mas cobriam-se dos rins até o terço superior da coxa com panuos que lhes davam os homens civilisados; traziam, além disto, brincos nas orelhas, feitos de pequenas pennas de papagaio, amarradas a modo de pequeninos espanadores. Para assim se adornarem furavam os lobos das orelhas, como as mulheres civilisadas, e substituiam os aros de ouro dos brincos destas com fios de linha.*

Diversos de outros selvicolas, os Guatós eram muito ciumentos. Nas pequenas canôas por elles construidas, quando sahiam á pesca, mettiam comsigo as mulheres queridas e os filhos, se os tinham, e era de ver como, se se encontravam e fallavam com alguma outra embarcação, as mulheres punham os olhos no fundo da canôa em que estavam, não ousando levantal-os para o homem ou homens estranhos. Era sabido que á mulher de um Guató não se davam presentes, porque o marido ficava zangado: davam-se a este e elle fazia delles o que lhe aprazia.

Assim procedia-se em regra.

Antes da guerra os Guatós viviam nas margens do *S. Lourenço*, como ficou dito, e pareciam harmonisar-se em tudo e por tudo com os homens civilisados, que pelo mesmo rio passavam em canôas, já indo de um sitio a outro, ou a Cuyabá, já vindo desta, rios abaixo, ou negociando e mascateando pelas fazendas e sitios de beira-rio; mas durante a guerra, e sobretudo logo que se deu a evacuação de Coimbra pelo destacamento militar que alli se achava, e a retirada da força que guarnecia Corumbá, estes indios revelaram o odio que tinham aos homens civilisados, matando alguns, e não prestando o minimo soccorro a outros, quando podiam dal-o, pois consistia em transportal-os nas suas canôas para as proximidades da capital da provincia. E para que se veja que elles pensavam no mal que faziam, basta attender ao seguinte: um individuo, que com elles commerciára, dando-lhes fumo e aguardente, e outras cousas, por pelles de onça e porcos, que elles criavam, disse-lhes que o governo imperial havia de punil-os pelos assassinatos que elles commettiam, e um dos Guatós respondeu-lhe: — O governo não sabe quem matou, e pensa que foi paraguayo.

Esse individuo mesmo me contou este dialogo, e que escapou nem sabe como, ou antes — dizia

Festa da Tocandyra (Vide pag. 10).

elle tambem— « por um milagre da Senhora da Guia, » a cuja imagem levou uma promessa, como eu soube depois.

Este facto lembra o que muito antes de 1864 disse officialmente o fallecido, illustre e de saudosa memoria, chefe de esquadra Augusto Leverger, barão de Melgaço, sendo então presidente de Mato-Grosso : « Os indios não se lançam sobre nós, porque reconhecem a superioridade da nossa força. »

E não é só em Mato-Grosso ou no Brazil que o odio dos selvicolas ao homem civilisado se manifesta. Recordo-me haver lido no relatorio de uma expedição exploradora de um dos rios argentinos no Gran-Chaco, em 1858 ou 1859, que um cacique, que se achava na beira desse rio, gritára encolerisado ao commandante do vapor que levava a expedição, e que para attendêl-o fizera parar o navio : « Com que licença sobe por este rio ? Estas aguas são minhas !... »

Taes palavras, assim como os protestos traduzidos em flechadas dadas contra os cidadãos que penetram no sertão habitado por *nossos compatriotas* Botocudos, Coroados, etc., dão a entender que os indios sabem e não esquecem que estas terras lhes foram tomadas, e que os que fallam portuguez, em geral, e que se julgam irmãos delles, são os expoliadores dos seus bens.

Ainda em abono do que fica dito sobre o que os indios pensam a nosso respeito com relação á *nossa irmandade*, direi que elles denominam portuguez a todo o homem que falla a lingua portugueza, sem excepção de côres, e castelhano a quem falla hespanhol. E o que é mais de notar, é que na capitania do porto de Cuyabá, em 1858, 1859 e 1860, ou mesmo em tempo mais moderno, ainda os patrões das canôas empregadas no commercio fluvial davam nas listas das equipagens respectivas a designação de portuguezes aos remadores filhos da provincia, que não pertenciam a alguma tribu de indios, aggregando aos nomes dos que procediam das tribus, como titulo de nação ou de provincia, os qualificativos— Guató, Terena, Kinikináo, etc. De modo que alli não havia brazileiros! Além dos indios aldeados e dos selvicolas, que não appareciam para tripolar as canôas, só existiam portuguezes! Quem escreve estas linhas fez reformar algumas dessas listas, attentos os erros expostos, os quaes vinham de tempo afastado, porém já do Imperio.

Mas acho que me transviei, porque só tinha em vista contar algumas anecdotas dos Guatós : facil, entretanto, é ganhar a vereda perdida.

Contavam uma vez a um Guató que Deos, vendo os homens cobertos de peccados e de ini-

O chefe indio Quoniambebe.

quidades, mandára seu filho Jesus-Christo soffrer por nós, afim de perdoar nos.

O indio ouvio com attenção e com o rosto um tanto abaixado; de repente levantou-o e disse: « Isso é mentira. » Porque? perguntaram-lhe, e elle contestou: « Então quando foge o soldado o capitão manda o filho delle capitão apanhar pelo desertor? »

E accrescentou:

« Olha, padre Guató mente, padre Guaná mente, padre Portuguez mente. »

Outra vez contavam a um Guató uma noticia, e estavam proximos ao destacamento dos Dourados. O indio ouvio a nova, ficou meio duvidoso e perguntou: « O commandante dos Dourados disse isso? »—Sim, respondeu-lhe o noticiador. Os officiaes, os sargentos, os soldados todos, disseram isso mesmo?—Perguntou ainda o Guató, e tendo resposta affirmativa, concluio como um *magister:* Então é certo.

A consequencia baseava-se em ser a nova repetida por muita gente. Por isso já houve quem definisse a verdade — a mentira muito repetida.

Chefe de divisão Claudio Soido.

O CHEFE INDIO QUONIAMBEBE

Se foi uma féra ou um homem no seu meio, é o que á sciencia compete de indagar, porque só ella julga sem paixões e á verdadeira luz que discrimina certas e determinadas individualidades.

Em todo o caso Quoniambebe apparece em nossa historia como vulto de proporções colossaes. Devastador de toda a costa que corre até Santos, este gentio espalhava o terror em torno de si, levando de vencida invasores audazes na sua alliança com outros igualmente sedentos de dominio.

Thevet quando aqui esteve com Villegaignon, em 1557, retratou-o, sendo a gravura que offerecemos uma cópia exacta.

Accusal-o pelo cabedal que fazia de haver devorado mais de dez mil dos seus semelhantes, fôra pueril e banal; a anthropophagia entre todas as tribus selvagens, quando não se elevasse a uma instituição, nunca deixou de fazer parte dos seus costumes. Até nisto mostrou-se superior.

Thevet e Porto Seguro o encaram como um personagem épico; e, realmente, se em lugar das vestimentas de pennas, Quoniambebe envergasse pannejamentos gregos, confundir-se-hia facilmente com os heróes de Homero.

Na *Iliada* os ha de sua estatura.

Mello Moraes Filho

REINO DOS PARECIS

II

Naquellas dilatadas chapadas habitam os Parecis, reino mui dilatado, e todas as aguas correm para o norte. E' esta gente em tanta quantidade, que se não podem numerar as suas povoações ou aldêas, muitas vezes, em um dia de marcha se lhe passam dez e doze aldêas, e em cada uma destas tem dez até trinta casas, e nestas casas se acham algumas de trinta até quarenta passos de largo, e são redondas, de feitio de um forno, mui altas, e em cada uma destas casas entendemos agasalhará toda uma familia; estes todos vivem de suas lavouras, no que são incansaveis, e é gentio de assento, e as lavouras em que mais se fundam são mandioca, algum milho e feijão, batatas, muitos ananazes, e singulares em admiravel ordem plantados, de que costumam fazer seus vinhos, e usam tambem cercar de rio a rio o campo; entre esta cerca fazem muitos fojos, em que caçam muitos veados, emas, e outras muitas mais castas; estes gentios não são guerreiros, e só se defendem quando os procuram; as suas armas são arcos e flechas, e usam tambem de uma madeira muito rija, e della fazem umas folhas largas que lhes servem de espadas, e tambem têm suas lanças, mas pequenas, que com ellas defendem suas portas, para o que fazem as ditas portas tão pequeninas, que para se entrar é necessario ser de gatinhas, e tambem usam estes indios de idolos; estes taes têm uma casa separada, com muitas figuras de varios feitios, em que só é permittido entrarem os homens: as taes figuras são mui medonhas, e cada uma tem sua busina de cabaço, que dizem os ditos gentios serem das figuras, e o mulherio observa tal lei, que nem olhar para estas taes casas usam, e só os homens se acham nellas naquelles dias de galhofas, e determinados por elles, em que fazem suas danças e se vestem ricamente. Os trajes ordinarios deste gentio é trazerem os homens uma palhinha nas partes verendas, e as mulheres com suas tipoinhas á meia perna, cujos pannos fazem ellas mesmas de teçume de pennas, e de ricas côres, com muita curiosidade e lavores, de varias castas e feitios, e a curiosidade nos machos e femeas, por extremo, muito asseiados e perfeitos em tudo, que até as suas estradas fazem mui direitas e largas, e as conservam tão limpas e concertadas, que se lhes não achará nem uma folha. Este gentio feminino é o mais parecido que se tem visto, porque são muito claras e bem feitas de pé e perna, e com todas as feições perfeitas, e tão ageis e habilidosas, que nada se lhes mostra que não imitem com a melhor perfeição, e o mesmo se acha nos homens. Costumam crear araras, papagaios e outros passaros em casa, como quem cria gallinhas, e os depennam, e lhes dão com tintas, que fazem de diversa côr, como querem que depois lhes saiam as pennas, e em ellas sahindo em estando com conta, lh'as tiram para as suas obras que fazem, e lhes tornam a pôr segundas tintas para crear novas pennas, e de novas côres, e estas são tão vivas e singulares, que parecem labyrintos, sem que lhes levem vantagem nas côres as melhores sedas da Europa.

Faz este gentio obras de pedra como jaspe, em fórma de cruz de Malta, insignia que só trazem os caciques ou principaes, dependurada ao pescoço, tão lisas e polidas como marfim lavrado, e a este respeito obram em páos tão duros, como ferro, outras curiosidades, sem instrumento de ferro nem aço, e fazem machados de pedra, e outras cousas mais difficultosas de se acreditarem.

Este reino é tão grande e dilatado, que se lhe não tem dado com o fim: é bastissimo de gentio e muito fertil pela bondade das terras, o clima é bastantemente frio, a lingua boa de perceber, suppostos se acham muitas differentes por cor-

rupção, que a geral dos Parecis quasi todos entendem, e sendo todos desta nação é desgraça que não têm uma só cabeça a que todos obedeçam como a rei ou cacique, mas muitos em quem está dividido o governo ; são os que me parece se acharem mais habeis entre todos os mais para se instruirem na fé catholica, havendo prégadores evangelicos que lh'a vão ensinar, e supposto que estes gentios de sua natureza são bandoleiros e pouco constantes, como a experiencia tem mostrado que perseveram na idolatria, se deve esperar que a misericordia divina ha de permittir que algum abrace tanta multidão de pagões nossa fé catholica romana, como se espera em Deus o permitta assim para maior gloria sua, honra e credito da nacão portugueza, e extensão dos dominios de Sua Magestade.

Adiante destes parte outra nação chamada Mahibarez,dos mesmos costumes e usos,tanto nas lavouras e trajes, como iguaes nas armas, e em quantidades são infinitos que se não pódem numerar; estes só tem alguma differença em algumas palavras na linguagem, e têm as orelhas com buracos mui largos, que em alguns lhes chegam ao hombro; estes sendo vizinhos dos Parecis usam de suas traições e rapinas para roubal-os de seus bens e plantas, e tambem nestas rapinas matam aos que podem, e só não entendem com o mulherio, e estes tambem usam de seus idolos como os mesmos Parecis, e usam das mesmas armas, e demais trazem umas adagas feitas de páo mui rijo. Este gentio fica para a parte do norte, e dahi se segue mais gente que não posso declarar, porque lá não cheguei.

Todos os rios por donde habitam os Parecis, e todos os mais que não posso nomear, correm as suas aguas para o Grão-Pará, e desta chapada indo para baixo tambem habitam outras nações que confinam com o Grão-Pará. Os do fronteiro chamam-se Poritacas: estes vizinham com outra nação chamados Cavihis ; estes vivem de andar a corso, matando gente para seu sustento, e com a mesma carne criam seus filhos, por cuja causa são mui temidos, e para adiante vai mais gentio e aldêas, aonde não cheguei, e para esta parte dou fim a minha narração e noticia, deixando de dizer muitas cousas que vi nestes sertões, como foi no anno de 1727 no sertão dos Cavihis, entrando em uma aldêa cujos moradores andavam a corso, dando-nos um grande fedito que se não podia supportar, e entrando nas casas, que eram boas, achámos nellas muitas vasilhas cheias de carnes humanas, que tinham a apodrecer para fazerem seus vinhos e mais guisados de que usam ; achámos as casas por cima esteiradas de páos,e naquelles sobrados muitas caveiras, canellas e mais ossos de corpo humano, o que guardam aquelles barbaros para seu timbre, porque quem mais ossada tem maior honra adquire entre aquella gentilidade ; e, andando observando estas e outras cousas semelhantes, se veio recolhendo o gentio da dita aldêa, que eram muito agigantados, valentes e atrevidos, e nos obrigaram a pôr em retirada, sem embargo de a fazer com cento e trinta armas de fogo, que elles mesmo temem ; e me não alargo mais a dar noticias de outras cousas semelhaates, assim por falta de tempo, como por serem sabidas dos que cursam sertões, e não causar espanto aos que as ignoram ; e para continuar a narração, que á vossa mercê vou dando torno ao rio dos Porrudos, que havia deixado.

Deixado o grande rio do Piraguay e subindo pelo dos Porrudos acima, habitam os gentios chamados Tacohaca, Guellechez, Ariaconez : estes usam andar embarcados, e vivem de corso e montarias; os homens andam nús, e as mulheres com seus reparos de fio, as suas armas, lança, arco, flechas; estes têm por seu districto até a barra do Cuyabá.

Tornando pelo dito rio do Cuyabá acima, habita na paragem, chamada o Arraial Velho, a nação chamada Elives; estes eram repartidos em muitos lotes, e tinham outros vizinhos chamados Cuchiannes; estes eram da mesma linguagem e costumes, iguaes nas armas, de arcos, flechas, porretes, e viviam em uma pura guerra, comendo-se uns aos outros; estes tinham por districto o vão do rio do Cuyabá e Porrudos.

Subindo o rio do Cuyabá acima,habita a nação chamada Guachevanez repartidos em muitos lotes, a saber : os nomes Curianez, Guahonez, Candaguaris, Pavonez, Gualez, Carthaxos, Bobiarez; estes tinham algumas guerras uns com os outros sendo da mesma lingua e do mesmo viver, os que ainda hoje ha, quando têm algumas, fazem logo pazes com casamentos de filhos e filhas ; vivem nús, as mulheres usam de seus reparos de fios ; estes são de terra firme, e tambem usam de canôas para as suas.montarias ; as armas são as costumadas de lança, arco e flecha. Subindo mais para cima vem um rio dar neste do Cuyabá, que lhe chamam Cuyabá-mirim, que nasce de uma bahia,na qual habitava um lote de gentios chamados Cuyabás.Estes usavam de canôa, e nos trajes e costumes eram como os acima nomeados, e tinham pazes com todos por serem mansos e pacificos. Estes têm outros vizinhos terra dentro, chamados Chacrurez, mui valentes e guerreiros, que sendo poucos tiveram sempre guerra com muitos: é gente de corso, e vivem de montarias : os trajes é andarem os homens nús, e as mulheres com seus reparos de enbiras ; as armas são as costu-

madas, e só usam de mais de um garrote de duas mãos.

Subindo mais acima pelo rio Cuyabá,habitam as nações Tuetez, Japez, Cruanez, Gregonez, Curianez : os costumes e armas de todos estes é o mesmo que os chamados Chacrurez, e só têm a differença de não serem tão guerreiros como os ditos, e subindo mais acima pelo dito dito rio habitava a nação chamada Tammoringue; estes eram repartidos em dous lotes de um costume, e da mesma linguagem, tanto nas armas, como no traje; e subindo mais acima habitavam dous lotes chamados Arica, Poçonez:estes usavam por donde quer que andavam de suas tranqueiras por viverem receiosos de outros gentios ; nos costumes e trajes eram como os outros, e da outra banda fronteando com estes mesmos habitavam outros chamados Copemerins, gentios muito valentes e vistosos ; os costumes e trajes o mesmo que os mais de corso e guerreiros.

Subindo mais acima habitava outra nação chamada Cuchipone; estes tinham por districto todo o circuito do Cochipo; viviam de corso e de montarias ; nas armas e trajes o mesmo que os mais. Subindo mais acima pelo rio Cuyabá, habita outro lote chamado Puponez e tinham por districto o Cochipoassu; nos trajes, costumes e armas, como os acima.

Entre estes dous rios Chipos, que fazem barra no do Cuyabá, subindo para cima, da parte direita, aonde está um ribeirão, que faz barra no dito rio Cuyabá, se descobriram as minas do Cuyabá em o anno de 1719 a 1720 pelo capitão Paschoal Moreira Cabral Leme, que depois foi guarda-mór dellas; em 1721 mandou o general Rodrigo Cesar de Menezes a Sua Magestade, que foi o primeiro que pagou de quintos, que veio com a noticia daquelle descobrimento, ao qual deu tão vigoroso sabor o dito general, escrevendo aos paulistas e mais pesssoas que nelle se achavam, e animando a outras a que passassem naquelle sertão, que com effeito conseguio o seu estabelecimento, e passando a elle por ordem que teve de Sua Magestade em 7 de Julho de 1726, chegou ás ditas minas em 15 de Novembro do dito anno, e no 1° de Janeiro do anno seguinte creou villa, a que se chamou Villa Real do Senhor Bom-Jesus.

Capitão Antonio Pires de Campos. (*R. do Instituto*)

INDIO TUPINAMBA'

O costumes caracteristicos destes indios mereceram a attenção que lhes prestaram os antigos chronistas ; eram ás vezes simples e curiosos, ou originaes e bizarros.

Os Tubinambás depilavam-se,á excepção da cabeça, com uma especie de cannas que substituiam-lhes as tesouras; a cabelleira que usavam era apenas cortada, acompanhando a curva das orelhas ; o apparelho genital occultam com objectos de natureza variada e por luxo; tatuavam-se de preto com a tinta do genipapo, e esta era feita pelas mulheres da mesma tribu ; como adorno ainda empregavam, grudadas com cêra na região frontal e no alto da cabeça, pennas de diversos matizes. Seus collares eram fabricados com contas de buzios, e ás orelhas traziam adornos de ossos.

As mulheres incumbiam-se dessa *toilette* extravagante, que se completava pela depilação das barbas, pestanas e supercilios.

O Tupinambá, cuja gravura damos, é uma restauração, pela arte, do typo completo e authentico descripto por Gabriel Soares, e representa o selvagem com as suas vestimentas de festa.

Os Tupinambás, os Aruaquis, os Guaycurús, Muras, etc., apenas nascem os filhos, cortam-lhes com os dentes ou pedras o umbigo, e alongam-se nas rêdes, onde recebem, até a quéda do cordão, visitas e presentes.

O resguardo do parto elles o guardam, acercados de superstições; indo o periodo do aleitamento além da segunda infancia.

Fernão Cardim, e com elle Gabriel Soares e Rodrigues Ferreira, adiantam que os pais os abandonam, mas as mãis nunca.

Junte-se ao sentimento espontaneo de um coração tres vezes santo de mãi sete annos e mais de inquietações e de jubilos ineffaveis, de azedumes e de nectar, de desanimos e de esperanças, e tereis a familia nativa, desligada de combinações sociaes.

Não obstante o costume do resguardo do parto, admittido entre os selvagens ao nascer dos filhos, costume que se desprende naturalmente de uma especie de ciume da ventura e da propriedade materna, o fluxo periodico de suas mulheres e filhas os enjoam, a ponto de obrigal-as á ociosidade durante esta funcção physiologica, motivada segundo sua idéas por influencias malignas.

E' de suppôr, apezar de tudo, que a simulação do indio durante o estado puerperal da mulher, simulação que parece um recurso para justificar e assegurar mesmo direitos paternos, não seja o rudimentar esboço do estado social, porém uma fusão em segundo molde.

Infere-se isto do seguinte : que o indio dos velhos chronistas, recebendo, ainda que frouxos, os clarões vivos da civilisação, o seu aspecto moral se colora diversamente, e a expressão de suas emoções participa inconsciente de alheios influxos.

O echo remoto da filiação masculina não será a causa desse movimento inicial da familia nos estados selvagens ? Não presumirá elle gráo evolutivo, cujo precursor é a filiação materna ?

Tendo em vista que as tribus americanas foram e são ainda nomades e bellicosas ; que o homem calcula o numero de suas mulheres pela robustez de seu braço e destreza de seu arco ; que os deveres de hospitalidade seguidos religiosamente permittem offerecer a mais bella ao prisioneiro de guerra destinado á morte e ao hospede, o systema de familia constituida desapparece, perdurando apenas uniões ao acaso, cohabitações indistinctas e estrictamente necessarias a satisfações ephemeras e a conservação da especie.

A FAMILIA

III

A promiscuidade familiar nas raças de baixo nivel assemelha-se ao redemoinho que fazem os rios : os circulos que se abrem á superficie revelam a profundez da qual estalaram, desdobrando os élos excentricos que o rodeam afastando-se.

E' a imagem do desenvolvimento da familia ; é a filiação paterna espanejando-se do mysterio da filiação uterina.

Não é que descubramos a filiação feminina na aurora da constituição social, não ; porque antes da familia a selvagem dá ao filho o nome das arvores, dos peixes, dos animaes e dos utensilios; logo depois o seu proprio nome ou o da sua tribu, seguindo-se a este progresso o nome do pai, como expende Zurita nas suas pesquizas sobre a civilisação do Mexico.

Caminhando quasi nas trévas, debalde pediremos aos nossos indianologos e chronistas os nomes de parentesco, na multidão dos vocabularios das nações primitivas. Uns e outros decomporão palavras e recorrerão a invenções inuteis para justificarem o que o bom senso repelle.

Entretanto que, através dos seculos e das florestas, a sociologia observa o selvagem deitado nas rêdes das *ócas*, quando a mulher desembaraça-se do trabalho do parto, ao passo que ella, banhando o filho que descerra os olhos, nas aguas dos rios e lagôas, recomeça nas fadigas diurnas e da amamentação.

E o que quer isto dizer ?

—O noviciado da familia civilisada ; a luta ou antes a imitação no proposito de gerar o amor paterno.

Olhai, porém, a floresta... E' profunda e escura. Aqui e alli, trepados nas arvores ou em suas cabanas, o caboclo resona. Outros, de cocoras, abraçando os joelhos, e em frente ás fogueiras, fitam-se pasmados e silenciosos. A indiana cuidadosa estende a mão ao punho das rêdes perfumadas e aquece com os cabellos a criança que sonha...

Lá fóra rumores importunos, genios e montanhas fatidicas; junto da rêde olhares esplendidos de insomnia, dous pomos cheios de leite, e um amor que não finda.

—E' o dominio da filiação uterina sobre a paterna!

A fonte do leite é a fonte da vida.

MELLO MORAES FILHO.

UM ALFARRABIO

Entre os interessantes roteiros de viajantes, que no seculo passado percorreram o interior do Brazil, occupa lugar saliente o *Diario da Viagem* que pela capitania do Rio Negro fez no anno de 1774 o ouvidor e intendente-geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio.

Esse trabalho, impresso em Lisboa no anno de 1825, fórma um volume de cento e quinze paginas, e contém copiosas noticias geographicas e hydrographicas do Alto Amazonas, historia das diversas tribus indianas que povoaram aquellas regiões, e discute a questão de limites entre o Brazil, Perú e Guyanas.

E' um livro curioso e do qual vou resumir algumas paginas.

Não se limita o intendente-geral Ribeiro de Sampaio a descrever os lugares que vê, e a refutar a opinião de la Condamine sobre o Japurá e o Paraguari.

Trata das mulheres amazonas que habitavam o Rio Negro, e sobre as quaes tanto escreveram Laet, Raleigh, Sarmiento e Coronelli: discute a fabulosa existencia do Lago Dourado, e conta alguns casos de selvagens caudatos que elle não reputa sejão fabulosos como as outras duas historias.

Sobre as guerreiras amazonas conta-nos o que já sabemos: a exposição de Orellana sobre o encontro na boca do rio Nhamuandá com essas mulheres bellicosas; o depoimento que em Quito fez uma india de haver estado no paiz das valorosas mulheres; a relação da viagem do capitão Pedro Teixeira, baseada em testemunhos dos Tupinambás, e as narrativas de Cunha, Feijoo e Gombrevil.

Opinião sua não emitte o ouvidor Sampaio, parecendo entretanto pôr em duvida a lenda das amazonas.

Com referencia ao Lago Dourado, porém, elle affirma o que vio e combate o embuste.

Sabe-se que o Lago Dourado era outra fabula como a do Paraiso em terras da America.

Dizia-se que no interior da Guyana existia um lago maravilhoso, que em suas margens tinha a rica cidade *Manóa del Dorado*, toda feita de ouro.

As viagens de Pizarro, Quezada, Utre, Berrie e outros, tinham por fim descobrir o paiz dos encantamentos, tal era a crença dos castelhanos.

Tão inveterada era a persuasão, que o governador da Guyana tinha o titulo do mesmo lago. N'uns despachos de Raleigh lê-se o seguinte endereço: « A' Diego de Palameca, gobernador y capitan general de Guyana, *del Dorado* y de Tridnidad. »

Os mappas da America Meridional de Brion e de Gomilla trazem a indicação do Lago Dourado.

Refutada a fabulosa existencia por viajantes serios, o intendente-geral Ribeiro de Sampaio a seu turno ridiculisa a tradição, e mostra que esse Lago Dourado não passa do pequeno rio Parimá, affluente do Branco, e percorrido por elle.

Quanto á nação de indios caudatos, depois de haver descripto os *Cananas*, indios anãos, de cinco palmos de altura, e que habitam as margens do Jurná, affirma elle que os *Uginas* são uns gentios que possuem rabo do comprimento de tres a quatro palmos.

E accrescenta:

« Attribue-se a origem desta nação ao ajuntamento das mulheres com os monos *Coatós*, pelo que chamam aos Uginos tambem de *Caotótapuya*. Parecerá esta relação uma fabula, ou para melhor dizer uma chimera; mas sendo certo que nada tem de impossivel a assignada origem, está o testemunho de um grande numero de indios descidos do Juruá, que conheceram a dita nação, e está sobretudo o incontrastavel documento de uma certidão jurada, *que eu vi* em poder do Rev. visitador geral desta capitania José Monteiro de Noronha, passada pelo Rev. Fr. José de Santa Theresa, religioso carmelita, datada em Castro de Avelans, aonde era vigario, em 15 de Outubro de 1768, o qual religioso existe hoje no convento do Pará e *com elle fallei este anno*. Na mesma certidão affirma o mesmo religioso que, sendo missionario da aldeia de Paranari, chegára alli um homem com indios resgatados, entre os quaes vinha um, que seria de trinta annos de idade, que, dizendo-lhe o dito homem que aquelle indio tinha rabo,

certificou-se disso, pois vira, sem engano algum, que o sobredito indio tinha um rabo da grossura de um dedo pollegar e do comprimento de meio palmo, coberto de couro liso, sem cabellos. »

Ora, estas observações, se não fossem, como são, unicamente interessante como narrativas de viajante, por certo que vinham alterar a notavel memoria de Broca sobre os anthropoides, na qual o eminente professor divide a categoria dos primatas pelo parallelo anatomico entre o homem e o macaco.

Para aquelles, porém que adoptam a hypothese scientifica de uma unica ordem de bimanos, deve de ter algum valor o testemunho do intendente Sampaio, que vem em auxilio da controversia com documentos de procedencia brazileira.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa, que em sessão de 6 de Outubro de 1824 ordenou que o *Diario da Viagem*, pelo Amazonas, feita pelo intendente-geral Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, fosse impresso debaixo do seu privilegio, contribuio por esta forma com um precioso documento para o estudo do homem simiano, do gorillo de Darwin, no continente americano ..

J. Serra

AS ARTES INDUSTRIAES INDIGENAS

I

« O selvagem edificando a sua cabana, diz René Menard, obedece a uma necessidade, que é a—de abrigar-se ;— mas, ao mesmo tempo construindo a do chefe da tribu *mais bonita* que as outras, guia-se por uma inspiração superior que é o—sentimento do bello. »

Ora, o bello nas artes industriaes é a—elegancia nas fórmas e a harmonia nas ornamentações, isto é, a applicação dos elementos da arte aos utensilios e aos objectos de uso commum; assim, pois, é necessario o conhecimento do desenho para que o artifice possa aperfeiçoar, ornamentar, embellezar emfim o seu producto.

Em que consiste a superioridade das industrias francezas, inglezas, allemães e americanas do norte?—Na applicação e aproveitamento da arte, puro conhecimento de desenho, nada mais. Mas para que o desenho se vulgarise entre os operarios é necessario o ensino em larga escala, e o ensino tanto mais se desenvolve quanto mais progride a civilisação.

A civilisação é incontestavelmente o grande agente dos aperfeiçoamentos humanos, e sendo a arte é uma das suas primogenitas, pois é filha dessa necessidade de que falla René Ménard desde que a industria de um povo, mais ou menos barbaro, denuncia principios artisticos, uma certa educação do gosto, é que por entre esse povo luzio o facho da civilisação em época mais ou menos remota

Comparada a pauperrima industria dos Hottentotes com a dos indigenas do Brazil, já muito mais rica na variedade dos productos, cabem a estes a superioridade, que por sua vez cede a palma á dos Incas, que não apresentam tão sómente uma industria muito mais desenvolvida e aperfeiçoada, como até a arte em toda a sua pureza, embora de um cunho singular e estranho.

Se as artes e as industrias dos antigos mexicanos denunciam clara e evidentemente a existencia de uma civilisação que alli avultou acentuadamente até que de todo se extinguio, como não encontrar vestigios de outra civilisação, talvez muito mais longinqua, apagada ha muitos seculos, nos productos das artes industriaes dos indigenas do Brazil?

E' nesses productos principalmente que se encontram traços, ainda que muito leves, da historia truncada de um passado talvez muito florescente dessa raça, cujos descendentes ha tres seculos e meio combatemos, vencemos, esmagamos, mas não submettemos.

Estudar attenta e comparadamente entre si esses productos, reunil-os em copiosa quantidade, classifical-os pelo genero, pela especie, pela fórma e pela perfeição, e recompôr syllabas baralhadas pela mão do tempo, é reconstituir paginas que de anno a anno, de seculo a seculo, nos conduzirão, talvez, a uma época em que esta parte da America do Sul foi habitada por uma raça adiantada, que obedecia a certas leis, curvava-se a certo culto, e exercia, quem sabe, o commercio e a navegação, communicava-se com outras partes do mundo, vivia emfim sob o influxo benefico de uma civilisação que extraordinaria catastrophe sepultou para sempre, deixando apenas, entre os degenerados descendentes dessa raça, dubias tradições e mal distinctos vestigios do passado.

Quem examina com olhos de artista, ou pelo menos de amador, os productos indigenas, que se acham na actual exposição anthropologica, nota, com uma admiração, que vai crescendo na proporção que demora o exame, a applicação das regras da arte a muitos desses productos da mais antiga procedencia, e vê com pasmo, não só os principios elementares da harmonia na ornamentação, certa pureza do desenho na elegancia da fórma, como até mesmo não já a pratica da es-

culptura, mas a da estatuaria, ainda que grosseira.

O emprego do colorido nos tecidos, o conhecimento de processos de tinturaria, o proprio tecido e as malhas symetricas das rêdes, são principios, elementos de aperfeiçoamentos industriaes, que revelam instrucção mais ou menos desenvolvida.

Tudo isso indica, pois, que esses industriosos tiveram mestres, e que, se esses mestres são de recente data, foram por sua vez discipulos de outros mais antigos, e assim antecessivamente até chegar aos primitivos, que bem poderiam ser artistas contemporaneos dos esplendores de uma civilisação que se extinguio.

Assim como os aperfeiçoamentos da arte caminham com a civilisação, a decadencia progride com a degeneração do povo. Roma offerece-nos um exemplo que é uma lição. Com a importação das artes gregas, por occasião das conquistas venezianas, as artes em Roma desenvolveram-se e attingiram ao maior gráo de esplendor; as invasões de Genserico, porém, levando tudo a ferro e fogo, sepultaram a cidade invicta em tal aviltamento e servidão, que as artes decahiram, eclipsaram-se por muito tempo até que o renascimento veio restaural-as e engrandecêl-as.

Não teriam os antigos habitadores desta parte da America tido tambem o seu Genserico, que sepultasse a seu turno a civilisação que florescia por essa época entre os vencidos?

FELIX FERREIRA.

INDIOS GUAYCURÚS

O CHEFE LAPAGATO

Os indios Guaycurús-Cadiuéos, que, como já foi dito, vagam em «Mato Grosso» desde o «Pão de Assucar» até o forte de Coimbra, eram aquelles que, no tempo do dictador Carlos Antonio Lopez, atacavam as vizinhas povoações da republica do Paraguay, para roubarem cavallos e bois, causando assim alarmas nos paraguayos, que muito os temiam. Uma vez esses indios foram mesmo até o forte Olympo, situado na margem direita do rio Paraguay, dez legoas e meia abaixo do Pão de Assucar, e invadiram esse forte, afugentando a pequena guarnição que nelle havia.

Pouco tempo o occuparam; mas nesse pouco tempo arrancaram a fechadura e as dobradiças do portão, e tudo levaram ao commandante de *Coimbra*, como um trophéo, e julgando haverem prestado um serviço ao presidente de Mato Grosso. Este, como era de vêr, desapprovou essa tropelia, e mandou reprehender os autores della.

Atacando, porém os indios as povoações do Paraguay, vizinhas á nossa fronteira, creavam difficuldades ao governo imperial, porque tinha elle de attender ás queixas que lhe dirigia o dictador Carlos Antonio Lopez, tentanto fazer crêr que as autoridades de Mato Grosso influiam na conducta dos selvicolas, quando a verdade era que essas autoridades, separadas dos mesmos

Lapagato.

selvicolas por vastos alagadiços e desertos, e sem dispôrem de força armada, não podiam nem incital-os nem reprimil-os. Sabia disto D. Carlos Antonio Lopez, mas convinha-lhe increpar os brazileiros de maleficios de que não podiam ser responsaveis, para indispôr comnosco os paraguayos, e, apresentando-lhes a possibilidade ou

certeza de uma guerra, militarisal-os, como fez, meio disfarçado de escravisal-os, ainda mais do que estavam, no duplo interesse de despota, como governo nacional, e de ambicioso proprietario e capitalista.

Entretanto cresciam em numero, exagero e acrimonia, as representações do presidente Lopez ao governo imperial contra as depredações causadas pelos Guaycurús, e essas representações eram enviadas pelo mesmo governo imperial á presidencia de Mato Grosso, determinando-lhe que as attendesse e fizesse cessar as correrias dos ditos indios.

No empenho de tornar effectivas essas ordens, ou de satisfazer o governo imperial, o fallecido chefe de esquadra barão de Melgaço, achando-se na presidencia de Mato Grosso, entendeu bom juntar aos chefes indios, que já tinha por amigos, outro, creado por elle, afim de que todos obstassem quanto lhes fosse possivel os desmandos dos seus na republica vizinha.

E de algum modo tirou o desejado proveito desse seu alvitre, porque nos annos mais proximos á guerra do Paraguay, ou nos ultimos annos da dictadura de Lopez *viejo* (Carlos Antonio) e nos primeiros da de Lopez *joven* (Francisco Solano), os Guaycurús não transpuzeram a fronteira da republica do Paraguay.

Porém, como disse, creou ou nomeou o fallecido barão de Melgaço um chefe Guaycurú; e como eu escrevendo estas linhas só tinha em mente fallar deste chefe, com elle me occuparei agora; mas antes, e porque é necessario, direi alguma cousa da fórma do governo dos Guaycurús.

O governo dos Guaycurús é hereditario; só póde ser chefe um filho de chefe, e, quando o herdeiro do commando é inapto para elle, nomêa a tribu outro indio (plebeu), mas esse fica debaixo das ordens do chefe herdeiro, ou suppõe-se que as ordens dadas pelo chefe eleito provém do outro. Este costume ou lei parece ser de tempo remoto, e quanto a mim elle emana da indole guerreira da gente que a tem, indole que, junta á natural inveja do poder, geraria a matança mutua dos eleitores, caso fosse o governo dessa gente de eleição. Com a dita lei desapparecem os ciumes e as aspirações de todos ao lugar de chefe, por outra — não ha o pomo da discordia.

O chefe nomeado pelo barão de Melgaço era um indio de nome Lapagato, guaycurú de nação, mas não filho de chefe. Houve, pois, uma transgressão da lei guaycurú, a qual, cumpre accrescentar, prova o que affirmou um escriptor francez, isto é, que na America se acharam todas as fórmas de governo. Mas, para dar se essa transgressão de lei, era preciso que o chefe nomeado tivesse alguns attributos ou qualidades extraordinarias, e com effeito Lapagato tinha o dom do commando, essa magia da alma, que prende os outros homens e os arrasta a despeito mesmo da sua vontade, como disse um grande poeta. Quando fallava, Lapagato parecia pesar as palavras. Se fosse civilisado e instruido, dalli sahiria um homem notavel.

No entanto, apezar de ter merito, a inveja não via com bons olhos a sua nomeação de chefe, e outro indigena da mesma tribu exclamou despeitado sabendo de tal nomeação:

« O que! Lapagato é capitão? O pai delle não é capitão!... Lapagato é capitão de papel! » alludindo á nomeação escripta.

O máo e horrivel costume, que têm os Guaycurús de arrancar os pellos das sobrancelhas e pestanas, tira aos olhos delles os traços que Deus desenhou nesses orgãos, para serem o throno da alma, e exprimirem bem o pensamento; entretanto, Lapagato, apezar da falta desse ornato complementar dos olhos, tinha na expressão physionomica a força calma do espirito, que os artistas buscam tanto exprimir nos retratos dos heróes.

Lapagato falleceu em 1859 ou 1860, com sessenta annos presumiveis de idade. Supponho que deixou uma filha, e asseguro que dentro de poucos annos ninguem se lembrará mais do pobre indio cavalleiro, ninguem perceberá as syllabas do seu nome nos echos acordados pelo trotar do ginete nos plainos do Nabiléc; nem no farfalhar, á noite, das tiriricas agitadas pelo vento da friagem; nem nos sons melancolicos das vagas do rio ao quebrarem-se nos barrancos!...

Bravo Lapagato!... Eu estive com elle dous dias, em Abril de 1857, e delle me recordo com tal ou qual saudade...

A. C. Soido.

REINO DOS PARECIS

II

Continuando a subir o rio do Cuaybá, faz barra nelle o rio Manso; habitava ahi outro lote de gentio chamado Pupuz, e subindo mais acima habita a nação chamada Araripoçonez; estes são dous lotes e demandam de muita gente; elles muito valentes e muito guerreiros, senhores de suas armas e muito temidos de todos, e subindo mais acima habitam os Acopacones; tambem são dous lotes muito grandes, e tambem muito guerreiros, em grande fórma gentio muito vistoso.

Subindo mais acima habita outro lote que lhe chamam Tambeguiz; subindo mais acima habita outro lote chamado Itapores: este é um grande lote tambem de boa gente, e subindo mais acima ás cabeceiras do dito rio, na chapada, habita outro

lote, o qual anda por seiscentos fogos ; este chama-se Itapore-mirim.

Todos estes nomeados são do mesmo viver e trajes, assim em armas como em tudo mais ; são de corso, e chegam com as suas bandeiras a fazer mal ao gentio chamado Bacayris, que estão sobre as vertentes Maranhão, e dahi se seguem varias nações de gentio, que tenho por noticia são as aldêas infinitas, e todo o gentio mui guerreiro e senhores de suas armas...

Trata-se agora do rio dos Porrudos ; subindo por elle acima habita o primeiro lote de gentio chamado Taraquy, lote pequeno, mas muito valente. Estes em certo tempo usam de canôas : é gentio de mantimentos e aldêas; usavam de muita mandioca, batatas, aboboras e tabaco. Os trajes palhinas nas partes verendas, as mulheres com seus reparos de fios; e subindo mais acima habitam os chamados Araripoçonez, e são dous lotes valentissimos pelas suas armas ; usam de arco e flecha, e garrotes de duas mãos : estes vivem de corso e de montarias ; subindo mais acima habitam os Cruaraz; tambem são tres lotes de gentio muito grandes; estes dão guerras áquelles vizinhos chamados Araripoçones, e fazem grandes estragos uns aos outros só afim de dizerem que são valentes; tambem vivem de montarias; nas armas e nos trajes não ha differença, e subindo mais acima nas cabeceiras do proprio rio habita o gentio chamado Porrudos, resto de muitissima gente, e estes senhoreavam todo o rio: é gente de lingua geral, e aldeados com muito mantimento, e tambem usavam de canôas de cascas, e o seu modo de remar era sentados, e o resto delles que ha hoje dizem são governados por um domestico que fugio da companhia dos brancos.

E passando para outras vertentes habitam muitas nações de gentios, as quaes não posso declarar por não ter andado o seu districto, isto dizem ser cabeceiras do Maranhão. Neste rio dos Porrudos faz barra outro chamado Piquiri nas cabeceiras do qual habita uma nação chamada Vanhereis, e são tres lotes aldeados, gentio de muito mantimento, valentes pelas suas armas; estes resistem aos Cayapós, sendo uma das nações temidas em todos estes sertões pelas suas astucias e traições, pelas quaes basta um só Cayapó para destruir uma tropa de quinhentas armas de fogo, sendo em qualquer delles usual correr tanto como um cavallo.

Isto é o que por agora posso dar noticia e pela brevidade do tempo o não faço com mais distincção, o que faria se me désse parte mais cedo. Todos estes sertões e gentios de que dou noticia foram descobertos pelos paulistas.

CAPITÃO ANTONIO PIRES DE CAMPOS. (*R. do Instituto*)

AS AMAZONAS

O padre Christovão de Acunha, na relação que fez da viagem do capitão Pedro Teixeira, exprime-se assim ácerca das Amazonas :

« Estes mesmos Tupinambás nos confirmaram tambem o rumor que corria por todo nosso grande rio, das famosas Amazonas, das quaes tira o seu verdadeiro nome, e pelo qual é conhecido, depois que foi descoberto até o presente, não sómente pelos que o têm navegado, mas pelos cosmographos que delle têm tratado. Seria cousa bem estranha tomar-se o nome de Amazonas sem algum fundamento racionavel ; mas as provas que temos para assegurar que ha uma provincia de Amazonas nas margens deste rio são tão grandes e fortes, que não se póde disso duvidar sem renunciar a toda a fé humana. »

Depois de referir as averiguações feitas em Quito e Pasto sobre esta materia, continua o padre Christovão de Acunha :

« Mas eu não posso calar o que ouvi com meus ouvidos, e que quiz verificar, logo que me embarquei neste rio Amazonas. Disseram-me, pois, em todas as povoações por onde passei, que havia mulheres no seu páiz como eu lh'as pintava, e cada um em particular me dava dellas signaes tão constantes e uniformes, que, se a cousa não é assim, é preciso que a maior mentira passe em todo o mundo novo pela mais indubitavel de todas as verdades historicas. »

Continuando a asseverar a existencia das Amazonas, apoiado em informações que considera dignas de fé, ainda accrescenta o mesmo historiador :

« Trinta e seis leguas abaixo da ultima aldêa dos Tupinambás, descendo pelo rio Amazonas, encontra-se, da parte do norte, outro, que vem da provincia das Amazonas, e que é conhecido pela gente do paiz com o nome de Cunuriz.

« Este rio toma o nome dos indios que habitam mais proximos á sua boca.

« Superiores a estes estão os Apotos, que fallam a lingua geral do Brazil ; mais acima estão os Tagaris, e depois os Guacaris, que é o povo feliz que goza o favor das valorosas mulheres Amazonas. Têm as suas povoações sobre montes de prodigiosa altura. Estes montes existem no lugar indicado, e se chamam vulgarmente a cordilheira da Goyana, que corre ao longo do Amazonas, entre os quaes ha um chamado Tacamiába, que se eleva extraordinariamente sobre os outros, e que é esteril por ser muito batido dos ventos.

« Estas mulheres se têm conservado sempre sem soccorro de homens, e, quando seus vizinhos lhes vêm fazer visita no tempo assignalado, ellas

os recebem com armas na mão, que são arcos e flechas, para não serem sorprendidas; mas logo que os conhecem vão todas de tropel ás suas canôas, aonde cada uma pega na primeira *itamáca* (*) que encontra, e vão prendêl-a em sua casa para nella receber o dono.

« No fim de alguns dias voltam para as suas casas estes novos hospedes, e não faltam de fazer igual viagem na mesma estação. As filhas que nascem deste congresso são criadas pelas mãis, instruidas no trabalho e no manejo das armas: quanto aos filhos, não se sabe o que fazem delles; porém eu ouvi dizer a um indio, que se tinha achado com seu pai nessa assembléa, sendo ainda rapaz, que no anno seguinte dão aos pais os filhos machos que pariram. Comtudo communmente se crê que ellas matam todos os machos, o que eu não sei decidir. Seja o que fôr, ellas têm thesouros no seu paiz, capazes de enriquecer todo o mundo.

« A barra deste rio, em cujas margens habitam as Amazonas, está em dous gráos e meio de altura meridional. »

CONEGO F. BERNARDINO DE SOUZA.
(Pará e Amazonas).

A MORTE DO PRISIONEIRO

Quando a sorte da guerra cedia ao vencedor a posse do vencido, este era conduzido no meio de clamores ás aldêas triumphantes; as prisões de cordas de algodão o retinham captivo, e, atado pela cintura e pelo pescoço aos troncos primitivos, os seus passos eram tão limitados quanto os horizontes de seus dias.

Apartando as cortinas vegetaes de nossas florestas, descrevamos uma dessas scenas communs a todas as tribus e devéras apparatosa entre os Tupinambás — a morte do prisioneiro.

Depois do tempo indispensavel para engordarem a victima, de quem encantava as ultimas noites a mais bella das mulheres dos vencedores, como uma sombra eterna de saudade e de tristeza pendurada á ultima cabana da vida, a vozeria das hordas longinquas borborinhava das matas, os sons dos instrumentos selvagens ondulavam nos ares e as bebidas fermentadas preparavam-se para o festim.

E as fogueiras que alluminavam a noite com as suas chammas brilhantes, avermelhavam o corpo mosqueado das tatuagens de urucú, do guerreiro que ia morrer, e as plumas colladas á pelle de bronze agitavam-se ás aragens que não as agitairão jámais!

As velhas e as crianças, as moças e os varões dansavam e cantavam trovas barbaras ás cadencias dos maracás, aos rufos dos tambores, ás modulações rudes dos membis...

No terreiro, dous mourões fincados bambeavam de cada extremidade o cabo que devia ligar ao centro o prisioneiro, e que, retendo-o, protegia de suas aggressões o matador audaz.

E' ao amanhecer. Os passaros cantam nas arvores e a morte o espia das furnas em sua passagem.

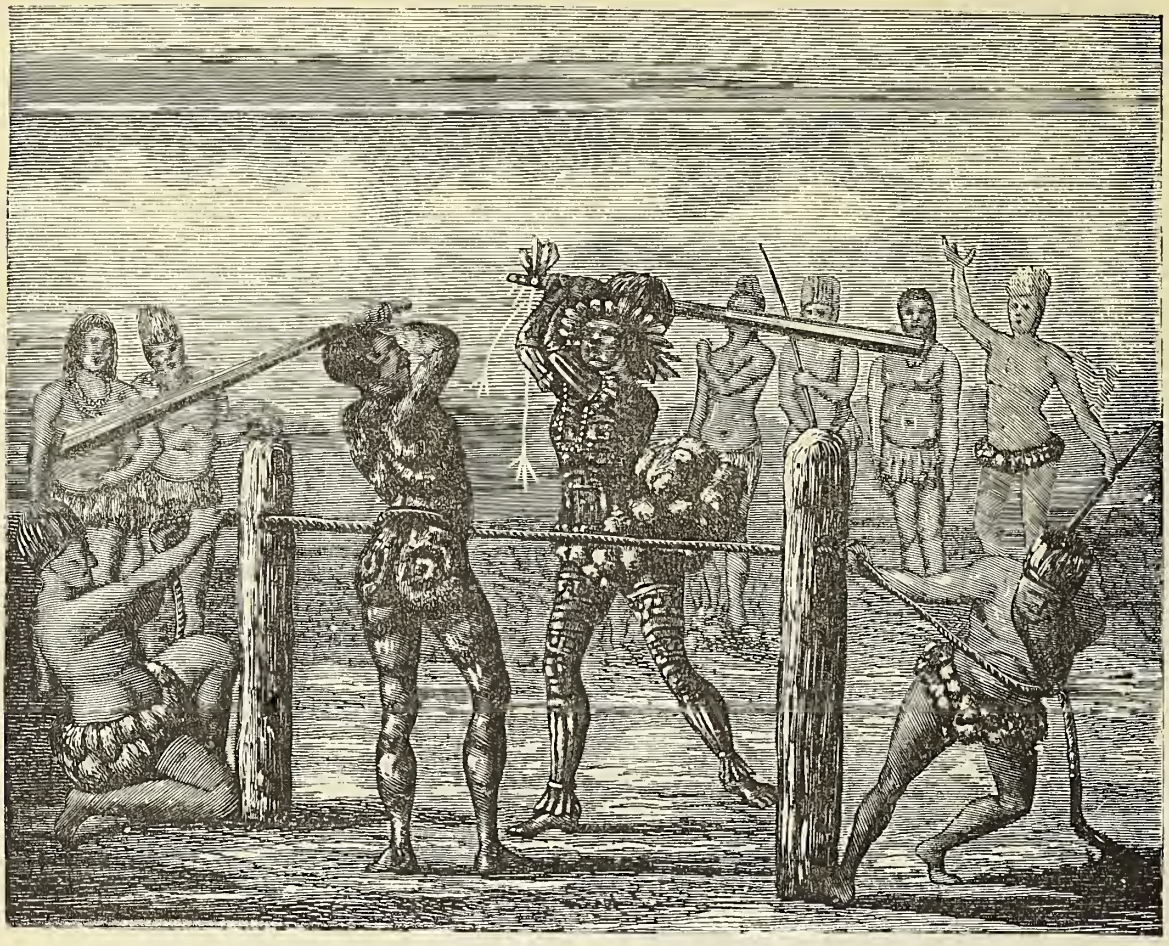
O prestito se avança...

O sopro dos seculos nos atira sobre a mesa uma pagina de Gabriel Soares. E' um chronista e um observador.

Leiamos:

« Costumam os Tupinambás, primeiro que o matador saia ao terreiro, enfeital-o muito bem, pintando com lavores de genipapo todo o corpo, e põem lhe na cabeça uma carapuça de pennas amarellas, e uma diadema, manilhas nos braços e nas pernas, das mesmas pennas grandes ramaes de contas brancas sobraçadas, e seu rabo de pennas de ema nas ancas, e uma espada de páo em ambas as mãos, muito pesada, marchetada com continhas brancas de buzios, e pintada com cascas de ovos, de côres, assentado tudo em lavores ao seu modo sobre cera, o que fica mui igualado e de bom feitio, e no cabo desta espada tem grandes pennachos de pennas de passaros feita sem mólhos, e dependurados na empunhadura, a que elles chamam embagadura; e como o matador está prestes para receber esta honra, que entre o gentio é a maior que póde ser, ajuntam-se seus parentes e amigos, e vão-n'o buscar á sua casa donde o vêm acompanhando com grandes cantares e tangeres dos seus buzios, e gaitas e tamboris, chamando-lhe bemaventurado, pois chegou a ganhar tamanha honra como é vingar a morte de seus antepassados, e de seus irmãos e parentes; e com este estrondo entra no terreiro da execução, onde está o que ha de padecer, que o está esperando com grande coragem, com uma espada de páo na mão, diante de quem chega o matador, e lhe diz que se defenda, porque vem para o matar, a quem responde o preso com mil roncarias; mas o solto remette a elle com a sua espada, de ambas as mãos, da qual, se se quer desviar o preso para alguma banda, os que têm cuidado das cordas puxam por ellas de feição que o fazem esperar a pancada, e acontece muitas vezes que o preso, primeiro que morra, chega com a espada ao matador, e o trata muito mal, sem embargo de o não deixarem as cordas chegar a elles. Por mais que o pobre trabalha não lhe

(*) Itamáca *rêde.*



A morte do prisioneiro.

aproveita, porque tudo é dilatar-lhe a vida mais dous credos, onde lh'a rende nas mãos do seu inimigo, que lhe faz a cabeça em pedaços com a sua espada ; e, como se acaba esta execução, tiram-n'o das cordas, e levam-n'o donde se costuma repartir esta carne, e acabado o matador de executar a sua ira no captivo toma logo entre si nome, o qual declara depois com as ceremonias, que ficam ditas atraz, e vai-se do terreiro recolher; tira as armas e petrechos, com que se enfeitou, e a mesma honra ficam recebendo aquelles que primeiro pegaram nos captivos na guerra, do que tomam tambem novo nome, com as mesmas festas e ceremonias que já ficam ditas, o que se não faz com menos alvoroço que aos proprios matadores. »

Após, o esquartejamento, a mutilação do cadaver, o banquete de carne humana...

E no céo o sol, como um punhado de rubins accesos, levantava-se como um reverbero da fogueira canibal...

A embriaguez, os alaridos, o *moquem* fumegante, e os pedaços commemorativos transportados pelos convivas de outras tribus, terminavam a acção deste drama ensanguentado, feroz e cruel.

MELLO MORAES FILHO.

Canção do Tupinambá

Xe Tupinambá guaçú
pai guaçú yru diba
opacatú caraiba
Xe mombaeté catú
Xe auma erimbae
teco ipyramo cecou
y xupé raubé Abaré
ore tupá oquetá
ipupe orenhebuebo
tupá rerobia retebo
teco puero neobopa
Ageirira yniye rebo
S. Maria cupé
O mi by porangueté
tomoye recoab orebo

ORAÇAM

Paraná goaçú reçape
ajur nde reprá pota
ejori ore rançuba
Teicatu nde cuapá
Xe ruaba Tupinambá.

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.

OBSERVAÇÕES RELATIVAS A' THEORIA DA EVOLUÇÃO

(Fragmentos extrahidos da conferencia do Dr. Ladislão Netto na Sociedade Scientifica Argentina, em Buenos Ayres).

A doutrina da evolução, que vai ganhando largo terreno nos arraiaes dos refractarios e que as novas legiões da sciencia enthusiasticamente professam, é a mais logica, a mais natural, e por isso mesmo a mais attrahente de todas quantas até hoje se hão apresentado a explicar a admiravel epopéa da creação. Alguns homens eminentes nas sciencias mathematicas, ou nas doutrinas juridicas e sociaes, até certo ponto radicados ainda na philosophia escolastica, encaram, é certo, com espanto, a onda crescente da nova sciencia, e perguntam, apprehensivos, se não será ella um cataclysma em que se tenham de submergir as crenças religiosas e os dictames da moral christã. Tranquillisem-se os animos espavoridos. A nova doutrina, de verdadeira e seductora que é, antes de vencer, convence: traz por cortejo os raios fulgentes da evidencia e tem por divisa a clareza eloquente das suas leis. E' a conquistadora da razão, e nem ha espirito culto que de boa fé lhe resista ou se lhe anteponha.

Conquistadora da razão, ella offerece, no modo rapido pelo qual se assimila no seio da sociedade, a mais convincente prova de sua perfectibilidade, pois que em nenhum ramo dos conhecimentos humanos deixou porventura de insinuar-se por uma crescente adaptação, sem tentar sequer estabelecer conflictos na orbita da religião, nem curar de derrocar as leis civis da sociedade, antes submettendo-as ao seu irresistivel dominio.

. . . . . .

O mesmo *nosce te ipsum* da antiga philosophia grega, interpretado agora pelo desenvolvimento da anthropologia, brilhantemente nos demonstrará que o organismo do homem, a sua natureza tão complexa, a sua tão complicada linguagem, e ainda mais a sua assombrosa potencia intellectual, nada mais são que o resultado de um aperfeiçoamento progressivo, tão lento, e tão longo que não o podem computar os calculos da mais elevada intelligencia, nem seria capaz de aprecial-o ou de determinal-o o mais perspicaz investigador da natureza.

Infelizmente, porém, os mais illustres doutrinadores das leis da evolução não tomaram a peito elucidar o lado mais importante desta sciencia, o qual é a selecção intellectual do genero humano ou o seu desenvolvimento psychologico, ao qual mais acertadamente chamariamos evolução social.

E' claro que a intelligencia humana ampliou-se tão assombrosamente desde o homem habitante das cavernas até aos nossos dias, que seria talvez preciso para mais clareza no ensinamento do transformismo prestabelecer e tornar bem patente uma subdivisão distincta para essa selecção psychica, que foi a parte mais importante do aperfeiçoamento do homem—esse mais completo e mais adiantado representante da escala zoologica.

E perdoai-me, senhores ; se vos pareço exagerado no que vos aqui exponho, mas deveis confessar que, estudados detidamente os organismos na sua ascendencia gradual, e bem apreciadas as qualidades superiores que logrou adquirir a raça indo-germanica, maxima expressão do aperfeiçoamento humano, como que achamos maior differença entre os mais cultos e mais bellos typos desta raça, e os mais imperfeitos e bestiaes individuos humanos, do que entre estes ultimos e os gorillas e chimpanzés.

Collocados neste terreno de indagações, facil nos será comprehender a serie ascensional, não em linha recta, mas por essa especie de ramificação genealogica que teve de percorrer a individualidade humana, desde os animaes inferiores, desde os organismos cellulares, até aquelle homem primitivo, entidade anthropomorpha primordial de que não encontraremos tão cedo provavelmente a ossada fossilificada.

E para que havemos de cerrar os olhos á luz da verdade, tentando abafar em nosso entendimento a voz da razão, se cada homem, por maior que seja o seu orgulho ou a sua gloria de profundo sabio, de invicto guerreiro ou de inspirado genio, nas letras e nas artes, não póde negar a sua propria outogenia, isto é, a sua origem cellular e toda a escala morphica ascensional por que passou a sua individualidade, como um eloquente epitome da phylogenia ou do genesi de toda a humanidade ?

A estas proposições bem sei eu, senhores, que se tem por mui sediço costume responder que não foram ainda exhumadas as fórmas intermediarias, os elos interadmissiveis na escala zoologica. A uma tal objecção devemos replicar que muitos animaes intermediarios hão sido encontrados ultimamente, como, por exemplo, numerosas especies affins entre o mammouth, o elephante e o mastodonte, que Cuvier declarou não terem alliança alguma entre si, e que além disso rarissimos são os pontos da superficie do globo qne hajam sido ligeiremente tocados, até hoje, pela picareta do mineiro ou rasgados pelos córtes abertos ás vias-ferreas.

Demais, quantas e quão vastas bacias pluviaes ou maritimas são devidas a depressões de terrenos outr'ora emersos, e em cujas camadas inferiores jazem, e hão de jazer talvez para sempre, fóra do nosso alcance, innumeraveis despojos da primitiva humanidade ou de individuos intermediarios dos typos apenas conhecidos hoje ?

Basta que reflictamos um pouco sobre o plano de unidade morphologica n'uma classe qualquer de animaes,na dos mammiferos,por exemplo,e immediatamente reconheceremos que,desde o homem até os monotremos, houve na esplendida e harmoniosa homologia desse immenso grupo a mesma distribuição e analogia de membros, os mesmos orgãos em correspondencia com as suas respectivas funcções, differenciando-se apenas estes membros, tanto quanto foi necessario para a adaptação dos meios de existencia de cada typo. Assim, vemos nos cetaceos e nos amphibios, animaes que vivem n'agua, os braços e as mãos, muito mais curtos do que em quaesquer outros individuos, tomar a fórma de verdadeiras pás ou instrumentos natatorios, ao passo que nos chriropteros, distendendo-se extraordinariamente e revestindo-se de uma extensa membrana elastica, servem de nervuras ás enormes azas com qne esses mammiferos locomovem-se nos ares. A adaptação dos animaes e das plantas ao meio em que devem viver, ou melhor a energia e os recursos morphologicos e physiologicos de que podem dispôr na luta pela vida, são a origem destas, ás vezes, profundas modificações. Assim é que se hão reduzido pela desnecessidade do vôo as azas dos passaros das regiões polares a verdadeiros remos; que se hão atrophiado por prejudiciaes as azas dos insectos em certos regiões insulares em que os ventos mais violentos os arrastariam ao oceano, e portanto á uma inevitavel morte, ou que nos animaes, que vivem na eterna noite das cavernas, os orgãos da visão cederam o seu lugar e a sua importancia aos orgãos do tacto.

Dr. Ladislão Netto.

AS FONTES DA POESIA INDIANA

A descripção que faz Gabriel Soares da morte do prisioneiro indiano deu assumpto a uma das mais bellas poesias de Gonçalves Dias, aquella que elle intitulou *Y-juca-pirama*, ou Aquelle que vai morrer.

Da mesma sorte foi Lery quem deu os elementos para outra poesia do poeta maranhense, a tão popularisada *Canção do Tamoyo.*

Velhos e illustres chronistas, que percorreram o interior do Brazil e lidaram com os indios, escreveram em seus livros, fartos de noticias e desataviados de qualquer preoccupação litteraria, as scenas, que são hoje consideradas puras fantasias dos poetas que tratam de assumpto indigena.

Indios convencionaes, creados no gabinete de Gonçalves Dias e cheios de plumagens vistosas, como os pastorinhos de Florian enfeitados de fitas e rendilhados.

Isto dizem os pessimistas, que não se limitam a desconhecer a poesia dos *menessinger*, e as scenas selvagens e ao mesmo tempo poeticas dos *Niebelugen*, mas que esquecem a exietencia desses chronistas nacionaes, que serviram de fonte inspiradora a Gonçalves Dias, Magalhães, José de Alencar, e a todos aquelles que procuraram contar os usos e costumes dos nossos aborigenes.

Narrando as ceremonias que precediam o nascimento do pequeno indio, diz Lery que, depois de haver-lhe o pai pintado de preto e encarnado, punha a criança na rêde, e, dentro desta, uma flecha e arco pequeno, dizendo-lhe : *Quando cresceres, meu filho, sê forte, não fujas,e não chores; vinga-te de teus inimigos.*

Gonçalves Dias, na *Canção do Tamoyo*, que elle classifica de *natalicia*, faz dizer o velho pai ao recem-nascido:

« Não chores, meu filho,
Não chores, que a vida
E' luta renhida:
Viver é luctar.
A vida é combate
Que os fracos abate,
Que aos fortes, aos bravos,
Só póde exaltar.

« Um dia vivemos,
E o homem que é forte
Não teme da morte,
Só teme fugir;
No arco que entesa
Tem certo uma presa,
Quer seja tapuya,
Condor ou tapir.

« Teu grito de guerra
Retumbe ao ouvido
Do imigo transido
Por vil commocão;
E treme de ouvil-o
Peior que o sybillo
Das settas ligeiras
Peior que o trovão

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

« Porém se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo fallaz,
Na ultima hora
Teus feitos memora,
Tranquillo nos gestos
Impavido, audaz.

« E cahe como o tronco,
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extensão;
Assim morre o forte:
No passo da morte,
Triumpha, conquista
Mais alto brazão. »

E' o mesmo que diz o chronista, o mesmo que José de Alencar já havia feito dizer a seu Pery, quando prisioneiro dos Aymorés.

E' a mesma phrase, que a musica de Carlos Gomes tão magistralmente traduz, quando o Guaraní, rindo-se das ameaças com que o querem acabrunhar, exclama imponente: *Tu me vedrai morir!*

E já que fallo no romance de Alencar, observemos o que diz Southey com referencia á *Virgem dos ultimos amores:*

« Em quanto se faziam os preparativos da festa, designava-se uma mulher para guardar o prisioneiro e cohabitar com elle, sem que o apresador escrupulisasse em dar para isto a irmã ou a filha. »

E' mais um episodio romanesco, que procura-se fazer crêr que não teve outra origem senão na imaginação do poeta, quando, real ou mentirosa, grosseira ou delicada, é tradição que chegou a nós, graças ás narrativas dos chronistas que transitaram pelos sertões, e que, com mais ou menos fidelidade, escreveram sobre factos de que foram testemunhas presenciaes.

Em o numero anterior desta *Revista* foram reproduzidas algumas palavras de Gabriel Soares sobre a morte do prisioneiro.

Hans Stade, que foi prisioneiro entre os Tupinambás, e que vio representadas as primeiras scenas da tragedia em que seria victima, descreve as ceremonias observadas para o sacrificio do captivo.

Diz elle que os indios brazileiros julgavam deshonrosa a fuga, e por isso conservavam-se prisioneiros.

As mulheres preparavam os licores em vasos de barro, e torciam a *mussurana,* comprida corda de algodão, com que se ligava a victima.

Outras ornavam de plumas o *ivárapeme*, ou clava do sacrificio.

Os homens mais valentes da taba amarravam o captivo no poste do terreiro e o cobriam de insultos.

Seguia-se a morte dada pela mão do chefe, e de um só golpe. »

Ouçamos agora um trecho de Gonçalves Dias sobre o assumpto:

« Em fundos vasos d'alvacenta argilla
Ferve o cauin
E enchem os copos; o prazer começa,
Reina o festim.

« O prisioneiro, cuja morte anceiam,
Sentado está;
O prisioneiro, que outro sol no occaso
Jámais verá!

« A dura corda, que lhe enlaça o collo,
Mostra-lhe o fim
Da vida escura, que será mais breve
Do que o festim

. . . . . .
. . . . . .

« No centro da taba se estende o terreiro,
Onde ora discute concilio guerreiro
Da tribu, senhora das tribus servis;
Os velhos sentados...

« Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
Entesa-se a corda da embira ligeira
Adorna-se a maça com pennas gentis;
A custo entre as vagas do povo da aldêa
Caminha o tymbira, que a turba rodêa,
Garboso nas plumas de vario matiz.

« Entanto as mulheres com leda trigança,
Affeitas ao rito da barbara usança,
O indio já querem captivo acabar:
A coma lhe cortam, os membros lhe tingem;
Brilhante enduape o corpo lhe cingem,
Sombrêa-lhe a fronte gentil kanitar. »

. . . . . .
. . . . . .

Para que mais reproduzir o poemeto de Gonçalves Dias, quando por estes traços é evidente

que a musa do poeta não pedio outras inspirações senão á narrativa dos viajantes?

E isto que encontrámos no *Juca-pyrama* e na *Canção do Tamoyo*, tão bem como nos romances *Ubirajára* e *Guaraní*, é tão fielmente descripto, como a lenda da *Marabá*, baseada em Simão de Vasconcellos, a elegia que se intitula *Leito de folhas verdes*, e o quadro de sortilegios no *Canto do piaga*, que são impressões de Ferdinand Dénis e Laet.

Como, depois disto, repetir que os poetas brazileiros, que decantam scenas com indios, são méros inventores da poesia cabocla, que não existe e que não tem por si o testemunho da historia?

Como em toda obra de arte, o que eu vejo nesses indianismos, aliás calcados sobre o noticiario dos chronistas, é simplesmente a poesia fazendo o papel que lhe está destinado nos quadros da natureza: interpretando os factos, colorindo-os e dando-lhes aquella luz suave, que tanto offende o naturalismo ultra.

O que se não póde desconhecer é que a poesia indiana deriva francamente do nosso passado.

J. Serra.

INDIOS CANOEIROS

A estampa que offerecemos ao leitor é o quadro de uma parte do Tocantins, sulcada pelas canôas dos Chavantes, que por sua destreza em governal-as mereceram dos portuguezes o nome de *Canoeiros*.

Piratas dos rios de Goyaz e Maranhão, estes indios accommettiam por agua e terra os viajantes.

Crueis como os Payaguás e Acroás, o seu deus era o roubo, e suas crenças a devastação e o exterminio.

Catechisadas algumas tribus dessa nação pelos missionarios jesuitas, que lhes ensinaram o manejo das armas de fogo, nem por isso deixaram de ser os mais formidaveis inimigos dos portuguezes e dos Macameceans, seus antigos alliados.

Os habitantes do norte da provincia de Goyaz os temiam como perseguidores ousados e entidades fataes, visto que de improviso eram por elles assaltados e arruinados em suas lavras e plantações.

Dotados de inaudita coragem, pelejavam com armas de vinte pés de comprido, além de arco, flechas e clava.

O chefe Pinsen.

O famoso indio Pinsen habitava o Grão-Chaco, e tinha sob o seu commando milhares de indios, que, a cavallo e armados de lanças, causaram os maiores damnos á republica Argentina. O governo daquella Republica pôde conseguir a captura do grande e formidavel chefe, que está hoje na cidade de Buenos-Ayres e que faz tremer o povo argentino.

INDIOS GUAYCURÚS

Na pag. 108 desta *Revista* dei noticia do chefe Guaycurú, de Mato-Grosso, Lapagato, e vou continuar a fallar nelle.

Lapagato, conforme declarei, tinha o dom do commando, e dahi provinha ser acompanhado, antes e independente da autoridade que lhe conferira, como relatei, a presidencia daquella provincia, sempre que sahia do seu acampamento, por quarenta ou cincoenta indios, os quaes prestavam-lhe obediencia, como se elle, para ser chefe, estivesse na letra da lei da sua tribu, isto é, como se elle fosse filho de chefe.

A esses quarenta ou cincoenta indios juntavam-se dez ou doze escravas, todas indias conquistadas em ataques bellicosos dados á tribu Chamocôco, moradora á margem direita do rio Paraguay, perto da Bahia Negra. Entre essas escravas, ou seguida dellas, andava a mulher de Lapagato, com uma filha, que em 1857 teria sete ou oito annos de idade.

E' curioso ver o chefe indio com o seu sequito, que é ao mesmo tempo o seu batalhão ou força. O chefe vai andando adiante; os outros seguem-n'o a um de fundo, formando as mulheres na mesma ordem. As mulheres que têm crianças, que não podem ir por seus pés, levam n'as ás costas dentro de umas pequenas rêdes arranjadas em fórma de bolsas, com alças de corda, que lhes abraçam as testas, onde ellas sustentam todo o peso das ditas crianças, para o que, andando, vão inclinadas para diante.

Aqui cumpre observar que poucas crianças andam nas comitivas Guaycurús, porquanto ás mulheres desta tribu só é dado conservarem ou darem á luz os filhos depois que têm trinta annos de idade; antes disso ellas os fazem abortar pelos meios os mais barbaros. Azara refere que vio uma matar o filho que tinha no ventre, fazendo outra andar com os joelhos sobre o mesmo ventre... Este costume procede da necessidade que os indios dizem ter de conservar as mulheres desembaraçadas para mudarem com facilidade de acampamento...

A vestimenta das mulheres de que trato consiste em lençóes de algodão ou colchas, que lhes dão nas povoações christãs, e que ellas atam em volta do thorax, passando por cima dos peitos, que ficam deste modo comprimidos. As bandas desses pannos se sobrepôem em um dos lados do corpo, quasi sempre o esquerdo. Desta maneira parecem cobertas por uma tunica, mas aberta de um lado, o que faz pensar que assim seriam os vestidos das nymphas e deusas da mythologia, tomados como propositalmente abertos sobre um dos dous membros inferiores, como para que este fosse visto, quando na realidade não passavam de pannos como os das indias Guaycurús, cingidos ao corpo sem costura que os cerrasse.

Na marcha dessa fileira de indios de ambos os sexos não ha passos cadenciados: cada um cami-

nha como póde, e as differenças das passadas, e os pannos desasseiados que envolvem os caminhantes, dão uma idéa de desordem, que faz rir e lastimar o estado do homem selvagem.

Foi com todo o seu cortejo de adeptos, mulher, filha, escravas e cachorros, que encontrei Lapagato a 5 de Abril de 1857, perto do forte de Coimbra. Tinha elle em torno do corpo um panno, justamente como o usado por sua mulher e escravas, e atava o cabello, crescido e pendente sobre os hombros, como o de Bonaparte quando queria parecer republicano, com uma fita, que lhe rodeava a cabeça, e parecida por certo á fita que Cesar esquecia quando desejava fazer-se popular.

Lapagato veio a mim, apertou-me a mão, e, como eu tinha occupação que me afastava delle, despedimo-nos, havendo eu notado com prazer que elle não tinha no rosto as pinturas que os outros traziam

Estas pinturas são uma especie de *toilette* da manhã, e fazem-n'as as mulheres, sobretudo as pinturas do rosto, que por falta de espelhos não podem ser executadas pelo *dandy* que se prepara. A tinta que usam para ellas é extrahida do genipapo, que os indios chamam *genipava*. Tambem ao azul-escuro do genipapo juntam o vermelho do urucú.

Nessas pinturas ha distincções, entre as mulheres ; as viuvas, por exemplo, não podem pôr na cara certas estrellas ou florinhas com que as outras se ornam.

Mas, como disse, despedi-me de Lapagato, notando que elle não tinha *tatuagens* no rosto. No outro dia tornei a encontral-o, e fiquei contrariado, por ver o meu *heróe* com a metade do rosto coberto de curvas e linhas quebradas, dando todas idéa dos desenhos chinezes, o que é notavel ! .. Não me demorarei, entretanto, na consideração da semelhança do genio dos nossos indios com o dos chins, para contar que exprimi com os gestos de um homem seriamente incommodado o desgosto que me causava a selvajaria de taes desenhos, e que Lapagato entendeu bem o que eu lhe disse ou quiz dizer, porque ficou triste. Felizmente a mulher, a filha e as escravas delle, que chegaram muito contentes, não presenciaram as minhas observações, mimicamente expressas, porque do contrario o indio havia ficar mais vexado do que ficou.

Com a chegada das mulheres eu fiz por esquecer as *tatuagens* inconvenientes, e convidei Lapagato a entrar comigo e sua mulher, filha e escravas, em uma casa proxima ao rio, e nos sentámos, eu em uma rêde, elle em uma cadeira, distante uns oito palmos, e as mulheres, sem distincção ou attenção ás suas categorias, no chão, com as pernas encruzadas. Estavam ellas com as caras todas pintadas, e tinham-se tornado de feias—porque são feias— horriveis. Entretanto notei que uma Chamocôco fazia idéa de estar resplendente de belleza, tal era o empenho de apresentar a cara,onde lhe transparecia o jubilo da satisfeita vaidade !... Perto do chefe indio collocou-se outro indio que nos servia de interprete.

Como para justificar o meu desgosto vendo Lapagato *tatuado*, eu mostrei-lhe o retrato de um principe, litographado e pendurado na parede que me ficava proxima, afim de que elle visse que os homens grandes de outras terras não garatujavam os rostos, e continuei a conversar com elle.De repente vio-o levantar-se e querer sahir da casa,dirigindo-se para o rio. Perguntei-lhe onde ia, e respondeu-me que ia lavar o rosto. Tranquillisei-o, fil-o sentar, e tambem observei que elle tinha concordado com a critica que fiz ás suas *tatuagens* ridiculas, sendo muito provavel que me tivesse ajudado o retrato do principe que lhe mostrei.

Como disse, com a mulher de Lapagato achava-se a filhinha delle. Era esta muito esperta e até corajosa, porque, levantando-se de junto da mãi, foi agarrar, abraçando, um cão, e o tronxe á força para o lugar que occupava, o que fez as indias olharem-se com admiração. Não gesticulariam diversamente das indias que descrevo as senhoras mais delicadas, se, como a filha de Lapagato, vissem uma menina da sua roda praticar o acto de afouteza referido. As indias, na indicação muda do sentimento que as agitou, mostraram bem que a comprehensão das grandes acções é independente da educação.

Tambem admirei e gostei da criança e chamei-a para junto de mim. Depois de aconselhada pela mãi para aceitar o meu convite—notai mais isso—ella veio para o meu lado. Eu recebi-a com o maior carinho, encostei-a a meus joelhos e ella mostrou-se contente. O pai olhava-a com ternura, e voltando-se, mesmo sentado, para uma escrava, fallou-lhe. Lamartine, na *Viagem no Oriente*, diz que os arabes quando fallam parecem estar tomando gargarejos ; o mesmo tom achei na falla do chefe Guaycurú. Mas a escrava levantou-se e veio collocar-se ao pé da criança, aprumada e com os braços cruzados sobre o peito, e assim permaneceu até que eu com toda a delicadeza entreguei a filha á mãi !

Pouco depois Lapagato e a sua gente embarcaram em suas canôas e atravessaram o rio, indo para a margem opposta áquella em que nos achavamos. Então disse eu comigo : Como é natural a aristocracia no homem ! Quem ensinou a este selvicola a demonstração que deu aqui,

da consideração á sua prole, e do seu poder e relativa riqueza ?!...

Peço perdão para juntar a proposito outro conto :

Nos fins do seculo passado brigaram os Guaycurús com os Payaguás, indios, que, como se sabe, habitavam o Paraguay, e de cujo nome, por corrupção, formou-se a palavra Paraguay. Da dita briga resultou chegarem-se a nós os Guaycurús, que, até então alliados dos Payaguás, tinham odio de morte á colonia portugueza em Mato-Grosso. E porque mudassem de opinião, determinaram jurar fidelidade a el-rei de Portugal como seus vassallos, o que realizaram em Cuyabá, na presença do capitão-general Luiz de Albuquerque. Nessa visita, porém, recusou a mulher do chefe Guaycurú, Emmavedi Chané, orgulhosa da sua estirpe de chefes por herança, juntar-se á senhora do capitão-general, dizendo que essa senhora era igual ás suas escravas, e que ella, mulher de Emmavedi Chané, tinha por igual a mulher desse que ficou lá... e apontava com a mão para longe. Essa que ella reconhecia por sua unica igual era a rainha D. Maria I!...

A. C. Soido.

NOTICIA

ACERCA DOS

CAMPOS DOS GOYTACAZES (*)

Extracto da *Vida do padre João de Almeida*, composta pelo padre Simão de Vasconcellos e impressa em Lisboa em 1658 in-fol.

LIVRO IV

CAPITULO XI

Prepara-se para outra missão dos *Goytacazes*; dá-se noticia do lugar e da gente della.

1. Não socegava o espirito incansavel do padre João de Almeida ; meiado de Março de 1619 o vimos embocar pela barra do Rio de Janeiro, de uma missão tão cheia de trabalhos de um anno inteiro ; e a 24 de Setembro do mesmo anno começámos a acompanhal-o já á outra missão, se bem não tão comprida, cheia comtudo de grandes trabalhos e maiores perigos, por ser a gente mais arriscada e menos firme na amizade dos portuguezes.

2. Mas antes que parta embora o nosso missionario, vamos adiante dando noticias do lugar e das gentes. O lugar, considerado em si, era naquelle tempo uma paragem das mais notaveis e aprazíveis que ha em todo este Brazil. São umas campinas formosissimas, de algumas vinte ou mais leguas de espaço, quasi todo tão raso como o mesmo mar, tão verde, enfeitado e retalhado da natureza, que parecem outros Campos Elysios, e são chamados os *Campos dos Goytacazes* : ha nelles formosas lagôas, e uma de tanta grandeza, que do meio della mal se enxerga terra de uma parte e de outra. São suas aguas doces e habitadas de infinidade de patos e outras aves semelhantes.

3. Porém ainda que estas campinas sejam tão formosas em si, succede-lhes o que aos Campos Elysios attribuiam os antigos : que custava muito grandes trabalhos e perigos o haver de chegar a elles ; porque por uma parte as cercou a natureza de arvoredos espessos, rios medonhos e alagadiços incomparaveis (posto que já hoje estão melhorados e seguidos os caminhos pelos successos que depois contaremos), por outra parte estão cercadas das espantosas serranias da corda que já acima pintei, habitada toda de varias nações, de gente de diversas linguas, e pela maior parte inimigas entre si, e tudo castas de *Tapuyas*.

4. Fica este lugar dos *Campos dos Goytacazes* entre o Rio de Janeiro e a capitania do Espirito-Santo, e entre os termos dos dous rios *Parahyba* e *Macahé*, da costa do mar não muitas leguas para o sertão, em altura de 21 gráos. Era lugar então suspeito e arriscado a todo o homem, que houvesse de aportar a este districto, porque como esta casta de gentio *Goytacaz*, não tinham pazes firmes com ninguem, e discorriam todo o espaço de seu districto continuamente, assim do sertão a suas caças, como do maritimo a suas pescas, a toda a pessoa estranha, que encontrava, fazia pasto de seus dentes : e era esta a melhor iguaria sua, a de carne humana. Nisto tinham parado varios caminhantes, que se atreveram a querer passar aquella paragem do Rio de Janeiro para o Espirito-Santo ; e nisto parou a gente de alguns navios que por successo tomaram aquellas praias, posto que já hoje está livre este districto, e seus campos senhoreados e habitados de portuguezes, e da infinidade de gado (grande remedio destas capitanias); e o modo como se desimpedio e se acabou esta gente direi brevemente aqui, por ser galante, ainda que pareça que antes de chegar a ella a faço já acabada. Foi, pois, o caso :

5. Navegava certo navio da cidade do Porto, para esta do Rio de Janeiro, o anno de 1630 ; areou o piloto delle e enxorou em terra naquellas praias habitadas sómente dos nossos *Goytacazes*, etc., e como os pobres naufragantes areados não conheciam a paragem onde estavam, mas só suspeitavam qual poderia ser, aproveitando-se do batel, fugiram della como terra

(*) Serie constando dos caps. XI, XII, XIII e XIV.

cruel e praias avaras, largando o navio, exposto aos mares, que brevemente se fez em pedaços e encheu de fazendas aquellas enseiadas. Tiveram noticia do tal naufragio, assim os indios da aldêa de Cabo Frio, pertencente ao districto do Rio de Janeiro, como os indios da aldêa *Ririiba*, pertencente ao districto da capitania do Espirito Santo. Partiram estes de uma e outra parte, com intento de acudir ao destroço e salvar as fazendas; e juntamente os homens (se ainda os achassem com vida), senão que chegando á paragem, acharam nella, aproveitando-se da occasião, somma de *Goytacazes;* e levados de suspeita commum de certos signaes, que acharam, não vendo portuguez alli algum, formaram conceito que aquelles barbaros os tinham mortos e comidos, e em zelo (ou por providencia particular do céo), feitos em um corpo, deram sobre os indios e os mataram todos; e o que mais é, não contentes com esta vingança, entraram o sertão até suas aldêas, e a todos os mais que lá acharam, homens, mulheres e meninos, deram a morte, sem perdoar a sexo nem a idade, destruindo as aldêas, e acabando por uma vez aquella tão nociva nação de gente, tão odiosa a todo o hospede e a todo o caminhante, ficando dahi em diante seguras e trataveis aquellas praias e aquellas campinas.

6. Verdade é que a presumpção destes indios vingadores, neste caso, foi falsa; porque os pobres dos *Goytacazes* não tinham morto nem comido homem algum daquelles naufragantes, senão que estes, receiosos só pelo medo de haverem de ser comidos delles, largaram as praias com mais presteza do que ancoraram nellas, e antes que avistassem a cara de nenhum destes barbaros; mas foi castigo de delictos passados, como tambem se teve por castigo o naufragio miseravel dos naufragantes; porque se averiguou que o piloto daquelle navio, presumptuoso de seu saber mais do que devêra, chegou a dizer poucos dias antes do caso: *Que estava ainda muito longe da terra, e que nesta materia de arte de navegar sabia mais que S. João Baptista.* Observando o dito os do navio, e vendo depois o naufragio, o tiveram por castigo do santo. Confirmou-se mais este seu pensamento, porque, partindo daquellas praias no batel, em busca do porto do Rio de Janeiro, de tal maneira areou o piloto, que, passando a paragem do Cabo Frio, tão notavel, a barra do Rio de Janeiro, Ilha Grande, a de S. Sebastião, o porto de Santos e o de Nossa Senhora da Conceição, foi dar comsigo em o ultimo porto, chamado de S. João Baptista; porque quiz o santo mostrar-lhe o castigo de sua presumpção, tendo passado tantas praias, tantos cabos, tantos portos e por distancia tão consideravel de mais de cem leguas, sem acertar com porto. Mas quiz comtudo recebêl-o em o seu, para que vejamos que se bem sabe castigar presumpções, sabe tambem compadecer-se do arrependimento.

Mulher guaycurú-cadiuéo.

Machado de pedra dos indios do Paraná.

A LENDA DO AMAZONAS

O estudo das pedras verdes, que á maneira de talismans ou de amuletos traziam ao pescoço algumas indias do Amazonas e que uma ou outra velha mameluca daquellas paragens conserva ainda hoje como sagradas reliquias entre as contas dos seus rosarios, nos arrasta, máo grado nosso, ás lendas creadas pelos primeiros exploradores do valle do Amazonas, a respeito das mulheres que dizia-se terem por adorno essas pedras.

Infelizmente muito pouco, ia quasi a dizer, inteiramente nada, nos foi deixado das co-relações que existiam entre taes suppostas mulheres e as pedras que eram ao que parece seus ornatos predilectos. A inclinação dos animos daquelles tempos para tudo quanto podia simular maravilhas; as idéas antecipadas sobre phenomenos nunca d'antes conhecidos, e mais que tudo o espirito dos primeiros viajores inteiramente obsecado pela ignorancia que tantas vezes expunge a verdade para engendrar a mentira; tudo isso alliou-se, consubstanciou-se para o enorme vulto que se deu á lenda relativa ás Amazonas, reduzindo-se na mais completa omissão quanto concernia ás pedras verdes de que se dizia serem ellas senhoras.

Orellana, a quem a propria ma fé lançára nas aguas do Amazonas, espirito falsidico e animo desleal, carecia de ataviar com as brilhantes côres do prodigio essa sua peregrinação, que se havia iniciado na traição e que devia ser sellada pelo embuste.

O episodio das Amazonas vinha, á feição, servir-lhe os intentos, dourando-lh'os de fulgente exito. Aceitou-o, pois, e mais ainda fez: empreston-lhe um dizer que só devia ageitar-se á verdade — dizer, entretanto, que não teria recebido tamanha voga se o não precedessem os proprios assertos de Colombo sobre as Amazonas das Antilhas e mais tambem se o não houvessem adoptado, por seu, o padre Christovão da Cunha, e efficazmente apoiado as narrativas de Ralegh e de Oviedo.

O que eram na verdade aquellas guerreiras dizem-nos Lery com todos os escriptores daquelle tempo, e em particular Gandavo, em referencia ás indias Tupinambás, a cuja nação pertenciam as Amazonas, que lhes eram, portanto, affins em seus habitos. Entre estes, notava-se-lhes o de auxiliarem os homens nos combates, cujos perigos compartiam como se guerreiros fossem. Algumas até daquellas mulheres havia que, exagerando este conviver de guerreiros nas continuas pelejas, offereciam, em certo gráo, notavel antithese do que nos descreveram Herodoto, Apollonio, Hippocrates, Justino e Dionysio, sobre as celebres Amazonas da Scythia e da Lybia:

« Algumas indias, diz Gandavo, referindo-se ás Tupinambás do sul, ha tambem entre ellas que determinam de ser castas, as quaes não conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem o consentirão ainda que por isso as matem. Estas deixãm todo o exercicio de mulheres e imitam os homens, e seguem seus officios como se não fossem femeas.

« Trazem os cabellos cortados da mesma maneira que os machos, e vão á guerra com seus arcos e flechas, e á caça, perseverando sempre na companhia dos homens; cada uma tem mulher que a serve, com que diz que é casada, e assim se communicam e conversam como marido e mulher. »

Mas não precisamos de mais provas, porque dos labios do mesmo Orellana ouvem-se palavras que destoam do que lhe ditam suas ulteriores intenções: é elle proprio quem nos diz haver combatido com mulheres que excitavam a pelejar os guerreiros desanimados, parecendo assim que sómente mais tarde lhe occorrêra a lembrança de levar mãos a esta ficção, no intento de obter do rei de Hespanha o que a respeito do Amazonas lhe devia impetrar ao depois.

Orellana foi para a Hespanha o transmissor da historia fabulosa das Amazonas, assim como Ralegh o foi da mesma historia para a Inglaterra. Alguem se fazia esperar que tomasse a investi-

dura, em França, da famosa, mas já algum tanto desacreditada lenda amazonica, e esse alguem apresentou-se dous seculos e meio depois, na pessoa de La Condamine, porém evidentemente demasiado retardado, e tão fraco sustentador da referida historia, que, mais pela vaidade de enlaçal-a ao seu caracter de explorador que por amor e convicção do assumpto, acertou de chamar para sobre essas imaginadas Amazonas as vistas do mundo scientifico.

No tocante a Ralegh, movia-o o mesmp pensamento de Orellana: o interesse proprio, e mais o desejo de lisongear a imaginação da rainha Isabel, que, como judiciosamente pondera Humboldt, não deixaria, certo, de acariciar a idéa dessa republica de mulheres, como ella sem marido, e como ella reluctando contra estranhos inimigos.

« Confiar em Deus, escreve Ralegh, concluindo a sua exposição e amoldando a linguagem aos seus intentos; confiar em Deus, que é o rei dos reis e o senhor dos senhores, que elle porá no animo daquella que é senhora das senhoras a conquista do Eldorado. »

Demais, o achar-se no solo do novo mundo a reproducção de quanto haviam escripto os autores gregos e latinos sobre as maiores singularidades dos antigos povos do *Orbis veteribus notus* era a monomania dos que se tinham de referir á America, e desta observação que, a justo titulo, pertence primeiramente a Humboldt, apresenta aquelle sabio, por notaveis provas, os escriptos de Colombo, de Geraldini, de Ovièdo e de Pedro Martyr de Anghierri, aos quaes poderiamos accrescentar mais meia duzia de outros escriptos seguramente da melhor nota.

Fechemos, porém, os ouvidos a estas demasias da imaginação e encaremos as nossas Amazonas na sua verdadeira estatura. O colorido discreto da realidade não tem o brilho nem as côres fulgentes da fantasia, mas a realidade perdura e a fantasia tem, no clarão do relampago, a sua verdadeira e fiel imagem.

Dr. Ladislão Netto.

OS GUATÓS

São indios de Mato-Grosso; encontram-se no rio Paraguay desde a boca da Uberaba, e no S. Lourenço desde a barra do Cuyabá, isto é, vagueam pelos rios, lagôas e alagadiços comprehendidos entre os parallelos 17° 30' a 18° 30'. Não têm, por assim dizer, outras casas senão suas canôas, que elles mesmos fabricam, e são bem feitas, pequenas, leves e quasi todas de um tamanho. Quando se demoram em qualquer parte construem á pressa, com ramos de arvore e palmas, pequenos ranchos em que dormem abrigados do tempo. Vivem de caça e de pesca; têm por armas um arco de dez palmos de comprido e flechas pouco mais curtas, que manejam com admiravel destreza, servindo-se dellas até para matar o peixe. Usam tambem de azagaias nas caçadas que fazem ás onças que infestam estas paragens.

Têm os Guatós tantas mulheres quantas podem sustentar; raras vezes chega a quatro o numero dellas, e muitos contentam-se com uma; a um, comtudo, conheço que tem dez ou doze. Ao contrario dos Guanás e Guaycurús, são bastante ciumentos Não existe entre elles o barbaro costume de matar a progenitura. Cada familia vive isolada das outras; quando se reunem é por pouco tempo.

Nada de singular se nota nas feições e na estatura destes indios senão terem arqueados o tronco e as pernas, resultado da posição em que estão habitualmente, remando as suas estreitas canôas; têm ponca barba, que não arrancam, nem tão pouco as sobrancelhas; deixam crescer os cabellos, que os homens amarram enroscados no alto da cabeça; os das mulheres ficam soltos. Andam geralmente nús, cobrindo tão sómente as partes pudendas; as mulheres vestem saias de algodão; os homens pela maior parte têm calças e camisas do mesmo *genero*, que vestem quando lhes apparece algum estranho. Um brinco de pennas nas orelhas é enfeite de que usam quasi todos, seja qual fôr o sexo e a idade. Bem como as demais nações vizinhas, renunciaram ao uso antigo de furar o beiço inferior, onde mettiam um pedaço de páo ou de osso. Não obstante ser, por assim dizer, aquatica a vida dessa gente, causa asco a sua falta de asseio.

São os Guatós leaes e inoffensivos; têm, comtudo, mostrado em varias occasiões que sabem resentir-se e mesmo vingar-se de não provocadas aggressões. Citarei um exemplo: dous indios Guanás mataram um Guató para lhe roubarem alguma ferramenta; informado do successo, o commandante de Albuquerque mandou prender os criminosos e remettêl-os em ferros para a capital. Os Guatós, assim que lhes chegou a noticia, ajuntaram-se nos *Dourados*, onde esperaram a conôa que conduzia os presos, dos quaes apoderaram-se, e depois de exprobar-lhes o crime tiraram-lhes a vida. E entregando ao sargento que commandava a escolta os ferros dos pacientes, protestaram desejo de viver em paz comnosco, não se tomando por acto de hostilidade a pena de Talião que acabavam de infligir.

A lingua dos Guatós é guttural, falta de eu-

phonia, e não têm a menor analogia com a lingua geral ou o guaraní. Quasi todos os adultos fallam o portuguez, mais ou menos correntemente.

Assim que avistam alguma embarcação, cercam-a logo e acompanham-a, ás vezes, até a noite, esperando que se lhes dê alguma fazenda, sal, fumo, restos de comida, e sobretudo aguardente.

Negociam tambem com a nossa gente, permutando pelos mencionados artigos e por machados, azagaias, facas, anzóes e panno de algodão, os productos da sua caça, como pelles de onça, de bugio, de lontra, cêra, mel de páo, etc. Algumas vezes ajustam-se para o serviço das canôas, e são mui uteis, quer para caçar e pescar, quer para dirigir a navegação pelos terrenos inundados.

Toda a industria dessa gente consiste em fabricar as suas canôas e remos, e preparar as suas armas.

Fazem tambem grosseiros vasos para coser os seus alimentos: e, com fio tirado do *tucum* e da *pita*, tecem mosqueteiros e abanos; não largam deste ultimo, com que enxotam os mosquitos, a maior praga que tem de soffrer quem viaja por estes rios e campanhas.

Excepcionalmente vê-se uma ou outra familia de Guatós estabelecida em lugar certo, onde cultiva algumas plantas, como milho, aipim, bananeiras, aboboras, etc.; porém taes plantações são muito insignificantes.

Fui um tanto extenso a respeito desses indios por ver que de nenhum modo lhes quadra a descripção que delles fazem a maior parte dos escriptores, que trataram dos indigenas deste paiz.

(Barão de Melgaço.)

Indios de Mato-Grosso

III

OS BARBADOS

Até hoje nenhum dos viajantes modernos deparou com as nações *Barbadas* de que os antigos deram noticia; entretanto, demarca-se-lhes, ainda, as regiões que habitam, narra-se suas façanhas passadas e attribue-se-lhes muitas depredações actuaes.

Nas varias narrações dos povos selvagens desta provincia vém, por vezes, uma tribu citada com a denominação de *Barbados*, a qual lhes foi dada pelos portuguezes ao verem-os, em contrario ao resto de toda a gente americana, ornados desses pellos, que as descripções ainda mais encarecem com os qualificativos de grandes, espessos, etc.

E não só em Mato-Grosso: no Maranhão e em outras provincias foram encontrados, e reputados *nações* ou tribus especiaes, sem que até hoje estudo algum ou indagação haja sido feita sobre suas origens e affinidades.

Os de Mato-Grosso são suppostos existirem na região de SO. da provincia, lá pelas cabeceiras do Paraguay, Jaurú e Alegre.

Com effeito, conhecem-se ahi dous ribeirões com o nome de *Barbados*, um affluente do Alegre e pertencente á rêde amazoniana, e o outro cabeceira do Paraguay.

Este desce da cordilheira do Tapirapuam, e faz barra, entre o Jericocoára e o Sipotuba, uns vinte kilometros abaixo daquelle e uns cem acima deste. Dão-lhe outros nomes mais: rio dos Bugres, Branco ou de Tapirapuam.

O affluente do Alegre origina-se nas faldas do espigão mais occidental da cordilheira Aguapehy, no mesmo parallelo, quasi, das fontes do rio deste nome e do Alegre, (16° 10' a 16° 20' sul). Tem seu curso uns cem kilometros, ora em vastos campos, ás vezes mar d'agua doce, ora entre alterosas e opulentas florestas.

Por ahi andei, e nenhuma noticia ou signal tive desses indios: as depredações ahi commettidas eram feitas por indios sem barbas, que dizia-se serem os Cabixys; mas, na região do Paraguay, é a elles que se attribuem as correrias e devastações entre o Diamantino e Caceres.

O finado barão de Melgaço, investigador consciencioso e instruido, e cujo nome basta para autorisar uma asserção, diz que havia uma aldêa de *Barbados*, á margem do rio desse nome, no Paraguay; calcula-os em uns quatrocentos individuos que viviam em plena barbaria, plantando milho, batatas e mandioca, com instrumentos de pedra e de madeira; alimentando-se dessa cultura e da caça e pesca; vivendo em paz com as outras tribus, mas não querendo relações comnosco, apezar de pouco distante das povoações, e, ao contrario, descendo por vezes ás margens do Paraguay para atacar as canôas, e maiores males não fazendo por temerem-se das nossas armas.

Entretanto, quem sabe se por serem esses factos passados na zona em que se os suppõe existirem não lhes sejam elles attribuidos?

Contou-me o Sr. major Coqueiro, intelligente e laborioso morador da provincia, que, indo ha alguns annos preparar borracha nos seringaes dessa região, fôra atropellado por uma cabilda de indios, sem barba, e completamente avermelhados de *urucú*, que chegaram a arremessar-lhe algumas flechas.

Ia elle em duas canôas com uns trinta homens,

a maior parte bem armados: tratou de evitar as flechas ladeando para a margem opposta; prohibio que sua gente respondesse á aggressão; mas fêl-a mostrar, todos em pé e armados.

Os indios, que em mais de cem cobriam a barranca, afastaram-se medrosos, e de longe começaram a dar as vaias do costume, e a arremedar cantos de passaros e urros de outros animaes.

Chegado ao Diamantino, o Sr. Coqueiro encontrou os Parecis *mansos*, que ahi vêm frequentemente, e vão á capital vender seus artefactos de palha, côco, madeira, etc. Reconheceu nelles os que o tinham aggredido na subida, e, increpando-os disso elles negaram o facto, fingindo-se admirados, e attribuindo-o aos *Barbados*.

Não nego, de todo, a existencia de indios com barba. Se a ausencia desse signal de virilidade nessa raça de homens tão fortes e pujantes é uma prova irrefutavel de uma origem commum, tenho para mim, nessa hypothese, o que é tambem opinião de muitos outros, que taes barbas espessas e fornidas são apenas um signo da mesticidade; que taes indios já não serão de pura origem americana, e sim descendentes de pais portuguezes ou hespanhoes, de quem receberam, e o atavismo perpetuará, esse cunho varonil da raça conquistadora.

Demais, se é sabido que os selvagens, em geral, arrancam com o maior cuidado todos os pellos do corpo, só conservando os do craneo, não é admissivel que esse costume, mesmo de seculos, influencíe na progenie, e imprima uma nova direcção á genese, de fórma que, cessado elle, não fique patente, em gráo maior ou menor, esse natural distinctivo da masculinidade.

Em minhas viagens apenas encontrei um indio completamente barbado: pellos longos, de quasi palmo, mais povoados no mento do que nas faces e labios, assemelhando á barba dos mongóes e chins, e, ainda, o bigode mais fornido e longo nas extremidades do que no meio do labio.

O typo desse homem nada revelava de extraordinario.

De altura mediana, forte e bem desenvolvido, faces arredondadas, maçãs salientes, olhos rectos, nariz regular, labios finos, dentes aguçados, orelhas grandes e acabanadas, só se accentuava de mais notavel a extrema redondeza do craneo, tal qual se a encontra, especialmente, entre os maranhenses e cuyabanos.

Não consegui saber qual sua tribu, nem mesmo sua origem: pareceu não entender as perguntas que lhe fiz em portuguez e hespanhol, e por seu turno fallava lingua tão aspirada e guttural, e mostrava tão pouca disposição para a conversa, que não pude tomar as poucas palavras que á meia voz pronunciava.

SEV. DA FONSECA.

OS MIRANHAS

Entre as tribus, que habitam as margens dos affluentes do Amazonas, nenhuma é mais digna de consideração, mais digna de estima e de protecção do que a dos Miranhas. Vive espalhada pelas margens do Yapurá, sempre fugitiva e errante, soffrendo mil privações, não podendo entregar-se nem á lavoura nem industria, pela perseguição que soffre desde tempos coloniaes. Donde vem esta perseguição ao Miranha? Do seu caracter docil, ameno, franco e communicativo; dos seus sentimentos nobres e do seu bom coração, que os torna um bom amigo, um bom trabalhador, pelo que todos o procuram para escravisal-o. Para justificar a escravidão a que o condemnam, dizem ser anthropophagos. Miseraveis, que querendo ter um bom trabalhador gratis, sugam o seu suor, algemam a sua existencia e ainda atiram-lhe á face o labéo de anthropophago, em troco do ouro e dos commodos que o pobre Miranha lhes dá! Mas não logram muito o gozo de seus serviços, porque a nostalgia livra-o do jugo do barbaro civilisado. E' o indio em que mais imperam as saudades do lar. Não raro é vêl-o, pouco tempo depois de deixar as suas terras, entristecer, emmagrecer, tornar-se pallido, entregar-se a um mutismo significativo, notando-se no seu apparelho digestivo desordens, que, tirando-lhe a fome, desorganisam os intestinos e leva-o á sepultura. Não é só o adulto

que soffre a nostalgia; as crianças, que são as mais roubadas da tribu, tambem soffrem as suas consequencias. E' sempre a morte quem as livra do poder da civilisação do *branco*. Quantos exemplos não vi! Entre nós está o Dr. Carneiro da Rocha, illustrado medico da ultima commissão de limites com o Perú, que, trazendo comsigo uma Miranha, de seus onze annos, a quem dispensava todos os carinhos e todos os cuidados, vio-a morrer, apezar de empregar todos os esforços para salval-a, porque a queria como a uma filha.

Indio Miranha.

Era uma tribu numerosa, e ainda hoje, apezar de destroçada, é tão grande que se subdivide com diversas denominações. Assim, ainda se conhecem os *Miranhas-carapanás*, os *Miranhas-segé*, os *Miranhas-tapiyra*, os *Miranhas-pupunas*, etc. São por assim dizer nomades, não como os Muras por especulação, mas pela necessidade. A vida errante, a fuga ante os brancos, obriga-os a alimentarem-se muitas vezes só com palmitos e cascas de páo, não tendo sempre o recurso da caça ou da pesca. Esse soffrer trouxe um costume, que, se é já vicio, os consola muito. E' o uso constante do *ipadu* na boca, que os alimentando tira-lhes a vontade de comer. O *ipadu* (Erythroxilum coca, ham.) é a cuca peruana, cujas propriedades narcoticas, estimulantes e nutritivas, fazem com que o exercito do Perú a use para supportar a fome. Alli misturam-n'a com a *llucta*, cinza de espinhos de certas plantas, e entre os Miranhas com a cinza dos grelos de *embauba*, (Cecropia sp.). O uso constante de trazer em ambos os cantos da boca uma bola desta substancia produz uma elevação na face, que entre os peruanos é conhecida por *piccho*. O abuso della entrega o individuo a uma especie de lethargia, em que ás vezes perde as faculdades mentaes, sendo perigoso tiral-o repentinamente desse estado. Quando pódem fazem os Miranhas as suas festas, em uma das quaes tomam uma bebida repugnante e mesmo toxica. Preparam essa bebida extrahindo o succo dos grelos cosidos do fumo, que, levado ao fogo é engrossado, a tomar a consistencia de xarope, para então lhe addicionarem cinza peneirada de raizes de *mumbaca*, (Astrocarium mumbaca Mart.). Com essa mistura formam massa que reduzem a bolos, deixam seccar para serem conservados. Quando querem servir-se delles dissolvem-os n'agua, e desta agua usam nas festas, bebida aos goles. O seu poder inebriante é excessivo. Nem nas festas essa tribu ostenta enfeites de pennas, porque não os prepara. Para encobrir a sua nudez usa o liber do *tarury* reduzido á estopa, e prende os cabellos com rodilhas de cordão de fibras vegetaes. Trazem ligas e pulseiras de tecido, que só tiram quando destruidas pelo tempo, o que produz vinculos nos lugares em que estão atadas, com o desenvolvimento dos musculos. As mulheres têm boa physionomia e usam furar a parte superior das azas do nariz.

Par armas têm os Miranhas o *kuraby*, o *cuidaru*, o *murucu* e a *sarabatana*, todas hervadas com o *ykaytena* (*) que preparam, á excepção do *cuidaru*, a que denominam *bajug*.

Grande desenvolvimento poderia dar a este artigo, mas forçado pelo espaço sou obrigado a terminar, pedindo aos poderes competentes protecção para os pobres Miranhas,

J. Barbosa Rodrigues.

(*) Curare.

NOTICIA

ACERCA DOS

CAMPOS DOS GOYTACAZES

Extracto da *Vida do padre João de Almeida*, composta pelo padre Simão de Vasconcellos e impressa em Lisboa em 1658 in-folio.

LIVRO IV

CAPITULO XII

Dá-se breve noticia da gente Goytacaz.

1. Dado a conhecer o lugar, demos breve noticia desta gente; porque vejamos aonde ha de ir, e com quem ha de tratar o nosso missionario. Tres castas havia desta gente (fallando agora sómente della, e deixando todas as mais nações, que com ella confinam, que são innumeraveis): uns chamavam *Goytaca-Goaçù*, outros *Goytaca Iacoritó*, e outros *Goytaca Mopi*, e a estes principalmente se dirige a nossa missão. Todos são gente féra silvestre e tragadora de carne humana; assim, andam á caça uns dos outros, como das féras, e com mais gosto se apascentam na carne do que captivam, que não na das féras, que caçam. Têm nos terreiros de suas aldêas, junto ás portas de suas mesmas casas, grandes rumas de ossadas dos que mataram e comeram, e disto se jactam; e quanto é maior a ruma da ossada dos que mataram e comeram, tanto maior fica sendo a nobreza de cada qual das casas: estes são seus brazões e suas proezas. Eram commummente gente agigantada, membruda e forçosa; o cabello anterior da cabeça rapado a modo de calvos, e o demais crescido até o hombro, a modo de Cesarie, todos nús, homens e mulheres, sem pejo algum da natureza.

2. Todo o edificio de suas aldêas vinha a parar em umas choupanas, a modo de pombaes, fabricadas sobre um só esteio, por respeito das aguas; estas muito pequenas, cobertas de palhas, a que chamam tabúa, com portas tão pequenas, que para entrar era necessario ir de gatinhas. Não tinham rêdes, nem cama, nem enxoval, porque toda a sua riqueza consistia em seu arco. Seu modo de viver era pelos campos, caçando as féras, e pelas lagôas, rios e costas do mar, pescando o peixe, e em uma e outra arte eram insignes: onde matavam a féra, ou pescavam o peixe, ahi o comiam, e este mal assado nas brazas e escorrendo sangue; e tão gulosos eram, que não esperavam que se assasse ainda de meias de uma e de outra parte, senão que, meio assado de uma, logo o comiam, e virando-o da outra o comiam tambem, deixando-lhe o espinhaço inteiro, e o mesmo faziam nas féras. Nem em companhia da carne e peixe usavam de outra mistura de farinha, legumes ou outra semelhante.

3. Eram tão insignes no pescar, que se diz delles (se é para dar credito) que se ajuntavam em certas paragens baixas do mar, e com páos nas mãos, curtos e agudos, de uma e outra parte punham em cerco os tubarões e arremettiam a elles, e quando ia ao abrirem a boca lhes mettiam nella a mão e o páo, e engasgados os traziam á terra. Não curavam de roças, nem de criações, nem de outra alguma grangearia: tudo fundavam em seu arco. No beber eram supersticiosos; porque, tendo lagôas e rios de agua doce, o seu beber era de cacimbas, que para este effeito faziam com grandes trabalhos, e alguns affirmam que bebiam tambem agua salgada.

4. Não tinham religião alguma, nem divindade a quem adorassem, nem tratavam de outra vida; tudo com esta lhes parecia que acabava: tinham, porém, entre si agoureiros, não com arte de feitiçarias afim de fazer mal, mas para adivinhar os successos de suas guerras, de suas caças e de cousas semelhantes. Era notavel o exercicio da guerra, em que sempre andavam, ora com as outras nações das brenhas mais remontadas, ora com as outras especies de sua mesma gente *Goytacazes*; e especialmente os *Goytacazes Mopis* e *Iacoritós* tinham odio entranhavel á outra especie de *Goytacà-Goaçùs*, de tal maneira, que onde quer que se encontravam infallivelmente se matavam e comiam uns aos outros. E chegava a tanto o odio, que a um principal dos *Goaçùs* que em certo tempo e por certo successo se acolheu a uma aldêa dos indios dos padres, sita em Cabo Frio, com quatro criados seus (sendo que estavam então de pazes com os padres), não descansaram alli de vigial-o e perseguil-o; e sabendo que adoecêra o dito principal e morrêra, e onde estava enterrado, não aquietaram com isso e tiveram traça de ir desenterral-o, e assim morto quebrar-lhe a cabeça (que é o modo entre elles de fartar seu odio e tomar vingança); e dos criados, por mais que os padres os guardaram, houveram ás mãos dous, que logo mataram e tornaram em pasto de suas entranhas.

NAÇÕES AMAZONICAS

O valle do Amazonas é o Josaphat das nações indigenas. Alli chegaram ellas para morrer e lutam para viver.

Diante da anthropologia, como do anjo do juizo final, levantam-se as gerações mortas; e da reunião dos ossos, do colorido dos tegumentos, dos mythos, instituições e costumes, restau-

rar-se-ha o exemplar,quasi apagado pela natureza, como uma palavra mal escripta que abre lugar á outra mais perfeita.

A' semelhança das salamandras,os missionarios bordejaram em redor desse cahos, e ainda poderam observar a sombra dos Titans americanos aos clarões dos dias primitivos.

O padre Manoel da Motta, da Companhia de Jesus, missionario notavel, que fez uma entrada no Amazonas em 1721, refere,segundo documentos ineditos que temos á mão, factos de importancia capital para complemento de investigações, mencionando nações indianas desapparecidas nas florestas nataes, unicamente existentes na tradição oral das malocas e das tribus.

E para onde foram ellas?

Não o dizem as palmeiras no farfalhar continuo, nem as cachoeiras nas suas vozes eternas.

De quasi todas o valle do Amazonas é um tumulo, do qual jámais a inscripção poderá ser inteiramente lida, porque muitos caracteres faltam.

Traçando com uma rasoura o nivel que accommoda os povos das regiões por elle exploradas, diz o missionario chronista:

« A policia daquella gente é a mesma barbaridade, os mesmos costumes e o que pede o appetite ; o vestido nem ainda o que pede a honestidade ; o comer o que mata a setta, o que pescam nos rios e o que produzem as plantas. Muitas nações comem os seus mortos sem asco,comem filhos a pais e pais a filhos. Dormem onde os apanha a noite, e como féras se mettem pelos matos e brenhas. Outros habitam em choupanas, cobertas de palmas e levantadas sobre esteios e para que nas enchentes dos rios lhes passem estes por baixo sem damno. Assim moram por aquelles alagadiços gentes populosas ; assim vivem ainda muitos Nheengaibas, Gaxanaz, Momexanaz. A ignorancia da divindade e da outra vida é summa, assim como está escurecida entre elles a lei da razão. »

O chronista inedito, fallando da veriedade de raças, fornece-nos preciosas noticias e de grande alcance como boatos proximos :

« Muito se tem dito dos gentios que andam por aquelle sertão, e bebem em tão dilatado rio. Nesta classe estão os Matuzus, ou pés virados ; as Amazonas, quaes as da Scythia, entre os rios Tanais e termo deste ; os Goiajazes (pigmeus); os Curinquians (gigantes). Entre a variedade de creaturas, que o mundo novo nos mostrou, não condemnou por fabuloso todo o referido. Nações inteiras houve differentes em linguas e condições naquella vastidão de terras, que com guerras acabaram de todo e foram total destroço pela furia dos contrarios. Dellas passou talvez a noticia por tradição viva de pais a filhos e destes pôde chegar aos europeus, em cujos espiritos nos ficou a memoria,a unscrivel, a outros suspeita. »

Proseguindo em considerações, o padre Manoel da Motta confirma a sua descoberta dos gigantes e mais tribus, nestes termos :

« No anno de 1721 entrei pelo rio dos Tocantis, que descarrega com larga correnteza no das Amazonas, e, depois de riscos evidentes e trabalhos immensos, descobri os povos Taquanhinas. Passei avante e cheguei aos Otoeporaz, tão estranhos e verdadeiramente novos, que tinham por asco ver homens vestidos. Não contente com render inimigos ordinarios, passei a buscal-os maiores.

« Chegando á vista não de aldêa, mas grande cidade, reconheci habitavam juntas seis nações differentes, cada uma com seu principal, e animei-os com docilidade. Guararizes é o nome destes povos. São como gigantes e de entendimento não barbaro. »

Tomando este depoimento de testemunha digna de fé, que fizemos resurgir da luminosa poeira dos nossos archivos, juntamos mais uma prova ás discussões da sciencia.

Oxalá se possam ellas amontoar abundantes, legitimas e incontestaveis em torno dos fragmentos insepultos do homem americano.

MELLO MORAES FILHO.

S. Ursula (*)

Dialogo entre um Anjo, e o Satanas quando no Espirito Sancto se recebeo hua reliquia das onze mil Virgens

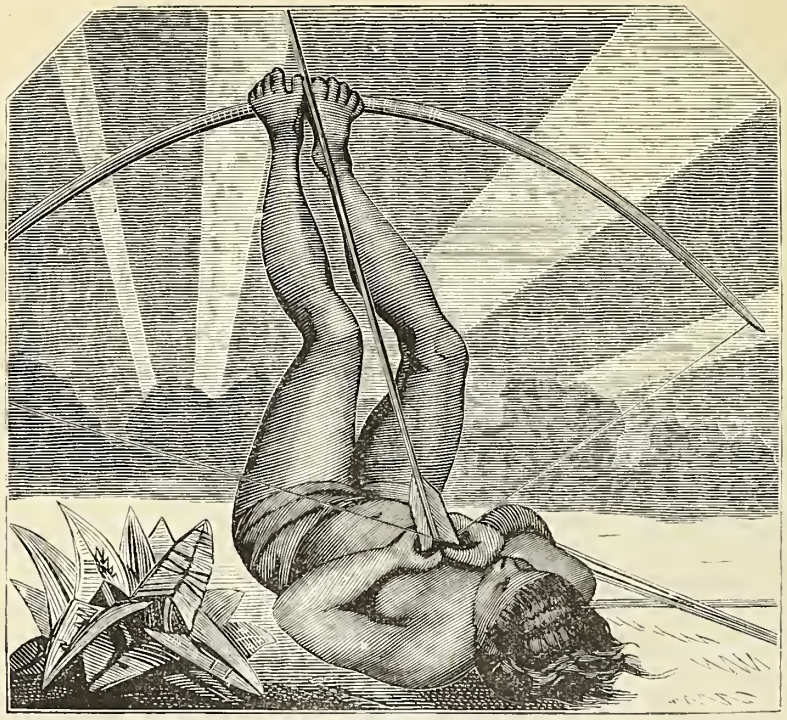
DIABO.

Temos embargos donzella
a serdes deste lugár
nam me quereis agravár
que com a espada, e rodella
vos hei de fazer voltár
Se lá na Batalha do már
me pizastes
que as onze mil juntastes
que fizestes em Deus crer
nam há agóra assim de sér
se entam de mim triumfastes
hoje vos heide vençér

Não tenho contradiçam
em toda a Capitania
antes ella bem porfia
debayxo de minha mão
se rendeo com alegria
Cuido que errastes havia
e o sol tomastes mál
tornai-vos a Portugál
que nam tendes sol nem dia
senam a noyte infernal
de peccados
em que os home's ensopados
aborrecem sempre a luz
se lhe fallardes na cruz
darvos ham muy agastados.

Aqui dispara um Arcabuz

(*) Este dialogo foi escripto em portuguez, e vai publicado na intrega.



India caçadora.

ANJO

O' peçonhento Dragam
e pay de toda a mentira
que procuras perdiçam
com mui furiosa ira
contra a humana geraçam

Tu nesta povoaçam
nam tens mando nem poder
pois todos pertendem sér
de todos o seu coraçam
inimigos de Lucifér.

DIABO

O' que valente soldado
agora me quero rir:
mal me podem resistir
os que fracos com o peccado
não fazem senão cahir.

ANJO

Se cahe logo se levantam
e outros ficam em pé
os quaes com armas da fé
te resistem, e te espantam
porque deos com elles hé
e com excessivo amór
lhes manda suas esposas
onze mil Virgens fermosas
cujo continuo favór
dará palmas gloriosas
e para dar maior pena
a tua soberba inchada
quer que seja derribada
por hua mulher pequena

DIABO

Oh que cruel estocada
me tirastes
quando a molher nomeaste;
porque molher me matou
molher meo poder tirou
e dando comigo ao traste
a cabeça me quebrou.

ANJO

Pois agora essa molhér
traz comsigo estas molheres
que nesta terra ham de ser
as que alcancem lhe o poder
para vencer teus poderes

DIABO

Ay de mim desventurado
acolhe-te Satanaz.

ANJO

Oh! traidor aqui jazerás
dos pes, e mãos, amarrado
pois que perturbas a paz
deste povo socegado.

DIABO

O Anjo deixame já
que tremo desta senhora.

ANJO

Com tanto que te vai fora
e nunca mais tornes cá

DIABO

Ora seja na má hora.
indo se diz ao Povo
Ou deixai-vos descansár
sobre esta minha promessa.
eu darei volta depressa.
a vossas casas cercár
e quebrar-vos a cabeça

PADRE JOSÉ DE ANCHIETA

OS POVOS ANTIGOS DO AMAZONAS

As pesquizas sobre a archeologia do Baixo Amazonas encetadas em 1870 pelo fallecido professor C. F. Hartt, no qual o Brazil perdeu o seu mais habil, serio e dedicado investigador, e continuadas pelos Srs. Ferreira Penna, Barbosa Rodrigues, Ladisláo Netto e outros, revelaram a existencia de diversos grupos bem caracterisados em que se dividiam os antigos povos daquella região. Até agora pôde-se reconhecer cinco destes grupos, não se sabendo se estes foram ou não contemporaneos, ou relacionados entre si, ou com os povos encontrados pelos europeus no tempo da descoberta.

O grupo mais importante pela quantidade e qualidade de seus restos até hoje conhecidos era o dos *Mound-builders* de Marajó. Este nome emprestado, dos norte-americanos, exprime perfeitamente o caracter mais saliente do antigo povo de Marajó. Estabelecido em uma região que se transforma cada anno em um extenso lago, este povo procurou salvar-se das enchentes, e, talvez, habilitar-se melhor para a defesa, elevando grandes montes artificiaes de terra, que lhe serviam de moradia e lugar de sepultura.

Os montes que têm sido examinados são situados na margem de um lago como no Pacoval, no lago Arary, ou á beira de uma corrente, como no caso de um grupo, em numero superior a dez, nas margens do igarapé de Camutins. Junto ao maior destes montes existe uma grande escavação, donde, conforme parece, foi tirada a terra. Os montes são de tamanho consideravel, o maior de Camutins tendo approximadamente duzentos metros de comprimento, oitenta de largura e treze de altura. Os que tive occasião de examinar têm a fórma reconhecidamente oval, são alinhados em varias direcções, e, ao contrario do que se nota nas obras dos *Mound-builders* dos Estados-Unidos, não me parece que na sua accumulação entrou outra idéa senão a de commodidade da vida e facilidade de defesa no caso de guerra.

O povo parece ter sido sedentario, morando largos annos no mesmo lugar, e provavelmente augmentando, segundo circumstancias, as dimensões de seus montes pelos despojos da cosinha, restos das casas (talvez de barro) arruinadas, etc. Tinha relações com outros povos distantes da ilha e das margens do Amazonas, porque os poucos instrumentos de pedra que se têm encontrado são de diorito, rocha que (póde-se quasi dizer com completa certeza) não é originaria da ilha de Marajó nem das suas immediações.

A feição mais caracteristica e importante dos *Mound-builders* de Marajó foi a sua proficiencia na arte de oleiro, em que rivalisaram com os povos mais adiantados da America, e o seu progresso na arte esthetica (conservada na ornamentação das urnas funerarias, idolos, utensilios da vida domestica, etc.), em que, comquanto não chegassem ao gráo de desenvolvimento dos Incas e Aztecas, na delineação de objectos, mostraram comtudo que eram superiores a estes povos no bom gosto e na apreciação do bello. A este respeito a arte decorativa do povo de Marajó rivalisa com a dos antigos povos da Europa, notando-se a coincidencia em ambos de desenhos identicos, como sejam a grega espiral, a cruz, etc. Esta coincidencia proporcionou ao professor Hartt occasião de fazer o importante e bellissimo estudo sobre a evolução de ornatos, de que se deu noticia no fasciculo 6 desta *Revista*.

Entre os mais notaveis dos objectos encontrados nos montes de Marajó são as urnas funerarias, pertencentes ás classes denominadas pelos allemães com o nome de *gesichtsurnen*, em razão de representarem a figura ou cara humana. Os numerosos idolos indicam a existencia de alguma fórma de religião, ou melhor de fetichismo; porque, sendo muitos delles chocalhos ou maracás, é provavel que as suas idéas religiosas fossem pouco ou quasi nada superior ás dos indios conhecidos, que têm o maracá em conta de objecto sagrado.

As urnas tubulares, representando a figura humana assentada sobre um banco, com membros salientes, ou em fórma de animaes, descobertas pelo Sr. Ferreira Penna nas cavernas do rio Maracá, pertencem ao segundo grupo, que se póde chamar o do homem das cavernas. Pouco se conclue sobre esses caracteristicos, além do facto de enterrarem os mortos em urnas collocadas em cavernas, que apparentemente não lhes serviam de habitação.

O rio Maracá entra no Amazonas do lado do norte, pouco acima da extremidade occidental da ilha de Marajó, e portanto os dous povos não estavam muito distantes um do outro. Houve, porém, uma grande differença não só no seu modo de vida, mas tambem no caracter de sua louça. As urnas de Maracá são de feitio muito mais grosseiro do que as de Marajó, e quasi sem ornatos, salvo uma rude representação da cara humana, em relevo, sobre a tampa conica da urna. O modo de representar os braços e pernas, salientes do corpo, não se encontra nos montes de Marajó, salvo em uma unica urna pequena achada em Camutins. Outro objecto de Marajó existe, que mostra tambem alguma semelhança com os de Maracá; mas estes dous objectos não bastam para estabelecer definitivamente uma relação entre os dous povos. Este ultimo objecto é um pequeno banco de barro cosido, em fórma de trenó, semelhante aos bancos de madeira fabricados hoje pelos Uaupés, e que se parece com os bancos que servem de base ás urnas tubulares de Maracá. O que torna a semelhança mais perfeita são os signaes que mostram que o banco servira de assento a algum corpo, provavelmente um idolo, tendo as pernas destacadas do corpo.

O terceiro grupo foi denominado pelo professor Hartt, *Bluff-dwellers*, ou moradores dos Altos, visto que perto de Santarem os seus sitios se achavam á beira de uma planicie, que termina em alta escarpa, de mais de cem metros de altura acima das outras planicies de alluvião do Amazonas (circumstancia notavel), longe e muito acima das fontes que lhes suppriam com agua.

Talvez a denominação melhor fosse a de povo da terra preta, porque nas margens do Tapajoz, Trombetas e outros rios, se encontram objectos semelhantes aos de Santarem, sem ser em situações notavelmente altas, ao passo que em toda parte onde tem sido estudados estes objectos são achados nas manchas de terra preta espalhadas nas florestas.

O facto de ter sempre escolhido os terrenos mais ferteis faz suppôr que este povo sustentava-se pela lavoura, supposição que é confirmada pelo encontro de discos ornamentados de pedra, que parecem ser rodellas de fusos, indicando a cultura de algodão ou outra planta textil.

Os objectos encontrados nestes sitios desde a superficie até a profundidade de dous metros são instrumentos de pedra, e fragmentos de louça, de barro, no geral, menos bem conservada do que a de Marajó, da qual se afasta, não só na qualidade como na ornamentação. O professor Hartt notou que os ornatos em linhas esculpidas ou em relevo da louça de Santarem são muito mais simples e toscos do que os de Marajó, mostrando muito menos desenvolvimento na arte decorativa. São muito communs ornatos feitos pela simples impressão do dedo ou da unha. Esta classe de ornatos, que elle chamou dos pasteleiros, nunca se encontra na louça de Marajó. Na arte imitativa representada por figuras de animaes e do homem modeladas em barro (uma especie de esculptura), o povo de Santarem era talvez superior aos *Mound-builders*, as suas figuras sendo mais caracteristicas e mais semelhantes com os objectos representados. Os seus idolos são do mesmo typo que os de Marajó, e como estes são maracás. E' notavel que os idolos sejam sempre representados com rodellas nas orelhas, e os que figuram mulheres vestem a tanga, posto que nenhum fragmento de tanga de barro tenha sido encontrado, ao passo que estes objectos são muito communs em Marajó, mas nunca representados nos idolos, e sim sobre uma urna anthropomorphica.

O quarto grupo é só conhecido por um pequeno numero de urnas funerarias desenterradas na costa do Parú, feitas de serpa na provincia do Amazonas. São *gesichtsurnen*, ou urnas anthropomorphicas, de talhe e caracter bem distincto das de Marajó e Maracá. Primam pela elegancia das suas fórmas, que fazem lembrar as dos vasos gregos, a tampa em fórma de meia-esphera, sendo especialmente graciosa. Têm a cara humana representada em relevo sobre o lado da urna, de modo semelhante ao das tampas das urnas de Maricá, sendo as pernas feitas com bastante fidelidade, applicadas ao corpo, mas não salientes.

O quinto grupo é o do homem dos sambaquis, dos quaes os mais caracteristicos da região amazonica são os de conchas de agua doce, havendo tambem sambaquis de conchas maritimas, perto da foz do Amazonas, semelhantes aos das provincias do sul. Um extenso sambaqui, composto de conchas dos generos *Castalia*, *Hyria*, *Unio*, etc., se encontra na margem de um *paranamerim* do Amazonas, ao pé da escarpa occupada pelos moradores dos altos de Santarem. Indica a existencia de um povo extremamente barbaro, que na época das vasantes se alimentava com molluscos, talvez por ser pouco proficiente na caça e pesca. Conhecia o uso da louça de barro;

mas os raros fragmentos encontrados são excessivamente toscos e mal feitos.

Existem no museu fragmentos que indicam que, além destes cinco grupos bem caracteristicos, ha ainda outros a ser revelados por um estudo mais completo, tendo em vista maiores collecções; mas por ora nada se póde dizer a respeito senão que *a priori* se deve esperar encontrar no valle do Amazonas grupos distinctos em numero muito superior ao que mencionamos.

E' cedo ainda para tentar estabelecer relações entre esses povos antigos e os encontrados no paiz no tempo da descoberta. Quanto a mim, não vejo por ora fortes motivos para consideral-os muito distinctos dos povos conhecidos pelos primeiros descobridores. O costume de enterrar os mortos em urnas caprichosamente trabalhadas, de furar as orelhas e de venerar o maricá são pontos de contacto com os indios descriptos pelos chronistas. E' verdade que não temos noticia de nenhum povo do Brazil tão adiantado na arte de oleiro e no gosto artistico como o de Marajó; mas a este respeito os Omaugas e Uaupés não lhe ficam tão distanciados que se torne necessaria a hypothese de uma raça de origem distincta dos Tupís.

ORVILLE A. DERBY.

Nota-prefacio ao estudo sobre os tembetás que possue o Museu Nacional

A collecção archeologica brazileira de tão recente fundação neste museu, porém já de tamanha valia pelas muitas centenas de artefactos que actualmente a constituem, alguns possue entre estes, de cujo valor estão a dar testemunho suas caracteristicas fórmas, seu primoroso lavor, e mais que tudo o fim a que os destinavam seus fabricantes e proprietarios. Estes estimaveis primores da industria archeolithica, ao que supponho, na Europa, e neolithica na America, são adornos labiaes com que se ataviavam os primitivos senhores deste solo brazileiro, provavelmente em suas investiduras de guerra e de caça, ou em seus passeios de solemnes festividades, ou antes em todos os momentos da sua existencia.

Chamavam-lhes elles simplesmente *tembetá* (pedra do labio), sem suspeitarem sequer de que nessa denominação, tão singelamente eloquente, envolvia-se-lhes toda a lenda da sua terra natal, toda a genealogia de suas irrequietas e bellicosas tribus, todo o epilogo da evolução anthropologica da sua antiga raça.

E, pois, que já tão raros se mostram os tembetás pendentes dos labios dos altivos guerreiros, nas rarissimas tribus a quem é dado ainda o demorado lazer para os fabricarem, a necessaria abastança para os conservarem, e mais que tudo o amor ás tradições legendarias da patria para os não cederem ao poder dos estranhos, cuidei de chamar, tanto sobre estes preciosos monumentos, como sobre a significação por mim presumida do uso que lhes davam aquelles filhos primogenitos do genero humano, a attenção de todos quantos, compulsando o livro da creação, onde foi gravada a historia do passado, buscam ahi decifrar, em paginas quasi extinctas hoje, os vestigios que lá deixaram as gerações que nos precederam sobre a terra...

Felizes aquelles a quem, no seu fecundissimo cogitar, alumiar a luz eterna e sempre esplendente da razão através dos mysteriosos recantos de taes arcanos, sem preconceitos que lhes entorpeçam a intelligencia nem convenções mesquinhas que lhes assombrem o animo intemerato. Felizes sim, que para elles ha o irromper do seio da terra de um orbe ignoto, de um mundo organico mil vezes mais maravilhoso que o mundo actual. A esses quebram-lhes a archeologia e a paleontologia os fechos de pedra de seus ignorados thesouros, porque novos Œdipos illumina-os muito mais que o destino fatal dos oraculos de Thebas o facho do raciocinio, e com este o destino muito menos perecedor das sãs doutrinas da verdade.

E que mais extenso campo, ou que melhor e mais farta mésse ha ahi, para semelhantes investigações, que se compare com esta analyse da humanidade na sua infancia, no seu balbuciar entre monosyllabos gutturaes de brutos e vozes de homens, humanidade em cujo horizonte anthropologico vemos tão á justa adaptarem-se tantos aborigenas desta parte da America?

E se realmente o solo americano, no que diz respeito ao estudo do homem primitivo, melhor que nenhum outro paiz nos deve facultar um tal estudo, mais particularmente parece reservada esta honra á vasta região cisandina, constituida, desde ha milhares de annos, ao norte, pelas mais densas e antigas florestas do globo, ao sul por planuras mais vastas que os steppes europeus; região em summa admiravelmente esplendida a quem deu a natureza por limites de grandiosa e amplissima moldura os Andes no poente, o Atlantico no oriente, e ao norte e ao sul os dous gigantes fluviaes do Amazonas e do Prata.

Todos os caracteres ethnogenicos e ethnologicos, todos os principaes typos anthropologicos das nações dos demais pontos do globo, synthetisam-n'os, compendiam-n'os, como por encanto, os

povos desta região, sem que, comtudo, se possa affirmar, se não sómente presumir, que tivessem elles commum origem com o daquelles antigos povos, hoje em grande parte extinctas nações.

Ao Museu Nacional, tão efficazmente iniciado nos trabalhos transcendentes da experimentação, como nas mais elevadas cogitações da philosophia evolucionista, é de crêr que venha a caber, em não muito remoto futuro, a gloriosa missão de quebrar o sigillo que prende e occulta o fecho destes assumptos.

Para aquelles que houverem de travar de tão seductoras quão profundas lucubrações sejam estes rapidos apontamentos um tenue fio da urdidura engenhosa de seus futuros lavores.

Não por querer levar mãos a uma especialidade a que me confesso estranho, senão para, em proveito da nossa collecção por mim adquirida, atear no animo de meus compatriotas o amor a semelhantes problemas, assentei de escrever as presentes notas. Operarios do futuro, peço-vos que pondereis bem estas razões antes de me haverdes lançado ao rosto á memoravel sentença do poeta:

« *Infelix operis summa, quia ponere totum Nesciet.* »

Dr. Ladislão Netto.

A MULHER INDIANA

O papel da mulher entre os indios é, por quasi todos os nossos chronistas, descripto da mesma fórma.

Tanto mais brutal a tribu, tanto peior o tratamento dado ás mulheres.

E' o que nos diz Lery, Simão de Vasconcellos, Gumilla, Gabriel Soares, Hans Stade, Herrera, Southey e outros.

Na vida domestica tinha a mulher encargos e pensões mais de escrava que de dona da casa.

Quando o marido aborrecia-se, dava-a a outrem, ficando ella com o privilegio de ter lugar separado no dormitorio e um campo cultivado para seu uso.

O irmão, ou o mais proximo parente do sexo masculino, ficava tendo como sua a esposa do finado.

Quando uma rapariga chegava á idade de casar, cortavam-lhe o cabello e deitavam-lhe ao pescoço um collar de dentes de animaes, que ella conservava até nascerem-lhe novas tranças.

Era esta a unica occasião em que a mulher podia usar do collar, ornato este só permittido aos homens.

O bracelete era o ornato feminino.

No periodo da maternidade, emquanto o esposo deixava-se ficar na rêde, a fazer de enfermo, a parturiente estava de pé, sem dar mostras de soffrimento.

A razão que Lery dá deste facto é que o indio presume que o filho é do pai, e que da mãi apenas recebe a nutrição, pelo que a palavra que significa —*filho*—é uma, dita pela mulher, e outra quando proferida pelo homem. Em ambas está contida essa idéa que elles formam do patrio poder.

A primeira operação que faziam á criança recem-nascida era achatar-lhe o nariz, e depois perfurar-lhe o labio inferior.

Nas horas de trabalho a occupação da mulher era fiar e tecer o algodão em fuzos que ellas faziam gyrar entre os dedos.

Tambem eram oleiras, e fabricavam vasos de todas as dimensões. Seccavam o barro ao sol, depois cobriam de folhas e levavam ao fogo.

Os cestos e tecidos de junco e palha, bem como as pinturas das cuias, tambem era trabalho pertencente as mulheres.

Dessas cuias disse Baena:

« As mulheres pintam mui bem as cuias, ou *cuités*, de um modo tão peculiar, que não deixa de agradar á vista. Preparam a pintura com resinas de arvores, dando uma especie de *chorão*, que resiste a todo licor que se lhe lance fervendo. Cobrem depois essas pinturas com verniz formado de gommas. »

Ellas iam á pesca, remando nas ygaras e pirogas, sendo-lhes prohibido acompanhar os caçadores na floresta

Familia de Botocudos atravessando o rio.

Nas viagens eram ellas as cargueiras, conduzindo pilões, rêdes, vasilhas de toda especie, emquanto os homens apenas conduziam suas armas.

Eram as mulheres excluidas das ceremonias em que funccionava o pagé, não obstante haver entre os indios feiticeiras e mulheres que elles consideravam com o dom da prophecia.

Insensiveis ante os padecimentos dos companheiros affectados de qualquer enfermidade; se estes eram homens, abandonavam os doentes aos cuidados das mulheres; se estas eram as enfermas ficavam inteiramente ao desamparo.

No serviço rural, a mulher plantava a mandioca, raspava, e pisava essa raiz; della fabricava o *cauim*, mastigando a mandioca cosida, e fazendo-a fermentar para novamente ir ao fogo.

Plantava o milho e fabricava, pelo mesmo processo, da mastigação, outra bebida denominada *chicha*; porque os indios acreditavam que essas bebidas, sendo preparadas por homens, não tinham as mesmas qualidades.

Um indio a quem Gumilla perguntou por que os homens não plantavam o milho e sómente as mulheres, obteve esta resposta:

« *As mulheres sabem como dar á luz, e nós ignoramos isso, e quando ellas semêam o milho dá tres espigas, tudo se multiplica. E' porque as mulheres sabem como dar fructo e fazer com que as sementes igualmente dêm.* »

Nos enterramentos eram as mulheres que amarravam os membros do cadaver para que o morto não viesse importunar os amigos.

Quando morria a esposa, o marido era quem cavava-lhe a sepultura.

Nas tribus anthropophagas tinha a mulher um grande papel a desempenhar nas festas que precediam a morte do prisioneiro e no banquete cannibal.

Depois de encherem os vasos do licor destinado ás festas do sacrificio, teciam essa corda formidavel, a *mussurana*, que tinha de amarrar a victima.

As mais velhas entoavam canticos de morte,

dirigindo injurias ao prisioneiro, a quem rapavam as sobrancelhas e cortavam o cabello.

Obrigavam depois a victima a dansar o *aprasse* ao som do maracá.

Uma mulher cohabitava com o prisioneiro. Se tinha filho desse ajuntamento, logo que nascia a criança a tribu matava o recem-nascido. Celebravam então a festa denominada *cunhamembira*, o que vem a ser: a festa do filho do inimigo.

As' vezes as mulheres gravidas por essa cohabitação com o prisioneiro, tomavam bebidas venenosas para abortar.

Morto o prisioneiro, eram as mulheres que o esfolavam e preparavam o *moquem*.

Na distribuição do despojo, os intestinos da victima eram destinados ás mulheres da tribu.

Hans Stade, que foi prisioneiro dos indios, que esteve no terreiro do sacrificio e assistio á maior parte dessas scenas, conta tudo isso em suas *Narrações*, e neste ponto se acha de accôrdo com muitos outros chronistas.

Da leitura desses velhos livros é que se póde colher materiaes para a elucidação de muitos e variadissimos problemas modernos postos em discussão pela ethnologia.

J. Serra.

NOTICIA

ACERCA DOS

CAMPOS DOS GOYTACAZES

Extracto da *Vida do padre João de Almeida*, composta pelo padre Simão de Vasconcellos e impressa em Lisboa em 1658 in-folio.

LIVRO IV

CAPITULO XIII

Parte para a missão dos Goytacazes, e dá-se noticia do companheiro.

1. Este é o lugar, estas as gentes, a que vai dirigida esta missão do nosso padre João de Almeida: delle e dellas se póde colligir os trabalhos e perigos a que vai exposto; mas nós seguiremos seus passos e iremos notando todas suas acções, e primeiro que acommettamos o caminho será bom sabermos que companheiro leva a esta empreza.

2. O companheiro, que a obediencia lhe deu para esta missão e para superior della, era o padre João Lobato, de que já acima fallámos no cap. 5 do liv. 2, n. 4; e ainda que alli referi algumas das raras virtudes, com que o céo adornou a este varão singular, comtudo reservei de proposito outras para as lançar neste capitulo, que contal-as todas pede volume particular, por ser este padre um dos mais insignes homens, que floresceram nesta provincia e a illustraram com prodigiosas maravilhas obradas por elle, em virtude da poderosa mão de Deus, para admiração dos que o conhecemos de vista e espanto dos que o conhecerem por fama.

3. Foi este veneravel padre incansavel em acudir ao remedio e salvação destes indios, não perdoando seu zelo a trabalho nenhum por maior que fosse, nem reparando sua caridade em meio algum para dar á execução este fim, por mais arduo que se lhe representasse. Das mais escondidas brenhas e asperas montanhas do Brazil trouxe ao gremio da igreja innumeraveis almas, com que ainda de presente florescem as aldêas deste districto do Rio de Janeiro, subindo para isso montes inaccessiveis, talando immensas distancias de sertões, habitadas de muitos indios barbaros, e os mais delles entre si contrarios e todos inimigos dos portuguezes, com que lhe ficava sendo a passagem muito mais perigosa, andando todas estas brenhas descalço, sem mais sustento que o que lhe podiam dar as flechas dos indios, que o acompanhavam, de algumas féras que matavam: sem mais regalo que o desabrigo com que dormia sobre a dura terra, aos pés das arvores, e isto ordinariamente por muitos mezes.

4. Das singulares virtudes deste padre perseveram ainda hoje na lembrança de todos os desta provincia grandes exemplos, dos quaes me pareceu lançar aqui brevemente alguns para edificação dos vindouros, deixando os outros; e o tratar estes mais por extenso, a quem compuzer a chronica desta provincia. E começando pela caridade, por ser rainha das demais virtudes, notavel foi o acto que nella obrou o padre Lobato, quando em uma jornada, lhe adoeceu gravemente o companheiro, de tal maneira que não podia caminhar por seu pé, e elle o tomou ás costas, levando-o assim por largo espaço de caminho.

5. Não foi menor exemplo o de sua obediencia, quando entendendo que era serviço de Deus e vontade dos superiores ir só em companhia de dous indios, desde o Rio de Janeiro, até o Espirito Santo, se offereceu, e com effeito foi, atravessando a grande corda e serranias dos montes, a que chamamos dos Orgãos, caminhando sempre a pé distancia de mais de oitenta leguas, por sertão nunca até aquelles tempos andado de algum portuguez, sendo obrigado a passar por entre innumeraveis nações de gentios ferozes e barbaros, tão inimigos dos portuguezes, que, os que colhiam ás mãos, não se contentavam com os matar sómente, senão os faziam tambem pasto de seus ventres; mas o mesmo Senhor que lhe deu espirito para emprehender jornada tão perigosa, não lhe faltou com a protecção para o tirar della a salvamento, para com seu exemplo alentar a obediencia de alguns, a quem seu pouco es-

pirito em cousa de muito menos porte antoja perigos, faltando muitas vezes ao primor desta virtude para acudirem aos sonhos que lhes representa a demasia de seu amor proprio.

6. Esta obediencia que o padre João Lobato tinha por amor de Deus aos homens lhe quiz em parte o mesmo Senhor pagar ainda nesta vida, e nesta mesma jornada, com a que as mais bravas féras lhe tiveram a elle, avassallando assim este novo Adão a braveza de indomitos animaes com a innocencia que nelle resplandecia, como o outro com a falta della se afastára do seu dominio, sendo o reconhecimento da virtude neste a causa da obediencia, como naquelle outro o fôra da rebellião o reconhecimento da culpa. E foi o caso, que, caminhando o padre Lobato por entre as montanhas dos Orgãos acima referidas, apertou parece a fome com os dous indios que o acompanhavam, e não encontravam caça com que satisfizessem a ella. Succedeu neste somenos toparem em um descoberto com um tigre feroz, empolgado em um porco do mato, comendo nelle. Causou inveja aos indios a presa da féra, porém lhes causaram igual medo suas unhas; e escolheram por mais barato compôrem-se antes com a necessidade que padeciam que expôrem-se ao risco que os ameaçava se se arrojassem a despojal-a de prêza que estava logrando; mostraram-n'a contudo ao padre, o qual os mandou que investissem com o tigre e lhe tirassem das unhas o porco para o comerem, já que se lhes queixavam de que tinham fome. Tomaram os indios em zombaria o dito do padre, por não haver bruto mais cruel que um destes, quando faminto está victorioso relambendo-se no sangue do pobre animal que lhe cahe nas unhas.

7. Vendo o padre que os indios tardavam em dar á execução o que lhes mandára, levanta-se, e, confiado em Deus, arremette intrepido com o tigre no fervor de seu pasto ensanguentado e fero. Este, como attonito, olha para elle, e, como se tivera razão ou obediencia, larga-lhe a presa e o campo, e com elle uma grande victoria, ensinando assim áquelles indios a confiança que hão de ter em Deus os que o servem, e acudindo juntamente á sua necessidade. Não foi este o favo de Sansão, tirado por elle com esforço fatal da boca do leão; porém não deixa este de ter semelhança com aquelle, porque, se bem entre o tigre e o leão haja differença na especie, ha comtudo pouca diversidade na fereza, e nem por o bocado do leão ser um favo de mel, e o do tigre não, deixou por isso este de parecer menos suave á fome dos indios, que lhes matou. Pois o brio, generosidade e espirito com que arremetteu Lobato, e com que investio Sansão, quem lhe negar a igualdade será por não alcançar bem a semelhança.

8. Parece que quiz Deus communicar por junto a este seu servo os favores e virtudes que a outros santos communicou repartidamente, dando-nos com isto a nós lugar para sem nenhuma lisonja dizermos delle o que antigamente disse Claudino do seu Honorio, para o lisonjear: Que os dotes e virtudes, que divididos bastava cada um delles para fazer a um homem bemaventurado, ajuntára e unira nelle o céo todos para o enriquecer.

9. Porque se um S. Francisco Xavier communicou Deus a graça de conhecer os corações humanos, descobrindo-lhe os mais intimos pensamentos que nelles passavam, como quando conheceu o peccado occulto de um João Deiró, não consentindo que fizesse certa obra até primeiro se não confessar delle, o mesmo sabemos succedeu tambem ao padre Lobato, com certo official que trabalhava na sua aldêa, revelando-lhe Deus um peccado em que o official tinha cahido, dizendo-lhe tambem o padre que não puzesse mão na sua obra sem que primeiro se fosse confessar do peccado que em tal parte commettêra; não negou o delinquente sua culpa, mas antes arrependido se foi logo a confessar della, confessando tambem com espanto ao padre Lobato por descobridor de corações.

10. E se de um S. Bento sabemos que, commovido da lastima da ama, que o seguia (que chorava inconsolavelmente a perda de um jarro curioso de barro que quebrára), tomára o santo em suas mãos os pedaços do jarro, e unindo-os milagrosamente lh'o tornára a restituir inteiro, o mesmo tambem é sabido, e celebrado de muitos nesta provincia, obrou Deus em semelhante caso, por meio do padre João Lobato, porque, lastimado das lagrimas com que uma pobre moça chorava em certa occasião a perda de um alguidar que quebrára, ajuntou o padre os pedaços uns aos outros, e ligados entre si por virtude divina lhe entregou á moça o alguidar como d'antes estava, sem lesão alguma.

11. De um S. Raymundo lemos que, levado de particular impulso do Divino Espirito, passára a pé enxuto sobre as aguas do mar; o mesmo succedeu tambem ao padre Lobato, quando, indo caminho, se apresentou em certa ilha com seus indios, e levado de seu grande espirito de oração (pelo grande reboliço daquella gente não podia ter tão perfeitamente como queria) passou, a pé enxuto, um braço de mar sobre as aguas, á outra ilha, onde foi depois achado em oração, com espanto e admiração de todos os indios.

12. E se ao veneravel padre José de Anchieta, ornamento singular desta provincia e de toda a

Selvicola brazileiro apontando a flecha.

America, fez Deus o favor de o conservar por longo tempo illeso, debaixo das aguas de um rio, com portento maravilhoso de sua mão, até o restituirem os indios, dahi a grande pedaço, á terra, do mesmo usou tambem com o padre Lobato, cahindo em um rio arrebatado e conservando-o Deus no fundo de suas aguas por mui consideravel espaço, sem receber damno algum, até que os indios o tiraram, admirados de tão grande maravilha.

13. Do padre João de Almeida, sujeito desta historia, contamos o beneficio que Deus lhe fizera, quando, vindo de Portugal e cahindo ao mar, o livrára de suas vastas ondas maravilhosamente, sem saber nadar; nem este favor deixou tambem Deus de usar com o padre João Lobato, porque vindo de Portugal, de pequena idade, cahio por descuido sobre as aguas do oceano, e Deus o restituio á não milagrosamente, caso que elle depois contava muitas vezes e não se fartava de dar por elle graças a Deus.

14. Por não me desviar mais do meu intento, que é sómente contar a vida do padre João de Almeida, me não quero por ora deter em dar maiores noticias do padre João Lobato, e assim o menos que neste varão insigne resplandeceu é o que tenho referido, mas bastante para dahi formar juizo, quem isto ler, de quão grandes eram as outras virtudes, que o illustraram; porque, se só a vista de um raio do sol é bastante para formar juizo de toda a outra sua luz, pelo que conto aqui brevemente deste padre poderá o leitor facilmente julgar qual seria nelle o demais que deixo de referir. Baste por ora, para remate deste panegyrico de seus louvores, as proprias palavras que delle deixou escriptas o mesmo padre João de Almeida, que de um tão grande servo de Deus sómente outro como elle póde ser bastante orador: « O padre João Lobato (diz elle), homem santo, verdadeiro apostolo do gentio do Brazil, que emquanto pôde foi e veio ao sertão, sempre a pé, e trouxe grande numero de almas á igreja de Deus, etc. »

15. Este, pois, é o companheiro do padre João de Almeida nesta missão. Que bem accommodado par de varões para uma empreza tão perigosa! Não teme a generosidade de seu espirito, nem *Goytacazes*, nem seus feros, nem seus arcos, nem suas flechas, nem suas brenhas, nem suas lagôas, nem seus montes de ossadas humanas (formidaveis despojos de seus contrarios), que logo *verão* em seus terreiros e em suas portas, reliquias de seus dentes e indicios de suas entranhas, e costumes de féras.

Estes eram aquelles antigos obreiros nossos da vinha do Senhor, em que têm bem que imitar, se bem os considerarem, os modernos.

LE SENTIMENT MUSICAL CHEZ LES SAUVAGES

Les récits des voyageurs, qui ont eu l'occasion d'observer de près les mœurs et les coutumes des tribus sauvages du Brésil et des pays limitrophes, nous montrent que le sentiment musical existe à l'état encore rudimentaire chez l'indien.

Un examen minutieux des instruments de musique qui figuraient à l'Exposition d'Anthropologie nous a permis de vérifier, en quelque sorte, la véracité de ces récits.

D'un autre coté, nous avons eu l'occasion d'entendre, l'année passée, deux jeunes indiens Cherontes jouer de la *buzina*.

Les statues de ces indiens, qui ont été modelées par M. le commandeur Després de Cluny, d'après le moulage du corps entier, figurent aujourd'hui parmi les précieuses collections du Musée National.

Ces Cherontes avaient fabriqué dans l'atelier du sculpteur deux de ces instruments de musique, les seuls, du reste, qu'ils connaissent avec le tambour. Nous avons également observé qu'ils déployaient une certaine habileté de main dans la confection de ces instruments, dont ils tirent des sons vraiment étranges.

L'usage des métaux étant généralement inconnu à l'indien, il ne lui est possible de mettre en œuvre pour la fabrication de ses instruments de musique qu'un très petit nombre de substances : argile, bois et os.

Les sons que l'indien peut obtenir avec des instruments aussi primitifs sont donc forcément très limités : ils varient d'intensité plutôt que de tonalité. L'exécutant ne peut faire varier les sons que dans des limites très étroites qui, probablement, n'embrassent pas une gamme complète, en augmentant ou en réduisant avec ses lèvres ou ses doigts l'embouchure de l'instrument.

La forme, et surtout le volume de la plupart de ces instruments de musique, semblent indiquer que leurs propriétaires et fabricants n'en font guère usage que dans les combats, les cérémonies religieuses qui sont souvent accompagnées de danses mimées qui rappellent généralement une idée guerrière.

Nous avons remarqué dans la belle collection qui figurait à l'Exposition un instrument fait d'un fort bambou, á l'extrémité duquel était ajusté, en guise de pavillon, un crâne humain dépourvu du maxillaire inférieur *(Revista da Anthropologia n. 1)*. Le courant d'air, en passant sur les bords du *trou occipital* et au travers de la *lame criblée* produit un son qui ressemble plutôt à un lugubre mugissement qu'à une note musicale.

Les mêmes théories qui ont guidé le regretté naturaliste Hartt dans son remarquable travail sur l'origine de l'art ou l'évolution de l'ornementation nous serviront de base pour expliquer l'état d'infériorité, dans lequel se trouvent les sauvages au point de vue musical.

L'ornement étant fait pour l'œil, dit Hartt, nous devons étudier la structure de cet appareil et son application. La vision claire étant limitée à une portion de l'objet qui se trouve devant nos yeux, pour observer cet objet notre œil est obligé de suivre les différentes parties de l'objet pour que chacune d'elles viennent successivement tomber sur la tâche jaune de Sommerling, qui est le champ de la vision claire.

Ce travail s'exécute au moyen de l'action de

différents muscles dont les principaux sont horizontaux et verticaux.

Par l'usage régulier de l'une ou de l'autre paire de ces muscles moteurs, l'œil suit avec plaisir une ligne horizontale ou verticale, au lieu qu'une ligne oblique ou brisée l'oblige à un travail anormal,fatigue plus la vue, ou, en d'autres termes, est moins facile et par suite moins agréable à suivre.

Les recherches récentes sur la structure intime de l'appareil de l'audition, nous montrent le nerf auditif s'épanouissant en un nombre infini de branches à l'endroit où il pénétre dans l'oreille interne. L'ensemble de tous ces filaments, qui sont au nombre de plus de trois mille,et qui sont baignés par le liquide qui remplit le limaçon, constitue un véritable appareil de résonnance. Chaque corde de cette harpe représente un corps élastique assymétrique *accordé pour rendre un son déterminé*, et qui, par suite, ne vibre que lorsqu'il se produit un son à l'unisson de celui que la corde peut traduire. Ce merveilleux appareil décompose donc en leurs sons simples les mouvements sonores composés ; il analyse en quelque sorte les sons musicaux. L'appareil étant composé de plus de trois mille filaments, et comme les sons appréciables se trouvent dans une étendue de sept octaves, on a quatre cents filaments pour chaque octave, ou trente trois à peu près pour un demi-ton, autrement dit, l'accord de deux cordes voisines différe seulement de 1/33 de demi-ton.

Ces cordes peuvent recueillir les plus faibles vibrations et en transmettre la sensation au cerveau. On a aussi découvert de petits corpuscules solides appelés ololithes, qui ont la propriété de prolonger les vibrations trop fugitives et de permettre par conséquent aux filaments de les enregistrer.

Etant donnée une structure aussi délicate, il arrivera pour l'oreille ce qui arrive pour l'appareil de la vision. Certaines cordes seulement sont aptes à vibrer à l'unisson avec certains sons, et par suite à transmettre au cerveau une sensation agréable. A mesure que l'homme se civilise, le nombre d'idées qu'il peut traduire par la musique augmentant, son appareil auditif se met en rapport avec les exigences de ses sensations.

Un chef d'orchestre, peut saisir au milieu d'un ensemble de soixante instruments un écart d'un quart de ton ; ses cordes acoutisques sont donc merveilleusement adaptées pour opérer cette sorte d'analyse. L'oreille d'un sauvage se refuserait complètement à un travail aussi compliqué. Si le développement de la perception atteint un degré d'acuité extraordinaire dans certains états pathologiques ou sous l'influence du fluide magnétique, la civilisation, qui n'est, en somme, qu'une forme de névrose, communique à l'oreille non seulement la faculté de percevoir les sons les plus variés, mais encore d'en apprécier les modalités les plus diverses.

L'appareil de l'audition du sauvage, entrant pour une large part dans la lutte pour l'existence, se développe dans le sens de la finesse de perception et non de la faculté d'analyse des sons.

Une phrase de Mozart ou de Beethowen demeurerait donc sans signification pour le sauvage d'Amérique : par contre, son oreille perçoit des bruits si faibles qu'ils échappent à celle de l'homme civilisé.

Dans la musique, l'intelligence contribue pour une certaine part à la jouissance artistique, mais moins assurément que dans le dessin et la peinture. L'état sensible, que la musique produit d'abord en nous, nous dispose à penser ; les idées suivent l'impression sans effort, sans recherche, par le lien naturel qui les unit aux sensations. En un mot, la musique va d'abord au cœur, et exerce l'intelligence par sollicitation en la dispensant de tout travail ; les autres arts, dits plastiques, impliquant une idée déterminée sous chaque forme,n'atteignent au cœur qu'en traversant l'esprit.

Ces quelques réflexions nous permettent de croire que le sentiment musical des indiens se développerait plus rapidement que le goût pour les beaux-arts, s'ils étaient placés dans d'autres conditions.

Et c'est ce qu'on peut observer dans la population indigène du Brésil, chez laquelle le goût musical est beaucoup plus développé que le goût artistique.

E. Deleau.

Indios de Mato Grosso

IV

OS PARECIS E OS CABIXIS

D'entre as nações selvagens que povoam as margens do Guaporé, nenhuma goza de mais fama hoje, nem é mais temida do que as dos Parecis e Cabixis, ambas de procedencia do ramo guaraní e ambas moradoras nos territorios á direita do Alto Guaporé. Os Parecis eram senhores dos campos situados no vasto araxá central da provincia, pelo menos na sua parte occidental, onde este se termina pela longa e escarpada aresta conhecida pelo nome de cordilheira dos Parecis, e na aresta meridional, ou serras de Tapirapuam. Os aventureiros, primeiros habitantes de Mato Grosso e descobridores das opulentas

manchas auriferas do Alto da Serra, ou chapada do Brumado,no grande espigão do sul, ahi os encontraram, em 1731, ao esquadrinharem as anfractuosidades da serra, e os leitos sinuosos dos seus corregos e riachos; João Leme do Prado, em 1772, encontrou-os por toda aquella aresta até o seu contraforte mais septentrional, onde poucos annos depois se estabeleceu o forte do Principe da Beira, quando percorreu-a toda, na tentativa de uma estrada segura e que, livre dos perigos da inundação, pudesse ligar o forte da Conceição, que então ahi existia, á capital da capitania.

Numerosissimas, suas hordas occupavam um territorio de mais de mil kilometros de face; sob seu dominio viviam as nações que submettiam nas guerras, as quaes conservavam as suas tabas e territorio, mais sob um verdadeiro protectorado do que no captiveiro.

Não eram ferozes, e esse mesmo facto o comprova; e se tinham inimigos e guerras com as outras nações selvagens, aos aventureiros receberam amistosamente, e muito os ajudaram nas suas entradas pelo sertão. O primeiro ouro descobriram-o estes; muitas das outras minas foram-lhes reveladas pelos inexperientes e por demais confiados donos da terra. O ouro era quasi encontrado á flôr do solo, e em tal quantidade que em poucos dias se o colhia ás arrobas; mas a cobiça desses flibusteiros do sertão era insaciavel: e a generosidade e bons serviços do selvagem só tiveram em troca,do homem civilisado, todos os horrores de uma guerra infame, cujos resultados eram a escravidão ou o exterminio. Sahiam as *bandeiras* em busca dos que desertavam a esse captiveiro inesperado, ou para fazer novos captivos: *caçadas* se denominavam essas expedições, e era o unico nome que mereciam; armado o perseguidor de todos os recursos para uma guerra feliz; desarmado o pobre indio—sómente pelo terror das armas de fogo, e perseguido como uma besta féra.

Tres, quatro, meia duzia de aventureiros armados de outras tantas espingardas, seguidos de um punhado de indios escravos, bastavam para combater, captivar e destruir tribus selvagens, as mais numerosas. Ao estrondo dos primeiros tiros, ao baque dos primeiros mortos, lançavam por terra arcos, flechas e maças, e rendiam-se escravos. Mas não bastava esta submissão: nem todos os captivos eram bons para o captiveiro; escolhidos os que serviam, dos mais, velhos e meninos, sãos ou estropiados, as armas dos civilisados e christãos davam conta, manejadas pelo mais infernal calculo, pelo mais negro interesse, já poupando-se os vencedores ao encargo de guardarem entes inuteis, aos quaes nem sequer alimentavam, mas que exigiam vigilancia para serem guardados, já tambem poupando as munições de fogo, que eram agora os facões e as espadas os instrumentos de massacre.

Essa negra historia dos Parecis é a mesma de quasi todas as outras tribus americanas e a de seus conquistadores, que com raras excepções eram todos da bestial ferocidade dos Pizarros e Almagros, Bentos Macieis e Buenos. As hordas numerosissimas que os europeus encontraram em toda a costa do oceano, em todos os rios que navegaram, em todo o sertão que devassaram, extinguiram-se. Os que não foram exterminados ou escravisados fugiram á sanha do hospede cruel. Abandonaram suas tabas e seus dominios; embrenharam-se nas selvas invias ou buscaram os sertões desconhecidos. Hoje os computos officiaes avaliam em algumas centenas de milhares o numero dos selvicolas do Brazil: mas quem sabe qual a população desses sertões impervios, extensissimos, immensos, onde os foragidos se acolheram, onde se condensaram, e donde, pouco a pouco, trazidos talvez pelo excesso da população, vêm irradiando, approximando-se das povoações, trazendo, por herança dos seus maiores, bem presente á memoria todos os horrores do passado, toda a injustiça e crueldade dos seus desalmados perseguidores—e a saudade, talvez, dos territorios que possuiram e dominaram? E, agora, as represalias são delles; são elles que talam os campos, que devastam os sitios, que assaltam os povoados, que matam, roubam e captivam; são elles que estendem os dominios—seus campos de acção—afugentando o branco e restringindo-lhe o territorio.

A guerra de represalia começou em fins do seculo passado: eram os Payaguás nos rios Paraguay e S. Lourenço, os Cayapós no rio Cuyabá e os Bororós no rio Jaurú. Hoje a guerra não é mais nos rios, e já são outras nações ou seus descendentes os vingadores do passado: os Coroados ao oriente da provincia, os Parecis e Cabixis ao occidente.

Por muito tempo guardaram a reputação de *mansos* e socegados, mas é porque não viam ainda chegada a occasião, por temerem-se em inferioridade de forças. Disfarçavam, como disfarçam ainda, mostrando-se mansos, quando lhes convêm. Os Cabixis pouco a pouco têm destruido todos os arraiaes e a maior parte das situações que formavam o districto da velha cidade de Mato Grosso. O exhaurimento das minas e a consequente retirada dos mineradores enfraqueceram os povoados: então, comprehenderam os selvagens ser chegado o tempo da vindicta. Começaram suas depredações e assaltos. As roças isoladas, e os seus, agora pacificos moradores, foram os primeiros atacados. Por um lado os Coroados

infestaram a estrada de Cuyabá em quasi todo o seu percurso, desde Goyaz até a capital da provincia, tomaram conta das cabeceiras do Pequiry e S. Lourenço; e tão repetidas são as suas correrias e depredações, que quasi não se passa um anno em que não fiquem registradas suas atrocidades, roubos e incendios de sitios, morte e captiveiro dos moradores, já mesmo ás portas de Cuyabá.

Os Cabixis ou A-juris foram primitivamente encontrados nas margens dos rios Cabixi e Sararé, affluentes da margem direita do Guaporé, cujos territorios occupavam desde a raiz da cordilheira até o grande rio. Subjugados pelos Parecis, com elles se alliaram e faziam causa commum. Hoje tambem se os encontra na mesma altura, na margem opposta, onde dominam a serra de Ricardo Franco. Em suas correrias vão além do Alegre e do Barbados, ás serras das Saliuas e do Aguapehy, e infestam e talam grande parte da zona cortada pelas cabeceiras do Paraguay.

A elles e aos Parecis deve-se em grande parte a destruição dos outr'ora ricos arraiaes, dos bons tempos da capitania: o ultimo, S. Vicente Ferrer, foi pelos Cabixis destruido em 1877. Foram ainda elles que ha poucos annos queimaram a ponte do Guaporé e trucidaram a guarda do registro do Jaurú; e são ainda elles que por mais de uma vez têm assaltado Casalvasco, e ido roubar e incendiar casas da propria cidade de Mato Grosso.

SEV. DA FONSECA.

A REFEIÇÃO DOS SELVAGENS

Quando o homem civilisado deu á mesa ares de cousa sagrada, chamando-a santo altar, e formando de praxes ceremoniosas, com mais ou menos ornamentações, a maneira de tomar os alimentos, foi sem duvida menos para o augmento do prazer inherente á satisfação da necessidade physiologica, ou da fome, do que para disfarçar o que essa satisfação tem de animal e até de feroz. Tirai a um jantar a parte decorativa que lhe dá o progresso das artes, supprimi nelle as regras prescriptas pela civilisação, ou collocai os convivas reduzidos a simples devoradores, tratando cada um de melhor servir ao seu estomago, e tereis um quadro mais repugnante que aprazivel.

Nas refeições dos selvicolas assaltam o espirito do homem civilisado que as observa as considerações que deixei feitas, e com tanto mais força quanto é a hediondez dos trajos e modos dos individuos que alli comem. Como as onças, e os outros animaes ferozes, tornam-se mais raivosas quando estão saciando a fome, o selvagem torna-se mais selvagem em occasião identica, o que se manifesta na soffreguidão com que trata de ingerir os bocados, e nos olhares de cubiça que lança em torno de si, sobre seus companheiros de pasto, emquanto com os apressados maxillares tritura a carne e os legumes que devora. Juntai a esta soffreguidão a falta de instrumentos cortantes para dividir a peça total de carne de que todos têm de participar, e por conseguinte a necessidade de arrancar cada um com os dentes a parte de que precisa, a medida que vai deglutindo; juntai mais, no meio do silencio resultante da mudez dos que comem— imposta pela carencia de não gastar com palavras o tempo precioso á mastigação; juntai nesse silencio uns estalidos dados por elles com a lingua, como para exprimirem toda força de sua sensualidade satisfeita, e ainda um chiado da sucção opposta ao extravasamento da saliva pelos cantos das bocas, e comprehendereis toda a horribilidade da refeição dos selvicolas.

Lembra-me mais ter visto uns indios, em uma praia, acocorados em torno de uma panella, em que acabavam de aferventar uns pedaços de jacaré, comendo na mesma vasilha a sua *catingosa* iguaria. Mettiam todos a mão na panella, e quando se deram por satisfeitos, um delles agarrou uns dedos do amphibio, que restavam, levou-os á boca, e, tapando esta com a palma da mão, chupou os com tal força e ferocidade, que me causou a peior impressão.

Nem são sómente os selvagens brazileiros, como é sabido, que apresentam os quadros aqui debuchados: ha pouco tempo estiveram em Paris indios da Terra do Fogo e das Antilhas, e sobre a comida destes ultimos eis o que lemos, referido por um francez da grande cidade:

« Assistimos á sua refeição, se assim se póde chamar a uma comida que consiste em uma posta de carne que elles despedaçam com as mãos, ajudando-se com os pés, e cujos pedaços lançam sobre tições mal accesos. Estes pedaços de carne, cobertos de cinza e só tostados, são por elles julgados promptos para serem comidos.

« A sua indolencia natural é então substituida por uma grande energia, e é com voracidade que homens, mulheres e crianças, absorvem essa carne crua. »

O illustre traductor portuguez dos *Psalmos de David*, que chamou malvado áquelle que (na phrase do mesmo traductor) nos roubou o estado primitivo, merecia comer alguns dias com os nossos selvagens (se elles representam o dito estado) para castigo da sua heresia.

A. C. SOIDO.

Selvegens comendo.

COSTUMES DOS INDIOS

(Do *Thesouro descoberto no maximo do rio Amazonas*)

I

Todas as suas riquezas consistem em ter uma pouca farinha de páo, que é o seu pão ordinario, e ainda esta não a têm muitas nações, mas supprem-a com frutas agrestes e do mato. Um arco com as suas flechas, uma canôasinha que fazem da casca de alguma arvore, e um remo, ainda que esta não tem todos, contentando-se com uma pequena jangada feita de cannas, com que atravessam os rios, e passam de umas para outras ilhas e lagos. Todos os seus moveis, trastes e instrumentos de casa, se cifram em uma panella, uma cuia, que é do genero de cabaço, por onde bebem, uma *maqueira* ou rêde para dormirem, que muitos remedeiam com uma esteira, a que chamam *miaçaba*, tecidas de palmas ou cipó.

Alguns têm seu machado de pedra, que por mais duro que seja sempre é fraca cousa; a sua faca de páo ou casco de tartaruga. Além destes bellos trastes, alguns velhos têm o seu cachimbo para se regalarem com o *paricá* em lugar do tabaco, que são todas as suas riquezas, haveres e alfaias, com que vivem mui contentes, sem mais cuidados nem fadigas, por terem nesse pouco todo o necessario para a vida.

Porquanto no arco e flechas têm armas para suas guerras, têm rêde para pescarem e têm arma para caçarem, que é toda a sua vida; e quando têm esse trem está a sua casa arrumada e bem armadas as suas cantareiras; e tambem se querem mudar de estancia, não têm necessidade de muitas bestas de carga, nem de muitos burros para o seu transporte. Nas mulheres é a proporção o seu dote e alfaias. Vem a ser a cuia um pequeno cabaço de *jequitaia* ou malagueta, que lhes serve de tempero em todos os seus guizados; uma pequena panella, um ralador, que é um pedaço de taboa de páo molle em que embutem uns espinhos ou dentes para ralarem a raiz da mandioca, ou algumas outras frutas de que fazem farinha; e um *guturá*, certo genero de cestos

que tecem os maridos, em que mettem todo esse enxoval quando vão de casa mudada de umas para outras partes, servindo as mesmas mulheres de bestas de cargas, que carregam ás costas, com todo o trem dependurado com uma fita feita de estopa de alguma arvore, e seguram-n'a na testa, porque o marido vai sempre á ligeira e expedito, com o seu arco nas mãos e aljava de flechas, prompto para algum encontro que possam ter no caminho, de féra ou cobra. Ha quem possa invejar semelhantes riquezas? Pois nisso se encerram pouco mais ou menos as dos indios da America pela maior parte; e algumas nações, que não têm estavel domicilio, mas sempre andam a corso, nem tanto têm para poderem caminhar mais expeditas. Os indios mansos das aldêas e os já domesticados, fóra a sua fraca roupa, pouco mais têm; mas a respeito dos do mato já se podem chamar ricos, porque, além do seu arco e flechas, trem indispensavel a todos, canôa e remos, algum panno de algodão para camisas, calções e saias, que ordinariamente nem passa de panno grosso, nem de uma até duas camisas, têm de mais a mais seu machado e uma faca, esta para a serventia ordinaria, aquelle para fazerem as suas canôas e rotearem os matos para as suas roças.

. . . . . .

Dissemos acima que usam machados de pedra e facas de páo; usam tambem de dentes de animaes, especialmente de cotia, que são muito duros e agudos, com que alguns mais curiosos fazem seus labores. Porém, por mais dura que seja a pedra dos machados, pouco servem para as suas manobras e facturas de roças, em que mais amassam do que cortam os páos; mas assim amassados os fazem seccar, e depois lhes põem fogo e queimam, fazendo no seu lugar as suas sementeiras, que ordinariamente não passam de mandioca. Tambem a faca, de páo ou de algum osso de animal, como de casco de tartaruga, do qual tambem alguns fabricam os machados, para pouco lhes serve; porém o que com ella não podem fazer substituem as unhas e dentes, á maneira das féras, que com esses instrumentos vivem, comem e passam a vida.

Da mesma sorte julgam por cousa superflua os instrumentos de garfos e colheres, quando nos dedos e nas mãos Deos lh'os ministra os sufficientes preparos de garfos e colheres, que a limpam com a finissima toalha de sua lingua. Têm pouca diversidade de guizados as suas mesas, e pouco têm as suas cosinhas, porque ordinariamente comem tudo assado ou meio assado, á ingleza, o que fazem em uma como trempe de tres páos levantados, com os pés distantes para lhes metterem a lenha e o fogo, que rematam em cima unidos e atados; no meio lhes fazem um arremedo de grelhas com varas, e nellas assam todas as suas caçadas de carnes, peixe, tartaruga ou o que Deos lhes depara, e rara vez usam de espeto. Os seus pratos são umas vezes folhas de arvores; outras, nos mais polidos, são umas cuias, que, como já disse, são um genero de bons cabaços ou cousa semelhante, e de nada mais consta as suas baixellas e serviços de mesa. Porém, quando nas suas ucharias ha vianda, que não se póde assar, e se deve cosinhar, como é a sua usual bebida a que chamam *mingáo*, *tacacá* e outras, têm para isso suas panellas fabricadas da cinza de uma arvore misturada com algum barro, e brunida com uma resina com que ficam como vidradas. E destes mesmos materiaes fabricam umas talhas pequenas e grandes, chamadas *iguaçabas*, que ordinariamente fazem as vezes de pipas e toneis para lançar nellas as suas vinhaças, a que são muito inclinados, como logo diremos.

(Padre João Daniel.)

NOTICIA
CAMPOS DOS GOYTACAZES

Extracto da *Vida do padre João de Almeida*, composta pelo padre Simão de Vasconcellos e impressa em Lisboa em 1658 in-folio.

LIVRO IV

CAPITULO XIV

Prosegue a missão, e do que nella obrou.

1. Partem, pois, estes tão apostados dous varões, um e outro João pelo nome e pela graça, e tambem pela penitencia o caminho do céo, que prégavam por aquelles desertos; dão principio á sua primeira jornada em 24 de Setembro de 1619, da aldêa de São Barnabé até a aldêa do Cabo Frio; e desta paragem levaram em sua companhia o capitão do mesmo Cabo Frio, por nome Estevão Gomes, afamado entre estes indios, zeloso e amigo dos padres; e partidos por mar em canôas de remos, embocaram em breve o rio dos *Bagres*, assim chamado pela grande cópia que alli se acha destes peixes: aqui deixaram as canôas emboscadas com alguma farinha, mantimento dos indios, para torna-viagem, e começaram a proseguir seu caminho por terra.

2. Depois de andado breve espaço de caminho ao longo das ribeiras daquelle rio, quaes outras ribeiras do Jordão, sentem indicios de trilha de gente por aquellas matas; lançam espias e acharam ser um principal *Goitacaz Ia-*

coritò, que com alguns de seus vassallos andava por aquellas paragens á caça das féras: tomaram falla delles os padres, e propuzeram-lhes com seu grande espirito razões das pazes, que era bem houvesse entre sua nação e portuguezes (que este era um dos fins principaes a que iam), e foram as razões taes, que cruzaram os arcos, ficaram de paz, fizeram presentes aos padres e prometteram lealdade para sempre ao capitão, que presente estava, e a todos os portuguezes, e em signal de maior amizade foram a suas aldêas, que eram as mais vizinhas, trouxeram suas mulheres e filhos, com presentes e mimos, de suas casas ao caminho, aos padres, e voltaram tambem remunerados com facas, pentes, fouces e outras miudezas, que estimavam em muito.

3. Com tão bom principio continuaram seu caminho os missionarios, acompanhados já de guias industriadas por aquellas paragens, difficultosas de andar, por respeito dos rios, charcos e alagadiços extraordinarios, até que finalmente chegaram a entrar naquellas campinas formosas, que acima descrevemos, terra principal dos *Goytacazes Mopis* e *Iacoritòs*, e em os seus Campos Elysios, pela frescura, formosura e fertilidade delles, de mais de vinte leguas de varzeas, a estender olhos sem alti-baixo algum, cercados de arvoredos, entresachados de rios e lagôas, cheios de caça, de aves e de peixe, tanto quanto suas flechas pretendem. E já neste tempo era necessario caminhar com boa vigia e resguardo, porque assaltêa esta gente de improviso atraiçoadamente; e como em aquelles seus Campos Elysios, não estavam acostumados a vêr gente semelhante, nem cuidavam que haveria alguem que fosse ousado a atravessar suas matas, seus rios e suas lagôas *stygias*, poderiam antes de informados e aplacados aquelles *Aqueronte*s, e aquelles Cerbéros ferozes, por meio de algum ramo de ouro, ou de alguma sopa offerecida, fazer alguma fereza e algum desmancho.

4. Pelo que caminham em ordem: o capitão Estevão Gomes ia adiante com alguns indios christãos e mansos, que o acompanhavam, e logo iam os padres com outros indios tambem de nossas aldêas, ainda que poucos, porque mais confiavam em Deos que em suas flechas. Eis que sobre a tarde de um dia, em que elles chegaram bem cansados de caminhar, aposentados já juntos a umas aguas, tiveram noticia de cópia de gente, que andava espalhada, á caça e pesca, por diversas partes daquelles campos; fizeram-se os nossos em um corpo e mandaram os padres sua embaixada, que estavam alli, e vinham a fallar-lhes em paz, e amizade, e negocios que lhes importavam a elles. Foram os embaixadores, passaram a noite, e ao amanhecer vêm ter com os padres como quarenta *Goytacazes*, *Mopis*, *Iacoritòs*, com mostras de alegria, e por signal de paz e boa amizade tocaram os arcos com os nossos, e assentados trataram com os padres; estes lhes propuzeram as conveniencias e razões que havia, pelas quaes era bem que assentassem pazes entre si e os portuguezes, recontando-lhes as causas urgentes que tinham estes de estarem aggravados, por serem assalteados, mortos e comidos de sua gente a cada passo, em seus caminhos, indo de paz e desacautelados, contando-lhes casos em particular, que elles bem sabiam e não podiam ignorar. E á volta disso lhes fallaram de Deus, da vida eterna e da necessidade de que tinham de ir viver entre os portuguezes para salvar-se.

5. Foram mui bem ouvidos delles os padres, e, mostrando que ficavam convencidos, levantaram-se, e levaram a todos a mostrar-lhes aquellas campinas e as cousas mais notaveis que por alli havia; e logo neste e no seguinte dia se lhes vieram ajuntando muito maior quantidade de *Goytacazes* de uma e de outra parte, *Mopi* e *Iacoritò* e uns aos outros se davam as novas e confirmavam o assento da paz.

6. Foram levados finalmente ás suas aldêas os padres, com toda a mais gente nossa, e recebidos nellas de todos, dos velhos, dos mancebos, das mulheres, dos meninos, com mostras de geral alegria e festas a seu modo gentilico. As casas eram as que acima disse, choupanas pobres, pequenas, de palha, e sem enxoval algum; os terreiros e portas cheios de montes de ossadas humanas, gloria de suas flechas, reliquias que tinham sido de seus pastos, brazões maiores de sua nobreza. Aqui lhes fallaram de novo os padres, e assentaram não sómente as pazes, mas que viriam a morar junto aos portuguezes, e que poriam suas aldêas em tal paragem, que podessem ser visitados e doutrinados pelos padres.

7. Mas como faltava ainda tratar o negocio com os *Goytacazes-Goaçùs*, e estes habitavam dalli algum tanto pelo sertão dentro, tomaram os padres o caminho para elles, deixando as campinas e aquelles seus moradores; e á primeira entrada da mata, eis que apparece ao pé de uma arvore um homem esburgado da carne e da vida, inteiro na ossada toda junta e verde ainda, signaes de haver sido comido pouco havia de algum seu contrario; e perguntando o capitão pela causa, respondeu um dos naturaes que levavam: *Não te espantes, que como esta gente que habita os matos anda em guerra com os das campinas, comem os que encontram, e põem as ossadas por estas paragens para espantal-os e para que não entrem em busca sua.*

8. Daqui mandaram adiante embaixadores, a estas gentes dos *Goytacazes-Goaçùs*, os quaes

chegaram e voltaram com resposta, que fossem os padres seguramente a suas aldêas, e que seriam bem recebidos: assim o fizeram, porque os vieram receber ao caminho quatro principaes, com suas mulheres e filhos, em modo de danças e festas, segundo seu costume, e com presentes de legumes a seu uso. Constava a aldêa de pequenas e pobres casas, semelhantes em tudo ás demais; nem faltavam alli os montões de ossadas, como disse na outra parte, nem eram estes menos guerreiros, nem se prezavam menos de suas façanhas; e na verdade eram elles os mais bem dispostos e bem apessoados entre todos os *Goytacazes*, e por isso chamados *Goaçús*, que quer dizer os—grandes.

9. Fizeram-lhes os padres a mesma practica, assim da paz como da conveniencia, que havia para sua salvação, virem-se assentar com suas aldêas junto aos portuguezes para haverem de ser doutrinados. Vieram em tudo e deram palavra de virem ter com o capitão mui cedo ao Cabo Frio e que então entrariam do sitio de suas aldêas. Partiram os padres contentes com suas respostas; deram por bem empregados seus trabalhos, e voltando deram as novas de todo o successo aos moradores do Rio de Janeiro, em cujo effeito os *Goytacazes* cumpriram a palavra, vieram a seu tempo; e dalli em diante houve mais segurança nos caminhos, á vista dos trabalhos destes nossos incansaveis missionarios: e dos dous Joãos não descansará muito o Almeida, porque estão esperando por elles os indios dos Patos pela palavra que empenhou de ir estar com elles.

INDIO YAHUA'

Habitante das florestas que marginam o rio dos Yahuás, do qual deriva seu nome, a valente tribu dos selvagens do affluente do Putumayo, tributario do Amazonas, entregava-se outr'ora á pesca e á caça.

Mansos de caracter e inclinados ás dansas, corria-lhes a vida como um trabalho facil, ou antes um sorriso de felicidade.

Adoptando regimen religioso de certo adiantamento, a heliolatria constituia-lhes base de crença, o que os filiava pela elevação do espirito aos primitivos povos do Perú e do Mexico.

A gravura que damos representa um selvagem Yahuá nos seus pomposos costumes de festa.

Eram ellas, como as das demais tribus, ruidosas pelas dansas originaes, pelas ceremonias a que presidiam os feiticeiros e feiticeiras das aldêas, e duravam tantos dias quantos eram necessarios para acabar os vinhos, que fermentavam em seus vasos de terra, e a caça anteriormente disposta e preparada para os banquetes.

No meio das suas superstições primitivas, só depois que o *pagé* lançava sobre os convivas a fumaça de *petum* dos esguios cachimbos, entravam nos seus trabalhos ordinarios, isto é, em prover as suas malocas do necessario para a vida.

Indio Yahuá

Os Yahuás não eram temidos nem odiados pelos de suas terras; como população ribeirinha, faziam excepção de muitos outros, e entretanto, arrastados á luta, não temiam diante dos contrarios, embora em maior numero.

Sobre os Yahuás pouco se ha escripto, sendo estes os principaes lineamentos de sua figura selvagem.

O CRANEO DA LAGOA SANTA

O passado remotissimo do homem nestas terras do Brazil anda envolto nas sombras do mais profundo mysterio. As florestas seculares, a cuja sombra elle se abrigou, as cavernas cavadas no massiço das rochas calcareas e gneisianas, que tambem lhe serviram de abrigo, não guardaram os echos da sua voz nem a rude impressão dos seus passos.

Elle foi levado na corrente das lentas transformações geologicas, e os seus vestigios occultaram-se sobre as camadas revolvidas e transmudadas do solo. Ahi dormio elle um somno millienario ininterrupto, donde só o foi despertar o alvião do explorador e a mão sacrilega do sabio.

A natureza não póde occultar os seus passos e guardar intactos os seus thesouros, quando a avidez de saber do homem quer roubal-os.

Galgando as cumiadas da serra da Mantiqueira, pende-se do outro lado para os campos que formam uma das mais amenas regiões de Minas Geraes.

Os plainos estendem-se, a perder de vista, n'uma area de muitas dezenas de leguas, e o olhar do viajante, vagando incerto nos limites afastados do horizonte, não encontra para repousar senão pequenos serrotes longinquos, e grupos de arbustos rachiticos e enfezados.

A solidão com todo o seu vasio e os vagos presentimentos da inanidade do homem perdido no seio da natureza, convida a meditar. Que revoluções geologicas por aqui passaram outr'ora na noite dos tempos; que transmutações do scenario se deram desde aquellas épocas remotissimas; que echos repercutiram nesta vastidão incommensuravel? Essas interrogações feitas a si mesmo parecem invocar das profundezas do passado fantasticas legiões de homens que a segure do tempo sepultou no nada. Mais adiante... caminhando sempre na direcção do immenso caudal do S. Francisco, descobre-se, como dormitando entre as encostas ligeiramente inclinadas de terreno ondulado e agreste, uma pequena bacia, que deu seu nome á região. E' a lagôa Santa. A impressão que recebe o viajante, chegando a essa região, dizia-me ha pouco o illustre geologo Sr. Derby, é das mais gratas para quem gosta de admirar lindas paizagens. Alli descansou os seus penates e viveu respirando a aura pura dos campos, durante mais de meio seculo, uma especie de anachoreta, cujos longos dias de existencia foram todos contados por outros tantos sacrificios á sciencia. Era o Dr. Lund. Recolhido e esquivo a toda sorte de conchego social, elle não achou melhor emprego para a sua actividade, na solidão que o cercava, do que revolver essas cryptas naturaes, espalhadas em toda a vasta região. A crendice popular enchia de vagos temores quem ousava penetrar mais além naquelles extensos subterraneos de pedra calcarea. A imaginação sobreexcitada do vulgo tende sempre para o sobrenatural; o sabio, porém, acostumado a penetrar as mais reconditas dobras da natureza, sente-se bem no meio della. O Dr. Lund, aguçada a curiosidade, investio armado de alvião contra essas trévas subterraneas, e fez sahir lá de dentro os fragmentos esparsos, mas bem conservados, de animaes, cujas especies deixaram ha muitos seculos de viver sobre a terra.

Aqui surgio o esqueleto de um tigre, de corpolencia e estatura quasi duplos do nosso jaguar *(Felis protopanther)*, acolá um tatú enorme, além uma capivara de dimensões extraordinarias, e, com sorpresa bem justificada, vio elle apparecer entre essas ossamentas, retiradas das camadas do sub-solo que formam o soalho da caverna, o esqueleto do cavallo fossil. Este solipede, cuja presença tanto impressionou o animo dos antigos habitantes do Mexico e do Perú, quando delles se apossaram as hostes de Cortez e de Pizarro, correu na noite dos tempos pelas onduladas campinas que bordam a lagôa Santa. Mas o homem, o rei dessa fauna agigantada, onde estava; em que escusas depressões do solo foram parar os seus restos? Teria o tempo, voraz e destruidor, consumido até não deixar vestigios, o arcabouço do mais elevado representante dessa fauna? Não era provavel. Mais alguns golpes de alvião, e os primeiros indicios vieram mostrar que o homem calcára outr'ora aquelle solo corroido pelas aguas, e que aos rugidos do tigre colossal misturára-se muitas vezes o seu grito selvagem. Um pedaço de craneo ferrugineo, mais outro, mais outro, depois alguns craneos completos, romperam o su-

dario da terra que os cobria. A mão tremula do explorador apalpou essas reliquias dezenas de vezes seculares, e, como o mineiro á procura de um thesouro, sentio a satisfação do achado.

Quantas hesitações, porém, antes de formar-se a convicção da descoberta! Quem sabe se estes fragmentos de sêr humano não vieram aqui ter pela irrupção daquellas aguas; quem sabe se alguns modernos selvagens, sentindo desprender-se-lhes a vida, não foram alli deixar os seus despojos mortaes. Só o sabio tem dessas hesitações: ellas nascem da luta entre os escrupulos da consciencia e as exigencias da verdade. O Dr. Lund hesitou a principio, mas depois convenceu-se. Se a sua convicção deixa de ser hoje compartilhada por alguns espiritos, talvez demasiados rigoristas, na exigencia de provas reaes demonstrativas, nem por isso se deve julgar apocrypha a descoberta do homem fossil da lagôa Santa. Porque razão não podia o Brazil ter sido habitado pelo homem naquellas éras remotissimas? As condições do meio então não excluiam essa hypothese. Onde viveu o *Felis protopanther*, e o cavallo fossil, podia igualmente viver o homem.

Sómente a chronologia do Dr. Lund não nos parece estar de accordo com os actuaes conhecimentos geologicos. Tres mil annos é apenas a vida das pyramides, essas moles argamassadas com o suor dos egypcios e com a vaidade dos Pharaós. O continente americano, pensava o Dr. Lund, surgio primeiro do oceano universal que o velho continente. Não seria, pois, admissivel, dizia aquelle explorador, que a onda humana houvesse antes transbordado da America para a Asia, do que no sentido inverso, como geralmente se pensa ainda hoje. Sim, é admissivel. Neste campo de hypotheses tudo, porém, se póde admittir, sómente nada se póde provar.

Contentemo-nos, portanto, com a hypothese.

Vejamos, porém, o craneo da lagôa Santa. Que fórmas singulares apresenta elle? não teria o homem dessas remotas éras a cabeça conformada como os de hoje? sua physionomia resumbrava um aspecto que não fosse perfeitamente humano? Não. O homem daquelles tempos era como o homem de hoje, quanto á conformação craneana. As fórmas pithecoides de Darwin ficaram-lhe muito atraz na incommensuravel evolução dos tempos; e, se ellas jazem perdidas na Asia, até hoje não se encontraram com certeza na America. A fronte do homem da lagôa Santa era baixa e inclinada, e a fórma geral do craneo excessivamente alongada. Suas orbitas, relativamente pequenas, dominavam uma face curta, de pomos pouco salientes. A sua pequena capacidade denuncia que nelle alojou-se um pequeno cerebro, mais desenvolvido nas zonas posteriores do que nos lobos frontaes. Elle está abaixo do homem quaternario da Europa. O. Cro-Magnon era artista, cinzelava e insculpia o marfim, copiava as fórmas dos animaes, e dispunha de armas e de astucia capazes de vencer na luta o mammouth, esse gigante da fauna quaternaria. O homem da Lagôa Santa, porém, não era artista, mas sabia com certeza lutar e vencer o colossal jaguar, que seguia-lhe os passos naquellas regiões. Sua existencia não devia ter sido differente da que levam ainda hoje tantas tribus nomadas que vagueam á tôa no interior das nossas florestas. Vivia da caça e não cobria a nudez do corpo como os actuaes selvagens. Não construia cabanas para morar, e desconhecia provavelmente as mais rudimentares industrias.

Quem, ardendo em curiosidade, parou attento diante das vitrinas da sala Lund, durante a exposição anthropologica do museu, lá vio, no começo da serie dos craneos expostos, uma cabeça, apresentando os caracteres de que fallamos, totalmente ennegrecida por uma extensa infiltração de oxydo de ferro. E' o craneo da lagôa Santa, a cujo descobrimento ficou para sempre ligado o nome do Dr. Lund.

Naquella mudez apparente do osso, conservado de seculos, falla pela voz do tempo a historia de uma raça humana, a qual foi coeva de especies de animaes já extinctas. O espirito do visitante, absorto na contemplação daquella peça anthropologica, remonta ás idades passadas e transporta-se pela imaginação ao theatro do descobrimento. Então, meditando, elle diz comsigo mesmo:

Quão longa não foi a evolução humana, que, partindo de tão modestos principios, chegou por gradações infinitas até produzir as maravilhas e grandezas da civilisação actual! Que cabedal de experiencia, que de forças internas, conservadas em germen no cerebro do homem primitivo, não se foram successivamente desenvolvendo, transmittindo, accumulando, de geração em geração, durante uma longa serie de seculos, até transformar inteiramente o homem primitivo, tão chegado aos brutos, sem moral, sem leis, sem organisação social, no homem civilisado, sciente dos seus direitos e seus deveres, formando sociedades regularmente constituidas, dispendendo forças uteis na conquista da natureza, e visando pela intelligencia um fim certo e determinado no tempo e no espaço! Entretanto não foi isso, por certo, um milagre, maso resultado de influencias e condições, intrinsecas e extrinsecas, perfeitamente em harmonia com as leis cégas e fataes da natureza.

Dr. Lacerda.

MARABA'

A proposito do quadro que em Paris expoz o nosso compatriota Amoedo, laureado discipulo de Cabanel, tem sido considerado pura ficção de poeta o typo de *Marabá*, tal como o delineou Gonçalves Dias, para dar-se razão á creação naturalista do joven pintor.

Póde ser examinada na Academia das Bellas-Artes essa *Marabá*, de cabellos corridos, têz morena e olhos acastanhados.

Gonçalves Dias, descrevendo a joven india, que, pelo facto de ser uma mestiça, era desprezada em sua tribu, resaibo de odio ao inimigo, seu pai, acompanha a poesia de uma nota, que vale o apoio de varios chronistas sobre tal assumpto.

De facto, todos elles dizem que a filha do portuguez com a india tomava para elles um aspecto repellente, por isso que mais lembrava o inimigo do que a india, sua mãi

Para fazer o contraste, o poeta maranhense, ao passo que descreve a *Marabá*, vai descrevendo outro typo de india *pur-sang*.

Diz a mestiça que o seu rosto é alvo como o lirio, da côr das arêas batidas do mar, que tem a alvura das mais brancas aves e a das conchas as mais puras.

O indio que a escuta responde que prefere um rosto como o jambo corado, e que tenha sido crestado pelo sol ardente do deserto.

A *Marabá* procura seduzil-o fallando dos olhos que tem côr de saphyra, e que imitam as nuvens de um céo anilado.

Seu interlocutor desdenha, e prefere uns olhos bem pretos, retintos e que não lembrem as vagas marinhas.

A mestiça diz que os seus cabellos em ondas se annellam; que são louros e são fulgentes; que, quando esvoaçam na floresta parecem beija-flôres adejando.

O indio quer o cabello preto, corrido, e não da côr de ouro fino ou do anajá.

Não resta, pois, a menor duvida que o typo da *Marabá* assim desenhado representa o contraste physionomico de que fallam os chronistas.

Se o mestiçamento não produz linhas tão correctas e accentuações tão profundas; se o typo do primeiro cruzamento entre indios toma de preferencia a côr morena e os caracteristicos do selvagem, é caso para ser debatido pela ethnographia e não pela esthetica.

Além do que o poeta está conforme aos chronistas; nem mesmo usou do direito de interpretação permittido aos que fazem uma obra de arte.

Se o pintor da tela exposta em Paris, a qual presentemente se acha na academia de bellas-artes, quiz corrigir o poeta, o seu trabalho não é a illustração da pagina dos chronistas, e muito menos a reproducção de um typo, que, á primeira vista, determine aquella repulsão que o indio sentia pela creatura tão sua dessemelhante.

O poeta maranhense foi sempre fiel aos chronistas e viajantes que descreveram usos, costumes e figuras dos nossos aborigenes.

Essa censura á *Marabá*, como outra, que já refutámos aqui mesmo, relativamente ao *Y-jucapyrama*, não procedem.

De caminho diremos duas palavras ao improcedente reparo que lêmos em uma critica portugueza sobre a deliciosa elegia que Gonçalves Dias denominou *Leito de folhas verdes*.

A censura affirmava que o leito do indio sendo a rêde, não passa de méra fantasia do poeta aquella *cama de folhagens sob a copa da mangueira altiva*.

A resposta é facil:

Gabriel Soares, na sua obra, conta-nos que os Carijós dormiam em camas de folhas, em pelles e em esteiras. O mesmo diz elle que faziam os Guayanazes.

Candido Mendes de Almeida, annotando Fernão Guerreiro no capitulo intitulado *Cousas do Brazil*, observa que Paulmier de Gonneville, na sua *Relação*, diz que nem todos os indios do Brazil dormiam em rêdes.

Tendo de tratar de assumpto, como é esse indiano, ao qual negam todas as condições romanescas e determinativas da poesia, admira entretanto como Gonçalves Dias, sem grandes recursos de invenção, conseguio escrever as paginas que admiramos, mantendo-se sempre fiel á tradição e á exacta narrativa dos velhos exploradores e testemunhas, unicos que possuimos, da vida e costumes do selvicola.

E' esse o principal valor dos cantos americanos de Gonçalves Dias: ao subido merito litterario reunir o de ser fidelissima exemplificação das chronicas e textos antigos.

J. SERRA.

SUPERSTIÇÃO DOS SELVAGENS

Tudo o que suggeria a imaginação dos *bandeirantes* de ardís e astucias, para chamar a si e subjugar os selvagens, e elles podiam empregar, aproveitavam logo.

A ignorancia e superstição dos indios foram logo exploradas e entraram no numero dos seus melhores auxiliares. O episodio do Caramurú,

Anhanguêra entre os indios de Goyaz.

que de escravo converteo-se em senhor, foi-lhes o mais propicio exemplo; chamou-lhes a attenção para essa nova arma de conquista — o terror supersticioso — e desde então trataram de utilisal-o sempre que o exito da guerra era duvidoso, ou quando melhor lhes era têl-os por alliados pacificos que por captivos de guerra.

E' muito conhecido o facto do audacioso e astuto *Anhanguêra*, fazendo prender fogo á aguardente para mostrar seu poder sobrenatural aos Coroados, os quaes, crendo-a agua pura, prosternados se curvaram a seu jugo, acreditando-o, tambem, um emissario de Deus, senão o proprio Tupan, que a mesma agua convertia em fogo.

Igual procedimento, mas para fins louvaveis, teve, em 1775, no Araguaya, o alferes José Pinto da Fonseca, que conseguio apaziguar e chamar a si os Carajás e Javahés com um simples foguete de lagrimas.

Elle e o capitão José Machado tinham em 1772 descoberto a grande ilha do Bananal, ou de Sant'Anna, conforme Fonseca a baptizou, quando, de ordem do capitão general Almeida e Vasconcellos, desciam o Araguaya em busca de caminho para o Pará.

Descoberta a ilha, mandou Vasconcellos estabelecer nella uma povoação, a *Nova Beira*, e Fonseca foi encarregado de attrahir para ella os Carajás, então arredios e talvez inimigos, pela atroz perfidia com que, ha mais de vinte annos, os tratára o coronel Antonio Pires de Campos.

Este famigerado sertanista, que já havia subjugado os Bororós e os arregimentado sob suas ordens, encontrára nas suas *caçadas* os Carajás. Levou-os, a principio, engodando-os com mostras de carinho e amizade; mas, de repente, ataca-os, trucida-os, e « não deixando vida, diz Pinto da Fonseca, nem aos proprios innocentes; faz-lhes muitas presas, que conduz encorrentados, levando sua crueldade ao ponto de fazêl-os açoutar amarrados ás arvores do caminho, com o unico intento, diz aquelle explorador, de *fazer conhecer o captiveiro*, a esses miseraveis, cujos gemidos ainda soam aos ouvidos dos seus, que não podem referir estas justas queixas sem que as lagrimas testemunhem a sua dôr. »

Apezar dessas atrocidades, os Carajás receberam bem Fonseca, ainda que desconfiados: com elle ia de interprete uma india das captivadas por Antonio Pires. Fonseca narra a alegria e alvoroço que sentiram os Carajás ao verem-na, e os prantos e alaridos que soltaram ao saberem do fim da maior parte dos outros captivos

Julgou-se então perdido, e ainda mais quando aos Carajás se reunio uma grande horda dos Javahés, tribu alliada e amiga; e em parte deveu a sua salvação á approximação inesperada dos Xavantes, por elles chamados Acroás, com quem de ha muito andavam em guerra, mas por estes sempre batidos e vencidos. Agora, com os portuguezes por si, sahiram ao encontro do inimigo, que vendo-os com gente estranha e *desusada (sic)*, em vez de dar-lhes combate, fugio.

Contentes os Carajás e Javahés por esse triumpho, o primeiro que tinham, declararam-se amigos dos portuguezes. Para mais prendêl-os, disse-lhes então Fonseca « que era do agrado de Deus essa alliança; » que nessa noite, elles veriam no céo, lá para as bandas do sul, uma cousa nunca vista.

E á noite, attentos todos para esse lado, viram assombrados arrebentar no céo varios fogos, cujos estampidos, e, mais ainda, as fórmosas e cambiantes estrellas que produziram, encheram os de maravilha e espanto, e ao mesmo tempo alegria, por saberem que Tupá era com elles.

SEV. DA FONSECA.

Indio do Alto-Amazonas.

COSTUMES DOS INDIOS

(Do *Thesouro descoberto no maximo do rio Amazonas*)

II

Para torrarem farinha de páo, ou fazerem os seus bolos, a que chamam bejús, têm seus forninhos fabricados da mesma cinza, e os fazem por meio de um testo espalmado e grande, levantado da terra para lhe metterem fogo. O môlho tambem não é de exquisitos ingredientes, antes ainda mais ligeiro que o môlho de villão. Consiste elle em uma gotta de caldo, ou gordura de menestra, que têm para comer; e se é como regularmente costuma ser, assada, suppre uma gotta de agua do rio, e nella esmagam uma pimenta, ou, se a não têm fresca, um pó della sêcca, que sempre têm, e está feito e perfeito o môlho. Outros em lugar da pimenta usam de gengibre; tambem outros usam de sumo de limão; outras vezes de *tucupi*, que é o sumo da raiz da mandioca, e para tirarem o veneno o cosem primeiro; e é todo o seu tempero, em lugar dos azeites, vinagre e sal, e ainda mostarda dos europeus. E na verdade uma pimenta malagueta, machucada em uma pinga de caldo, não só suppre todos os môlhos, mas tambem abre a vontade de comer, e por isso é já muito usada de todos os brancos, de sorte que ainda os que se tratam á fidalga tudo têm por insipido se não têm o gostoso e appetitoso picante da malagueta. Em algumas partes tambem usam do sal de mina, onde o ha; mas como poucos têm essa mina, extrahem alguns o sal de palmeiras queimadas; porém o mais commum é passarem sem elle por supprir tudo a malagueta. Na falta, porém, dessa iguaria de peixe e carne, ou quando estão doentes, usam do seu ordinario *mingáo* de farinha cosida em agua, que fica como papas ralas, que possam beber por sobremesa, como tambem quando se acham com calor, ou vão de viagem, usam do seu *ticuara*, que é agua em que molham uma ponca de farinha, que juntamente os sustenta e refresca; e á sua imitação a usam tambem os brancos, e, se lhes misturam uns pós de assucar, é mais doce. Outros usam de outra bebida, que chamam *tacacá*, que é uma ponca de agua engrossada ao fogo com a farinha *carimã* e com seus raios de *tucupí* e picante de malagueta; e dos indios a aprenderam tambem os brancos, que já hoje usam dessa bebida por acepipe. De algumas outras bebidas mais deliciosas, como o vinho de *assahy*, *bacaba*, de *cacáo*, como mais usados dos indios mansos e dos brancos, diremos mais adiante, como tambem do celebre chá *ipadú*, que usam alguns indios, especialmente os naturaes do Rio Negro, cujas folhas trazidas na boca supprem a falta do

somno, e mastigadas matam a fome e a sêde, além de outros admiraveis effeitos, em que vence o afamado *bétel* da Asia, sem serem necessarios tantos ingredientes nem tantas misturas. Onde melhor se vê que os indios da America não têm ambição é em desprezarem os mesmos metaes de ouro, prata e muitos outros; porque, tendo a America tantas e tão grandiosas e abundantes minas destes metaes que o mundo tanto cobiça, não consta que elles se aproveitem de alguma, tirando algumas poucas nações, como a nação dos Incas e poucas outras; e da mesma sorte desprezam os diamantes e mais pedras preciosas, bem como as gallinhas quando esgravatando a terra as encontram. Mas é mais admiravel a sua brutalidade em não usarem nem conhecerem o ferro, e por consequencia beneficial-o; porque sendo este metal tão conhecido no mundo, tão usado dos homens, e tão necessario para a vida humana, que sem elle andariam os homens com as mãos atadas, e moralmente não poderiam viver senão como os brutos, pois com elle se servem em todos os ministerios, comtudo não só não é usado, mas nem ainda conhecido pelos selvagens da America, e por isso usam de machados de pedra, facas de páo e outras futilidades desse jaez; e tambem se valem algumas vezes do fogo para desbastarem o que querem fabricar. Mas na verdade, bem ponderada a sua vida, desnudeza e mantimentos, e que a caça dos matos é innumeravel e commum, e a pesca nos rios abundantissima, de que lhes servem as riquezas de ouro, prata e diamante?

(Padre João Daniel.)

EXTRACTO DE UM LIVRO INEDITO

Se as flôres têm occupado meus dias, se correndo após ellas tenho devassado segredos dos sertões, se nas agruras de seus espinhos tenho ás vezes rasgado as carnes, e por ellas exposto a vida, já afrontando intemperies e os abysmos das cachoeiras, já expondo-me á sanha dos animaes ou aos desforços dos gentios, comtudo, entre a satisfação de uma descoberta e a dôr produzida ao golpe vibrado pelo zoilo mascarado, achei sempre tempo e tive occasião para outros estudos que completam a vida do naturalista. Ao passo que comparam-se os caracteres de duas plantas, estuda-se a relação que existe entre o vegetal e o animal, partindo-se dos sêres inferiores, chega-se ao confronto com o homem. Acostumado a comparar especies vegetaes, e levando-me ellas ao seio do homem entregue á natureza, procurei sempre estudal-o, quer nos seus usos, quer no seu physico como no moral, considerado isolado, ou em relação a outras tribus. Estas, muitas vezes proximas, são inimigas e conservam os mesmos distinctivos; outras vezes longinquas, mostram-se amigas e com caracteres differentes.

De um livro, que talvez ainda algum dia seja publicado, se a minha sorte deixar de ser adversa, vou extrahir algumas notas, sem merito é verdade, mas que poderão contribuir para o estudo da anthropologia brazileira.

Em completo estado selvagem, ou já tocados pela civilisação, isto é, *amansados*, só vi indios do valle do Amazonas e da provincia do Espirito Santo, e sobre elles baseam-se as minhas notas.

Comparados os indigenas com individuos da raça branca, e principalmente com a preta ou africana, a differença é mui sensivel, não fallando na côr da cutis, nem na conformação craneana, ou mesmo na côr dos olhos; basta comparar-se o tronco e os membros. Em geral o nosso indio é de estatura baixa, tronco grosso e longo, pescoço e membros curtos, emquanto que nos das outras raças os membros são mais longos, o tronco mais curto e menos grosso. Esta differença é bem notavel entre elle e o africano: no tronco do indigena do norte nota-se a largura das espaduas, a saliencia do abdomen, a elevação da caixa thoraxica, a pequenez das mãos e pés, tudo com uma musculatura como que arredondada, o que dá um aspecto que parece indicar pouca agilidade, quando isso não se nota. O indio, fóra das doutrinas e dos meios que empregam os civilisados, são ageis, trabalhadores e intelligentes: é a fatal civilisação que mata-lhes a intelligencia, traz o atrophiamento das familias e os inutilisa. Civilisai-o com o Evangelho, e tereis homens tão aptos como o da raça Européa. Posto que em geral os homens tenham essa conformação, com muitas excepções é verdade, comparados os de uma tribu com os de outra, differenças bem sensiveis apresentam, principalmente em relação ao sexo feminino. As mulheres, que em geral todas têm um aspecto varonil, isto é, que na structura do tronco e dos membros são muito aproximadas á do sexo masculino, a ponto de pelas costas confundirem-se os sexos, comtudo em algumas tribus variam na estatura. A mulher indigena, que como o homem tem as espaduas largas, o collo saliente, o ventre elevado e os membros curtos, finos e pequenos, e guarda quasi sempre uma estatura um pouco inferior á do homem, comtudo em algumas tribus apresenta traços caracteristicos. Na physionomia mesmo os traços da mulher são os do homem, a semelhança é grande, quer anatomica, quer physiologicamente.

Comparando-se a mulher indigena ou mesmo a resultante de algum cruzamento, ainda mesmo com o africano puro, a mulher negra, além da differença que assignalei nas fórmas do tronco, de frente afasta-se pela separação dos seios, pela sua fórma, pela sua direcção e consistencia, assim como pelo comprimento e elevação do monte de Venus; de costas nota-se quasi que a ausencia da massa gordurosa sobre o musculo das nadegas, que a mulher africana tem sempre desenvolvido. Steatopigicamente, até da raça européa ella se afasta muito. Estes caracteres para a historia natural são de alguma importancia.

Detalhando-se o estudo, se compararmos o comprimento, as fórmas, as direcções das pernas, dos quadris e dos dedos, vêr-se-ha quão grandes são as differenças, que se tornam mais caracteristicas, se observarmos a linha de saliencia ou de entremeio do tronco, visto de perfil. As differenças que existem entre o indio e o africano tambem se notam em relação á raça mongolica. Os caracteres que se separam e se coadunam entre estes dous ultimos serão objecto de um artigo especial, que se prende ao estudo do *muirakitan*.

A mulher, que, como já disse, sempre se aproxima no geral do homem, quer pelas fórmas quer pelos traços physionomicos, empregando-se tambem nos mesmos serviços, em algumas tribus afasta-se do geral, quanto á estatura, porque quanto aos traços physionomicos só conheço uma tribu que como que faz excepção: é a dos Mauhés. Antes de fallar das tribus do norte tocarei na dos Puris, que tive occasião de estudar, não em um individuo isolado, mas em um grande numero. As consequencias, na anthropologia, do estudo de um facto isolado, ou mesmo de uma dezena, não tem importancia alguma, e nenhuma asserção se póde avançar sob pena de uma contradicta.

Os Puris são em geral de uma musculatura saliente, tendo a linha recta de hombro a hombro, isto é de um a outro acromium, tres vezes a linha de face á face ou bizygomatica, distancia esta igual á que apresentam tambem as mulheres, que são mais baixas e de musculatura arredondada. Entre estas notei que a separação dos seios não mede mais que metade do diametro dos mesmos.

O Ticuna do Solimões, que é baixo, musculoso, mede de hombro a hombro tres vezes a linha facial, emquanto que as mulheres, que guardam em geral a mesma altura, têm a linha do peito com as mesmas dimensões da do homem, sendo a dos quadris menor do que a dos hombros.

No Miranha, entre o homem e a mulher, as linhas têm differentes dimensões, isto é, os homens têm os hombros tambem mais largos, porque são mais baixos, posto que não mais corpolentas, e na mulher se nota que o monte de Venus é mais volumoso do que o dos de outras tribus. Os seios são separados um do outro dous terços de seu diametro.

O Cauixana, que é em geral de uma estatura mais elevada do que a mulher, tem a linha do hombro mais larga do que a desta, que é duas e meia vezes a linha da face, isto é, tem quasi tres vezes a distancia de uma á outra face. Se bem que a distancia de um a outro seio não se afaste do geral, comtudo notei que em algumas dellas o bico do seio era dirigido para a frente e não para fóra. Quer no homem, quer na mulher, os membros em relação ao tronco são mui finos.

Entre os Tembés, a estatura do homem, em geral, é inferior á da mulher. Estas são altas, com uma musculatura pouco adiposa, emquanto os homens são baixos, gordos e musculosos. Apezar da desproporção na altura, as linhas, quer n'um, quer n'outro sexo, têm as mesmas dimensões: tres vezes os hombros são mais largos do que as faces.

Os Mundurucús, musculosos, são comtudo tambem baixos em relação ás mulheres, tendo, porém, estas os hombros mais largos, relativamente.

Os Pariquys e Aruaquys, como oriundos de um só tronco, são tão semelhantes em typo, que não ha meio de distinguil-os a não ser pela linguagem. Entre estes a mulher regula a altura do homem, e não só a physionomia dos dous sexos é muito semelhante, como entre as mulheres é tal, que parecem ser todas as caras vasadas em um só molde. As distancias peitoraes e faciaes são quasi iguaes em ambos os sexos.

O Arára, o indio gentil do Amazonas, tem as medidas que acima apresentei: em relação ao sexo feminino são menores. A mulher tem os hombros mais largos, emquanto que os quadris são estreitos.

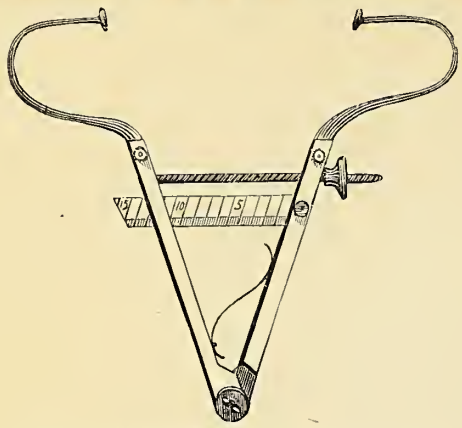
O Mura, o pirata, o immundo das raças do Amazonas, é baixo, corpolento, e tem maior largura nos hombros, posto que as mulheres tenham a mesma estatura e sejam propensas á gordura.

O Mauhé, de uma musculatura forte, é dos indios o que se afasta mais do sexo feminino nos traços physionomicos. As mulheres são as mais bellas indias que hei visto. Seus traços physionomicos afastam-se inteiramente do dos homens; têm um rosto oval, olhos expressivos, faces não proeminentes, com traços da raça européa, posto que a cutis seja amorenada, porém de um moreno-claro, unico ponto em que dos homens se approximam. As espaduas, largas, têm maiores dimensões em relação ás dos homens, posto que na estatura sejam pouco inferiores.

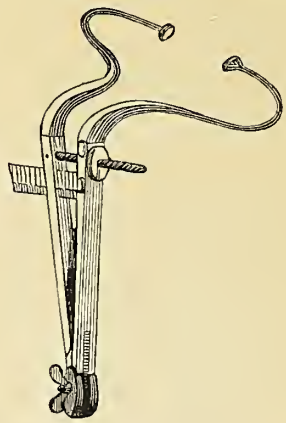
Na falta de instrumentos apropriados, servi-me

para as dimensões corporaes de uma regua, fita e esquadro, com graduações exactas, e para as medidas craneanas e bizygomaticas de um compasso, de invenção minha, e que mandei fazer por um artifice do arsenal de marinha do Pará, cuja fórma approxima-se da do compasso de Mathieu, mas sendo de mais facil manejo por occupar só a mão esquerda, e poder se desarticular para ser trazido em um estojo especial á cinta. Posto que pequeno (as figuras juntas representam um quarto do tamanho), substituidas as pontas por outras e a escala, serve tambem para a medida dos acromiuns da largura do thorax, etc.

J. Barbosa Rodrigues.



Compasso—Barbosa Rodrigues, visto de frente.



Visto de lado.

Quadro das dimensões médias tomadas no valle do Amazonas em individuos de 20 a 40 annos, por J. Barbosa Rodrigues

Em 1872–1874

TRIBU	LOCALIDADE	Diametro bizygomatico	Distancia entre os acromiuns	DO SOLO ao alto da cabeça	ao bico dos peitos	á furcula sternal	ao queixo	ao umbigo	ao pubis	Sexo	Observações
Conibo	Rio Ucayale	0,12	0,38	1,47						M	4 individuos
Ticuna	Tunantins	0,13	0,38	1,49	1,03	1,13	1,22	0,79	0,69	M	6 »
»	»	0,12	0,38	1,45	*	1,16	1,19	0,79	0,64	F	» »
Miranha	Rio Yapurá	0,12	0,38	1,60	1,12	1,29	1,34	0,88	0,78	M	12 »
»	»	0,10	0,37	1,49	1,07	1,21	1,25	0,81	0,61	F	10 »
Cauixana	Solimões	0,11	0,39	1,60	1,15	1,34	1,37	0,90	0,80	M	6 »
»	»	0,10	0,34	1,55	*					F	6 »
Arara	R. Madeira	0,11	0,39	1,61		1,34	1,37	0,94		M	4 »
»	»	0,09	0,37	1,61	1,21	1,32	1,36	0,92	0,77	F	» »
Mundurucú	R. Tapajoz	0,10	0,38	1,60	1,14	1,33	1,39	0,93	0,78	M	20 »
»	»	0,10	0,38	1,58	*					F	20 »
Mauhé	R. Mauhú-assé	0,12	0,39	1,58		1,28	1,33			M	30 »
»	»	0,09	0,38	1,55	*	1,25	1,29			F	30 »
Pariquy	R. Yatapú	0,13	0,38	1,55						F	40 »
Aruaquy	R. Uatumá	0,12	0,38	1,45						F	40 »
Mura	R. Urubú	0,13	0,39	1,54						M	15 »
»	»	9,12	0,37	1,48	*					F	15 »
Tembé	R. Capim	0,12	0,39	1,55						M	12 »
»	»	0,11	0,38	1,60	*					F	12 »
Omagua	Olivença	0,11	0,37	1,60		1,33	1,38			M	1 »
Pury	Mucury	0,13	0,44	1,54	1,13	1,28	1,33	0,88	0,78	M	12 »
»	»	0,13	0,36	1,48	*	1,20	1,24	0,88	?	F	8 »

* Este signal indica que os individuos tinham os seios muito descidos

a tradição do grande povo do poente, sobre quem diziam os sacerdotes de Saís haverem triumphado os athenienses. Mas, em consciencia, poderemos nós hoje tomar por firme alicerce de taes proposições essa lenda de Solon?

A tradição da *bacia occidental*, que assim devem ser traduzidas as palavras hieroglyphicas—*Amen Oti (Amenti)*, referentes ao primitivo berço dos primeiros egypcios, ou mansão divina de seus mortos, não será talvez uma allusão autochtone ao mar do Sahara, onde ainda hoje as arêas daquelle vasto deserto delimitam aos nossos olhos o dominio de suas antigas aguas?

Pouco importa, porém, que tenha fundamento ou não a segunda hypothese; sobre a primeira é que de todo, a meu vêr, o não possue.

Ainda uma vez insisto em dizêl-o. A origem dos constructores dos teocalis, e tenho que tambem dos que, antes delles, edificaram os monumentos de Palenque, é, segundo todas as probabilidades, ugaro-japoneza. Os Ainos, que vivem actualmente na ilha de Yeso, parecem pertencer á mesma origem, e se é caracter averiguado o autochthonemismo presumivel de um povo em referencia a certo e determinado paiz, de mim supponho que mui poucas nações haverá que possuam este caracter no mesmo gráo em que nôl-o mostram os Ainos com relação ao Japão. Ora, examinemos estes, hoje doceis e ignaros descendentes dos outr'ora energicos senhores das extremas abras do Oriente, e veremos quantas semelhanças ha entre elles e os invasores de Anahuac. Destes, reconta-se que eram homens de estatura acima da média, barbados e de cutis clara: taes são justamente os traços physionomicos pelos quaes distinguem-se actualmente

DO ELEMENTO JAPONEZ NA AMERICA

Querem alguns autores que, não dos extremos da Asia, mas do Egypto ou de qualquer dos paizes ribeirinhos do Mediterraneo, tivesse a America equatorial recebido a civilisação, que lhe dêu tamanha estatura moral.

Ao envez destes aventuram outros, a cujo numero pertence Brasseur de Bourbourg, que procedeu, ao contrario, do vetustissimo solo de Guatemala e de Yucatan a cultura intellectual do antigo Egypto.

Os dous povos tiveram provavelmente commum origem, mas nenhum delles emanou do outro, porque são, nas suas correlações, como dous ramos que brotaram do mesmo tronco, embora em épocas differentes, que o mesmo é dizer —com diversos elementos de existencia e sob variadas aptidões physiologicas.

E' verdade que os egyptologos, que mais insistem nesta origem occidental do povo egypcio, acobertam-se com a Atlantida de Platão e com

os Ainos, dos japonezes actuaes, senhores do paiz desde os primeiros seculos da nossa éra, e de origem mais que muito litigiosa, ainda que, por certas affinidades, alguns ethnologos os suppunham da raça malaia, povoadora das ilhas da Sonda, e outros criam que da China adviessem antes.

De passagem, e a proposito desta ultima probabilidade, ponderarei que coincide exactamente com a quéda da dynastia dos Tsins a immigração no Japão dos individuos morenos e de baixa estatura, que, desde então até hoje, têm estado por senhores do paiz, em detrimento da população primitiva, cujas mais elevadas classes, por se não quererem submetter ao jugo do captiveiro, preferiram correr os riscos da proscripção. Os emigrados seguiram, como é de crêr, para o Oriente, o caminho que mais tarde teria o nome de *Novo Mundo* (continente com o qual já mantinham algumas relações), emquanto seus irmãos, ou por menos arrojados, ou por habituados aos rudes labores da gleba, que o eram de facto, predispunham-se á fusão do seu sangue tartaro com o dos novos senhores—benefica fusão donde devia surgir mais tarde o povo energico dos neo-japonezes—civilisadores do Oriente e propulsores da vitalidade hodierna daquella parte do globo.

Acerca da invasão dos chins, ou antes dos Tchins no Japão, accrescentarei que por essa occasião penetraram alli o budhismo e a doutrina de Confucio, leis religiosas de cujos preceitos resentem-se as idéas theogonicas dos povos de Anahuac e do Perú. Uma pergunta natural occorre-me neste ponto, em que tantas e tamanhas similitudes resaltam da comparação daquelles povos. Haveria já no Japão primitivo o culto ou só depois lh'o trouxeram os povos invasores ?

Que a jade existia entre os japonezes, supponho que por um facto averiguado se póde ter; mas parece que só citeriormente á influição da China e das idéas de Confucio enlaçou-se no Japão ás pedras de Yu, ou de Kotau, a idéa da perfectibilidade divina, de que era imagem a verdadeira jade oriental, a que se deu modernamente o nome de jadeite.

Estudem-se acuradamente estes pontos de analogias entre os povos das duas regiões. Escavem-se a fundo as correlações linguisticas de que podem existir alguns élos salientes nas linguas dos povos da costa noroeste da America, e mui provavel se me antolha a solução de alguns problemas, dos que tenho tomado por alvo das minhas investigações anthropologicas pre-historicas.

Se nenhuma parte do mundo é, no dizer de Fr. Müller, proporcionalmente menos povoada, nem offerece, ao observador, mais consideravel numero de linguas ou de grupos de linguas distinctas, é tambem verdade que nenhuma parte do mundo se conhece que seja menos estudada, e cujas linguas, provavelmente reduziveis a cinco ou seis grupos apenas, sejam menos conhecidas dos ethnologos. Admittida a hypothese que estabeleço de que a dynastia dos Incas não se domiciliou por largos annos em ponto algum da sua peregrinação antes de chegar ao valle do Amazonas, é provavel que, no exame acurado da lingua *quichua* seja dado encontrar as raizes do idioma dos antigos japonezes. Por emquanto, confessemol-o sem rebuço, tudo está por fazer-se, tudo ainda por descobrir-se. Força é, portanto, que para a elucidação de tão interessantes assumptos comparem-se as linguas dos Mayas e dos Quichuas com a dos Ainos entre si, primeiro, e ao depois com os idiomas ainda hoje fallados pelos povos circumvizinhos do mar de Kamtchatka.

O grupo das linguas daquella região, no dizer de alguns ethnologos, póde ser considerado como uma especie de élo, a que se prendem de um e outro lado as linguas do velho continente ás do Novo Mundo. Dado este primeiro passo nas trévas que envolvem a historia da immigração dos asiaticos na America, é de crêr que tenhamos facil interpretação para os mais arduos assumptos que enthesouram as phases desta mesma immigração. Cuzco surgirá aos nossos olhos sob o aspecto de uma cidade da velha Mongolia da propria dynastia Inca, fundada por Manco Capac; mais de perto será radicada nas tradições dos reis do antigo Japão, em cujas chronicas milliares encontramos nomes ou titulos reaes como *Inga* e *Mango*, de notabilissima affinidade com os nomes dos poderosos Imperadores que do sol se diziam filhos, irrogando-se ainda em semelhante presumpção um attributo que sómente aos seus antepassados asiaticos havia pertencido.

Dr. Ladislão Netto.

O INDIO E O MISSIONARIO

O actual presidente do Amazonas, em documento que corre impresso, falla de extinguir a missão de S. Francisco, fundada com indios Aráras, pela razão de não impedirem os indigenas aldeados os assaltos de hordas selvagens dos Parintins.

Além disso nota o presidente da provincia que o indio já não obedece ao *padre*, mas de preferencia ao *patrão*.

Que a missão está desvirtuada, prova de sobra esta entidade: nas antigas não se conhecia o

patrão. O missionario era tudo: poder civil, poder religioso, poder militar e poder familiar; um patriarcha no fim de contas.

Assim foi nas Missões do Brazil,assim nas Reducções do Paraguay.

Outro viajante que não ha muito percorreu, em caracter official, alguns aldeamentos de indios, falla em sentido opposto.

O padre é que convem ser retirado, porque, disse elle, não dá ao indio noção de nenhuma outra autoridade do paiz.

Não vai nisto a menor sombra de clericalismo, mas a verdade é que o missionario, para poder imprimir um certo prestigio no indio e movêl-o no interesse da civilisação, deve apresentar-se ante elle com a preponderancia exclusiva do mando.

As outras noções, o catechisado beberá depois nas escolas e institutos apropriados.

Em todo o tempo foi decisiva a influencia do missionario sobre o selvagem; ninguem discutio as patranhas historicas e religiosas com que o jesuita doutrinava o catecumeno.

Os contos de Anchieta, tão bem como as lendas de Nobrega, eram recursos civilisadores.

O digno presidente do Amazonas, pretendendo fundar novas missões, deve organisal-as de modo que domine antes o *padre* que o *patrão.*

Não nos vem mal algum que presumam os indios que o missionario é de origem divina, e que o Sumé de suas crenças é o apostolo S. Thomé.

Quem não conhece o piedoso embuste a que isso deu lugar?

Os jesuitas, assim como no Oriente fizeram a lenda de um S. Thomé, na Syria, assim vulgarisaram outra lenda do mesmo santo nas Indias Occidentaes.

Converteram o Sumé de que fallavam os Tupinambás no apostolo christão.

Nobrega foi o verdadeiro autor da lenda.

Thevet, na sua *Theogonia,* falla do Sumé, como de um personagem sacerdotal, venerado pelos indios, aos quaes ensina o uso da mandioca.

Naquelle tempo não estava inventada ainda a lenda, que depois teve grande curso.

Os Tupinambás diziam que seus avós, atacando o Sumé, depois dos beneficios recebidos, este fazia volver as settas contra elle disparadas, e que a floresta abrio-se e deixou passar Sumé.

Nas pedras das praias ainda estavam as milagrosas pégádas do ente mysterioso.

Os jesuitas contavam a mesma cousa, fazendo, porém, crêr que era S. Thomé, o thaumaturgo. Assim formaram a lenda de S. Thomé do Paripe, lugar da Bahia, onde está o vestigio do pé e do cajado do santo antes de caminhar sobre as aguas.

Segundo Southey porém, Sumé ou Zomé é corrupção de Zemi, divindade do Haiti, que no Paraguay chamam *Pay-zumé.*

E' uma palavra composta com que os Guaranís designam os seus sacerdotes.

As piedosas mentiras dos jesuitas tinham um fim disciplinador, e para facilitar a catechese.

Elles emprehenderam emprezas collossaes, e foram victimados em serviço da causa do progresso. Os nomes de Aquaviva, Pedro Bueno, Affonso Pacheco, Ignacio de Azevedo e trinta e nove companheiros mortos, ahi estão para attestar a abnegação do missionario.

Não esqueçamos que, quando os selvagens eram perseguidos como animaes ferozes, foram os missionarios que obtiveram de Paulo III a bulla considerando-os dentro da humanidade.

Foram elles que obtiveram da côrte de Hespanha, que os conquistadores não escravisassem os povos que habitavam o paiz do ouro.

O missionario, jesuita ou protestante, é necessario que predomine nas aldêas onde se faz a catecheze, e que tenha mais prestigio que o *patrão* ou o subdelegado de policia.

A não serem os meios propostos por Couto de Magalhães, no bello livro que escreveu sobre o selvagem brazileiro, não reconheço systema mais efficaz de catecheze do que pondo-a a cargo do missionario.

O systema das *bandeiras,* tão preconisado pelo visconde de Porto Seguro, é absolutamente inadmissivel.

J. Serra.

COSTUMES DOS INDIOS

(Do *Thesouro descoberto no maximo do rio Amazonas*)

III

São muito amigos de festas, dansas e bailes; e têm para isso suas gaitas e tamboris pois ainda que não têm ferro lá têm habilidade de fabricarem as gaitas de algumas cannas ou cipós ôcos, ou que facilmente largam o amago; e os tamboris de páos ôcos, ou si é necessario os ajustam com fogo. Uma das suas gaitas muito usadas é uma como flauta a que podemos chamar, o páo que ronca, com tres buracos, dous na parte superior e um na inferior; e ordinariamente o mesmo que a toca bate com a mão no tamboril. E não ha duvida que alguns o fazem com perfeição, e

Conquista da ilha do Bananal, pag. 148.

com suave e doce melodia, ajustando as pancadas do tamboril ao som da flauta, bailando juntamente compassados, de modo que podem competir com os mais destros galegos e finos gaiteiros. Não é necessario que alguem os ajude, porque o mesmo, com a mão esquerda e dedos, sustenta, toca e floreia na gaita, debaixo do braço pendurado o tamboril, e com a mão direita o vai batendo e tocando.

Outras das suas gaitas mais afamadas são de *taboca*, certo genero de cannas tão grandes e grossas, que dellas se fazem optimas escadas, de cincoenta, sessenta e mais palmos de comprimento. São estas plantas compridas de cinco ou seis palmos, e tão grossas que podem servir de boas trancas aos mariolas. Chamam-as *boré*, e os flauteiros, para poderem animar taes almanjarras, são grandes beberrões; mas ordinariamente só as tocam nas suas beberronías, e por isso as reservo para quando descrever as suas vinhaças, e então exporei tambem as suas dansas e bailes. Suas gaitas e tamboris são uma parte da herança que deixam aos filhos, como tambem alguns pennachos das mais lindas pennas de passaros, que matam, e com ellas tecem vistosas grinaldas, com que ornam e enfeitam as cabeças; outros fazem cingulos que cingem na cintura, e arremedam bastantemente os atafaes de furtacóres dos almocreves, ou ao menos têm com elles alguma semelhança; e os ditos jaezes são galas e ornato dedicado só ás suas maiores festas e solemnes apparatos.

E' indispensavel nos indios o terem alguns ou algum cão de caça, assim para lhes caçarem, como para os acompanharem; e estimam tanto os seus cachorros, que se póde duvidar a quaes tenham mais amor, se aos filhos se aos cachorros, ou talvez corram parelhas.

Pois é experiencia de muitos, que dizem que quando vão de caminho ou jornada, tendo algum cachorrinho, o levam as filhas ou mulher ao collo, e o filho ou filha, ainda que pequeno e tão tenro, que apenas póde engatinhar, tenha paciencia, e vá a pé.

Ainda nos já mansos e aldeados guardam esta preferencia aos cães, e por isso quando comem os tratam bem, sendo um bocado para o amo ou dono, e outro para o cachorro; e se não ha para abranger a mulher e os filhos, tenham paciencia, e jejuem, que o cachorro tem na mesa segundo lugar abaixo do senhor da casa; porque dizem que os cães não só os acompanhem, mas tambem lhes descobrem e alevantam a caça, e muitas vezes a matam, e por isso têm maior direito ao prato de que o dono reparte com elles igualmente.

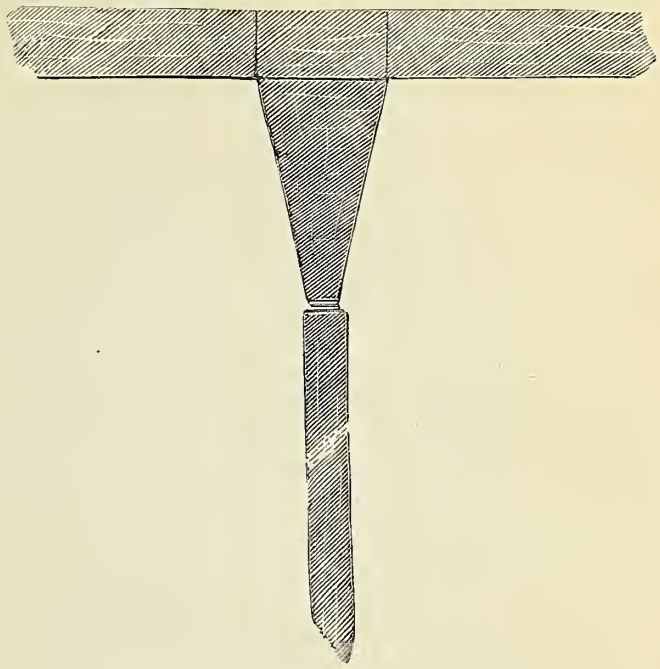
Um dos enfeites mais ordinarios nas mulheres é o trazerem seus grandes collares e gargantilhas, não de perolas, aljofares e brilhantes, porém de dentes dos indios, que matam e comem algumas nações. E semelhantes collares não são para todos, mas só para as mocetonas mais illustres, e mais lindas filhas dos maioraes, porque são divisas de nobreza e brazão de valentia.

Nos dentes vão contando o numero de homens a que deram honrada sepultura nas suas barrigas, e como fazendo rol dos mortos e comidos: de sorte que por estes rosarios contam os defuntos, e nestes collares têm uma viva memoria de seus inimigos mortos; e quem tem rosario mais comprido é mais nobre, mais linda, mais formosa e mais enfeitada; e estimam mais estas enfiadas do que se fossem fios de finas perolas e coraes, ou pendentes de finissimos brilhantes. Duas destas enfiadas apanhou certo branco a duas indias, as quaes depois andava mostrando aos amigos, como por admiração dos muitos mortos que denotavam.

Porém as já domesticas, não só não comem carne humana, mas já se envergonham de taes adornos, posto que algumas têm havido que, ainda depois de aldeadas, uma e muitas vezes têm tornado ao vicio, e fugido para os matos para livremente o poderem exercer.

E' muito galante a industria de que usam para tirar lume e ferir fogo, sem lhes ser necessario fuzil, pederneira, mechas, ou qualquer dos instrumentos de que se valem os brancos para o dito effeito. Em querendo ferir fogo pegam dous páosinhos, e tanto os esfregam um com o outro, que por fim excitam fogo, ou, e é o mais ordinario, em qualquer pedaço de páo posto no chão, tomam um páosinho, e com ambas as mãos o seguram, e roçando com elle sobre o outro em giro, bem como quem bate chocolate, com esta fricção e agitação, concebem fogo e levantam chammas os mesmos páos, a que logo acodem com a sua isca, que é de alguma folha ou estopa de arvore sêccas, e accendem lume; como em toda a parte têm esses instrumentos, não se cansam em os trazer comsigo. O como elles, sendo tão rusticos, conheceram a evidencia deste principio de Aristoteles—*motus est causa caloris*—só se póde attribuir á necessidade, que é a mestra dos ignorantes guia para os acertos, e inventora das artes.

(Padre João Daniel.)



Triangulo dos Chiquitos.

Indios de Mato Grosso

V

OS CHIQUITOS

Não são propriamente indios da provincia de Mato Grosso, mas encontra-se-os nas suas fronteiras do sudoeste.

São bolivianos, e occupam quasi um terço da Bolivia nos dilatados campos da sua porção austral. A vasta provincia de Chiquitos delles recebeu o nome, delimitando-se entre o Rio Grande e o Pilcomayo, os Andes e o Brazil.

Dividiam-se em grande numero de tribus, muitas das quaes conheceu d'Orbigny; e quasi todas domesticadas e aldeadas pelos missionarios hespanhoes.

Junto á fronteira brazileira, na aldêa de S. Mathias, vivem uns cento e vinte a cento e cincoenta, governados por um corregedor boliviano. Frequentam muito as situações brazileiras proximas e o posto militar da Corixa Grande do Destacamento.

São de mediana estatura; mas o geral do povo deve ser mais baixo, visto que seu talhe tornou-se notavel aos descobridores, que os denominaram de Chiquitos, isto é *pequeninos*, nome com que ficou conhecida a nação. São bem constituidos, fortes, vigorosos mesmo, mas muito preguiçosos. Sua côr é azeitonada tirando ao claro; as mulheres mais claras que os homens. Ellas têm commummente as pernas mais curtas do que o tronco, e, tendo mais desenvolvido o tecido adiposo, são menos esveltas e airosas do que elles. Em uns e outros o ventre é flacido e bastante desenvolvido, devido isso ás enormes quantidades de alimento que ingerem nos seus dias de fartura. Os seios mesmo, nas nulliparas, não affectam a fórma semi-spheroidal: tiram sobre o comprido e são acuminados para os mamellões.

Os casamentos quasi que coincidem com a puberdade, e não é raro encontrar-se paes de quinze annos e mães de doze de idade.

As mulheres, quando em passeio ou viagem aos povoados, corrigem a elegancia do traje de Eva, substituindo a guarda-roupa de parreiras e figueiras por um pequenino triangulo de panno, de uma pollegada, quando muito, de tamanho, e meia na maior largura, que ajustam cuidadosamente ao corpo por meio de tres tiras ou fitas, presas ao triangulo e dispostas em T.

Os homens, comquanto andem inteiramente á vontade entre os seus, quando sahem aos povoados deitam camisa, calças, chapéo de palha, senão tambem a sua jaqueta: raras vezes dispensam uma banda ou facha vermelha, muito apreciada em todos os paizes castelhanos, e aqui por tal fórma, que dir-se-ha usarem de calças só para terem o gosto de passar-lhe a cinta. Uma faca de ponta ou facão é complemento obrigado do traje de viagem.

Fallam essas gentes, mais ou menos, quatro ou cinco idiomas: o chiquitano, o bororó, o hespanhol, o portuguez, e alguns o guaraní.

Ora, de um povo que dispõe, assim, de tão vastos conhecimentos glotticos, longe devia ir a idéa de dizêl-o curto de civilisação.

SEV. DA FONSECA.

FRAGMENTOS DO MYTHO DO JABUTI

COMO O JABUTI SE VINGOU DA ANTA

Uma anta encontrou um jabuti em um lugar humido, e, pisando em cima delle, enterrou-o tão profundamente na lama, que só ao fim de dous annos o jabuti pôde desenterrar-se. Quando afinal o conseguio, disse elle a si mesmo: « Agora vou vingar-me da anta. » Assim, sahio em procura daquelle animal, e, encontrando logo uma massa de escremento da anta coberta com relva, perguntou: « *O' teputi*, onde está teu dono ?» O *teputi* respondeu: « Meu dono deixou-me aqui ha muito tempo. Só sei que elle, quando me deixou, seguio nesta direcção. Segue-o » O jabuti seguio na direcção indicada e, depois de algum tempo, achou outra massa, á qual perguntou como antes: « *O' teputi*, onde está teu dono? » E recebeu em resposta: « Meu dono deixou-me aqui ha cerca de um anno. Segue no seu rasto e has de encontral-o. » O jabuti continuou na sua jornada e encontrou outra massa, que, sendo interrogada, respondeu: « Meu dono não póde estar muito longe; se caminhares depressa encontral-o-has amanhã. » No dia seguinte o jabuti encontrou uma nova massa, que disse: « Meu dono acaba de me deixar aqui; estou ouvindo o quebrar dos ramos que elle encontra no mato. Segue-o. » O jabuti, seguindo, encontrou logo a anta dormindo. Examinou-a cuidadosamente, e então, approximando-se com cautela, firmou as suas mandibulas na côxa da anta. Esta acordou sobresaltada e disparou para o mato, conservando-se o jabuti firme no seu lugar. A anta, com a dôr, correu até cahir morta, vencida de cansaço. Um mez depois o jabuti voltou e encontrou o esqueleto, do qual tirou um osso para mostrar aos amigos, como prova do seu feito.

Na *Pantchatantran*, uma collecção de lendas sanscriptas, ha uma do elephante e das lebres, que se assemelha á que acabo de relatar. E' a seguinte:

Nas margens do lago Tchandrasaras moram as lebres em numerosas tocas. Os elephantes, indo beber ao lago, arrasam as tocas ao passar, matando e aleijando as lebres. A lebre, em nome da lua, onde reside o rei das lebres, protesta ao rei dos elephantes, dizendo que a lua está zangada. A lebre mostra ao elephante a imagem da lua na agua. O elephante, agitando a agua, faz com que a imagem se multiplique. A lebre diz-lhe que a lua está ainda mais zangada; e com isso o rei dos elephantes pede perdão e se retira, deixando as lebres em paz.

Conforme Gubernatis, o elephante é o sol que vai beber no lago da lua: « A lebre previne ao

elephante que se elle não se retira, se continuar a esmagar as lebres nas margens do lago, a lua retirará os seus raios frios, e então os elephantes morrerão de fome.»

Na lenda Kanurí, da Africa, o elephante assenta-se em cima de um gallo, e este vinga-se picando um dos olhos do elephante.

A lenda amazonica parece ser susceptivel da seguinte interpretação: A anta é o sol, o jabuti é a lua. O sol nascente extingue a lua cheia e a enterra; mas, depois de algum tempo, apparece a lua nova e começa a perseguir o sol. O facto da perseguição reproduzir-se diariamente, ficando o rasto cada vez mais patente, suggere a idéa de que o perseguidor deve ser o sol. Não seria a lenda que se tornou confusa pela troca de caracteres?

O JABUTI ENGANA A ONÇA

Um jabuti e uma aranha fizeram uma especie de sociedade, e moravam juntos. O jabuti, tendo matado uma anta, estava occupado em partir a carne, quando appareceu uma onça.

« O' jabuti, disse ella, o que estás fazendo? »

« Matei uma anta e estou preparando a carne, » respondeu o jabuti.

« Eu vou ajudal-o, » disse a onça; e immediatamente começou a servir-se da carne com grande descontentamento do jabuti. Este disse então á onça: « Estou com muita sêde e vou buscar agua. Aranha, continua a guardar a carne em tua casa. »

O jabuti andou uma pequena distancia, molhou-se no orvalho e voltou.

« Onde ha agua ? perguntou a onça, pois eu tambem estou com sêde. »

« Vai nesta direcção, disse o jubuti, indicando com o dedo. A agua está logo abaixo do sol. Vai muito direito, seguindo o sol, e encontrarás a agua.» A onça caminhou muito, mas não encontrou agua ; assim, desapontada, voltou para acabar com a carne da anta ; porém o jabuti e a aranha, emquanto a onça esteve ausente, diligenciaram e guardaram toda a carne na casa da aranha, deixando sómente os ossos para a onça.

Muito semelhante a esta é a lenda africana dada por Kœllé : Uma doninha e uma hyena, querendo cosinhar um animal morto na caça, assentaram que a doninha iria procurar fogo. A doninha foi, mas voltou sem o ter encontrado.

A hyena, vendo o sol no occaso e julgando que era fogo, levantou-se e disse á doninha : «Toma conta da carne emquanto eu vou procurar fogo.»

Depois de sahir a hyena, a doninha escondeu a carne n'um buraco. O sol pôz-se emquanto hyena caminhava para elle, e por isso ella voltou. A doninha disse que dous homens tinham furtado a carne e haviam-n'a escondido no buraco, e entrando neste prometteu amarrar a carne na cauda da hyena. Em lugar disto, porém, amarrou a cauda em um páo, de modo que, quando gritou á hyena para puxar, esta achou-se presa, e, com os esforços que fez para se livrar, partio a cauda.

Ajuntarei a seguinte lenda da conversa entre um jabuti e uma anta, a qual parece estar resumida e incompleta.

Um jabuti encontrou no mato uma anta que lhe perguntou aonde ia. O jabuti disse: « Vou casar-me com a filha do beija-flôr. » A anta rio-se e disse-lhe que as suas pernas eram tão curtas, que elle nunca chegaria á casa da noiva. O jabuti então perguntou á anta onde ia, e esta respondeu que ia pedir em casamento a filha do veado. O jubuti rio-se por sua vez e respondeu : « Ya ! Vossê jámais casará com a filha do veado.» « Porque não ? » perguntou a anta. « Porque ella correrá de vossê, » respondeu o jabuti. « Pois, disse a anta, eu tambem sei correr. Quebro os galhos das arvores quando corro. »

Além das lendas do jabuti, ha no Amazonas muitas outras que me parecem ser mythos solares; porém os limites deste artigo não me permittem tratar dellas com minuciosidade.

Em uma destas lendas o Martim Pescador casa-se com a filha do mukúra e vai pescar com a sua esposa. O *uairirámba* ou Martim Pescador sacode o seu *maraká ;* um grande peixe, *tukunaré*, sobe á flôr da agua, e o passaro o agarra e leva para a terra. O mukúra é invejoso e quer pescar do mesmo modo. Assim, tomando emprestado o maraká de seu genro, elle segue o seu exemplo e é engolido pelo peixe. A esposa corre á casa e chama o genro, que salva promptamente o sogro, mas em estado lastimoso.

Na continuação desta historia representa-se o pescador como sendo obrigado a fugir de seu sogro, que se zanga por elle rir-se da sua aventura. A mulher do pescador toma então um carrapato para seu marido, e logo depois o par vai colher castanhas verdes. O carrapato sobe á arvore, colhe a fruta e atira-a á esposa. Depois de ter acabado, elle apanha uma folha, e, agarrando-se a ella, desce sem perigo. A mukúra, invejosa, quer seguir o seu exemplo, mas quando tenta descer, segurando-se á folha, cahe com estrondo no chão.

Os mythos que tenho aqui registrado achamse indubitavelmente muito espalhados no Amazonas, mas só os encontrei entre os indios, e foram todos colleccionados na lingua geral. Debalde envidei esforços para obter mythos entre os negros do Amazonas. O Dr. Couto de Maga-

lhães, que me seguio recentemente nestas pesquizas, chegou ao mesmo resultado. Parece provavel portanto que os mythos são indigenas, mas ainda não considero isto como provado. Quer de origem indigena ou exotica, elles existem e são muito vulgares entre os indios, merecendo ser colleccionados e estudadas.

Felizmente não faltam provas historicas da existencia de mythos celestes entre os antigos indios brazileiros. Claude d'Abbeville refere que os indios Tupís, do Maranhão, deram nomes a muitas estrellas e constellações. A' estrella d'alva chamaram *Pira-panem*, o piloto da manhã. Entre as constellações estavam *Ouegnonmoin*, o caranguejo; *Yassatin*, nome de um passaro; *Tuyaué*, homem velho; *Conomy manipoére ouaré*, o rapaz que come manipoy; *Yandoutin*, o avestruz branco que come *ouyra-oupia* ou ovos de passaro, representados por duas estrellas da vizinhança; *Tapity*, a lebre; *Gnopouêon*, o forno de mandioca, etc., etc.

O mais interessante, porém, é asseverarem que o nome *Iaouáre*, cachorro ou mais propriamente onça, foi dado a uma grande estrella que segue logo atraz da lua, e que, conforme suppunham os indios, persegue a lua, afim de devoral-a. Depois das chuvas, quando a lua apparece rubra como sangue, os indios sahiram de casa, e, olhando para a lua, bateram no chão com varas, dizendo: *Eycobé ehera moin goé goé; Eyeobé chera moin goé hau'hau*, o meu avô esteja sempre com boa saude.

Nos mythos que tenho apresentado interpretei a onça como representando a lua, sendo guiado nesta opinião pela analogia. Poder-se-ha, porém, perguntar se ella não significa em alguns casos pelo menos a estrella que acabo de mencionar. Esta questão não póde ser resolvida com os dados que actualmente possuimos.

Depois de publicado o que fica exposto acima, o Dr. Silva Coutinho informou-me que os indios do Amazonas, não só dão nomes a muitos dos corpos celestes, como tambem contam historias a seu respeito. Dizem que as duas estrellas ,que formam o hombro de Orion, são um velho e um rapaz n'uma canôa perseguindo um peixe-boi, nome pelo qual é designada uma mancha escura no céo, perto da mesma constellação. Os indios dizem que primitivamente o velho, a estrella grande, estava na prôa, e que o rapaz, a estrella menor, estava na pôpa, governando. Quando o homem avistou o peixe-boi ficou excitado de mais para atirar, e assim trocou o lugar com o rapaz. Ha uma constellação, chamada pelos indios Palmeira, e perto existe uma linha de estrellas a que elles chamam Macacos, que vêm comer fruta. Outra constellação é chamada o *Jaburú*, grou *(Cieomia)*, e ainda outra o grou branco.

O Dr. Coutinho achou no Rio Branco um mytho, em que a lua, representada por uma moça, ficou enamorada de um seu irmão e o visitou de noite, sendo trahida afinal, por elle ter passado na sua cara a mão coberta de uma substancia preta. O mesmo mytho foi encontrado no rio Jamundá pelo Sr. Barbosa Rodrigues.

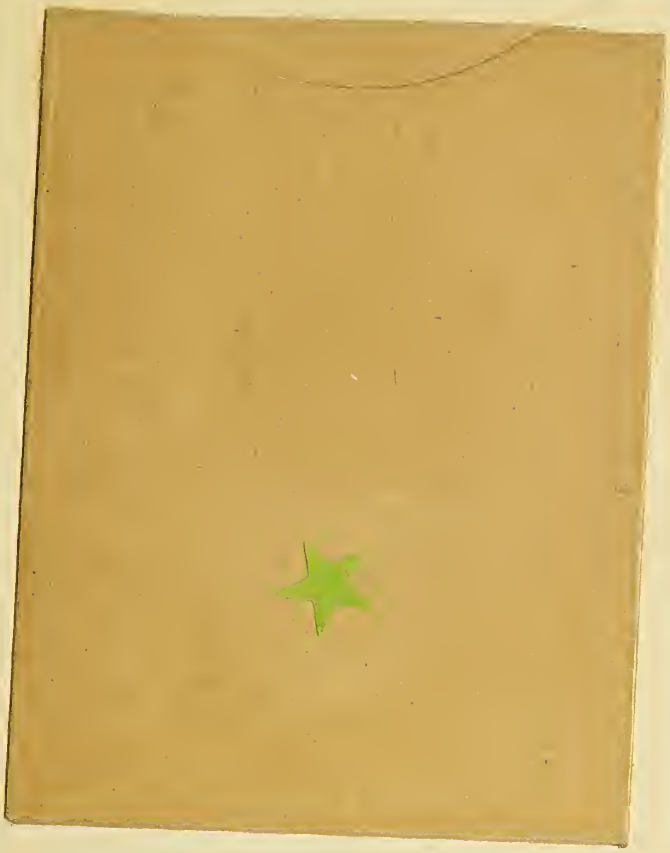
PROFESSOR HARTT.

Joven indiana fazendo o arco.

Concluidos os trabalhos começados e por ter findado a Exposição Anthropologica Brasileira, aqui terminamos a publicação desta *Revista*.

TYPOGRAPHIA DE PINHEIRO & C.

Rua Sete de Setembro n. 157.



PREÇO 5$000